ALESSANDRA AVILA MARTINS

A REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA DA IRMANDADE NA FRONTEIRA JAGUARÃO/RIO BRANCO: UM (DES)ENCONTRO DE VOZES

Orientador: Prof. Dr. Hilário Inácio Bohn

PELOTAS

2012

ALESSANDRA AVILA MARTINS

A REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA DA IRMANDADE NA FRONTEIRA JAGUARÃO/RIO BRANCO: UM (DES)ENCONTRO DE VOZES

Tese apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Letras.
Área de concentração: Linguística Aplicada
Linha de pesquisa: Aquisição, variação e ensino

Aprovado em: 26/04/2012

BANCA DE DEFESA

_____
Profº Dr. Hilário Inácio Bohn (UCPel) orientador

_____
Profª Dra. Fabiane Vilella Marroni (UCPel)

_____
Profª Dra. Letícia Fonseca Richthofen de Freitas (UFPel)

_____
Profª Dra. Maria da Glória Corrêa Di Fanti (PUCRS)

_____
Profº Dr. Oscar Luiz Brisolara (FURG)

AGRADECIMENTOS

Estas páginas da tese estiveram em branco desde que comecei a escrever o trabalho. Estavam vazias e ansiosas à espera dos diversos alguéns que a preencheriam. Estava esperando pelas pessoas que já chegaram comigo no doutorado e pelas que tive o prazer e o privilégio de conhecer e de conviver nesta empreitada. De norte a sul do Rio Grande do Sul, tenho pessoas para agradecer. Vamos lá!

À dupla ítalo-nipônica-luso-brasileira Marcelo Tomítaro Kajiwara e Henrique Tomio Martins Kajiwara. Meus amados companheiros. Meus queridos sujeitos híbridos e mestiços. Guris, vocês foram um grande estímulo ao meu estudo, pois me acompanharam em algumas sessões de orientação, nas idas à UCPel, nas rodoviárias e nos aeroportos. Queridos, obrigada por me incentivarem em todas as etapas da pós-graduação, obrigada pela paciência, pelo carinho e pelo cuidado que vocês tiveram comigo nesta jornada.

Henrique, meu filho amado. Obrigada, pois terminou. Agora, posso te responder à pergunta diária que me fazias: - Mãe, quantas páginas faltam? As páginas terminaram, meu amor.

Marcelo, meu amado companheiro de longas jornadas, parceiro das viagens de norte a sul do RS, companheiro das viagens para diversos pontos do país, maior incentivador do meu doutorado. Obrigada pelo apoio quando eu não queria fazer o doutorado, obrigada pelo apoio quando eu queria fazer o doutorado. Meu amor, obrigada por me mostrar a possibilidade de habitar e acolher as múltiplas identidades.

À memória de meu pai, Paulo Antonio Martins. Por querer múltiplos pertencimentos, não foi possível acompanhar minha vida acadêmica. Faz muito tempo que não sei o que é pronunciar, como um vocativo, a palavra Pai. Pai, embora eu não tenha feito o curso de graduação que me sugeriste, valeu a pena ter me licenciado em Letras. Pai, obrigada pelo incentivo ao estudo que me deste até os meus 18 anos, quando ainda estavas conosco.

À minha mãe, Maria Selma Avila Martins, pelo apoio e pelo constante incentivo. Mãe, obrigada pelas tuas doces e sábias palavras (ao telefone e ao vivo): - Calma, vai dar. Vais conseguir terminar teu doutorado! Obrigada, pois me deste fortes exemplos na vida e na complexa construção da identidade de professora.

Ao querido Hilário Bohn, professor-orientador. Professor, obrigada pelo carinho, pela paciência e pela competência. Obrigada por ter me mostrado as possíveis identidades e os múltiplos pertencimentos, o que me ajudou a olhar o(s) outro (s) com mais calma e mais serenidade.

Às professoras Maria da Glória Di Fanti e Susana Funck, pelas inquietantes aulas do doutorado. Professora Glória, obrigada por colocar o Círculo de Bakthin no (semi)Círculo bakhtiniano da UCPel.

Às professoras Maria da Glória Di Fanti, Letícia Richthofen de Freitas e Fabiane Marroni, pelas valiosas contribuições na qualificação.

Às queridíssimas colegas de doutorado: Vanessa Ribas Fialho, Ivete Bellomo Machado, Fernanda Pizarro de Magalhães e Clara da Silva. Gurias, obrigada pelos divertidos momentos que vivenciamos no programa, em congressos, nas mesas de bares, nas mesas da Berola, nos trechos Rio Grande/Pelotas e nos hotéis de Pelotas. Obrigada por mantermos a amizade!

Vanessa, aproveito para retribuir o carinhoso agradecimento que fizeste para mim na tua tese. Minha amiga, valeu pelo teu bom-humor (semelhante ao meu), pela amizade, pelo carinho e pelas trocas de alegrias e tristezas via *e-mail, msn* e ao vivo. Terei saudades das nossas risadas nos hotéis "requintadíssimos" de Pelotas.

Ivete, obrigada por me acolheres em tua casa nas minhas cansativas vindas de Erechim, obrigada pelas extensas conversas, regadas pelo velho e bom mate-chimarrão. Obrigada pela companhia nos eventos e pelas boas conversas no *msn.*

Fernanda, como era bom poder trocar contigo as angústias de mãe-doutoranda. Sentia-me normal. Além de compartilharmos da (in)tensa identidade materna, te agradeço também pelas discussões nas pesadas disciplinas que fizemos juntas no curso.

Clara, que bom ter te conhecido. Só tenho boas lembranças das nossas viagens Rio Grande/Pelotas, das risadas, das discussões teóricas, das aulas nos cursos quentes e gelados de férias...

À Noemi Luciane dos Santos, minha amiga da metade norte do RS, amiga de longa data. Obrigada pelo constante apoio, pelo forte incentivo e pela grande amizade. Obrigada pelas carinhosas e afetivas palavras, pois conheces bem a árdua caminhada de uma doutoranda.

À querida Cátia Saes Aguilera, bolsista aplicada, que me acompanhou nas pesquisas em Jaguarão.

Aos sábios Mário e Ladiner, participantes desta pesquisa. Obrigada pelo interesse e pela disponibilidade em contribuir com este trabalho. Obrigada pela multiplicidade e pela heterogeneidade de sentidos, que tornaram possível a realização desta tese.

RESUMO

Tese de Doutorado

Programa de Pós-Graduação em Letras/Linguística Aplicada

Universidade Católica de Pelotas

A REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA DA IRMANDADE NA FRONTEIRA JAGUARÃO/RIO BRANCO: UM (DES)ENCONTRO DE VOZES

Autora: Alessandra Avila Martins

Orientador: Hilário I. Bohn

Historicamente, a região de fronteira Brasil/Uruguai foi marcada por fortes conflitos entre portugueses e espanhóis, que lutavam pela ocupação do território. Esses conflitos acabaram por dividir territorialmente e culturalmente os dois povos ibéricos envolvidos. A partir deste cenário de disputa, vivenciado nos séculos XVIII e XIX, esta pesquisa ganha contornos no que diz respeito aos processos identitários e a suposta relação de irmandade vivenciada pelos moradores da fronteira Jaguarão/Rio Branco do século XXI. O estudo foi realizado em Jaguarão, cidade localizada no sul do Rio Grande do Sul, que faz fronteira com o município de Rio Branco, no Uruguai. Pela proximidade geográfica e cultural entre os dois municípios fronteiriços, esta pesquisa investigará a representação da irmandade na voz do jaguarense na relação com o rio-branquense, objetivo geral da tese. Esse objetivo se desdobra em dois objetivos específicos. O primeiro é analisar vozes sociais/discursivas que apontem para a integração entre jaguarenses e rio-branquenses. O segundo objetivo é verificar no discurso dos jaguarenses como se dá a marcação da diferença em relação ao povo uruguaio. O tipo de pesquisa, de caráter interdisciplinar, é de base qualitativa e foi elaborada em duas etapas. Na primeira etapa, foram entrevistados, na modalidade pergunta-resposta, sete sujeitos. A segunda consistiu em duas entrevistas de profundidade, com dois sujeitos do sexo masculino, participantes das entrevistas da primeira fase. As entrevistas em profundidade foram efetuadas com base nos pressupostos de Gaskell e Bauer (2002), e o material de investigação foi analisado pelo viés dos estudos e à luz da perspectiva de Bakhtin e seu Círculo, particularmente nos seguintes eixos, constitutivos da linguagem: plurilinguismo linguístico, compreensão responsiva e acento de valor. Para a análise, as entrevistas foram divididas nos seguintes nichos: fronteira e legislação; língua, música, comida, moda, festa e nacionalidade. Com o auxílio do suporte teórico, verificamos que os enunciados dos pesquisados dialogam com outros enunciados, e o imbricamento da diferença e da integração (re)constrói constantemente suas identidades, sustenta e questiona a irmandade. Os estudos identitários, pelo olhar de diferentes autores, auxiliaram na percepção da mobilidade e da fluidez que perpassam as vozes da fronteira. Os estudos do Círculo de Bakhtin permitiram que verificássemos que a tensão, orquestrada pelas diferentes vozes sociais/discursivas que compreendem o espaço em estudo, atravessa os discursos dos pesquisados. A análise do material apontou que a irmandade na fronteira estudada é permeada por constante tensionamento, produzindo discursos que agregam a resistência e a integração entre rio-branquenses e jaguarenses.

Palavras-chave: irmandade, identidade, fronteira, discurso, vozes sociais

ABSTRACT

Tese de Doutorado

Programa de Pós-Graduação em Letras/Linguística Aplicada

Universidade Católica de Pelotas

THE DISCURSIVE REPRESENTATION OF BROTHERHOOD IN THE BORDER JAGUARÃO/RIO BRANCO: A (MIS) MEETING OF VOICES

Author: Alessandra Avila Martins

Orientator: Hilário I. Bohn

Historically, the border Brazil / Uruguay was marked by strong conflicts between Portuguese and Spanish, who fought by the occupation of the territory. These conflicts eventually split geographically and culturally the two Iberian nations involved. From this set of dispute, lived in the eighteenth and nineteenth centuries, this research looks for the identity processes and the implied relationship of brotherhood experienced by residents of the border Jaguarão, / Rio Branco in the twenty-first century. The study was conducted in Jaguarão, a city in southern Rio Grande do Sul, which borders the city of Rio Branco, Uruguay. Because of the geographical and cultural proximity between the two border towns, this research aims to investigate the representation of brotherhood in the voice of the inhabitant of Jaguarão in relation to the inhabitant of Rio Branco, which is the general objective of the thesis. This goal is unfolded in two specific goals. The first one is to analyze the social/discursive voices that point to the integration between inhabitants of Jaguarão and inhabitants of Rio Branco. The second objective is to examine the discourse of inhabitants of Jaguarão to verify how the marking of the difference in relation to Uruguayans is. This is a qualitative research of interdisciplinary character and was elaborated in two steps. In the first stage, seven individuals were interviewed in question-answer mode. The second one consisted of two depth interviews with two male subjects, participants of the interviews of the first phase. The in-depth interviews were conducted based on the assumptions of Gaskell and Bauer (2002), and research material was analyzed by the bias of the identity studies and the light from the perspective of Bakhtin and his Circle, particularly along the following lines, constitutive of language: language plurilingualism, responsive understanding and value accent. For the analysis, the interviews were divided into the following niches: border and law; language, music, food, fashion, party and nationality. With the aid of theoretical support, we found that the statements of those surveyed dialogue with other statements, and the imbrication of the difference and the integration (re) construct their identities constantly, sustain and question the brotherhood. Identity studies, through the eyes of different authors, helped in the perception of mobility and fluidity that pervade the voices of the border. Studies of the Bakhtin Circle allowed us to notice that the tension, orchestrated by different social/discursive voices that comprises the space in study, is present in the speeches of those surveyed. The material analysis showed that the brotherhood in the studied border is permeated by constant tension, producing speeches that aggregate resistance and integration between inhabitants of Jaguarão and inhabitants of Rio Branco.

Keywords: brotherhood, identity, borders, speech, social voices

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Padrão "ideal" da comunicação 64
Figura 2 - Ponte Internacional Mauá 160
Figura 3 - Ponte Internacional Mauá 160
Figura 4 - Vista da ponte sobre o rio Jaguarão 160
Figura 5 - Construção da ponte 161
Figura 6 - Operários que trabalharam na construção da ponte 161
Figura 7 - Trem na Ponte Internacional Mauá 161
Figura 8 - Aduana uruguaia 162
Figura 9 - Rua Uruguai (Jaguarão/RS) 162
Figura 10 - Foto de uma casa de Jaguarão/RS – julho de 2010 (época da Copa do Mundo de 2010) 162
Figura 11 - Mapa do Rio Grande do Sul 163

LISTA DE ABREVIATURAS

AO - Objetivismo Abstrato

CBT - Código Brasileiro de Trânsito

CCCS - Centre for Contempory Cultural Studies

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

EC - Estudos Culturais

INSS - Instituto Nacional do Seguro Social

PB - português brasileiro

PC – Partido Comunista

PROSUL - Programa Sul-Americano de Apoio às Atividades de Cooperação

RS – Rio Grande do Sul

SI - Subjetivismo Individualista

SP – São Paulo

UCPel - Universidade Católica de Pelotas

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

UNIPAMPA - Universidade Federal do Pampa

UPF - Universidade de Passo Fundo

URI - Universidade Regional do Alto Uruguai e das Missões

SUMÁRIO

1 PRIMEIRAS PALAVRAS 9

2 CONTEXTUALIZAÇÃO 19
2.1 A FRONTEIRA JAGUARÃO/RIO BRANCO 19
2.2 O OBJETO DA TESE: A IRMANDADE 21

3 PRESSUPOSTOS TÉORICOS 27
3.1 A IDENTIDADE POR DIFERENTES VOZES 27
3.2 IDENTIDADE E DIFERENÇA 41
3.3 OS ESTUDOS CULTURAIS – UM BREVE PANORAMA 44
3.4 HIBRIDISMO CULTURAL E TROCAS CULTURAIS 50
3.5 A FRONTEIRA: UM ESPAÇO MÓVEL 55
3.6 A LINGUAGEM PELO VIÉS BAKHTINIANO 59

4 PERCURSO METODOLÓGICO 71
4.1 TIPO DE PESQUISA 71
4.2 OS PRIMEIROS TEXTOS: O QUE É SER BRASILEIRO? 71
4.3 OS SEGUNDOS TEXTOS: A ENTREVISTA PILOTO 73
4.4 A ESCOLHA DOS PARTICIPANTES E A ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE 82

5 POR UMA ANÁLISE 90
5.1 MARCAS DA INTEGRAÇÃO E DA DIFERENÇA 91
5.1.1 Nicho 1: fronteira e legislação 92
5.1.2 Nicho 2: língua, música, comida, moda e festa 114
5.1.3 Nicho 3: nacionalidade 122
5.2 INTEGRAÇÃO E DIFERENÇA: MARCA DA IRMANDADE 137

6 ÚLTIMAS PALAVRAS 147

REFERÊNCIAS 153

ANEXOS 159
ANEXO A - FOTOS 160
ANEXO B - MAPA DO RS 163
ANEXO C - JORNAL DE JAGUARÃO/ JANEIRO DE 1865 164
ANEXO D - RELATO DE UMA PROFESSORA 168
ANEXO E - ROTEIRO DAS ENTREVISTAS DA PRIMEIRA FASE (PERGUNTA-RESPOSTA) 170
ANEXO F - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS DA PRIMEIRA FASE 171
ANEXO G - TÓPICO GUIA DAS ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE 180
ANEXO H - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE 181
ANEXO I - TERMO DE AUTORIZAÇÃO 217

1 PRIMEIRAS PALAVRAS

Escrever uma tese em um programa de pós-graduação em Letras, na área de Linguística Aplicada, consiste em uma tarefa árdua, uma vez que o lugar em que pretendo inscrever este trabalho trava um diálogo com outras áreas do conhecimento, como a História, a Geografia e as Ciências Sociais[1] (Antropologia e Sociologia). A prática do diálogo entre as áreas, principalmente na Linguística Aplicada, ainda é incipiente, porém, mesmo que exista uma certa resistência dos linguistas aplicados em trazer para suas discussões as contribuições das outras áreas das Ciências Humanas e Sociais, alguns avanços já foram feitos[2]. O próprio programa de pós-graduação em Letras, desta Universidade, tem sinalizado, em diferentes trabalhos (mestrado/doutorado), que o debate sobre a linguagem não se encerra nos cânones da Linguística.

A escolha pelo diálogo com outras disciplinas, atitude complexa, me impôs uma situação de fronteira, de trânsito e de mobilidade. Como os preceitos da Linguística, que me deram base até o ingresso no doutorado, respondiam parcialmente aos meus anseios diante de práticas sociais e discursivas com que me deparei (e ainda me deparo) nos diferentes ambientes de trabalho por que passei, surgiu a necessidade de buscar conceitos que compõem o escopo teórico de outros campos do saber. Portanto, a inserção das diferentes áreas do conhecimento mencionadas acima foi fundamental para que, no material de pesquisa, fossem observadas dimensões que ultrapassem o nível linguístico e se inscrevam em uma perspectiva interdisciplinar. Assim, noções de identidade e fronteira, propostas por estudiosos das áreas mencionadas, contribuíram neste trabalho, pois os sujeitos, na produção de seus discursos, por meio da linguagem, expressam suas representações acerca de vários temas e se constituem identitariamente na relação com o outro, que o atravessa e o completa.

Para situar o objeto de estudo, apresentarei um recorte da minha trajetória acadêmica que, em grande parte, justifica esta pesquisa. Há doze anos, a diáspora é parte da minha vida

---

[1] A área de Ciências Sociais se divide em Antropologia, Sociologia e Ciência Política. Neste trabalho, buscamos suporte nas duas primeiras.

[2] O programa de pós-graduação em Letras da UFRJ tem desenvolvido trabalhos na área. A recente obra (**Para além da identidade** – fluxos, movimentos e trânsitos. Luiz Paulo Moita Lopes e Liliana Bastos (orgs.) Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.) traz artigos de linguistas aplicados e de estudiosos de outras áreas. Além disso, a Linguística Aplicada apresenta trabalhos interdisciplinares.

pessoal e acadêmica. Viver, trabalhar e estudar em diferentes lugares suscitou em mim o desejo e a vontade de estudar o tema da identidade. Meu mestrado[3], na Universidade de Passo Fundo (UPF/RS), já iniciava uma discussão que envolvia aspectos identitários, pois trabalhei com pesquisa sociolinguística na cidade de Erechim/RS, município em que os conflitos étnico-culturais são bem marcados, devido à presença de colonização italiana, polonesa e alemã. Assim, conviver com pessoas de diferentes sotaques, com diferentes valores, crenças e ideologias é uma constante nos últimos doze anos da minha vida.

Desse modo, a temática identidade de uns anos para cá provocou meu interesse, pelo fato de que idas e vindas de sul a norte ou de norte a sul do Rio Grande do Sul me revelaram um Estado que até então eu desconhecia. Ser de Rio Grande, no sul do RS, e morar no norte por dez anos me fez ver a diversidade dentro do mesmo espaço geográfico que, muitas vezes, quer parecer que só tem um "modelo" de gaúcho, que só tem um tipo de cuia de chimarrão, que só tem um tipo de erva, que só tem um sotaque, que só tem uma cor e outras heterogeneidades que são expressas.

Quando ingressei no doutorado, residia na cidade de Erechim/RS (onde resido atualmente) e, por ter forte ligação com docentes do curso de História da Universidade Regional do Alto Uruguai e das Missões (URI), Campus/Erechim, na cidade em questão, troquei muitas ideias com esses professores acerca dos poloneses que se fixaram no norte sul-rio-grandense. Essas conversas informais me levaram a ter interesse em trazer a pesquisa para o campo da Linguística Aplicada, conhecer mais profundamente a questão do descendente de polonês em Erechim e a construção da sua identidade. Além disso, tinha interesse em compreender de que forma o preconceito se instala na escola e quais as implicações pedagógicas, já que, na época, trabalhava na rede estadual de ensino. Na escola pública estadual em que eu era docente, percebia que os alunos, descendentes de polonês, sentiam-se desconfortáveis com perguntas que eu fazia do tipo: como se pronunciava o sobrenome, qual a sua origem étnica, se falavam polonês em casa. Esses questionamentos geravam desconforto e desconfiança nessas pessoas e, a partir da minha experiência com esses sujeitos, ingressei no doutorado disposta a pesquisar a identidade étnica polonesa. Comecei minhas leituras no campo da identidade, essencialmente, pelo viés dos Estudos Culturais e, também aprofundei, nas diferentes disciplinas oferecidas pelo programa, as leituras na área do discurso. Pareceu-

[3] MARTINS, Alessandra A. **O (re) conhecimento sociolinguístico na escola:** sua implicação para o ensino. Dissertação de mestrado: Universidade de Passo Fundo, 2005. Trabalho orientado pela prof. Dra. Florence Carboni.

me o casamento perfeito: estudar identidade e buscar nos pressupostos bakhtinianos suporte para a elaboração da tese.

No entanto, como já aludi no início do texto, a situação diaspórica me acompanha. Em 2009, por meio de concurso público, para a docência de nível superior, fui nomeada na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Campus Jaguarão/RS, instituição federal nova e *multicampi*. Mais uma mudança, mais um contato com outros gaúchos, mais uma vez estrangeira. Além dos gaúchos da metade sul e da metade norte, tomei contato com os gaúchos da fronteira, ou seja, os gaúchos que moram na fronteira Brasil/Uruguai. Esses moradores são da cidade de Jaguarão, município gaúcho do sul do RS, que faz fronteira com o município uruguaio, Rio Branco. Essas cidades são atravessadas pelo rio Jaguarão e a divisa entre os países é marcada pela ponte Internacional Mauá, construída pelo Barão do Rio Branco.

Meu contato com esse povo se deu por meio profissional, mais especificamente a partir do meu ingresso na Universidade. Como meus vinte e dois colegas do Campus (na época eram vinte e dois docentes), era mais uma estrangeira em Jaguarão. Como estrangeira, já cheguei com uma representação pronta sobre os moradores de Jaguarão. O meu primeiro equívoco dizia respeito à língua, pois tinha a plena certeza de que os alunos e as alunas, do curso de Letras, eram falantes proficientes em espanhol. O segundo equívoco, talvez assentado em outras fronteiras que são denominadas de secas por terem uma rua que divide Brasil/Uruguai (Chuí, Santana do Livramento), é que Rio Branco poderia ser uma extensão de Jaguarão, significando, a grosso modo, que Jaguarão e Rio Branco seriam "tudo a mesma coisa". No entanto, os primeiros contatos com os alunos jaguarenses já revelaram que essas duas cidades não podem ser compreendidas como o mesmo espaço e, portanto, não podem ser tomadas como iguais. Para muitos jaguarenses, Rio Branco é o "lado de lá", a cidade onde moram os "castilhanos". Logo, percebi que a relação de irmandade não se realiza de forma tão amena e pacífica, como é preconizada por acordos internacionais, especificamente, o acordo do Mercosul. A minha percepção não era a única, pois conforme relato escrito (anexo 4) de uma docente, que é mineira, ela também percebeu a forte marcação da diferença e a rejeição dos jaguarenses em relação aos moradores de Rio Branco.

A partir das conversas com pessoas da cidade e do contato com alunas-bolsistas, o tema identidade fronteiriça cada vez mais me instigava, ou melhor, me intrigava. Por intermédio de uma bolsista, tive acesso a oito sujeitos para entrevistar. Esses sujeitos não estudam na UNIPAMPA, portanto, estão pouco atravessados pelo academicismo que lidera as discussões sobre a fronteira especialmente nas disciplinas de Literatura. Esse academicismo

pontua que a fronteira é um espaço mestiço, híbrido, e as discussões estão centradas nas análises da obras de literatura sul-rio-grandense.

Atrelada ao academicismo, há toda uma discussão em torno do acordo do Mercosul, que é fruto do processo de globalização, o qual constrói um discurso pautado em relações comerciais e que ampara legalmente os países envolvidos. Assim, o acordo, ao menos no papel, instaura a relação de "irmandade" entre Brasil, Uruguai, Paraguai e Argentina.

No entanto, a ideia de irmandade, forjada e construída no acordo político e por interesses comerciais, que se materializa por meio desse acordo, ultrapassa, ou melhor, transcende o nível das relações comerciais, dos acordos de fronteira e cria um discurso de que a irmandade permeia a identidade cultural desses povos e pode criar um sentimento de identidade múltipla, ou seja, os moradores dessa fronteira, por essa proximidade, podem se sentir um pouco brasileiros e um pouco uruguaios. Desse modo, com todos os "direitos" que regem as relações entre os países envolvidos, os sujeitos moradores da fronteira, por estarem tão próximos à outra cultura, também poderiam vivenciar harmonicamente a irmandade. Ressaltamos que a irmandade aqui pensada é no sentido de enxergar o país vizinho como irmão por admirar aspectos linguístico-culturais desse país, por não ter problema em ser parecido com o país vizinho e, principalmente, não ter problemas em transitar livremente pelo país ao lado. Porém, dúvidas, incertezas e curiosidade sobre essa irmandade socialmente construída entre jaguarenses e rio-branquenses*,* nascidos e criados em um lugar de passagem e em um lugar dividido por uma ponte, tomaram uma dimensão significativa e, sobretudo, o desejo de ser brasileiro e uruguaio impulsionaram esta pesquisa.

Para tanto, essa pesquisa tem como objetivo geral investigar, por meio dos dizeres dos pesquisados, a (s) representação (s) da irmandade que constituem a fronteira Jaguarão/Rio Branco. Essa representação será analisada por meio de marcas linguísticas que permitam a apreensão de traços de integração e/ou resistência presentes nos discursos.

Esse objetivo geral se desdobra em dois objetivos específicos. O primeiro é analisar, por meio dos discursos dos sujeitos, as vozes discursivas que apontem para a integração entre brasileiros e uruguaios. O segundo objetivo é verificar no discurso dos jaguarenses como se dá a marcação da diferença em relação ao povo uruguaio. Embora tenhamos apresentado os dois objetivos separadamente, na análise, a diferença e a integração serão debatidas juntas, já que a intersecção entre ambas é o que gera o tensionamento e coloca a irmandade em uma zona de confronto e de conflito.

Este trabalho está dividido em quatro partes. A primeira parte se destina à contextualização da pesquisa e da irmandade, objeto de estudo. No item da contextualização

da pesquisa, será realizada uma descrição da fronteira Jaguarão/Rio Branco e dos aspectos históricos do município em estudo. Ainda no tópico da contextualização, apresentaremos a irmandade, foco deste estudo. Na segunda seção, apresentaremos os pressupostos teóricos que sustentam esta tese, que estão divididos em: panorama dos Estudos Culturais, a fronteira, o hibridismo cultural, a identidade e a linguagem.

A terceira parte é responsável pelo percurso metodológico, em que são apresentados o tipo das entrevistas e a escolha dos participantes. A última seção, chamada de *Por uma análise*, consiste em um trabalho de análise do material de investigação à luz dos preceitos sobre identidade e da concepção bakhtiniana de linguagem.

Para tentar delinear nossos objetivos e o objeto de estudo, nos movimentaremos teoricamente sob a perspectiva dos estudos identitários, já que a identidade, um dos pontos deste trabalho, é um dos temas que recebe expressiva atenção por parte dos estudiosos de diferentes áreas do saber. Como a identidade é uma temática de extrema complexidade, os diferentes autores estudados pontuam em seus textos a dificuldade em defini-la e, até mesmo, em delimitá-la.

Essa dificuldade em conceituar e estabelecer o conceito já é um indício do que se propõem os Estudos Culturais (EC). Do ponto de vista teórico, os EC surgem movidos pela insatisfação dos limites de determinadas áreas do conhecimento, propondo a interdisciplinaridade (ESCOTESGUY, 2006, p. 37). Assim, o caráter interdisciplinar, que norteia os EC justifica, neste trabalho, a escolha pela leitura de autores que compõem essa área de estudo. Além do caráter interdisciplinar dos EC, outro ponto essencial é a preocupação com a mobilidade da identidade no período pós-moderno ou na modernidade tardia e, sobretudo, de que forma as identidades são atingidas pela globalização.

Como já mencionamos, definir a identidade parece uma tarefa delicada dada a sua complexidade. O que pretendemos trazer aqui são discussões teóricas sobre o tema que, em grande medida, desfazem ideias essencialistas sobre a identidade. A partir dos estudos identitários, autores como Stuart Hall (2006) acenam que os sujeitos aparentavam viver em uma zona de conforto, porque a identidade parecia vir expressa em seus genes e estaria fixada desde o nascimento, promovendo a garantia e a certeza da sua estabilidade. Contudo, os fluxos migratórios tanto para países diferentes, como no mesmo Estado ou país[4], as novas estruturas familiares, a inserção da mulher no mercado de trabalho, a globalização e outros

[4] FREITAS, Letícia Fonseca Richthofen de. **A pedagogia do gauchismo** – uma análise a partir da diáspora gaúcha. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação: UFRGS, 2006. Nesta tese, a autora desenvolve uma análise da presença do gaúcho no centro-oeste brasileiro, definindo-o como um ator de uma situação diaspórica.

eventos, que desestabilizaram estruturas cristalizadas, redesenham um novo cenário na discussão sobre processos identitários. Desse modo, a certeza concede lugar à incerteza, e a identidade essencializada torna-se um terreno fértil para a crítica e a desconstrução.

Um dos grandes nomes dos Estudos Culturais é o já citado Stuart Hall, estudioso de origem jamaicana, erradicado na Inglaterra. Esse autor, talvez por sua própria trajetória pessoal, em uma de suas obras[5], apresenta uma profícua discussão que objetiva compreender como é possível conceber ou imaginar a identidade, a diferença e o pertencimento após na situação de diáspora. Nesse artigo, Hall apresenta um estudo sobre a migração caribenha para a Grã-Bretanha, no período pós-guerra. Além desse estudo, podemos citar o trabalho de Schiller e Fouron[6], no qual os autores realizam um estudo de caso sobre os haitianos que residem nos Estados Unidos. A partir das análises, concluem que esses haitianos construíram um novo tipo de Estado-nação fundamentado na descendência comum e nas linhas de sangue, em vez da língua em comum ou da história em comum. A grande contribuição desses autores é que esse estudo com os haitianos revelou que, para esses sujeitos pesquisados, a identidade nacional é fortemente marcada pela raça.

Os estudos elencados acima nos revelam o quanto a identidade é afetada por condições sócio-históricas que, muitas vezes, independem de vontades ou desejos dos sujeitos. Ou seja, com relação à diáspora, muitos são obrigados a deixar seu país, portanto, não consiste em uma escolha, mas pode ser entendida como uma obrigação. Desse modo, vemos que esses movimentos diáspóricos transcendem a ideia da identidade como algo biológico e acenam que ela é construída socialmente e discursivamente.

Além da diáspora, os Estudos Culturais têm se debruçado na relação identidade/globalização, tentando desvendar de que forma a globalização interfere ou desloca as identidades. Muitos questionamentos perpassam essa relação: a globalização promove o fortalecimento do local, ou seja, acresce um estatuto maior ao local? Produz novas identidades? O emaranhado das fronteiras abstrai o sentido de nacionalidade?

Embora a diáspora não seja o foco deste trabalho, consideramos pertinente mencionar estudos sobre ela, porque os sujeitos que vivem em situação diaspórica estão em constante sensação de viver na fronteira, no *entre-lugares* (BHABHA, 2005), que consiste em um lugar não bem definido, que se assemelha ao contexto da nossa pesquisa. As discussões trazidas até

---

[5] HALL, Stuart. Pensando a Diáspora – reflexões sobre a terra no exterior. In: **Da diáspora** -identidades e mediações culturais. Tradução: Adelaine Resende, Ana Carolina Escotesguy, Claudia Alvares, Francisco Rüdiger e Sayonara Amaral. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

[6] SCHILLER, Nina Glick; FOURON, Georges.. "Laços de sangue": os fundamentos raciais do Estado-Nação transnacional. In: FELDMAN-BIANCO, B. CAPINHA, G. (orgs.). **Identidades**: estudos de cultura e poder. São Paulo: Hucitec, 2000.

aqui foram fundamentais para que mostrássemos o quanto nosso objeto de estudo também deve ser percebido como algo complexo. Mesmo que muitos de nós vivamos em uma situação de fronteira, nesse *entre-lugares,* parece-nos que a ideia de ter um país marcado geograficamente, que se situa ao lado de outro país, que convida o sujeito diariamente a experimentar uma nova cultura, que tem leis diferentes, que invade a casa do sujeito por meio das relações pessoais, da alimentação, da bebida e outros, pode provocar reações diversas no sujeito morador da fronteira. E, é deste sujeito que iremos nos ocupar, já que as vozes sociais/discursivas que configuram a identidade jaguarense materializam a contradição da fronteira: espaço que integra; espaço que resiste.

Como o espaço geográfico da pesquisa é em uma região fronteiriça, julgamos pertinente discutir a dimensão da fronteira em diferentes autores do campo da História, como Padrós (1994) e Pesavento (2002). Assim, a dimensão da fronteira será discutida na seção que trata dos pressupostos teóricos.

De maneira bastante sistemática, Padrós discute a fronteira apresentando três momentos, ou melhor, apresenta uma classificação das fronteiras. Ele as classifica, como: esboçadas, vivas e mortas. As três percepções de fronteira, que serão discutidas mais detalhadamente no corpo do trabalho, tratam da questão do espaço fronteiriço com a preocupação em explicar historicamente e geograficamente esse espaço. Brevemente, a situação do sujeito fronteiriço é contemplada, pois ao tratar da questão da identidade, Padrós (1994, p. 74) afirma que "integrar não deve significar perda de identidade nacional, e sim, contato com outras identidades nacionais."

De acordo com Padrós e Pesavento, na atualidade, o conceito de fronteira não está ligado ao limite, mas à porosidade e ao trânsito de um lado a outro, configurando culturas híbridas. Coadunada ao caráter integracionista da fronteira, Pesavento assinala que a noção de fronteira não deve se restringir à questão da territorialidade, pois vista sobre esse prisma ela será um "encerramento de um espaço, delimitação de um território, fixação de uma superfície" (PESAVENTO, 2002, p.38). A fronteira defendida por Pesavento está ligada à ideia de fronteira como um espaço de passagem. A autora pontua que se a fronteira é um espaço de trânsito, passagem, comunicação, troca e contato, ela pode ser compreendida como um espaço "híbrido e mestiço" (Ibid.).

Das reflexões acima, surgem alguns pontos de interrogação: olhar a fronteira como um espaço aberto significa entender que a fronteira "perdeu" o *status* de marcação e fechamento? Ela ganhou um sentido de abertura? Ou será que agrega a integração e a resistência? Será que os sujeitos fronteiriços não ressignificaram a noção de fronteira? Aqui, não estamos tratando

de conflitos bélicos que marcaram a região, mas de conflitos decorrentes de acordos internacionais mal estabelecidos que, portanto, nos impedem de afirmar contundentemente que a fronteira Jaguarão/Rio Branco é somente um espaço de integração.

Além dos fatos históricos que marcam a vida dessa fronteira, a globalização, que atravessa fronteiras para integrar e conectar as comunidades, traz um impacto sobre a vida dos sujeitos, pois, ao abrir a fronteira, não é somente a entrada de lucros que se faz presente, é a entrada de uma nova língua e de outros costumes, fato que atribui à fronteira um valor simbólico. Em síntese, é a entrada de uma nova cultura que pode representar uma ameaça à cultural local, no caso, a de origem portuguesa, índia e negra.

É possível pensar na fronteira em estudo como um espaço que agrega a integração e a resistência, pois os dados analisados, com respaldo na perspectiva bakhtiniana, nos permitiram pensar na fronteira como aberta e móvel exatamente pelo fato de agregar esses dois momentos: resistência e integração pelo lado brasileiro, que foi o pesquisado.

Todas essas contribuições da História e da Geografia são relevantes para estudar a fronteira, mas mesmo assim parece que esses estudos deixam uma lacuna no que tange à situação do sujeito, ou seja, da moradora e do morador da fronteira. Embora a divisão entre Jaguarão e Rio Branco possa ser compreendida como simbólica, há um elemento concreto que une/divide as cidades, que é a Ponte Internacional Mauá, inaugurada em 1930. Outros eventos que habitam o imaginário dos moradores são os fortes conflitos entre portugueses e espanhóis que marcaram a região que, de certa forma, ainda estão presentes na memória dos jaguarenses[7]. Desse modo, o ponto de convergência dos autores contemplados no referencial teórico está na percepção de que a fronteira é um espaço híbrido, aberto e heterogêneo. Além disso, os autores consultados destacam que a fronteira é um lugar de conflito e de contradição.

Além da discussão sobre identidade e fronteira, que será revista em diferentes autores estrangeiros e brasileiros, abordaremos a noção (s) do hibridismo cultural e das trocas culturais, uma vez que o espaço fronteiriço, diferentemente de outros lugares, é fortemente marcado pelo hibridismo. Os autores selecionados para essa discussão são Canclini (2008) e Burke (2003).

Após a discussão do referencial teórico, apresentaremos o capítulo que trata do percurso metodológico realizado para a pesquisa e, em seguida, a seção de análise. Para que nossa análise esteja em consonância com a base teórica, a seleção do material foi realizada por meio da pesquisa qualitativa, pois "a finalidade da pesquisa qualitativa não é contar opiniões ou pessoas, mas ao

[7] Um evento que marcou a cidade será descrito no item Contextualização da pesquisa.

contrário, explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão" (GASKELL, 2002, p. 68). Além da estreita relação com o aporte teórico, entendemos que a pesquisa qualitativa mantém forte ligação com a concepção de linguagem que norteia este trabalho, que se assenta na perspectiva de Bakhtin.

O nosso acesso aos discursos analisados se deu por meio de entrevista pergunta-resposta e a entrevista semi-estruturada, a entrevista de profundidade, que serão definidas no capítulo intitulado *Percurso Metodológico.* A primeira fase da pesquisa, com entrevistas individuais, foi realizada com sete sujeitos. A segunda etapa de entrevistas foi a denominada entrevista de profundidade, realizada com dois sujeitos, sendo que essas entrevistas foram contempladas nesta tese por razões que serão descritas no capítulo em questão. O contato com os sujeitos da primeira fase pode ser considerado como uma porta de entrada para a compreensão da complexidade que está no entorno da "irmandade" entre brasileiros de Jaguarão e uruguaios de Rio Branco.

Como a pesquisa qualitativa não se debruça na busca da "verdade" e está atenta às representações e aos diferentes sentidos que os sujeitos buscam atribuir a determinados eventos sócio-discursivos, optamos pelos estudiosos dos estudos identitários e pelo filósofo da linguagem, Mikhail Bakhtin, líder do Círculo de Bakhtin, para nortear a análise das entrevistas dos sujeitos. A escolha por Bakhtin e seu círculo se dá pela concepção de linguagem que sustenta os preceitos deste autor. Na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Bakhtin e Voloshinov tecem suas discussões acerca da linguagem, ao trazerem para o debate a concepção de linguagem preconizada pelo Objetivismo Abstrato, o Estruturalismo de Saussure[8]. Contrariamente ao Objetivismo, na perspectiva bakhtiniana, a linguagem é um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio-histórico e ideológico determinado.

Bakhtin e Voloshinov (1929/1986, p. 108) afirmam que "a língua não se transmite; ela dura e perdura sob a forma de um processo evolutivo contínuo." Para os autores, a língua não está pronta para o uso e com os sentidos determinados, pelo fato de que os indivíduos se inserem na corrente da comunicação verbal e só a partir desse mergulho ou inserção na corrente é que a nossa consciência desperta e começa a operar.

[8] Vale ressaltar que não temos o intuito de discutir a concepção de língua proposta por Saussure e entendemos que a proposta de Bakhtin não descarta e nem recusa a relevância da Linguística, como apontado na seção que versa sobre a linguagem.

Ao compreendermos essas características da linguagem, entendemos que ela não pode ser concebida como homogênea, imutável, fechada e transparente. A linguagem, na perspectiva bakhtiniana, é dinâmica, dialógica, heterogênea, opaca e inseparável do fluxo da comunicação verbal. Devido a esse caráter, é que ela possibilita leituras diferentes do mesmo evento, e a análise das nossas entrevistas revela esse caráter da linguagem, pois o sujeito desloca o sentido da irmandade que, socialmente e discursivamente, já estava determinado. Como anunciamos no início do texto, é possível pensarmos em um "casamento" entre linguagem e identidade, já que ambas se imbricam pela mobilidade e pela fluidez.

Sendo assim, o viés bakhtiniano orienta o olhar que empreendemos aos dizeres de nossos sujeitos e está fortemente voltado à análise das representações que se constroem nesses discursos dos sujeitos pesquisados sobre a irmandade, em um período, denominado de pós-modernidade, marcado pela tentativa incessante de homogeneização das diferenças culturais, mas também em contínuo conflito com a preservação da diferença pelas características da cultura e dos costumes locais.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO

2.1 A FRONTEIRA JAGUARÃO/RIO BRANCO

O Rio Grande do Sul é um estado brasileiro que apresenta fronteiras com a Argentina e com o Uruguai. Temos as seguintes fronteiras Brasil/Uruguai: Jaguarão/Rio Branco; Santana do Livramento/Rivera; Chuí/Chuy; Quaraí/Artigas. A fronteira mais antiga é a primeira mencionada. O município de Jaguarão, na fronteira sul do RS, foi fundado em 1802. Inicialmente, era uma região habitada por acampamentos de militares. Ao contrário de Chuí/Chuy, onde ocorre fronteira seca, o rio Jaguarão faz o limite entre Rio Branco e Jaguarão, que estão unidos pela Ponte Internacional Barão de Mauá, grande ponto turístico, que foi inaugurada em dezembro de 1930, tendo sido consequência de um tratado, datado de 1918, firmado entre Brasil e Uruguai.

Ao contrário das cidades fronteiriças Chuí/Chuy, que possuem uma história recente, Jaguarão e Rio Branco nasceram no período de fortes disputas territoriais entre as coroas portuguesas e espanholas, tendo um longo histórico de fortes embates. Um episódio marcante na história de Jaguarão foi a revolta de 27 de janeiro. Em 1865, a cidade de Jaguarão foi invadida por uruguaios do partido blanco e, na versão dos jaguarenses, eles expulsaram os inimigos e até hoje moradores do município dizem orgulhosamente que “nós colocamos os castilhanos pra fora a pelegaço e água quente.” A partir desse evento, se originou a fama de Jaguarão como cidade heróica.

Como é comum as ruas das cidades brasileiras receberem o nome de datas ou de homens tidos como heróis, o município de Jaguarão não escapa dessa lógica. A principal rua da cidade é denominada de 27 de janeiro. No entanto, 27 de janeiro de que ano? Se a pergunta for realizada aos moradores da cidade, raros farão referência ao ano de 1865.

Rizzon (2011) explica que a história contada hoje nas ruas de Jaguarão rejubila-se em falar que uma população formada basicamente por mulheres, idosos e crianças (os homens estariam em luta no interior do Uruguai, compondo o exército brasileiro que apoiava os *colorados* na derrubada do governo do *blanco* Atanasio Aguirre) defendeu-se e “correu os

castelhanos" a "pelegaços" e "água quente". Porém, livros de história de moradores do "outro lado", ou seja, do Uruguai, trazem outra leitura sobre o mesmo episódio:

> Siguiendo por el Yaguarón abajo, a tres leguas de la ciudad de Yaguarón, fue derrotada una fuerza brasileña de más de 500 hombres, la que emprendió la fuga refugiándose en aquella plaza, dejando en poder de los vencedores varios oficiales y soldados prisioneros, muchos de ellos heridos, numerosas armas y caballadas y un pabellón imperial brasileño.

Símbolo de uma nação, esse *pabellón* ou estandarte do Império brasileiro teria sido levado para Montevidéu, sendo arrastado pelas ruas da capital uruguaia. Sobre a retirada das tropas do exército *blanco* que ocuparam a cidade brasileira, o historiador uruguaio Alfredo Castellanos dá razões diferentes daquelas afirmadas pelos jaguarenses:

> La ciudad de Yaguarón fue sitiada durante algunos días sin poder ser ocupada por sus atacantes debido a la falta de armas para intentar el asalto; la expedición regresó a nuestro territorio sin lograr llamar la atención del grueso del ejército brasileño, que seguía en las afueras de Paysandú pronto para marchar sobre Montevideo.[9]

As fronteiras do Rio Grande do Sul são estudadas por diferentes áreas do conhecimento e transcendem o estado. De acordo com o relatório de campo Segmento leste da fronteira Brasil – Uruguai, de 4 a 7 de Março de 2008, de um projeto financiado pelo do PROSUL/CNPq, da UFRJ, "o fato da fronteira em questão ser a mais antiga pode ser um fator fundamental que diferencia as relações entre brasileiros e uruguaios nestes dois distintos espaços da fronteira". Esse grupo de pesquisa efetuou entrevistas em Jaguarão – Rio Branco (não foram gravadas, apenas descritas no relatório) e perceberam ao longo delas o seguinte: "notamos uma postura diferente daquela experimentada em Chuí/y, em que as pessoas reconheciam-se como parte de um mesmo povo fronteiriço". O relator prossegue afirmando que, talvez pelo enraizamento histórico e pelos conflitos que ocorreram naquela região, evidenciou que as relações entre brasileiros e uruguaios não são tão amistosas entre Jaguarão – Rio Branco.

---

[9] CASTELLANOS, Alfredo. **Timóteo Aparicio**: el ocaso de las lanzas. Montevidéu: Banda Oriental, 1977. p. 51.

Apesar dos desencontros entre essas cidades, as relações interpessoais são amistosas no momento em que há vários casamentos entre brasileiras e uruguaios ou uruguaias e brasileiros. Desses relacionamentos, muitas vezes nascem filhos e filhas que são denominados de "chapadoble", por terem pais de nacionalidades diferentes. No entanto, a questão da língua nem sempre é bem resolvida, pois há casos em que os filhos só falam em português ou só em espanhol; os filhos de uruguaias com brasileiros que moram em Jaguarão, em muitos casos só falam em português. Esses casos merecem um estudo à parte, já que diferentes fatores sociais podem levar à adoção de apenas uma língua, no caso, o português.

2.2 O OBJETO DA TESE: A IRMANDADE

Como esta tese tem por fim problematizar a temática da irmandade, termo que circula nos discursos do senso comum, encoberto pelo sentido de que irmãos vivenciam uma relação pacífica e harmoniosa, apresentaremos o conceito de irmandade em diferentes suportes.

Nesta seção, que contempla o objetivo geral deste estudo, apresentaremos dois aspectos relevantes que auxiliam no entendimento dos conflitos que marcam as relações étnico-culturais entre brasileiros e uruguaios. O primeiro aspecto consiste em uma apresentação do vocábulo *irmandade* presente em dois dicionários e em um *blog.* Em segundo, traremos um documento elaborado pela Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul.

O vocábulo irmandade[10] vem do latim *germanitate,* significando parentesco entre irmãos, confraternidade, intimidade, confederação, liga, associação. No dicionário Houaiss, a *irmandade* é definida como: "1. parentesco entre irmãos 2. fig. igualdade, afinidade <i. de opiniões> 3. amizade afetuosa íntima entre pessoas" (2001, p. 436). No dicionário Aurélio (2009, p. 1132), temos "1. parentesco entre irmãos. 2. associação de caráter religioso; confraria. 3. união ou intimidade fraternal; confraternidade."

As definições acima, embora engessadas nos dicionários, atribuem à palavra irmandade um sentido que agrega valores positivos, contemplando o elo e a união. Por esses atributos tão positivos "inerentes" à palavra *irmandade* é que ela acaba por ser empregada na união dos povos e, em uma atitude performativa, essa união aparentemente é concretizada. A partir disso, surgem dois questionamentos: Pela proximidade territorial, Brasil e Uruguai

[10] A IRMANDADE. Disponível em: <http://a-irmandade.blogspot.com/>. Acesso em: 09 maio 2011.

podem ser considerados irmãos/hermanos? Que outros aspectos, além da proximidade geográfica, materializam a irmandade entre os dois países? Tais questões serão alvo de reflexão na seção *Por uma análise.*

Como esta pesquisa tem inserção em outras áreas do conhecimento, observamos um documento, o portal do Mercosul, disponível no site do governo do estado do Rio Grande do Sul, que ressalta que desenvolve esforços com o "objetivo de fomentar e gerar negócios entre o empresariado, agentes econômicos, socioculturais, educacionais e ambientais do Estado do Rio Grande do Sul com outros Países"[11]. Neste portal, inúmeras informações são apresentadas acerca das tentativas de integração entre os países envolvidos. Mencionaremos dois pontos, neste trabalho, que selecionamos intencionalmente devido à contribuição para o início da análise. Os pontos escolhidos que constituem o documento são: as vantagens e as desvantagens do Mercosul para o Brasil. O primeiro ponto diz respeito às vantagens. De acordo com o portal, o Brasil conta com um grande e desenvolvido parque industrial, que supera os outros quatro países do bloco.

Temos o turismo, que, em Santa Catarina, atrai uma grande quantidade de argentinos no período de verão; entrada de produtos dos outros países com baixo custo que, até certo ponto, pode ajudar com que exista uma queda de preços. Por último, os países do Mercosul começarão a despertar maiores interesses para investimentos estrangeiros, fazendo com que a economia de cada país cresça ainda mais.

Além das vantagens, o material consultado aponta para as desvantagens do Mercosul para o nosso país. O portal afirma que a agricultura Argentina possui vantagens em relação à brasileira, pois seus solos são mais férteis que os nossos. Outro aspecto desvantojoso concerne à língua, porque pode se tornar um entrave, já que os outros países falam espanhol, mas o Brasil, que fala português, possui a maior população.

Além da língua, a moeda única, se não for bem discutida, poderá tornar-se um problema para o desenvolvimento do Mercosul. **Outro obstáculo que aparece no portal é relativo à cultura, que fica ameaçada por haver vários contrastes de país para país e possivelmente um conflito neste setor. Por vivenciar a cultura de outro país, a do nosso país pode perder sua importância** (grifo nosso). O último aspecto menciona questões de infraestrutura, já que a Argentina e o Chile contam com boas rodovias e portos bem equipados, excelentes para o escoamento da produção.

---

[11] ASSEMBLEIA GAÚCHA. Comissão Mercosul. Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/portalmercosul/faq/htm>. Acesso em 15 jun 2011.

Como neste trabalho nos debruçaremos nos embates em torno da irmandade entre o povo de Jaguarão e o povo de Rio Branco, compreendemos que a dificuldade destacada (em negrito) acima pode ser transposta para os sujeitos pesquisados, mas há ainda outras situações que serão pontuadas nos fragmentos selecionados, na seção de análise, que podem dificultar a relação de irmandade.

Após apresentarmos os sentidos que circulam sobre a irmandade, discutiremos o termo em questão de um outro lugar. Para tanto, é fundamental que apresentemos a problematização pela voz de autores que têm se debruçado sobre o "drama da fronteira", como por exemplo, Martins e Schlee (2002). A literatura que versa sobre fronteira tem sinalizado que ela se conforma como um espaço aberto e de trânsito. No entanto, as discussões ainda são incipientes na situação do "ser fronteiriço", pois "O convívio das pessoas parece fluido e fácil – 'natural´. No entanto, essa transparência talvez não corresponda, para a maioria dos habitantes, a conhecimento maior de significados e implicações que o viver na fronteira gera e atualiza constantemente", como pondera Martins (2002, p. 242).

A autora (p. 239) explica que a expressão "drama da fronteira" foi utilizada pelo historiador Othelo Rosa, para referir-se à formação do Rio Grande.[12] A autora em questão chama atenção a aspectos sócio-históricos das regiões de fronteira, para que entendamos a situação atual. Ela (p. 235) explica que, com a militarização, a área passa de terra-de-ninguém à posse de uns poucos, as sesmarias recrudescem até fins do século XIX, independentes de determinações oficiais e limites geopolíticos, e a interação de nacionalidades e lutas internas pelo poder aumentam a necessidade de afirmação. A autora compara a fronteira à periferia, afirmando que ambas, pela condição de marginalidade, fazem com que os moradores experimentem uma liberdade impossível para aqueles que vivem sob "a lei e a ordem". Dessa junção, surgem duas características que dialogam e que integram aquilo que o senso comum impregna à cultura local: "ideologia vigorosa e senso de possibilidade" (p. 2 35).

Sobre essas duas características, Martins (p.235) expõe que "a formação de uma ideologia vigorosa de luta por valores libertários leva os fronteiriços a identificarem-se e passarem a ser vistos como contestadores, com tendências autonomistas." Quanto ao senso de possibilidade, a fronteira não é considerada como um limite ou delimitação, pelo contrário, ela é sinônimo de "abertura para novos horizontes." Martins vai além, afirmando que a fronteira passa de impedimento ou ameaça a desafio, conquista ou alternativa, proporcionando

[12] Martins (apud ROSA p 239) sublinha que "ao apontar as diferenças entre ´limites´e ´fronteiras´, Othelo Rosa diz que os primeiros são frutos de tratados e decisões diplomáticas, enquanto as segundas determinam-se pela efetiva posse de terras. ROSA, Othelo. Formação do Rio Grande do Sul/Fundamentos da Cultura Rio-grandense. Porto Alegre: Faculdade de Filosofia da UFRGS, 1957. Texto

“a 'opção' de – território e seus habitantes disputados por portugueses e espanhóis - permanecerem brasileiro”(p. 235).

Essa contextualização, com base na autora Maria Helena Martins, se justifica porque o movimento, particularidade da fronteira, traz forte desestabilização de cunho financeiro, como pontua a autora “há décadas o cotidiano fronteiriço se abala e se conforma a cada volteio de câmbio – bom ou mau para o lado de cá ou para o 'outro lado'”(p. 236). Cabe ressaltar que esse movimento cambial provoca instabilidade e tensão nas populações, já que, quando a situação está favorável para Rio Branco (momento atual com os *free shops*), tal fato gera desconforto para Jaguarão, que fica somente como uma cidade de passagem e, além desse desconforto, até mesmo, pode acentuar a rivalidade entre os povos. A partir desse viés mais pragmático, que atinge a condição financeira, compreendemos que, para aqueles que estão de passagem[13] na região Jaguarão/Rio Branco, o cenário é de consumo e de alegrias. Porém, Martins alerta que:

> Importa salientar que ainda não foi descoberta a conveniência do cultivo bilateral “do ser fronteiriço” e a transformação dessa riqueza cultural em benefícios para a autoestima e em desenvolvimento calcado nas demandas da sociedade, indo além do exercício imediatista de sobrevivência (MARTINS, 2002, p. 236).

Além de trazer essa ponderação, Martins (p. 241) destaca que é uma ironia que a fronteira conserve uma aura de culturalmente “emblemática do estado” e, atualmente, seja chamada, pelos meios produtivos, de Metade Sul, designação que a estudiosa interpreta como um “eufemismo para designar a parte atrasada do Rio Grande, desprovida de empreendimentos, com economia decadente.” Com esse descaso vivido pelas regiões fronteiriças, que será evidenciado na seção que trata da fronteira, os acordos políticos entre países poderiam atenuar esse quadro. Entretanto, os dizeres de nossos pesquisados, aliados às contribuições de Schlee (2002), refletem o descaso com o fronteiriço, construindo discursos que manifestam a dificuldade em efetivar a integração.

---

[13] Destaco que, mesmo com a presença da UNIPAMPA, Receita Federal e Fórum, muitas pessoas vão para Jaguarão somente a trabalho e residem nas cidades vizinhas, como Pelotas, Rio Grande e, até mesmo, Porto Alegre. O curso de Letras da UNIPAMPA/Campus Jaguarão, de 2006 até 2011, teve mudança de cinco professoras somente na área de Língua Portuguesa e Linguística. Segundo colegas da instituição, a ex-reitora da UNIPAMPA, prof. Maria Beatriz Luce, solicitou ao MEC um valor a mais no salário dos docentes e técnicos para que os segure na instituição, que possui todos os *campi* em regiões fronteiriças. Tal valor já é garantido para outros funcionários públicos federais que atuam nessas regiões.

Assim, a partir da leitura dos dois autores, Martins e Schlee, relevantes para a produção deste trabalho, direcionaremos nosso olhar às críticas que os pesquisados fazem aos governos e ao próprio acordo do Mercosul. Estes fragmentos, sob forma de ensaio de análise, evidenciam como a relação entre jaguarenses e rio-branquenses é tumultuada e conflituosa. Ressaltamos que os trechos abaixo serão retomados na seção *Por uma análise.*

No início da entrevista, o primeiro pesquisado faz alusão ao uso que é feito da fronteira, quando questionado do que entende por ela:

Entrevistado: *Então, essa preocupação que a gente tem de fronteira é que… o uso.*
Pesquisadora: *Mas, por que tem essa diferença?*
Entrevistado: *Porque existe dentro do Brasil... Sinceramente, eles vêm e como os políticos dizem que, pelo Mercosul, acordo do Mercosul, na área de fronteira, 50km pra dentro do Uruguai e 50km pra dentro de Jaguarão existe um limite é que os direitos são iguais, mas são diferentes. A gente não, a gente vai no Uruguai e não tem direito a nada.*

Destacamos que, ao expressar desagrado ao Mercosul, o pesquisado marca a diferença e traz para o seu discurso o outro, o uruguaio, figura ambígua, que ameaça e atrai. Além da fala do primeiro pesquisado, destacamos o comentário do segundo entrevistado, que também manifesta descontentamento em relação ao Mercosul:

Entrevistado*: É, na realidade a gente... Por exemplo, falam tanto em Mercosul, nessa integração dos países americanos e tal, só que tu não sabe até que ponto vai isso aí, né. O que que, o que pode, o que que não pode. Eu acho que seria interessante uma, uma divulgação maior né, desses, desses, desses tipos de tratado, né. Porque não é só, não é só a parte comercial que, que interessa nisso aí né. Comprar de mim que eu vou comprar de ti. Eu acho que tem uma série de detalhezinhos que deveria ser mais divulgado e até mesmo pra a população saber o que que pode o que que não pode.*

Ao apresentarmos fragmentos enunciados pelos pesquisados acerca da irmandade entre Jaguarão e Rio Branco, bem como as suas considerações sobre o Mercosul, tencionamos trazer para o debate o objetivo geral da tese, que é orientado a descortinar as representações que cercam a irmandade na fronteira em estudo, apontando sua complexa definição e seu teor que abriga sentidos contraditórios e ambivalentes. Como nosso objetivo consiste em problematizar o discurso no entorno da irmandade, que parece estar claro, definido e

transparente[14] para o senso comum, trouxemos fragmentos do material a ser analisado, para pontuar que o contato do pesquisador com os entrevistados e o campo são essenciais na definição e na delimitação do estudo. Além disso, esses pequenos fragmentos sinalizam o quanto a irmandade entre as culturas em estudo é complexa e ambígua.

Como apontamos, a irmandade, no discurso do senso comum, recobre sentidos positivos e suporta qualquer adversidade, afinal "somos todos irmãos", enunciado que sustenta as proposições cristãs e que ainda é muito frequente nas práticas sociais e discursivas cotidianas. Nosso estudo não se sustenta pelos pressupostos da Psicanálise, mas há estudos na área[15] que se dedicam a refletir acerca da conflituosa relação entre irmãos, nacionalidades e línguas. Podemos mencionar ainda fatos que estão na Bíblia como os irmãos Caim e Abel. Além do texto bíblico, a divisão de Roma, no período a.C, na era de César, também se pauta na conturbada relação entre irmãos.

Além da complexidade e ambiguidade presentes, os fragmentos mencionam a problemática situação, regida por questões burocráticas, por que vivenciam os habitantes do Brasil e do Uruguai. Com base nos discursos dos entrevistados, encobertos por um tom de reivindicação, queixa ou desagravo, o nosso objetivo ganhou contornos mais claros.

Se tomarmos isoladamente o termo irmandade, como o fizemos acima, ele é vazio de significação. No entanto, ao ser utilizado em um enunciado concreto, por falantes reais, se torna pleno de sentido e de acentuação (discorreremos na seção sobre linguagem). Para que vejamos a multiplicidade de sentidos da palavra irmandade, veremos como ela se comporta em situações reais de fala, proferidas pelos interlocutores, sujeitos participantes da entrevista em profundidade (seção *Por uma análise).*

Neste tópico, buscamos apresentar a contextualização da pesquisa, contemplando dois aspectos: o do espaço fronteiriço, mais voltado à situação histórico-geográfica e o ponto-chave desta pesquisa, a irmandade. Já que a problemática que sustenta a tese foi desenvolvida, na próxima seção traremos para o trabalho os *Pressupostos Teóricos* que têm como eixo: a identidade, a fronteira, o hibridismo cultural e a linguagem.

---

[14] A fácil travessia de Jaguarão para Rio Branco (vice-versa) é um fenômeno que pode produzir um discurso de irmandade.

[15] Livro mencionado pela prof. Dra. Lúcia Grigoletti, da UCPel . ZIMERMAN, D. Terapia com família In: **Manual da técnica Psicanalítica**. Porto Alegre: Artemed, 2004. Esta obra não consta nas referências bibliográficas, pois não a utilizamos.

3 PRESSUPOSTOS TÉORICOS

3.1 A IDENTIDADE POR DIFERENTES VOZES

Identidade é um tema que tem suscitado interesse em diversas áreas de estudo das Ciências Humanas. Diferentes áreas do conhecimento, como a Linguística Aplicada, a Geografia, a História, a Literatura, a Antropologia e a Sociologia têm se debruçado sobre esse tema a partir de diferentes olhares. Talvez esse interesse seja oriundo da luta sociopolítica que determinados grupos sociais, como feministas, gays, lésbicas, negros e imigrantes têm travado. Esse desejo de transformação redesenha dia após dia um novo cenário, o qual tem dado lugar "ao heterogêneo, ao múltiplo e ao plural, e apaga uma sociedade exclusiva e hegemonicamente branca, heterossexual e masculina" (LOPES, 2002, p. 58). Além de contemplar as identidades sociais descritas, a noção de identidade também pode ser pensada em termos de etnia e de nacionalidade.

O conceito de identidade é bastante complexo e ainda pouco desenvolvido e compreendido na Linguística Aplicada. Devido a isso, diferentes autores têm apresentado discussões profícuas e com olhares que se encontram e se desencontram. Para iniciarmos a nossa discussão sobre esse tema tão complexo, apresentaremos uma breve introdução do percurso linguagem e identidade, para que seja possível compreendermos que a temática da identidade já se fazia presente muito antes do período denominado de modernidade tardia ou pós-modernidade, ou seja, já é um tópico que recebia atenção, mas, obviamente, desvinculada da identidade de um sujeito individual ou coletivo, como é estudada pelos Estudos Culturais, Sociologia, Psicanálise e outros campos. Assim, "há cerca de dois mil e quinhentos anos, portanto – que pensamos a relação entre linguagem e identidade. E ainda hoje essa relação nos faz pensar" (GONDAR, 2002, p. 107).

Com o mesmo olhar de Gondar, Medeiros (2008, p. 28) assinala, ou melhor, questiona se o filósofo Sócrates, com o enunciado "Conhece-te a ti mesmo", não estaria intuitiva e introspectivamente envolvido com a identidade. Além de Sócrates, Medeiros chama atenção ao fato de que Sigmund Freud também tinha interesse pelo tema, mas mais voltado à

identificação, "categoria através da qual a criança vem a assimilar ou introjetar pessoas ou objetos externos, geralmente o superego de um dos genitores" (MEDEIROS, 2008, p. 28). Para Medeiros, a paternidade da noção de identidade e seu trato científico se devem ao psicanalista alemão Erik Erikson, a partir da sua obra *Infância e Sociedade*, publicada nos Estados Unidos, em 1950.

Gondar aponta que, se hoje, em fins do século XX e início do XXI, muitas pesquisas têm se dedicado ao estudo da identidade é pelo fato de que o problema não está resolvido ou que continua atual. Gondar explica que, em Aristóteles[16], esse problema ganhou uma formulação lógica, a partir do princípio de não-contradição, abordado da seguinte forma: "É claro que é impossível que o mesmo homem admita simultaneamente que o mesmo é e não é" (ARISTÓTELES apud GONDAR, 2002, p.108). Para Gondar, há uma relação entre o domínio ontológico e o domínio linguístico, e essa relação é sustentada pela identidade, mas não a identidade de um sujeito (individual ou coletivo), pois era uma categoria inexistente como já mencionamos, mas sim da identidade ou essência das coisas.

Na perspectiva aristotélica, a mente humana era dotada de representações da identidade das coisas, ou seja, dos conceitos, e a linguagem teria a função de significá-los. No entanto, Aristóteles percebe que a linguagem, tomada como um conjunto de símbolos, é equivocada. Para que ela possa desempenhar a função de significar os conceitos era necessário fixar um sentido único às palavras. Dessa forma, "a relação entre linguagem e identidade é, assim, uma relação de adequação: à identidade do conceito deve corresponder o sentido único da palavra que o expressa" (GONDAR, 2002, p. 108). Esse princípio de não-contradição, sustentado por uma visão mentalista ou essencialista, obteve respaldo até a modernidade.

Gondar (2002, p.108) sublinha que do período aristotélico aos nossos dias houve e há uma busca incessante em responder aos problemas da linguagem e também da identidade, passando de uma visão essencialista à filosofia da linguagem de cunho pragmatista, em que a identidade depende do uso que se faz das palavras em um contexto determinado. Tal visão transcende a fixidez do significado.

No entanto, filósofos da diferença, como Deleuze, Derrida e Foucault, criticam os preceitos da filosofia da linguagem, já que esses autores refletem sobre a linguagem e a identidade como produções articuladas ao desejo e aos jogos do poder. Outras discussões

[16] Os gregos discutiram questões como, por exemplo, a relação entre as palavras e as coisas que elas designam: alguns viam nas palavras a imagem exata do mundo, outros, vendo-as como criações arbitrárias dos seres humanos, consideravam-nas incapazes de refletir, de modo perfeito, a realidade. O vocábulo *lápis*, por exemplo, deveria ser visto como apresentando uma relação natural com o objeto que ela designa ou como uma mera invenção humana, utilizada para designar arbitrariamente esse objeto? (MARTELOTTA, Mario E (org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2009.

sobre linguagem e identidade advêm das Ciências Sociais e Humanas, propiciando uma coexistência de diferentes abordagens sobre o tema. A partir dessas observações, que tecem a problemática relação linguagem/identidade, daremos início, sob o viés dos Estudos Culturais, ao debate sobre identidade.

Como a ideia de crise de identidade está muito difundida, Hall (2006, p. 9) afirma que alguns autores creem que as identidades modernas estão entrando em colapso. No entanto, para esse autor, o que ocorre é que está havendo uma mudança estrutural que está transformando as sociedades modernas no fim do século XX. Na mesma linha de Hall (2006), Duarte e Medeiros (2004) afirmam que esta "crise de identidade" vivida pelas sociedades atuais "viria rechaçar as velhas identidades, sólidas estruturas de estabilização do mundo social, substituindo-as por novas formas identitárias, fragmentando assim o indivíduo moderno até então percebido como um ente coeso e unificado" (p.13). Um evento que fortemente marcou o povo norte-americano, com repercussão em todas as instâncias em nível mundial, o 11 de setembro de 2001, trouxe uma mudança estrutural, uma vez que desestabilizou o mundo social. Duarte e Medeiros entendem que:

> A temática identidade nunca esteve tão recorrente quanto nos tempos atuais. Os eventos ocorridos nos Estados Unidos e em outras partes do mundo após os atentados de setembro de 2001 acabaram por provocar uma reestruturação abrupta da arquitetura geopolítica do mundo, e parece ter amplificado a discussão em torno do assunto. A identidade viu-se, neste contexto, objeto de instrumentalização para a ação política e ideológica de salvaguarda de toda uma estrutura civilizacional: proteção dos valores ocidentais face ao terrorismo vindo do mundo islâmico (DUARTE; MEDEIROS, 2004, p. 13).

Ainda com relação à crise de identidade, se ela tem sido protagonista em diferentes espaços de discussão, tanto na mídia como no meio acadêmico, essas discussões criam nos sujeitos a ideia de que o hoje está marcado pela crise. Entretanto, esse posicionamento é alvo de críticas, como enfatizam Duarte e Medeiros, apontando que "há estudiosos que defendem a ideia segundo a qual as crises sempre existiram e que os indivíduos e as sociedades estiveram constantemente ao longo do desenvolvimento do mundo às voltas com mudança mais ou menos forte" (p. 13). [17]

[17] Os filmes épicos também contribuem com essa perspectiva. Podemos citar os filmes *300* e *Coração Valente.* O primeiro narra a luta entre os espartanos e persas, e o segundo traz a luta dos escoceses para se libertarem do poder da Inglaterra. Além desses filmes, há inúmeros filmes que têm discutido a identidade. Podemos citar também *Território Restrito* (imigrantes ilegais nos EUA), *Minha vida sem minhas mães* (finlandês, aborda a crise de língua), *Espanglês* e *Sob a mesma lua.*

Esses estudiosos, apontados pelos autores em questão, sublinham que a mudança reside na compreensão que teríamos acerca da identidade, já que antes era tomada como "uma abstração monolítica, perene e imutável" (p. 14) e hoje interpretada como "entidade relativa, móvel, conflitiva, sujeita a metamorfoses permanentes" (p. 14). Dessa forma, o que mais sofreu mudanças foi o olhar empreendido ao fenômeno identidade.

Com o intuito de melhor compreender essas mudanças e essa "mexida" nas identidades pessoais, Hall nos apresenta três concepções diferentes de identidade, ou melhor, três momentos da identidade. Hall (2006, p. 10) traz três definições de identidade ancoradas nos seguintes sujeitos: *sujeito do Iluminismo, sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno,* que serão descritas abaixo.

O sujeito do Iluminismo se sustentava numa ideia de unicidade, não sofria transformação, era imóvel e fixo. O autor afirma que esse sujeito era "totalmente centrado, unificado, dotado de capacidades de razão, de consciência, de ação" (Ibid., p. 10) e se desenvolvia mantendo-se sempre o mesmo no decorrer de sua existência. Esse autor caracteriza essa visão como "individualista" do sujeito e da sua identidade. A concepção apresentada é bastante essencialista[18], já que "presume-se que a identidade seja fixada no nascimento, seja parte da natureza, impressa através do parentesco e da linhagem dos genes" (HALL, 2003, p. 28).

A segunda concepção ainda mantém traços da aparente unicidade da identidade do sujeito. Temos o sujeito sociológico. Esse sujeito "refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas era formado na relação com outras pessoas importantes para ele" (Ibid., p. 11). Percebemos que esse sujeito ainda tem o eu interior, essência que vai mudando e se constituindo por meio da relação com mundos culturais exteriores e com outras identidades que se apresentam. Sendo assim, a identidade, na perspectiva sociológica, transita entre o mundo pessoal e o mundo público. Hall explica que, ao projetarmos a nós próprios nas identidades culturais, internalizarmos seus significados e valores, tornando-os parte de nós, faz com que alinhemos nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. Dessa forma, a identidade costura, cola o sujeito à estrutura. Aqui,

[18] Um exemplo dessa visão essencialista está contido no ideário nazista, pois o ditador alemão, Adolf Hitler, "prega a necessidade de zelar pela pureza racial e procura sustentar o seu raciocínio com argumentos acerca da ordem natural" (RAJAGOPALAN, 2002, p. 82). Parece-nos que situações cotidianas também estão imbuídas dessa visão essencialista, já que é bastante comum explicarmos o fracasso ou o sucesso de um povo pela nacionalidade ou raça. A escravidão também pode ser um esclarecedor exemplo.

fica evidente a estabilização dos sujeitos e dos mundos culturais que eles habitam, havendo uma espécie de reciprocidade do sujeito à estrutura.

A terceira identidade é a do sujeito pós-moderno, que se distancia da noção de unicidade, de imobilidade e de fixidez. Esse sujeito que tinha uma identidade única e estável "está se tornando fragmentado; composto não de única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas" (HALL, 2006, p.12). Essa transformação é o resultado de mudanças estruturais e institucionais e produz o sujeito pós-moderno, que não tem mais uma identidade fixa e permanente. Essa identidade se forma e se transforma de acordo com as necessidades, por isso a identidade é definida historicamente e não biologicamente. Assim, "o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um eu coerente" (Ibid., p.13). Desse modo, o caráter único, imóvel e completo passa a ser uma imaginação, um mundo à parte, um mundo de fantasia.

Podemos afirmar que essa mobilidade da identidade produz discursos diferentes, isto é, o mesmo sujeito se representa com identidades diferentes e dependendo do contexto em que ele precisa se manifestar, assume uma identidade. Portanto, afirmar *Eu sou brasileiro* ou *Eu sou uruguaio* são enunciados que trazem identidades nacionais, ou melhor, certezas de quem sou/é. Contudo, essas certezas aos poucos foram perdendo espaço porque as identidades são constantemente reposicionadas. Durante muito tempo, velhas identidades garantiam a estabilidade do mundo social; no entanto, hoje, elas estão em queda, trazendo "novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado" (Ibid., p.8). Portanto, a identidade é móvel, descentrada, deslocada, fragmentada e está em constante processo de formação.

Devemos ressaltar que essas identidades atreladas a esses sujeitos propostas por Hall não estão compartimentadas, ou seja, na época do Iluminismo só **havia** o sujeito centrado, racional e cartesiano. Podemos afirmar que os três momentos de identidade descritos estão em constante diálogo e presentes nos dias de hoje, ocorrendo sempre um tensionamento entre uma visão essencialista e uma visão não-essencialista. E, atualmente, na modernidade tardia ou pós-modernidade, encontramos esse mesmo sujeito cartesiano ou o sujeito sociológico, por exemplo, nas pesquisas de Sociolinguística Quantitativa, nas quais os sujeitos são categorizados em idade, sexo e grau de escolaridade, para que o pesquisador possa chegar às regularidades linguísticas. Assim, essas concepções de identidade desenvolvidas por Hall coexistem ao mesmo tempo e não podem ser tomadas isoladamente, já que os três momentos de identidade discutidos estão em constante conflito e estão presentes neste século, principalmente, quando pensamos em identidade nacional. Destacamos aqui que, embora a

modernidade empurre os sujeitos para o movimento, eles necessitam, em alguns momentos, de fixidez e estabilidade. Por outro lado, precisam de movimento e instabilidade.

Nessa fragmentação e constante reposicionamento em que vivem os sujeitos, eles estão frequentemente sendo chamados a assumir uma dada identidade, portanto, como já afirmamos, a mobilidade é um aspecto forte na identidade. Hall afirma que:

> as identidades são as posições que o sujeito é obrigado a assumir, embora 'sabendo',(aqui a linguagem da filosofia da consciência acaba por nos trair) sempre, que elas são representações, que a representação é sempre construída ao longo de uma falta, ao longo de uma divisão (HALL, 2000, p. 112).

Na mesma esteira de Hall, Dubar (2009) apresenta dois tipos de posição sobre a noção de identidade. A primeira posição, aliada à visão racionalista discutida por Hall, é denominada de essencialista, a qual "repousa na crença em 'essências', realidades essenciais, substâncias ao mesmo tempo imutáveis e originais" (DUBAR, 2009, p.12). Em oposição à perspectiva essencialista, esse autor traz a segunda posição, a nominalista ou existencialista, que defende que "a identidade não é o que permanece necessariamente idêntico, mas o resultado de uma identificação contingente" (Ibid., p. 13).

Dubar assinala que "o que existe são modos de identificação, variáveis no decorrer da história coletiva e da vida pessoal, destinações a categorias diversas que dependem do contexto" (p. 14). No decorrer do texto, Dubar expressa preocupação em relação à categorização dos sujeitos impressa nos estudos sociológicos. Relata um estudo (p. 19), realizado na França, sobre o funcionamento dos processos de identificação no interior de organizações particulares, de grande empresa. Os pesquisadores, que eram sociólogos, verificaram "uma diversidade de discursos, crenças, práticas por parte dos assalariados, classificados na mesma 'categoria socioprofissional' (p. 19). Esse estudo revela a fragilidade das categorizações e a tentativa desastrosa de suturar o sujeito a uma estrutura ou até mesmo fixá-lo a uma identidade pelo fato de que na sociedade moderna há um pertencimento "múltiplo e cambiante dos indivíduos" (p. 18).

Outro autor que tem se debruçado sobre o tema identidade é o sociólogo polonês Zygmunt Bauman. A partir das discussões propostas por Hall e Dubar, podemos ler ou enxergar Bauman nesses textos, já que podemos articular o sujeito do Iluminismo ou

essencialista àquele que pertence à "fase sólida da modernidade" de Bauman (2005, p. 57) e o sujeito pós-moderno de Hall se engaja "na fase fluida da modernidade" (2000, p. 112).

Ao abordar a questão da identidade, Bauman fala em fluidos, porque as identidades não conseguem manter a forma por muito tempo e, mesmo que sejam postas em um ambiente fechado, seguem mudando de forma. Esse estado de fluidez traz incertezas e uma certa insegurança ao sujeito pós-moderno. Concomitante a essa insegurança, emerge a contradição da identidade, visto que o sujeito anseia "por uma identidade que vem do desejo de segurança, ele próprio um sentimento ambíguo" (Ibid., p. 35). Assim, insegurança e desejo de segurança atravessam o processo identitário.

No decorrer da obra *Identidade* (2005), Bauman apresenta várias metáforas, sendo uma delas a do quebra-cabeça. Ao ser questionado sobre se a identidade pode ser comparada a um quebra-cabeça, ele diz que sim, mas apenas *em parte* (p. 54), porque seria um quebra-cabeça incompleto, no qual faltam peças. No quebra-cabeça, há instruções e o produto final, o resultado. Esses itens não se fazem presentes na constituição de nossa identidade quando vamos compô-la. Resolver um quebra-cabeça comprado é uma tarefa direcionada para um objetivo, pois o resultado já é previsto e cremos que cada peça tem o seu lugar. Com a identidade, temos o trabalho direcionado para os meios. Não se começa pela imagem final, "mas por uma série de peças já obtidas ou que pareçam valer a pena ter e se tenta descobrir como é possível agrupá-las e reagrupá-las para montar imagens (quantas) agradáveis" (p. 55). Bauman, ao trazer as "peças" que podem compor uma(s) identidade(s), mostra que a identidade não é única, não é fixa e que jogamos com ela conforme a necessidade.

Do diálogo entre os autores, podemos ratificar que o aporte teórico trazido por Bauman também vai ao encontro de Hall quando o primeiro expõe que as identidades "flutuam no ar" (p. 19), ou seja, não são fixas. Ele também diz que, se a identidade fosse algo fixo ou coeso, seria um fardo, uma repressão e uma limitação à liberdade de escolha (p. 60).

Bauman (2001, p. 141) traça um paralelo entre modernidade líquida/fluida e modernidade sólida/pesada. Nessa "categorização", o autor joga com os conceitos de eterno e efêmero ao explicar que a modernidade sólida "punha a duração eterna como principal motivo e princípio da ação, já a modernidade "`fluida´ não tem a função para a duração eterna", o que afeta as identidades dos habitantes da modernidade líquida, por ficarem frágeis e temporárias.

Bauman (2005)[19] vincula a ideia de identidade à noção de pertencimento, uma vez que podemos viver em "comunidades" de vida e de destino. Nas comunidades de vida, "as

[19] Autores da Antropologia clássica também discutem a questão.

pessoas vivem juntas numa ligação absoluta" (p. 17) e nas comunidades de destino os membros são fundidos "unicamente por ideias ou por uma variedade de princípios" (p. 17). O sociólogo explicita que identidade e pertencimento não são sólidos como uma rocha e não são garantidos para toda vida.

Outro sociólogo que tem discutido a temática da identidade é o espanhol Manuel Castells. O estudioso (2008, p. 22) entende a identidade como uma construção social, portanto, também se distancia da visão essencialista e a define, como: "o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual (s) prevalece (m) sobre outras fontes de significado". Assim, na mesma linha dos autores elencados, Castells (2008, p. 24) critica a visão essencialista, pois considera que nenhuma identidade pode constituir-se em uma essência.

Tanto o ponto de vista de Bauman como o de Hall, Dubar e Castells mostram a complexidade da temática identidade. Podemos afirmar que esses autores convergem no aspecto da rejeição à concepção essencialista da identidade e no que diz respeito à fixidez, já que compreendem que a identidade não é algo inato ou biológico e que está em constante processo de construção. No entanto, Bauman e Dubar se parecem mais próximos pelo fato de que apresentam uma ideia maior de racionalidade e de consciência do que Hall. Dubar (p. 14), ao tratar das identidades pessoais, acredita que o sujeito é suscetível a fazer escolhas e pode aceitar ou rejeitar as identidades que lhe são atribuídas.

Nessa mesma perspectiva, ou seja, da escolha consciente, Bauman entende ainda que a identidade e o pertencimento:

> são bastante negociáveis e revogáveis e que **as decisões** que o próprio indivíduo **toma,** os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o pertencimento como para a identidade" (BAUMAN, 2000, p. 17 - grifos nossos).

As reflexões acima discutem a identidade com o olhar voltado ao sujeito. Como este trabalho se centrou na representação da irmandade entre brasileiros e uruguaios, julgamos pertinente destacar que o processo de construção das identidades tem estreita relação com o projeto de construção das nações. Para isso, destacamos o estudioso Benedict Anderson, o qual propõe a noção de "comunidade imaginada" (2008, p. 32).

Com relação à construção da identidade nacional, isso implica dizer que não nascemos brasileiros, uruguaios ou qualquer outra nacionalidade. Essa ideia de nacionalidade faz parte do projeto de construção de uma nação, a qual é definida por Anderson, como "uma comunidade política imaginada", assim como a região também pode ser compreendida como uma comunidade imaginada. O autor justifica o vocábulo *imaginada*, expondo que: "mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão, ou sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles" (2008, p. 32).

Essa noção de comunidade imaginada traz uma ideia de unicidade e homogeneidade, porque mesmo que o indivíduo habite apenas uma parte da nação, ele precisa pertencer à nação inteira, no entanto, esse pertencimento se dá imaginariamente. A perspectiva geral de nação está ligada à noção de que a mesma se forma de uma mesma língua, religião, etnia e território. Atrelada à nação está o nacionalismo, que consiste em um movimento para se chegar a ela.

Desse modo, como o nacionalismo[20] adquiriu espaço? O ápice ou apogeu do nacionalismo foi marcado no século XX, mais precisamente, no fim da Primeira Guerra Mundial (1914/1918). O Tratado de Versalhes, que não foi nada favorável aos alemães, consistia em uma tentativa sistemática de fazer com que as fronteiras do Estado (espaço geográfico) coincidissem com as fronteiras de língua e da nacionalidade. Isso foi em vão, pois devido "à distribuição dos povos, a maioria dos novos Estados que se reergueram das ruínas dos antigos impérios era inteiramente multinacional quanto as velhas 'prisões de nações' que substituíram" (HOBSBAWN, 1990, p. 161). Assim, a consequência de tentar criar um espaço fragmentado em Estados territoriais coerentes, com uma população homogênea, separada étnica e linguisticamente, era a expulsão maciça das pessoas ou o extermínio das minorias (genocídio). No caso da Alemanha, a necessidade de pertencer a uma nação, ou melhor, ser dono de uma nação, leva à pureza étnica, à raça pura e para ter essa pureza é preciso expulsar aqueles que não pertencem a essa "raça pura". Para esse país, o tratado de Versalhes, de certa forma, trouxe um forte nacionalismo para o povo, pois houve uma intensa mobilização de massa tanto dos partidos de esquerda como de direita. Dessa forma, a Alemanha estava em busca de uma identidade que fosse capaz de apagar da memória um passado que deixou a economia alemã em ruínas após a primeira guerra. Rajagolapan pontua que:

[20] Julgamos pertinente trazer a reflexão sobre o nacionalismo pelo fato de que o nosso contexto de pesquisa pode ser interpretado como um espaço de embate entre dois povos e, por mais móvel que a fronteira seja, ela favorece uma luta "nacionalista".

> vale a pena também lembrar que estava surgindo naquele país o movimento nazista, que logo se aproveitou do vazio oferecendo ao povo, em estado de baixa auto-estima, um novo orgulho de ser (ou melhor de querer ser) e, com isso, uma nova identidade. O grande mestre, o arquiteto, dessa nova identidade foi sem dúvida o ditador Adolf Hitler (2002, p. 81).

O nacionalismo no período pós-guerra ganhou outras formas de manifestação, ou seja, foi além da disputa de fronteiras e eleições. A identificação nacional é viabilizada pelos meios de comunicação de massa (imprensa, cinema, rádio). Por esses meios, "as ideologias populistas podiam ser tanto padronizadas, homogeneizadas e transformadas quanto, obviamente, podiam ser exploradas com propósitos deliberados de propaganda por Estados ou interesses privados." (Ibid., p. 170). A grande função desses meios era transformar símbolos nacionais em parte da vida das pessoas, por exemplo, a família real britânica virou símbolo nacional. O esporte, no período entre as guerras, era uma disputa de pessoas/times representando nações, o que significava uma luta nacional, por isso foi (e ainda é) importante para reacender o espírito nacional.

Rajagopalan (2002, p. 80) destaca que o nacionalismo que mais vigorou na Europa pode ser caracterizado como um nacionalismo romântico. Esse tipo de nacionalismo é repleto de boa dose de saudosismo histórico, "que faz com que as pessoas se transportem simbolicamente para um passado glorioso que já não existe mais, ou melhor dizendo, existiu somente no imaginário coletivo".(Ibid.)

As reflexões sobre o nacionalismo nos autorizam a associar nossa pesquisa a esse nacionalismo romântico, já que a cidade de Jaguarão, que se situa geograficamente no lado brasileiro, também vivencia um pouco do saudosismo histórico, ao reter na memória dos moradores da cidade, um passado tomado de glórias, pois de acordo com a história, os portugueses expulsaram os espanhóis e conseguiram se apropriar da cidade, conferindo à população uma identidade nacional, a brasileira.

Juntamente com Anderson, os estudiosos da identidade já abordados, Bauman (2005) e Hall (2000, 2006), também entendem que a construção da nação trouxe essa ideia de pertencimento e, assim, pertencer a alguma nação ou ser de alguma etnia confere ao sujeito uma identidade. Hall (2006, p. 47), ao tratar das identidades culturais, detém-se mais na identidade nacional. Ele diz que as pessoas, ao se identificarem, ao dizer sou *inglês*, fazem esse uso metaforicamente, porque "essas identidades não estão literalmente expressas em nossos genes". No entanto, nós as compreendemos como parte de nossa natureza essencial. Hall entende que essas identidades nacionais são formadas e transformadas no interior da

representação. Desse modo*,* só é possível saber o que é ser "inglês" por causa da maneira que a "inglesidade" foi representada, como um conjunto de significados da cultura inglesa. Para o autor em questão, a nação "não é apenas uma identidade política, mas algo que produz sentidos - um sistema de representação cultural" (Ibid., p. 49). Sendo assim, as pessoas não são somente membros de uma nação, mas "participam da *ideia* de nação tal como é representada em sua cultura nacional" (Ibid.). Por isso, elas precisam dizer que têm uma nacionalidade e fazer parte de uma nação, pertencer a uma nação confere a elas uma sensação de lealdade, segurança e, como já foi dito, confere uma identidade.

Ao tratar da identidade nacional, Bauman assinala que ela difere-se de outras identidades pelo fato de que exigia fidelidade exclusiva, "a identidade nacional não reconhecia competidores, muito menos opositores" (2005, p. 28). O autor recorre à história para explicar que a identidade nacional foi cuidadosamente construída pelo Estado e por suas forças com o objetivo de traçar a fronteira entre "nós" e "eles." Assim, "ser indivíduo de um Estado era a única característica confirmada pelas autoridades nas carteiras de identidade e passaportes" (p. 28). O rigor imposto pelo Estado para que os sujeitos tivessem uma identidade nacional objetivava construir e manter a nação. Bauman reforça a ideia de nação construída ao dizer que:

> a naturalidade do pressuposto de que ´pertencer-por-nascimento` significava automaticamente e inequivocamente, pertencer a uma nação foi uma convenção arduamente construída – a aparência de 'naturalidade' era tudo, menos 'natural` (p. 29).

No entanto, as discussões sobre identidade atravessam o oceano, e encontramos brasileiros, como o sociólogo e antropólogo Renato Ortiz[21] e o antropólogo Ruben Oliven, estudiosos da identidade nacional brasileira. Ambos se empenham em compreender a identidade nacional e regional, pelo viés cultural e não biológico e, do mesmo modo que os autores estrangeiros, Ortiz e Oliven rechaçam a concepção de identidade essencializada. O primeiro autor, ao tratar da identidade nacional, discute a questão da construção da identidade brasileira. Traz o mito das três raças, o qual afirma que o brasileiro, após a Abolição da Escravatura, é interpretado como produto da mestiçagem de três raças: a branca, a negra e a

[21] O livro aqui consultado se chama **Cultura brasileira e identidade nacional.** São Paulo: Brasiliense, 2006.

índia (p. 38). Tal pensamento predominou até o fim do século XIX, e Ortiz assume um posicionamento contrário a esse mito, porque:

> a construção de uma identidade nacional mestiça deixa ainda mais difícil o discernimento entre as fronteiras de cor. Ao se promover o samba ao título de nacional, o que ele efetivamente é hoje, esvazia-se a sua especificidade de origem, que era ser uma música negra (ORTIZ, 2006, p. 43).

Com as transformações na sociedade no século XX, essencialmente com a revolução de 30, esse mito das três raças, sustentado por teorias raciológicas, se torna ultrapassado e obsoleto. No entendimento de Ortiz (p. 40), a obra *Casa Grande e Senzala,* de Gylberto Freire, atende à demanda social, ou seja, responde às transformações sociais por que passou a sociedade brasileira no século XX. Assim, a interpretação da realidade brasileira passa do nível racial ou biológico para o cultural. Ortiz pontua que:

> A passagem do conceito de raça para o de cultura elimina uma série de dificuldades colocadas anteriormente a respeito da herança atávica do mestiço. Ela permite ainda um maior distanciamento entre o biológico e o social, o que possibilita uma análise mais rica da sociedade (2006, p. 43).

Como os autores estrangeiros abordados, Ortiz problematiza a temática da identidade e reitera que ela é "uma entidade abstrata e como tal não pode ser apreendida em sua essência" (2006, p. 138). Ao tentar descrever os percursos vivenciados pela identidade brasileira, retratados por intelectuais[22], Ortiz corrobora a concepção da identidade como construção social e de que a mesma apresenta estreita relação com condições sócio-históricas determinadas. Essa assertiva pode ser evidenciada quando a figura do mestiço adquire um *status* positivo, a partir dos anos 1930, em que "qualidades como preguiça, indolência, consideradas como inerentes à raça mestiça são substituídas pela ideologia do trabalho" (p. 42). Pelo viés de outros autores contemplados, na perspectiva de Ortiz, se a identidade fosse biológica, seria fixa e não passaria por transformações.

[22] Sergio B. de Holanda buscou as raízes do brasileiro na "cordialidade", Paulo Prado na tristeza, Cassiano Ricardo na bondade; outros escritores procuraram encontrar a brasilidade em eventos sociais como o carnaval ou ainda na índole malandra do ser nacional escritores. (ORTIZ, 1985, p. 137).

A discussão da identidade nacional também pode ser visitada nos estudos do já citado Oliven[23] (2006), ao se dedicar ao estudo da identidade gaúcha. No capítulo II dessa obra, o autor exibe um levantamento das tentativas de representação da brasilidade desde a República Velha, afirmando que a discussão da nacionalidade passa a ter relevância "provavelmente em decorrência das transformações sociais que estavam ocorrendo" (p. 40), uma vez que, nesse período, há uma tendência acentuada em pensar a organização da sociedade e do Estado no Brasil e de dar atenção à temática da nacionalidade e da região. A discussão proposta por Oliven no entorno da construção da identidade brasileira vai desde a República Velha até a o período de abertura política.

É exatamente nesse período da abertura política ou redemocratização que a cultura passa a ter maior visibilidade no Brasil. O país, a partir do processo de redemocratização, foi marcado por um forte período de "constituição de novos atores políticos e a construção de novas identidades sociais" (OLIVEN, 2006, p. 57). O autor menciona que essas identidades sociais incluem a identidade etária, a identidade de gênero, as identidades religiosas, as identidades regionais, as identidades étnicas e outras. Como Oliven centra seus estudos mais na identidade regional, especificamente na identidade gaúcha, ele entende que a afirmação das identidades regionais funciona como espécie de reação à homogeneização cultural e também como uma forma de ressaltar diferenças culturais.

O estudo e a pesquisa dos pressupostos dos autores estrangeiros e nacionais se justificam pelo fato de que, neste trabalho, também adotamos a perspectiva da identidade como construção sócio-histórica. Um exemplo que pode contribuir com a afirmação da nossa posição é em relação ao processo migratório da metade norte do Rio Grande do Sul. A forte presença de imigrantes poloneses no Rio Grande do Sul, oriundos da região ocupada pela Prússia e chegados, na segunda metade do século XIX, redesenhou um novo cenário na história do norte do Estado, que também contou com a presença de imigrantes italianos e alemães. Ressaltamos que antes da chegada dos imigrantes, a cidade de Erechim, por exemplo, teve a presença de índios *caingangues* e de negros oriundos de quilombos.

Wenczenovicz (2010, p. 36) explicita que os imigrantes poloneses, em sua maioria, eram camponeses pobres e sem bens imóveis na terra natal. A viagem rumo à nova propriedade era considerada difícil dada a dificuldade no transporte e a situação geográfica diferente da Polônia. Além dessas dificuldades e da acomodação provisória até a instalação

[23] OLIVEN, R.G. **A parte e o todo – a diversidade cultural no Brasil-nação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

nos seus lotes, em condições quentes e sem ventilação, o desconforto e a insegurança se faziam presentes.

Apesar das dificuldades enfrentadas por esses imigrantes, os municípios gaúchos, com descendência polonesa, apresentam excelentes índices de desenvolvimento, ratificando que a metade norte sul-rio-grandense há bastante tempo, mesmo sendo mais nova, tem se mostrado mais desenvolvida do que a metade sul[24], que foi colonizada por outros povos. Mesmo assim, esse relato do livro de Wenczenovicz sobre a colonização polonesa nos revela que não é a cor (branca) ou a etnia (polonesa) que determinaram a prosperidade desse povo, mas um processo histórico-social a que esses sujeitos foram submetidos, o que os impulsionou a sobreviver, pois se não trabalhassem nas lavouras, não teriam o que comer; se não desmatassem árvores e construíssem suas casas, morreriam de frio. Sendo assim, justificar o fracasso ou o sucesso de um povo é independente dos genes impressos, mas altamente dependente das condições sócio-históricas.

O mesmo olhar pode ser dedicado à cidade de Jaguarão/RS, onde moram os sujeitos desta pesquisa. Como já foi abordado na seção responsável pela contextualização da pesquisa, a cidade de Jaguarão foi palco de violência entre espanhóis e portugueses e, na mesma lógica escravagista do Brasil, de Rio Grande/Pelotas, cidades do sul do RS, também teve a presença de escravos. O município de Jaguarão ocupa um dos piores índices de desenvolvimento[25] do RS e sofreu perda populacional nos últimos anos. Assim, esses problemas que assolam a região podem ser justificados pelas "raças" que ali viveram ou por fortes questões históricas e sociais que se instalaram, deixando rastros de miséria e de pobreza?

Desse modo, reiteramos nossa postura teórica no que tange à identidade de modo a concebê-la como construção social, portanto, destacamos que a mesma pode ser forjada, assim como a ideia de nação.[26] A leitura desses diferentes autores nos permite afirmar que a identidade, além de ser construída no social, é construída no discurso e pelo discurso. Diferentes momentos da história constroem as representações e as mesmas só ganham sentido quando encarnadas no dia a dia dos atores sociais.

---

[24] Martins (2002) apresenta uma comparação entre a metade sul e a metade norte.

[25] A perda populacional pode ser visualizada em: www.ibge.gov.br. Com o objetivo de tentar amenizar a problemática do desenvolvimento, a UNIPAMPA (Universidade Federal do Pampa) e a Prefeitura Municipal de Jaguarão têm feito projetos com o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) de investimento no patrimônio histórico-cultural da cidade. Recentemente, o IPHAN realizou um inventário e catalogou oitocentos imóveis para tombamento no município. Fonte: Jornal Diário Popular, de 24/01/2011.

[26] A ideia de nação como construção está muito bem debatida em Anderson, na obra *Comunidades Imaginadas* (2008).

3.2 IDENTIDADE E DIFERENÇA

Os autores trazidos para a discussão nesta pesquisa, ao empreenderem esforços para "traduzirem" a identidade, trazem junto a discussão acerca da diferença, já que ambas são inseparáveis e se encontram em relação de dependência.

Dubar, ao afirmar que não existe identidade sem alteridade, pensa na identidade como produto ou resultado de uma "identificação contingente." Como já foi elencado na seção anterior, explica que:

> a identidade é o resultado de uma dupla operação linguageira: diferenciação e generalização. Assim, essa diferenciação define a diferença, o que constitui a singularidade de alguma coisa ou de alguém relativamente a alguém ou a alguma coisa diferente: a identidade é a diferença (DUBAR, 2009, p. 13).

Woodward (2000, p. 9) afirma que a identidade é marcada pela diferença, e a diferença é sustentada pela exclusão. Quando o sujeito assume uma identidade, por exemplo, a identidade nacional, ele afirma *sou brasileiro,* está embutida nesse enunciado a afirmação de que não é uruguaio ou norte-americano. Existe uma relação de dependência entre identidade e diferença, e elas pertencem ao mundo cultural e social, portanto, são criações sociais e culturais fabricadas por nós. Hall (2000, p. 110) sustenta que as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela; e essa relação se dá somente por meio da relação com o outro.

Silva (2000, p. 76) explica que identidade e diferença resultam de atos de *criação linguística*. O autor cita como exemplo o fato da identidade brasileira, que é uma criação, uma invenção de inúmeros e complexos atos linguísticos que a fazem diferente de outras identidades nacionais. Então, afirmar *sou brasileira* não é somente uma constatação, ou seja, é uma demonstração de que não sou italiana, paraguaia ou uruguaia. Essa demonstração carrega "o traço do outro", quer dizer, não pertencer à outra etnia.

Devemos ressaltar que identidade e diferença não são simplesmente definidas. Essas categorias são impostas, pois por trás dessa categorização há uma relação de poder pautada em uma disputa. Essa disputa de identidade tem uma dimensão maior que é a disputa por recursos simbólicos e materiais da sociedade. Qual é o objetivo de afirmar uma identidade? Isso significa traduzir o "desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais" (SILVA, 2000, p. 81). Assim, há um forte

vínculo da identidade com as relações mais amplas de poder, pois, quando existe a necessidade de afirmação de uma determinada identidade, o poder está presente. Silva aponta que existem várias marcas que mostram a presença do poder: "incluir/excluir (estes pertencem, aqueles não); demarcar fronteiras (nós e eles); classificar (bons e maus); normalizar (nós somos normais; eles são anormais)" (p. 81-82). O autor destaca que nessas dicotomias estão presentes o *incluir* e o *excluir*.

Como mencionamos, identidade e diferença estão imbricadas nos sistemas de poder e essa forte ligação se dá por meio da *representação.* De acordo com a teoria cultural recente, a identidade e a diferença são ligadas a sistemas de significação, de representação. A representação aqui concebida numa perspectiva pós-estruturalista recusa "quaisquer conotações mentalistas ou qualquer associação com uma suposta interioridade psicológica" (HALL, 2006, p. 90). A visão pós-estruturalista vê a representação na dimensão do significante, como um sistema de signos, como marca material exterior e visível. O autor exemplifica a representação por meio do filme, pintura, expressão oral.

Outra característica da representação é que ela é uma forma de *atribuição de sentido.* Nesse aspecto é que ela se vincula à identidade e à diferença pelo fato de que ao representar, ao explicitar "essa é identidade", "a identidade é isso" (SILVA, 2000, p. 91) é que essas categorias passam a existir, já que foi atribuído a elas um sentido. Por meio da representação, a identidade e a diferença se associam a sistemas de poder, pois "quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade" (p. 91). Por isso, a afirmação de uma identidade não é nada inocente e nas entrelinhas de uma simples caracterização de um grupo reforçamos algo e não somente descrevemos como determinado grupo é fisicamente.

Silva (2000, p. 92) entende que, em sentido geral, a diferença é vista como produto que deriva da identidade, o que, por esse viés, acaba por considerar a identidade como a referência, como "[…] o ponto original relativamente ao qual se define a diferença. Isto reflete a tendência a tomar aquilo que somos como sendo a norma pela qual descrevemos ou avaliamos aquilo que não somos (p. 75-76)". Porém, o autor, em seus estudos, tem se preocupado em pontuar que o mecanismo é inverso, quer dizer, que é a diferença que está em primeiro lugar, uma vez que ela deve ser encarada tanto quanto a identidade como o resultado de um processo de produção e de criação linguística.

Para Silva, identidade e diferença são criações, pois:

> [...] não são 'elementos' da natureza, que não são essências, que não são coisas que estejam simplesmente aí, à espera de serem reveladas ou descobertas, respeitadas ou toleradas. A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcedental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. (SILVA, 2000, p. 76).

Desse modo, as observações de Silva equiparam a noção de identidade à noção de diferença, pois ambas ocupam o mesmo espaço no campo da representação, que é definida pelo autor como atribuição de sentido, em uma perspectiva pós-estruturalista (2000, p. 91). Ressaltamos que, neste trabalho, conceberemos a representação como forma de atribuição de sentido, rejeitando a concepção de que a linguagem é um sistema que simplesmente descreve "as coisas" do mundo. A perspectiva pós-estruturalista, descrita por Silva (p. 91), admite que a representação é dotada de indeterminação, ambiguidade e instabilidade, que são atributos da linguagem. Assim, a representação:

> Não aloja a presença do real ou do significado. A representação não é simplesmente um meio transparente de expressão de algum suposto referente. Em vez disso, a representação é como qualquer sistema de significação, uma forma de atribuição de sentido. (SILVA, 2000, p. 91).

Na obra *Identidade e diferença*, Silva (p. 93) cita o exemplo da palavra racista *negrão*. Aqui, utilizaremos a palavra também pejorativa *castilhano*. Se a utilizarmos, essencialmente na região fronteiriça em estudo, nos referindo ao uruguaio, morador da cidade de Rio Branco, não estamos somente descrevendo esse sujeito nos seus aspectos físicos, estamos inserindo-o em um sistema linguístico mais amplo que pode reforçar a negatividade conferida à identidade "castilhana"[27].

Esses aspectos da identidade e diferença sinalizam que elas são criações culturais e sociais, ou seja, não nascem com o homem, ao contrário, são produto da criação humana, são impostas e se inserem nas relações de poder. Sendo assim, a marcação da diferença é fundamental no processo de construção das posições de identidade.

Em diversas situações do cotidiano, os sujeitos precisam demarcar seus espaços, seja de natureza étnica, de gênero ou profissional. Ao demarcar ou delimitar seu espaço, seu lugar

[27] Não encontramos este termo no dicionário. A mudança fonético-fonológica pode ser analisada em termos de significação, pois o termo passa a adquirir contornos pejorativos.

de movimento, esses sujeitos marcam a diferença em relação ao outro que, muitas vezes, pode significar uma ameaça. Como neste trabalho focamos nosso olhar para o encontro e desencontro de culturas, entendemos que esse (des)encontro propicia intercâmbios e misturas mais diversificadas que, por conferirem aos atores sociais uma identidade mestiça, os fazem exaltar a diferença. Canclini afirma que:

> por exemplo gente que é brasileira por nacionalidade, portuguesa pela língua, russa ou japonesa pela origem, e católica ou afro-americana pela religião. Essa variabilidade de regimes de pertença desafia mais uma vez o pensamento binário a qualquer tentativa de ordenar o mundo em identidades puras e oposições simples. É necessário registrar aquilo que, nos entrecruzamentos, permanece diferente. (CANCLINI, 2008, p. XXXIII).

Tanto na seção que versou sobre a identidade como no tópico que discorremos acima atinente à imbricação identidade/diferença, os autores pesquisados e os conceitos desenvolvidos explicitam que a identidade, conceito complexo e que comporta muitas faces, se caracteriza pela mobilidade e pela hibridez. Como a identidade é objeto de estudos de diferentes campos do saber, apresentaremos trajetória dos Estudos Culturais, que é uma área que tem debatido o tema em questão.

3.3 OS ESTUDOS CULTURAIS – UM BREVE PANORAMA

> *No final das contas, os estudos culturais não emergiram em algum lugar naquele momento em que conheci Raymond Williams, ou na troca de olhares entre eu e Richard Hoggart? Os estudos culturais teriam nascido nesse momento, saindo prontos da nossa cabeça, já em estado adulto!*
>
> (Stuart Hall, 2003)

Como já foi apontado no item *Primeiras Palavras*, a introdução, a delimitação do campo teórico para me movimentar nesta tese não consistiu em uma escolha fácil por pertencer a um programa de pós-graduação em Linguística Aplicada, que vejo como um campo ainda arraigado na Linguística Teórica e um campo que tem conversado de forma bastante incipiente com outras áreas. Apesar dessas dificuldades, optamos por dialogar com

outras áreas, uma vez que diálogo pode ser tomado como o fio condutor deste trabalho. Assim, optamos por discorrer acerca dos Estudos Culturais, já que esse campo do saber contribui para esta tese por ter em sua base a interlocução com diferentes áreas do conhecimento, como veremos a seguir.

De acordo com Escotesguy (2006, p. 136), os Estudos Culturais têm origem na Inglaterra, ou seja, foram uma invenção britânica, porém, atualmente, têm ultrapassado fronteiras europeias e norte-americanas, e se estendido à América Latina, Austrália, Canadá, África. A própria autora sublinha que é possível falar de Estudos Culturais da Inglaterra, dos Estados Unidos, da América Latina, salientando que não há um corpo fixo de conceitos que possa ser transposto de um lugar para outro, dada a diversidade dos diferentes contextos nacionais ou regionais.

A estudiosa em questão (2006, p. 137) apresenta uma trajetória dos Estudos Culturais, afirmando que eles devem ser pensados tanto do ponto de vista político, como do ponto de vista teórico. No que tange ao primeiro ponto, a autora assinala que "os Estudos Culturais podem ser vistos como sinônimo de 'correção política', podendo ser identificados como a política cultural dos vários movimentos sociais da época do seu surgimento." Com relação ao segundo ponto de vista, relativo ao teórico, os EC insurgem de uma insatisfação com as limitações de algumas disciplinas, o que os fazem buscar a interdisciplinaridade.

Em 1964, na Universidade de Birmingham, nasce o Centre for Contempory Cultural Studies (CCCS), presidido por Richard Hoggart. Schulman (2006, p. 169) expõe que, em uma fala inaugural, denominada de "Schools of English and Contemporary Society", esse estudioso profere uma crítica[28] à forma como a literatura inglesa vinha sendo trabalhada na Grã-Bretanha e traçou um desenho de uma nova abordagem, com o título provisório de "Literatura e Estudos Culturais Contemporâneos."

Conforme Escotesguy (2006, p. 139), são três textos que estabeleceram as bases dos Estudos Culturais: Richard Hoggart com *The uses of literacy* (1957), Raymond Willians com *Culture e Society* (1958) e E. P. Thompson com *The Making of the english working-class* (1963). Escotesguy explica que, no que diz respeito ao primeiro texto, em parte é autobiográfico e, em parte, consiste na história cultural do meio do século XX. O segundo texto apresenta um histórico do conceito de cultura, culminando com a ideia de que a cultura

[28] A problemática do ensino tanto de Literatura como de Língua Portuguesa também se faz presente no Brasil. Outro ponto crucial do ensino brasileiro é a desarticulação entre língua (gem) e literatura, pois cada vez mais essas disciplinas são separadas e tidas como estanques.

'comum ou ordinária' pode ser entendida como um modo de vida como qualquer outro. O terceiro texto reconstrói uma parte da sociedade inglesa.

Os três textos citados podem ser considerados o "marco"[29] dos Estudos Culturais, e todos inauguram perspectivas em diferentes âmbitos. A contribuição significativa do texto de Hoggart está no fato de que o autor se debruça "sobre materiais culturais, antes desprezados da cultura popular e dos *mass media*" (ESCOTESGUY, 2006, p. 139). Além de desenvolver pesquisa de cunho qualitativo, a relevância de seu trabalho reside no fato de que observa que, no âmbito popular, não é apenas a submissão que reina, mas a resistência também[30]. Embora autores que se dedicam aos EC, como estes que utilizamos aqui, tentem traçar uma cronologia, Hall (2006, p. 188) afirma que a sua origem não é simples. Além disso, esse estudioso explica que parte do trabalho do qual os EC surgira já se encontrava presente em obras de outros autores. Hall (2000, p. 125) avalia que esses três textos como seminais e em formação "não eram, em caso algum, 'livros-textos' para a fundação de uma nova sub-disciplina acadêmica."

O segundo texto, de autoria de Williams, é peça chave. Nesse texto, o autor sublinha que a cultura, que é uma categoria, une tanto a análise literária quanto a investigação de cunho social. O autor desloca o conceito de cultura, uma vez que passa de um conceito lítero-moral para um conceito antropológico, entendendo-a como uma prática cultural (ESCOTESGUY, 2006, p. 140). A ideia de cultura trazida por Willians também se faz presente em obras, como a *A invenção do cotidiano*, do sociólogo francês, Michel de Certeau.

Retomando os textos que "fundam" os Estudos Culturais, o último texto, assinado por Thompson, exerce influência na história social britânica pelo viés da tradição marxista. Para Williams e para Thompson, "a cultura era uma rede de práticas e relações que constituíam a vida cotidiana dentro da qual o papel do indivíduo estava em primeiro plano" (ESCOTESGUY, 2006, p. 141). No entanto, Thompson entendia que a cultura consistia em uma luta entre modos de vida diferentes e não como uma forma de vida global.

Os três textos, escritos no final dos anos 1950 e início dos anos 1960, ainda bastante concentrados na escola de Birmingham, marcam a primeira fase dos EC. Nesta primeira

---

[29] O mito de origem dos estudos Culturais está expresso na apresentação da obra *Da Diáspora*-identidades e mediações culturais. Nesse texto, o autor menciona a recusa de Hall à autoridade de pai dos EC.

[30] O senso comum tem apontado que o consumidor é vítima da mídia e da globalização, no entanto a pesquisa de Michel de Certeau questiona se realmente o consumidor está entregue à "passividade e à disciplina" (p. 37). Para ilustrar essa assertiva, o autor relata a questão dos colonizadores espanhóis sobre os indígenas que, "submetidos e mesmo consentindo a dominação, faziam das ações rituais, representações ou leis que lhes eram impostas outra coisa que não aquela que o colonizador julgava obter por elas." Dessa forma, os índios subvertiam as ações impostas. O mesmo acontece conosco, consumidores de plantão. Que uso que os meios populares fazem das culturas difundidas e impostas pelas elites produtoras de linguagem?

etapa, “a pesquisa estava delimitada, principalmente, nas seguintes áreas: as subculturas, as condutas desviantes, as sociabilidades operárias, a escola, a música e a linguagem” (ESCOTESGUY, p. 146). Esses textos tinham uma preocupação em comum, que consistia na ênfase à condição social e cultural da classe operária, e os autores manifestam essa preocupação quando tentam redefinir concepções elitistas e tradicionais de educação e definem uma cultura comum. Essa cultura comum seria “suficientemente ampla para incluir a cultura popular ou a cultura mediada pelos meios de comunicação de massa” (SCHULMAN, 2006, p. 178).

Estudiosos que têm se debruçado nos EC sublinham que os mesmos tiveram outras fases, além da primeira abordada no parágrafo anterior. Tais fases, que foram mudando paulatinamente, são marcadas por diferenças de natureza epistemológica e, até mesmo, metodológica. Para esses estudiosos, o primeiro período dos EC é alinhado ao marxismo concebido desde o início dos anos 1960.[31] A cultura popular era interpretada pelo viés do marxismo, uma vez que era vista como um reflexo da luta implícita da classe operária por sua autoexpressão.

Além dos três autores mencionados, temos a contribuição do jamaicano Stuart Hall, no CCCS. Ao substituir Hoggart, sua contribuição foi extremamente significativa para o recrudescimento das pesquisas na área. Nos anos 1970, sob a direção de Hall, o foco do Centro passa por modificações, pois, segundo Schulman (2006, p. 178), “os textos da mídia eram vistos como exemplos de como a ideologia continha as ideias dos grupos dominantes da sociedade.”

Em seu artigo intitulado *Estudos Culturais e seu legado teórico*, Hall (2003, p. 188) aponta que os Estudos Culturais são uma formação discursiva no sentido foucaultiano do termo e abarcam discursos múltiplos, bem como numerosas histórias distintas. No que diz respeito à trajetória dos EC, Hall explicita que houve uma diversidade de trajetórias revestidas de diferentes percursos que foram construídos por diferentes metodologias e posicionamentos teóricos, que estão todos em contenção uns com os outros. Essa diversidade de posicionamentos trouxe, de certa forma, críticas que sinalizavam uma fragilidade teórica. Hall alerta que, apesar do projeto dos estudos culturais se caracterizar pela abertura, não se pode reduzi-lo a um pluralismo simplista.

Outra preocupação que Hall traz em seu texto diz respeito ao encaixe perfeito entre EC e marxismo. Esse estudioso assinala que tanto ele como os EC sofreram desde o início

[31] Tal proposição será refutada por Stuart Hall, conforme veremos posteriormente.

influência de questões que o marxismo, como projeto político, discutiu. Dentre essas questões, o autor destaca (p. 191) o poder, a extensão global e as capacidades de realização histórica do capital; a questão de classe social; os relacionamentos complexos entre o poder e a exploração. Contudo, o vazio deixado pelo marxismo na análise da cultura, da ideologia, da linguagem e do simbólico, que são objetos privilegiados nos EC, resulta nesse afastamento entre as duas correntes.

Hall discute ainda o diálogo que os EC travaram com Gramsci, pois foi por meio do pensamento desse autor que foi possível buscar uma prática institucional nos estudos culturais. A noção de intelectual orgânico concebida por Gramsci, em certa medida demarcava, o lugar dos estudiosos dos EC, e a exigência de que esse intelectual orgânico trabalhasse concomitantemente em duas frentes aproximava-se da ideia de projeto concebida pelos EC. De um lado, os orgânicos deveriam estar na vanguarda do trabalho teórico intelectual e ter conhecimentos verdadeiros e profundos. Além de ter a facilidade do conhecimento e conhecer bem, cabe ao intelectual orgânico "a responsabilidade da transmissão dessas ideias, desse conhecimento, através da função intelectual, aos que não pertencem, profissionalmente, à classe intelectual" (p. 195).

Hall (2003, p. 198) considera o envolvimento com outros conceitos como um avanço teórico. Ele define como a virada linguística: a descoberta da discursividade e da textualidade. Os progressos teóricos originados do encontro com o trabalho estruturalista, semiótico e pós-estruturalista seriam:

> a importância crucial da linguagem e da metáfora linguística para *qualquer* estudo da cultura; a expansão da noção de texto e textualidade, quer como fonte de significado, quer como aquilo que escapa e adia o significado; o reconhecimento da heterogeneidade e da multiplicidade dos significados, do esforço envolvido no encerramento arbitrário da semiose infinita para além do significado; o reconhecimento da textualidade e do poder cultural, da própria representação, como local de poder e de regulamentação; do simbólico como fonte de identidade. (HALL, 2003, p. 199).

Já que os EC assumem uma postura transdisciplinar, a ideia de significado contida na linguística pós-saussuriana atravessa esse campo de estudos. Em diferentes escritos de Hall, podemos encontrar referências ao filósofo da linguagem, Mikhail Bakhtin. No artigo *Pensando a diáspora–reflexões sobre a terra no exterior* (2003), Hall assinala que a diferença é essencial ao significado, e o significado não pode ser fixado definitivamente (p. 33). Esse

autor também se apropria dos pressupostos de Bakhtin ao afirmar que "a fantasia de um significado final continua assombrada pela falta ou excesso, mas nunca é apreensível na plenitude de sua presença a si mesmo" (Ibid., p. 33). Essas reflexões sinalizam o diálogo que os EC têm estabelecido com outras áreas do conhecimento e, portanto, justificam sua presença neste trabalho, uma vez que, como já aludimos, propomo-nos a ter diferentes áreas do saber como interlocutoras.

Mesmo com a presença do CCCS dentro de uma Universidade, a luta pela interdisciplinaridade empreendida pelos EC foi alvo de muitas críticas e colocada em uma zona marginal. Essa marginalidade se deve a autores como Hoggart, que pretendia se apropriar de métodos e de instrumentos da crítica textual e literária, que eram usados para a análise de obras clássicas e legítimas, para analisar "os produtos da cultura de massa e para o universo das práticas culturais populares" (MATTELART e NEVEU, 2004, p. 56). Esses autores assinalam que sociólogos e teóricos da literatura, isto é, estudiosos que atuavam em diferentes áreas, interpretavam a inserção dos Estudos Culturais de maneira cética e com desconfiança. Esse fato também pode ser observado na Linguística Aplicada, nos dias de hoje, pois, como assinala Fabrício, "aprendemos na cultura a olhar com desconfiança para as misturas, os cruzamentos, as metamorfoses e a diversidade; em razão disso, a pluralidade de referências costuma nos desconcertar" (2006, p. 62).

Como já mencionamos que, por consistir em um campo interdisciplinar, os Estudos Culturais buscam a interação com diferentes disciplinas com o intuito de estudar diferentes aspectos culturais das sociedades. Dentre os aspectos culturais que constituem as comunidades, podemos citar a identidade. Embora de difícil apreensão do seu sentido, como vimos na seção anterior, os diferentes autores contemplados na discussão sugeriram possibilidades para a reflexão dessa temática tão complexa e contraditória, que tem sido protagonista nas diferentes áreas do saber. Além da identidade, *o hibridismo e as trocas culturais* têm proporcionado profícuas discussões entre sociólogos e antropólogos, que se dedicam a compreender de que forma o contato entre culturas pode ser interpretado pelas comunidades envolvidas. A seguir, apresentaremos questões sobre os tópicos em destaque.

3.4 HIBRIDISMO CULTURAL E TROCAS CULTURAIS

> *As discussões sobre hibridização cultural frequentemente falam das tendências gerais e ignoram os indivíduos.*
> (Peter Burke, 2003, p. 97)

No arcabouço teórico que tratou da identidade, juntamente com os autores selecionados, procuramos enfatizar que a identidade é móvel e não-essencializada, portanto, está livre da pureza, o que para nós, sujeitos muitas vezes atravessados pela racionalidade e frutos do Positivismo, não é um lugar confortável e até mesmo de aceitação. Já que a identidade está longe de ser pura, consequentemente, a hibridez é um aspecto que a caracteriza, portanto, merece ser contemplada. Para tanto, proporemos uma discussão sobre o hibridismo e a troca cultural a partir de dois estudiosos: o argentino Nestor García Canclini e o inglês Peter Burke.

Como tantos outros termos (globalização, liquidez), o vocábulo *híbrido* tem circulado na literatura de diferentes campos do saber, fundamentalmente, na década final do século XX. Canclini (2008, p. XIX) questiona se o termo híbrido, inicialmente empregado na biologia, é uma boa ou má palavra pelo fato de que ao transferi-la da biologia às análises socioculturais, ganhou campos de aplicação, mas perdeu univocidade. O autor assinala que a hibridação é utilizada para descrever diferentes processos culturais, como processos interétnicos e de descolonização (Bhabha, Young); globalizadores (Hannerz); viagens e cruzamento de fronteiras (Clifford); fusões artísticas, literárias e comunicacionais (De La Campa; Hall; Martín Barbero; Papastergiadis; Webner). Ressaltamos que essas obras citadas estão referenciadas em Canclini (2008).

Para Canclini (p. XIX), a hibridação consiste nos "processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para **gerar novas estruturas**, objetos e práticas" (grifo nosso). No entanto, a grande contribuição desse autor é a inclusão da ideia da contradição no conceito de hibridação, uma vez que "hibridação não é sinônimo de fusão sem contradições" (p. XVIII). Consideramos uma contribuição significativa, porque, ao situarmos o termo híbrido na esteira sociocultural, aparentemente, parece que há o apagamento do conflito e da tensão. Pelo contrário, a hibridez promove

relações de tensionamento pelo fato de que invalida, ou melhor, refuta a pureza em qualquer instância seja racial, étnica e/ou cultural.

Além de destacarem a contradição que atravessa o hibridismo, os autores estudados pontuam que do hibridismo cultural ou da troca cultural emanam perdas. Burke[32] (2003, p. 18) assinala que "o preço da hibridização, especialmente naquela forma inusitadamente rápida que é característica de nossa época, inclui a perda de tradições regionais e de raízes locais." Desse modo, devido a essa possibilidade constante de perda, a atual era da globalização é marcada por reações nacionalistas ou étnicas, fazendo com que o global fortaleça o local. No caso do Brasil, o regionalismo tanto gaúcho como nordestino, presente nas regiões periféricas brasileiras, mobiliza no imaginário coletivo ações de fortalecimento local, gerando discursos de pobreza e de vitimização na construção da identidade nordestina[33] e, de forma contraproducente, de força e altivez para a identidade gaúcha.

Burke (2003, p. 72) e Canclini (2008, p. 29) afirmam que há dois locais propícios à troca cultural e à hibridez: a metrópole e a fronteira entre países. No que concerne à metrópole, Burke diz que "um local importante de troca é a metrópole, o cruzamento tanto de comércio quanto de cultura, onde pessoas de diferentes origens se encontram e interagem"[34](p. 71). No que tange à fronteira, Canclini expõe que, como as grandes cidades, as fronteiras entre países "são contextos que condicionam os formatos, os estilos e as contradições específicos da hibridação." Devemos ressaltar que as trocas culturais se materializam por meios religiosos ou práticas sociais, como os casamentos entre indivíduos de diferentes etnias ou religião[35].

Como já mencionamos, as regiões de fronteira constituem-se como um espaço fulcral para as trocas culturais que resultam em produções híbridas. Na mesma perspectiva de Canclini, Burke chama atenção acerca da tensão e da contradição que permeiam essas trocas. Ao discuti-las, Burke (p. 77) aponta que elas têm algumas consequências que podem ser traduzidas como estratégias, modelos ou cenários possíveis de reação a importações ou invasões culturais. Essas reações são: aceitação, rejeição, segregação e adaptação.

A aceitação, uma das consequências das trocas culturais, é uma estratégia utilizada por uma sociedade frente a um fenômeno. Burke (p. 78) afirma que a aceitação está bem descrita

---

[32] O autor explica que no âmbito da música, principalmente a popular, os ocidentais têm emprestado de outras culturas, como da dos pigmeus da África Central, fazendo o registro dos direitos autorais dos resultados sem dividir os *royalties* com os músicos originais (p. 18).

[33] A obra *A invenção do Nordeste e outras artes (1999),* de autoria do historiador Durval Albuquerque Jr., discute a construção da identidade nordestina.

[34] Burke cita Nova York, Londres, Lagos, Bombaim e São Paulo como exemplos contemporâneos.

[35] A obra Hibridismo Cultural de Peter Burke apresenta exemplos extremamente significativos de trocas culturais.

por Gilberto Freyre ao dizer que o Brasil vivenciou um processo de *londonização* da cultura no início do século XIX. O exemplo trazido por Freyre trata do vestuário, ou seja, dos ternos europeus que os cariocas da classe alta usavam em um calor de quarenta graus.

Ao lado desse processo de aceitação mais pacífica, Burke (2003, p. 97) atenta que essa troca cultural pode ser marcada por uma aceitação mais harmônica que oculta relações de poder e se faz presente concomitante à desarmonia social. Um exemplo expressivo trazido pelo autor dessa simetria entre "harmonia" cultural e "desarmonia" social é a prática escondida de suas religiões que muçulmanos e judeus faziam, no fim da Idade Média na Espanha, em uma época marcada por massacres a judeus, por conversões forçadas e por inquisidores à caça de não-cristãos.

A resistência, segunda estratégia, é outro ponto que merece reflexão quando tratamos de troca cultural. Burke (2003, p. 80) afirma que a resistência pode ser definida como "a defesa das fronteiras culturais contra a invasão." Um exemplo de resistência ocorrido no Brasil foi o projeto de lei 1676/1999, apresentado pelo deputado Aldo Rebelo (PC do B/SP), sobre a "promoção, proteção, a defesa e o uso da língua portuguesa" (FARACO, 2002, p. 177). Tal projeto mobilizou linguistas de diferentes partes do Brasil, e os mesmos se colocaram contrários ao projeto proposto, pois entendem que é impossível lutar contra a entrada dos estrangeirismos na língua portuguesa, ou melhor, no português brasileiro (PB).

Destarte, como as culturas são altamente heterogêneas, grupos diversos podem reagir de maneiras diferentes aos encontros culturais, portanto, ao trazermos para o debate a ideia de fusão, não podemos perder de vista a resistência e a cisão. Apesar de estarmos vivenciando um momento de significativas trocas, influências e interferências de outras culturas favorecidas pela fluidez das comunicações, do trânsito e do intercâmbio, isso não significa aceitar indiscriminadamente outra cultura. Nas palavras de Canclini:

> A fluidez das comunicações facilita-nos apropriarmo-nos de elementos de muitas culturas, mas isto não implica que as aceitemos indiscriminadamente; como dizia Gustavo Lins Ribeiro, referindo-se à fascinação branca pelo afro-americano, alguns pensam: 'incorporo sua música, mas que não se case com minha filha' (CANCLINI, 2008, p. XXXIII).

Ainda no que concerne à resistência e à cisão, Silva (2000, p. 96), ao abordar o multiculturalismo em educação, aponta que não é uma questão simplesmente de tolerância e de respeito para com a diversidade cultural. O autor em questão destaca que, embora a

tolerância e o respeito se conformem como sentimentos "edificantes e desejáveis", esses dois sentimentos impedem que olhemos a identidade e a diferença como processos de produção social, como processos que envolvem relações de poder. Dessa forma, ao refletirmos sobre a fronteira em estudo, corroboramos a percepção de que a relação entre diferentes culturas não pode ser entendida somente como um consenso, um diálogo ou uma comunicação, e isso implica afirmar que o espaço fronteiriço, que une e separa duas culturas, é uma questão que envolve relações de poder.

Além da aceitação e da rejeição, Burke apresenta o processo de segregação cultural, que consiste em mais uma reação a uma invasão cultural. Neste caso, segundo o autor, "a linha divisória é traçada não entre ela mesma e a outra, mas no interior da cultura doméstica, desistindo da ideia de defender o território inteiro e se concentrando em manter parte dele livre de contaminação por influências estrangeiras." Vários exemplos[36] dessa segregação são apresentados pelo autor em questão, evidenciando o trânsito entre o global e o local. Com relação ao Brasil, podemos citar o caso dos brasileiros do século XIX, descrito por Gilberto Freyre (apud, BURKE, 2003, p. 89), que usavam casaco de casimira e gravata fora de casa e usavam casaco de brim tradicional em casa.

A crise ou o colapso da segregação cultural se dá pelo bilinguismo, pelos casamentos mistos e mais tarde pela assimilação. Desse modo, com o passar das gerações, a segregação perde espaço e cede lugar à adaptação. Para Burke (2003, p. 91), a adaptação cultural "pode ser realizada como um movimento duplo de des-contextualização e re-contextualização, retirando um item de seu lugar original modificando-o de forma a que se encaixe em seu novo ambiente". Novamente, recorremos a Michel de Certeau (2008) com intuito de exemplificar a adaptação cultural. Certeau (p. 57) entende que o consumidor, o homem comum não é um sujeito passivo, ele diz que esse sujeito comum se apropria e se reapropria daquilo que lhe é imposto. Um caso analisado é como o homem se apropria dos espaços públicos. A população ultrapassa, transcende certos usos do poder público e se apropria de espaços e os adapta às suas necessidades.

Um exemplo significativo é a cidade, pelo fato de que ela "oferece a capacidade de conceber e construir o espaço a partir de um número finito de propriedades estáveis, isoláveis e articuladas uma sobre a outra" (CERTEAU, 2008, p. 173). Todavia, mesmo com o *status* de

[36] Burke cita o exemplo do Japão na segunda metade do século XIX. O autor ressalta que naquela época, pelo menos alguns homens de classe mais abastada viveram o que foi chamado de "vida dupla", o que significava uma vida ao mesmo tempo ocidental e tradicional, pois usavam dois tipos de roupa, dependendo da ocasião (quimono em casa; terno ocidental no trabalho), consumiam dois tipos de comida de acordo com a ocasião, liam livros em dois sistemas de escrita.

estável, o autor enfatiza que a cidade é um lugar de transformações, não tem esse estatuto de fixo, uma vez que o sujeito se apropria dela e faz intervenções que, muitas vezes, fogem às imposições do poder público (as favelas são representativas).

Com relação às fronteiras, no caso Jaguarão/Rio Branco, a adaptação cultural é um fenômeno que atinge este espaço por meio dos casamentos entre uruguaios e brasileiros. Podemos destacar ainda o mate[37] (chimarrão), que é igual em Jaguarão e Rio Branco, desde a cuia à garrafa térmica, o que muda (algumas vezes) é o tipo de erva. Com relação ao aspecto linguístico, o mesmo também pode ser contemplado, já que a língua falada na zona de livre comércio, nos *free shops*, pode ser considerada uma tentativa de adequar ou de adaptar para que haja entendimento e interação, mesmo que essa interação esteja respaldada por interesses comerciais.

No entanto, apesar da presença da adaptação cultural, é possível antecipar dois fragmentos de falas de dois sujeitos entrevistados para esta tese. Nessas falas, os entrevistados se "obrigam" a assumir uma identidade ou a tomar uma posição, revelando a resistência e os limites da hibridação que já foram tratados aqui. Na leitura desses entrevistados, a identidade étnica não está sujeita à mescla e à mistura, sinalizando que o fato de existir um país ao lado não provoca interferência na sua identidade, no caso, a brasileira. Vejamos que esse posicionamento é bem marcado e obstrui a entrada da identidade uruguaia. Ao serem questionados se o fato de morarem na fronteira os leva a serem um pouco brasileiros e um pouco uruguaios, afirmam, sem muitos rodeios, que:

Pesquisadora*: E o fato do Sr. morar na fronteira? o Sr. se considera um pouco brasileiro e um pouco uruguaio? Como é que é isso?*

Pesquisado*: Ah não... aí não, eu sou brasileiro. Me perdoe, mas eu sou brasileiro.*

(Fonte: entrevistas em profundidade, homem, 60 anos)

Pesquisadora*: E pelo fato de tu morares na fronteira, tu te consideras um pouco brasileira e um pouco uruguaia?*

Pesquisado*: Nem um pouco (pausa longa). Só porque é uma cidade vizinha não que dizer que daqui a pouco a gente vá virar uruguaio só porque tá aqui do lado.*

(Fonte: entrevistas da primeira fase, mulher, 20 anos)

[37] No norte gaúcho, o chimarrão, tanto o aspecto físico, tamanho da cuia, tipo de erva e as situações de uso, também se diferenciam da fronteira e da metade sul, como em Rio Grande e em Pelotas.

Estes curtos exemplos intencionam explicitar o quanto o hibridismo cultural é complexo e o quanto trabalho de campo é revelador, uma vez que a vasta literatura sobre identidade nos pontua que a modernidade tardia produz sujeitos híbridos e mestiços e, ao mesmo tempo, sujeitos que podem vir a clamar por uma identidade essencializada e fixa.

Apesar de termos apresentado de forma sistemática as quatro estratégias ou reações por que as trocas culturais transitam, não compreendemos esses processos de forma estanque, devido ao fato de que essas reações ocorrem de maneira concomitante. Se refletirmos acerca da fronteira em estudo, ao analisarmos o material pesquisado, veremos que nessa fronteira, praticamente invisível do ponto de vista político ou de controle, já que brasileiros e uruguaios a cruzam quase que livremente[38], as quatro estratégias aqui delineadas se interseccionam.

Nesta seção, discutimos a noção de hibridismo cultural e vimos que a fronteira entre países se configura como um palco híbrido capaz de agregar trocas e contatos culturais. No entanto, o que é a fronteira? Que conceito é esse que cada vez mais é disputado por diferentes áreas do conhecimento? A seção seguinte se dedica a delinear a acepção ou acepções de fronteira pelo cruzamento de diferentes olhares.

3.5 A FRONTEIRA: UM ESPAÇO MÓVEL

Como os dados desta pesquisa são de sujeitos moradores de uma fronteira, consideramos crucial trazer para o debate a acepção de fronteira, ou melhor, **as** acepções de fronteira que penetram diferentes áreas do conhecimento. Como este trabalho investe na incursão em outras áreas do saber, teceremos as considerações sobre fronteira no entrelaçamento de diferentes vozes que passam pela História, Geografia e Literatura.

Sobre a origem do termo fronteira, Zientara (1989, p. 306) assinala que o termo, tal como os substantivos correspondentes na língua espanhola (*frontera*), francesa (*frontiêre*) e inglesa (*frontier*), se origina do latim *fronteria* ou *frontaria*, "que indicava a parte do território situada *in fronte*, ou seja, nas margens" e enfatiza que a ideia difundida de fronteira como linha que separa duas regiões distintas é equivocada. Assinala ainda que a linha de fronteira é uma abstração, não possuindo existência real fora do mapa geográfico. Zientara sustenta tal

[38] Na semana de 17 a 20 de janeiro de 2011, a emissora de televisão RBS exibiu, no horário do almoço, uma série de reportagens sobre a fragilidade das fronteiras gaúchas do ponto de vista da fiscalização. A matéria mostrou o contrabando realizado graças à escassa fiscalização dos órgãos competentes.

afirmação, tendo em vista o contrabando, prática ainda frequente nas regiões fronteiriças. Para o autor,

> As fronteiras separam comunidades humanas, mas podem também determinar um novo género particular. Isto é sobretudo válido para confins de estado que correm através de uma região densamente povoada: onde as populações que vivem em uma zona de fronteira dão origem a uma comunidade fundada em interesses particulares, mantêm entre elas, do lado de cá e do lado de lá da fronteira, uma intensa comunicação; vivem frequentemente de contrabando (ZIENTARA, 1989, p. 309).

O professor e historiador Enrique Padrós (1994, p. 71), ao discutir a fronteira, apresenta uma classificação. Ele traz as fronteiras esboçadas; vivas e mortas. Para esse autor, as fronteiras esboçadas são típicas do colonialismo, sendo arbitrárias, mal definidas e artificiais. Provocam sequelas e tensões no período pós-independência. Já as fronteiras vivas, são também conhecidas como de tensão ou de acumulação. São fronteiras resultantes da ocupação do espaço e de confrontos políticos e bélicos onde a hegemonia de um ou outro Estado acaba se impondo. Há intercâmbios, contato, interação. A última fronteira elencada por esse autor é a fronteira morta. Ela é praticamente estanque no tempo; não apresenta nenhum traço de desenvolvimento ou crescimento demográfico. O traçado se imobiliza até que um impulso exterior traga vitalidade à fronteira.

As regiões de fronteira geralmente são regiões pobres, marginalizadas e têm um caráter de periferia dentro do espaço regional. Iturriza (1986, p. 3) apresenta diversos traços em comum que compõem as fronteiras e afirma que esses traços se sustentam nas fronteiras Brasil/Uruguai. O autor, ao refletir sobre as fronteiras "vivas", afirma que as regiões onde elas ficam são de zonas isoladas e afastadas dos centros dinâmicos nacionais; apresentam escasso e desigual desenvolvimento econômico-social em relação a outras zonas do próprio Estado nacional; não apresentam instâncias de poder que tenham autonomia e condições próprias para que possam promover decisões que possam estimular atividades locais; têm recursos naturais insuficientemente explorados e pouco conhecidos; têm em alguns casos deficientes vias de comunicação e estão próximas a outras áreas de países vizinhos de conformação humana e geográfica.

De acordo com as definições acima, a fronteira Jaguarão/Rio Branco se conforma como uma mistura de fronteira viva com fronteira morta. Como já foi apontado na seção que traz a história do município, ela foi uma região marcada por fortes conflitos entre portugueses

e espanhóis, ficando por muito tempo estagnada do ponto de vista econômico. Atualmente (em torno de dez anos), com a chegada dos *free shops,* a zona de livre comércio, é possível definir essa fronteira como *viva*, já que recebeu um estímulo externo, o qual trouxe vivacidade ao espaço.

Como vimos, as três percepções de fronteira tratam da questão do espaço fronteiriço, denotando uma preocupação em explicar historicamente e geograficamente esse espaço, mas a situação do sujeito fronteiriço não é contemplada. Acerca da fronteira como integração, ou seja, na percepção integracionista, Padrós afirma que:

> Para a perspectiva integracionista, o habitante da fronteira, o fronteiriço, é um homem com mentalidade própria à integração, pois para ele as noções de espaço e nacionalidade muitas vezes são tão abstratas quanto a ideia da existência de uma linha demarcatória que o ´separa´ do outro país (PADRÓS, 1994, p. 76).

Ao ocupar-se um pouco desse sujeito, parece que Padrós descreve um sujeito "ideal" e não "real". Nesse ponto, a fixidez da identidade fica ressaltada, já que parece que o sujeito da fronteira acolhe incondicionalmente a noção da fronteira como integração. A definição de fronteiriço trazida por Padrós entra em confronto com o caráter móvel da fronteira, o qual agrega resistência e integração. Será que todos os fronteiriços percebem a demarcação da fronteira como algo abstrato? Será que esses sujeitos, essencialmente os nossos sujeitos da pesquisa, que vivem em uma fronteira dividida por uma ponte, concreta e material, revestida de um caráter simbólico bastante acentuado, vivenciam integralmente o desejo de integração? A dúvida que pulula é de qual integração os estudiosos de fronteira têm tratado.

Complementando o caráter integracionista da fronteira, Pesavento assinala que a noção de fronteira não deve se restringir à questão da territorialidade, pois vista sobre esse prisma ela será um "encerramento de um espaço, delimitação de um território, fixação de uma superfície" (PESAVENTO, 2002, p. 38). Outro aspecto a ser elencado em relação à fronteira é que ela não se constitui como um espaço virgem, visto que antes dos Estados, Reinos ou Províncias fixarem as fronteiras por tratados, mais que pelas armas, a fronteira não se trata de um território virgem, visto que "práticas ancestrais foram já estabelecidas entre as populações que se tocam" (LEENHARDT, 2002, p. 28).[39]

[39] As fronteiras do RS têm passagem de povos indígenas, oriundos das regiões das missões. Tal detalhamento pode ser visto em LEENHARDT, Jacques. Fronteiras, Fronteiras Culturais e Globalização. In: MARTINS, Maria Helena (org.). *Fronteiras Culturais.* São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

A ideia de fronteira também atravessa o campo da Literatura. Um dos escritores de literatura sul-rio-grandense da atualidade, que é fronteiriço, é o jaguarense Aldyr Garcia Schlee, que aborda em seus textos literários a questão da fronteira. O seu mundo literário é o da fronteira comum do Brasil e do Uruguai, na região do rio Jaguarão e da Lagoa Mirim. No entanto, Schlee, além de nos apresentar a fronteira sob o viés literário, também a discute em outras instâncias. Ele afirma que:

> [...] minha região da fronteira foi, primeiro, como todo o pampa, a terra sem donos, da abundância e do gado, o espaço aberto e livre trilhado por gaudérios e changadores, os bandidos coloniais que seriam a matriz inicial do homem pampeano - guacho - depois chamado gaucho, e gaúcho (SCHLEE, 2002, p. 51).

Ao descrever esse espaço, Schlee (p. 51) aponta que, com o passar do tempo, a região de Jaguarão/RS se transformou em um lugar de passagem, ou seja, "pátria original dos sem-pátria, desde os encontros entre portugueses e espanhóis." Sendo assim, o último precisou "resistir e pelear, tanto contra o colonizador quanto contra o invasor e sitiador – contra a dominação, a intervenção e o saque" (Ibid.).

A dimensão da fronteira pode ser pensada para além dos limites geográficos e encarada como marcos divisórios construídos que significam limites e divisões. Se a fronteira é um espaço de trânsito, passagem, comunicação, troca, contato, ela pode ser compreendida como um espaço "híbrido e mestiço" (PESAVENTO, 2002, p. 36). Desse modo, as fronteiras, no pensamento hodierno, são porosas e instáveis.

Tomado tradicionalmente como um território que estabelece limites – ideia que ainda persiste em muitas formas –, o conceito de fronteira, hoje, configura um lugar de encontro das diferenças, um *entrelugar* (BHABHA, 2005, p. 20) aberto à interferência e aos influxos de distintas contribuições culturais, propiciando espaços intervalares que se afirmam no trânsito contínuo entre um lado e outro, sem fixar lugar nenhum. Cria, assim, segundo denominação de Hommi Bhabha, um *terceiro espaço* caracterizado pela porosidade, por deslocamentos e movimentos de expansão e retração, conformando um território híbrido, onde um mesmo aspecto pode, ao mesmo tempo, proporcionar relações de identidade e de alteridade.

3.6 A LINGUAGEM PELO VIÉS BAKHTINIANO

A presença dos tópicos anteriores, identidade/diferença e fronteira, instaura a necessidade de trazer a linguagem para este estudo. Nesta tese, a discussão sobre linguagem se pauta em três justificativas. A primeira é pelo fato de que este trabalho está inserido em um programa de pós-graduação em Letras, com área de concentração em Linguística Aplicada, o que sinaliza que a linguagem tem (ou deveria ter) espaço garantido. O segundo lugar diz respeito à dependência que os tópicos implicados no material de investigação, identidade, fronteira e representação, têm da linguagem. Com relação à terceira, já que o material de análise da tese foi produzido por sujeitos reais e em situações reais e concretas de fala, a concepção de linguagem, na perspectiva de Bakhtin, anunciada na seção *Primeiras Palavras,* merece ser pontuada.

A linguagem sempre foi um tema que intrigou estudiosos de diferentes épocas. Podemos afirmar que as preocupações com a temática mencionada se fazem presentes na Grécia Antiga, com Sócrates, já referido quando tratamos na seção intitulada *Identidade por diferentes vozes*. Em tempos atuais, mais precisamente no século XX, a abrangência dos estudos sobre a linguagem tem recebido atenção, ainda ínfima, de autores com formação na área de Letras, nas Ciências Sociais (Antropologia, Ciência Política e Sociologia) e em áreas afins. Nos Estudos Culturais (EC), podemos destacar o teórico Stuart Hall (1997), que tem observado a importância da linguagem em seus estudos, uma vez que, na perspectiva de Hall, ela consiste em um termo geral para as práticas de representação, sendo responsável pela construção e pela circulação de significado.

Mikhail M. Bakhtin, juntamente com N. Voloshinov e Pavel N. Medevedev, compuseram o Círculo de Bakhtin. Além dos três estudiosos citados, o grupo agregava pessoas de diferentes formações, como o filósofo Matvei Kagan, o biólogo Ivan I. Kanaev, a pianista Maria V. Yudina e o estudioso de literatura Lev V. Pumpiaski, conforme aponta Faraco (2006, p. 15). Este grupo se reuniu durante 10 anos, entre 1919 e 1929. Faraco (2006, p. 15) assinala que as pessoas envolvidas no círculo eram interessadas em discutir ideias e filosofia. Porém, aos poucos, o debate confere centralidade à linguagem, que passa a ocupar um espaço privilegiado nas discussões.

Como as contribuições do Círculo de Estudos de Bakhtin acerca da linguagem são significativas para a análise do material de pesquisa, elegemos alguns dos conceitos para fundamentarem a análise e a interpretação. Para tanto, nesta seção, contemplamos os

seguintes eixos, que são constitutivos da linguagem: papel do interlocutor no processo de compreensão; plurilinguismo linguístico e acento de valor. Destacamos que a "definição" ou o "conceito" de linguagem, assim como o de identidade que já debatemos, nas obras do Círculo, aparece em diferentes lugares e perpassa os textos, não se configurando como algo pronto, acabado e encerrado. Pelo contrário, a perspectiva de linguagem que tece os estudos do Círculo acena para a abertura e para o movimento.

Segundo Faraco (2006, p. 89), o Círculo de Bakhtin se dedicou a aprofundar os estudos sobre a linguagem em torno dos anos 1925/26, fenômeno que se caracteriza como uma espécie de virada linguística, já que a linguagem passou a receber atenção especial nos debates e acabou por reorientar os escritos e as discussões do Círculo que vieram posteriormente. Assim, a questão da linguagem marca significativamente a participação e a inserção de Bakhtin e seu Círculo no pensamento contemporâneo de parte de estudiosos das Ciências Humanas e Sociais, revelando a impossibilidade de estudar a linguagem fora do seio social.

Para este estudo, a escolha da concepção bakhtiniana da linguagem permitiu que analisássemos a complexidade e a tensão dos enunciados proferidos pelos sujeitos participantes da pesquisa. Como inserimos o termo *enunciado* na discussão, neste trabalho, o conceberemos a partir da perspectiva de Bakhtin, que o entende como "a real unidade da comunicação discursiva" (BAKHTIN, 1952-1953/2003, p. 274). No capítulo *Os gêneros do discurso,* da obra *Estética da Criação Verbal*, o autor afirma que "O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados" (p. 261). Em nota de rodapé, o tradutor Paulo Bezerra assinala que Bakhtin não efetua distinção entre enunciado e enunciação, empregando o termo para o ato de produção do discurso oral ou escrito, o discurso de uma cultura, um romance já publicado e assimilado por uma cultura. O termo *viskázivanie*, utilizado por Bakhtin, em língua russa, significa o ato de enunciar, de exprimir, transmitir pensamentos e sentimentos sob forma de palavras.

A partir da teoria bakhtiniana, Di Fanti sumariza a noção de enunciado:

> [...] o enunciado, como unidade concreta da interação verbal, tem estabilidade provisória e traz em sua constituição características de cada situação de enunciação em que é produzido e circula. Além disso, o enunciado configura-se como um elo numa cadeia complexa de outros enunciados, ou seja, está repleto de ecos de outros enunciados, respondendo a algo e antecipando um discurso resposta não-dito, mas solicitado no direcionamento a um interlocutor (real ou virtual) (DI FANTI, 2003, p. 101).

Como anunciamos na seção *Primeiras Palavras,* a possibilidade de travarmos um diálogo entre linguagem e identidade se pauta nos princípios que nortearam os Estudos Culturais e na perspectiva bakhtiniana de linguagem. Quando discorremos no item acima acerca das características da identidade - fluidez, mobilidade e ambivalência - tais marcas também perpassam a linguagem, bem como o caráter provisório, uma vez que os sentidos expressos pela linguagem sempre são provisórios, pois movimentam-se na complexidade da enunciação e nos contextos ilimitados da interação humana.

As perspectivas de definir a linguagem têm nuances diversas e estão ligadas a diferentes vertentes teóricas. Na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1929/1986)[40], Bakhtin e Voloshinov questionam a análise do trabalho do movimento denominado de Objetivismo Abstrato (OA), que tem o linguista Ferdinand Saussure como nome expressivo. Em sua crítica, Bakhtin/Voloshinov sublinham que "nenhum dos objetivistas abstratos chegou a compreender de maneira clara e precisa o funcionamento intrínseco da língua" (p. 92).

Bakhtin e Voloshinov (1929/1986, p. 107) explicam que, para o Objetivismo Abstrato, a língua é vista como um sistema abstrato, fechado e constituído por normas imutáveis. Em síntese, a língua seria um produto pronto e acabado, transmitida de geração para geração e se situaria fora do fluxo da comunicação verbal. Tais proposições são rebatidas pelos filósofos russos, uma vez que:

> Entretanto, a língua é inseparável desse fluxo e avança juntamente com ele. Na verdade, a língua não se transmite; ela dura e perdura sob a forma de um processo evolutivo contínuo. Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal; ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 1929/1986, p. 108).

Além de rebater o Objetivismo Abstrato, os autores do Círculo de Bakhtin questionam a orientação denominada Subjetivismo Individualista (SI). Segundo Bakhtin e Voloshinov (1929/1986, p. 110), o Subjetivismo se centra na enunciação monológica como ponto de partida para os seus estudos sobre a língua. A análise empreendida por essa orientação define a enunciação monológica por meio do ponto de vista do falante, da pessoa que fala, do sujeito que se exprime, desconsiderando que "o *centro* organizador de toda enunciação, de toda a

[40] Embora a edição consultada (terceira) apresente o nome de Voloshinov entre parênteses na capa, faremos referência ao nome dos dois autores.

expressão, não é interior, mas exterior: está no meio social que envolve o indivíduo" (Ibid., p. 121).

A partir da visão "monologizada" da enunciação, o Subjetivismo concebe a língua como resultado da ação individual dos sujeitos, ou seja, a enunciação é considerada como monológica, "como um ato puramente individual, como uma expressão da consciência individual, de seus desejos, suas intenções, seus impulsos criadores, seus gostos, etc." (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 1929/1986, p. 110-111). Bakhtin e Voloshinov rejeitam esta noção, pois entendem que a enunciação não pode ser definida pelas condições psicofisiológicas do falante, já que a estrutura da enunciação é de natureza social, pois se constrói na relação com outros discursos. O caráter social da enunciação consiste em uma resposta a algo e, portanto, é construída como tal. Bakhtin afirma que mesmo uma inscrição em um monumento (epitáfio também) se configura como um elemento inalienável da comunicação verbal. Para os autores:

> [...] toda enunciação, mesmo na forma imobilizada na escrita, é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal […] uma inscrição, como toda enunciação monológica, é produzida para ser compreendida, é orientada para uma leitura no contexto da vida cientifica ou da realidade literária no momento, isto é, no contexto do processo ideológico do qual ela é parte integrante (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 1929/1986, p. 98).

Na mesma esteira dos pensadores russos, Hall sublinha que tudo aquilo que dizemos tem um "antes" e um "depois" - uma margem na qual outras pessoas podem escrever. Para o autor:

> O significado é inerentemente instável: ele procura o fechamento (a identidade), mas ele é constantemente perturbado (pela diferença). Ele está constantemente escapulindo de nós. Existem sempre significados complementares sobre os quais não temos qualquer controle, que surgirão e subverterão nossas tentativas para criar mundos fixos e estáveis (HALL, 2006, p. 41).

Apesar de o Círculo de Bakhtin proferir críticas ao Objetivismo Abstrato e ao Subjetivismo Individualista, não desconsidera a relevância destas tendências à evolução dos estudos linguísticos, mas reconhece algumas limitações dos paradigmas em questão. Destacamos que, embora os preceitos de Bakhtin e seu Círculo tenham avançado nas

discussões teóricas de diferentes áreas do saber, como aludimos no início da seção, a concepção de linguagem proposta pelo Objetivismo Abstrato e pelo Subjetivismo Individualista ainda exerce grande influência na formação do pensamento atual acerca da linguagem, uma vez que grupos de estudo da área de Letras e programas de pós-graduação em Linguística/Linguística Aplicada produzem pesquisas arraigadas em uma concepção imanente da língua. Dentro de uma perspectiva estruturalista, podemos destacar a Sociolinguística que estuda a estrutura e a evolução da linguagem em um contexto social determinado e se debruça na diversidade linguística. Porém, mesmo que represente um avanço nos estudos linguísticos, a Sociolinguística, de base quantitativa e mais frequente nos estudos no Brasil, está atrelada ao Estruturalismo, pois está centrada na busca de regularidades na língua e suas explicações acerca da heterogeneidade linguística são descritas na relação falante/uso linguístico, sem atentar para as implicações sociais dos usos.

As concepções de linguagem criticadas pelo círculo de Bakhtin, embora de forma sistematizada, podem ser visualizadas em Travaglia (1997, p. 24). Para o autor, é possível distinguir duas possibilidades de perceber a linguagem. A primeira possibilidade percebe a linguagem como expressão do pensamento: as pessoas não se expressam bem porque não pensam. A expressão se constrói no interior da mente, sendo sua exteriorização apenas uma tradução. Portanto, para essa concepção, o modo como o texto que se usa em cada interação verbal está constituído não depende do interlocutor a quem se dirige a palavra, ou seja, para quem se fala, em que situação se fala e para que se fala. Além disso, tal perspectiva confere ao receptor/interlocutor um caráter de passividade e o desconsidera como um sujeito social e singular, ser social, que é atravessado por um conjunto de valores, crenças e ideologias.

A segunda concepção, imbricada na primeira, vê a linguagem como instrumento de comunicação, como meio objetivo para a comunicação: a língua é vista como um código, ou seja, como um conjunto de signos que se combinam segundo regras e que é capaz de transmitir uma mensagem, informações de um emissor a um receptor. Assim, o falante tem em sua mente uma mensagem a transmitir a um ouvinte, ou seja, informações que quer que cheguem ao outro. Tal perspectiva se restringe à decodificação e imprime à linguagem um caráter de transparência, como na concepção anterior. A Figura[41] a seguir ilustra o padrão "ideal" da comunicação:

[41] Embora este trabalho não tenha inserção direta na educação, este quadro ainda pode ser encontrado na concepção de linguagem adotada pelas escolas.

Figura 1 - Padrão "ideal" da comunicação
Fonte: TRAVAGLIA, (1997).

A ilustração acima suprime a noção de compreensão responsiva, inerente à linguagem, considerando o receptor/destinatário como um sujeito passivo, até um certo ponto "terminal" da enunciação, o qual, hipoteticamente, entende e concorda plenamente com o sujeito que está com a palavra. Para Bakhtin,

> [...] o ouvinte com sua compreensão passiva, que é representado como parceiro do falante nos desenhos esquemáticos das linguísticas gerais, não corresponde ao participante real da comunicação discursiva. Aquilo que o esquema representa é apenas um momento abstrato do ato pleno e real de compreensão ativamente responsiva, que gera a resposta (a que precisamente visa o falante) (BAKHTIN, 1952-1953/2003).

No esquema acima, a afirmação acerca da passividade do receptor é possível pelo fato de que a flecha que sai da fonte (remetente/emissor) termina no receptor e não retorna ao remetente, portanto revela que o enunciado se encerra no destinatário, sendo visto como pronto e acabado, tornando-se imune a qualquer resposta, em forma de questionamento, objeção, concordância ou discordância. No entanto, essa simplicidade na interação verbal, proposta pelo utópico quadro acima, está longe de ocorrer, porque o destinatário/receptor é ativo, dialoga com seu interlocutor e com outros discursos e se constitui, como mencionamos, por um conjunto de valores e crenças que entram em atividade no momento da enunciação. Bakhtin afirma que:

> Até hoje ainda existem na linguística *ficções* como o 'ouvinte' e o 'entendedor' (parceiros do falante, do fluxo único da fala, etc.). Tais ficções dão uma noção absolutamente deturpada do processo complexo e amplamente ativo da comunicação discursiva (BAKHTIN, 1952-1953/2003, p. 271).

Bakhtin (1952-1953/2003) elucida que o sujeito que está com a palavra está determinado à compreensão ativa responsiva, pois não espera uma compreensão passiva, que somente duble ou imite o seu pensamento. O falante espera de seu interlocutor uma "resposta, uma concordância, uma participação, uma objeção, uma execução, etc" (Ibid., p. 272).

Ao lermos a figura acima, nós, leitores, somos provocados e incitados a dialogar com essa percepção que concebe a linguagem como pronta, acabada, transparente e que, interpreta, consequentemente, o interlocutor/receptor como um sujeito desprovido de voz. À primeira vista, parece natural que a interação verbal se realize da forma como está posta, já que os elementos (interlocutores, mensagem, canal, código e referente), para que esse processo ocorra, foram contemplados. Contudo, o escamoteamento do papel ativo do interlocutor/ouvinte traz os estudos de Bakhtin e Voloshinov, que criticam a concepção da compreensão como ato passivo, apontando que "esse tipo de compreensão, que exclui de antemão qualquer resposta, nada tem a ver com a compreensão da linguagem" (1929/1986, p. 99). Para os autores (Ibid.), toda enunciação tem caráter dialógico, consiste em uma resposta a algo e é construída para obter uma resposta que concorde, discorde, confirme o que foi enunciado pelo interlocutor que fala. Em outra obra, Bakhtin (1952-1953/2003, p. 271) propõe que a compreensão é responsiva, já que o ouvinte é ativo e participa da interação, posicionando-se como um sujeito que responde, faz réplica, questiona e duvida do seu interlocutor.

Com relação ao papel do interlocutor/receptor no momento da enunciação, Bakhtin (1929/1986) confere garantia ao seu papel ativo, ao afirmar que ele colabora com seu interlocutor, uma vez que "também considera a forma linguística utilizada como um signo variável e flexível e não como um sinal imutável e sempre idêntico a si mesmo" (p. 93). Como a língua é uma prática social e uma forma de interação entre falantes, o papel do receptor, que se dispõe a compreender a enunciação do outro, revela o quanto ele é ativo e não passivo, visto que "A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica" (p. 132).

Na ideia anterior, ao proferirmos uma crítica ao esquema proposto por Jakobson, já apresentamos marcas que caracterizam a linguagem como forma de interação. A linguagem é um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio-histórico e ideológico determinado. Assim:

> [...] a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (BAKHTIN, 1986, p. 123).

Pelas considerações precedentes, a proposta de Bakhtin e de seu Círculo se movimenta por um viés que preconiza a heterogeneidade, a dinamicidade e a dialogicidade da linguagem. Bakhtin atenta para o caráter dialógico da linguagem, pois a produção de cada enunciado estabelece um elo com os outros enunciados, já que responde a enunciados presentes, passados e futuros, fenômeno que observaremos na seção *Por uma análise*, que se debruça em situações reais de fala. Bakhtin (1952-1953/2003, p. 294) explica que a experiência discursiva individual de qualquer sujeito se forma e se desenvolve a partir da interação constante e individual com os enunciados de outras pessoas, portanto, utilizamo-nos de outros enunciados, assimilando-os, reelaborandos-os e reacentuando-os de acordo com uma determinada situação enunciativa. Essa reflexão está em consonância com a consideração de Di Fanti (2003, p. 98), que evidencia que a linguagem se constitui como uma reação-resposta a algo em uma determinada interação e revela as relações do locutor com os enunciados do outro. A autora esclarece que o outro não se configura apenas como o interlocutor imediato ou virtual, isto é, o outro se constitui pelas diferentes "vozes discursivas – posições sociais, opiniões – que vêm habitar de diferentes formas o discurso em construção" (p. 98).

Nas situações concretas de fala, em que os interlocutores participam e interagem ativamente, a palavra é um elemento fundamental, adquire sentido no momento da interação e é desprovida de neutralidade. Embora a linguagem não se reduza ao verbal nas noções estudadas pelo Círculo de Bakhtin, o pensador russo (1929/1986, p. 112) afirma que a palavra é sempre direcionada a um interlocutor e comporta duas faces: "ela é determinada tanto pelo fato de que procede *de* alguém, como fato de que se dirige *para* alguém […], sendo o território comum do locutor e do interlocutor" (p. 113). Desse modo, a palavra é de extrema relevância por ser "um fenômeno ideológico por excelência, isto é, está sempre orientada socialmente para um interlocutor real ou virtual" (DI FANTI, 2003, p. 100).

Bakhtin (1929/1986, p. 122) aponta que toda palavra é ideológica, assim, em situação real de uso, é dotada de um acento de valor ou apreciativo, isto é, "Quando um conteúdo objetivo é expresso (dito ou escrito) pela fala viva, ele é sempre acompanhado por um acento apreciativo determinado. Sem acento apreciativo, não há palavra" (Ibid., p. 132). O acento de valor é transmitido por meio da entoação expressiva, que, geralmente, é determinada pela

situação imediata. Faraco (2006, p. 46) chama a atenção acerca da dimensão avaliativa expressa na significação dos enunciados, afirmando que qualquer enunciado, que pode variar de uma palavra a um romance, exprime um posicionamento social valorativo. Desse modo, para Faraco (p. 46), com base na teoria bakhtiniana, o enunciado será sempre ideológico em duplo sentido: primeiro, pelo fato de que qualquer enunciado se manifesta na esfera de uma das ideologias (no interior de uma da áreas da atividade intelectual humana); segundo, pois cada enunciado expõe sempre uma posição avaliativa, ou seja, não há a possibilidade da existência de um enunciado neutro, pois se reveste de uma posição axiológica[42].

Os sujeitos fazem uso das palavras sob forma de signo que estão impregnados de valores sociais, quer dizer, de ideologias. Desse modo, a seleção das palavras efetuada pelos sujeitos é carregada de intencionalidade, aspecto que tem estreita relação com a entoação. Assim,

> […] um julgamento de valor qualquer existe em sua totalidade sem incorporar-se ao conteúdo do discurso e sem ser deste derivável; ao contrário, ele determina *a própria seleção do material verbal e a forma do todo verbal.* Ele encontra sua mais pura expressão na *entoação* (BAKHTIN; VOLOSHINOV,[43]1926, p. 7).

Para os autores (p. 7), a entoação "estabelece um elo firme entre o discurso verbal e o contexto extraverbal – a entoação genuína, viva, transporta o discurso verbal para além das fronteiras do verbal, por assim dizer." Nesta obra, os autores explicitam a ampla ligação e indissociabilidade entre a entoação e o contexto extraverbal, já que a palavra solta, fora de contexto, não consegue predeterminar a entoação por meio de seu próprio conteúdo. Por exemplo, a palavra *bem*, citada pelos estudiosos (p. 8), está apta e aberta a receber entoação de alegria, de tristeza ou de desprezo, já que o que determinará a entoação é o seu contexto de uso, por isso as palavras são altamente dependentes do contexto e os seus sentidos não estão prontos, determinados e têm uma identidade provisória, ou seja, elas estão sempre abertas e à espera que o interlocutor a preencha, em um determinado contexto de uso, com um sentido.

---

[42] Ressaltamos que, no decorrer da seção *Por uma análise,* utilizamos o termo *axiológico* para alguns adjetivos, substantivos e advérbios empregados pelos nossos entrevistados. Embora pareça redundante denominar um adjetivo de axiológico, julgamos pertinente usar o termo para dar ênfase e destaque ao enunciado proferido.

[43] O texto consultado se chama *Discurso na vida e discurso na arte* (sobre poética sociológica), originalmente publicado em russo, datado de 1926, assinado por V. N. Voloshinov. A tradução aqui consultada foi feita por Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza, que tomou como base a tradução inglesa de I. R. Titunik (*Discourse in life and discourse in art -concerning sociological poetics*), publicada em V.N.Voloshinov, *Freudism,* New York, Academic Press, 1976. Como não há numeração de páginas na tradução em português e nem data da tradução, optamos por numerá-las pela ordem em que aparecem e com data do texto original.

Como a linguagem é de natureza social, na interação, os sujeitos entram em contato, ou melhor, são absorvidos por diferentes vozes sociais/discursivas. Bakhtin (1934-1935/1998, p. 82), ao trazer para o debate o plurilinguismo linguístico, também denominado de heteroglossia ou pluralismo linguístico, afirma que as vozes que insurgem nos enunciados não se restringem a espaços fixos, podendo se sobrepor. O autor (p. 74) compreende que, no plurilinguismo, aspecto constitutivo da linguagem, as linguagens se cruzam e se interseccionam de diversas maneiras e não se excluem umas das outras. Como a linguagem não pode ser tomada como um processo pronto e acabado, as vozes que aparecem no plurilinguismo "são pontos de vista específicos sobre o mundo, formas de sua interpretação verbal, perspectivas específicas objetais, semânticas e axiológicas." (Ibid., p. 98). Dessa forma, todas as vozes que compõem o plurilinguismo podem ser confrontadas, complementadas e podem estar em situação de oposição e de correspondência dialógica.

Di Fanti (2003, p. 101) afirma que a noção de plurilinguismo tem sido pouco desenvolvida nos estudos linguístico-discursivos, o que se constitui em uma lacuna para a compreensão da linguagem pelo olhar do círculo bakhtiniano, que, por considerar o aspecto dinâmico da linguagem, ela deve ser tomada como uma "arquitetura de vozes discursivas/sociais" (Ibid., p. 102). A autora atenta que a teoria dialógica do discurso contempla a heterogeneidade de vozes discursivas, quer dizer, as posições que configuram o discurso como parte essencial para a concepção de linguagem defendida pelo Círculo. Desse modo, a pluralidade, em todas as suas manifestações e que caracteriza a linguagem, desconstrói a hegemonia linguística em uma sociedade, pois conferir à linguagem um caráter múltiplo e plural é considerar as diferentes possibilidades de manifestação linguística e de compreensão do mundo. Não podemos perder de vista que, além de falar de modo diferente, os diversos setores sociais, que compõem uma dada sociedade, também interpretam o mundo de forma diferente e, ao discriminar e silenciar qualquer forma de falar, silenciamos também discursos[44].

Se refletirmos sobre as variedades geográficas, temporais e sociais, estudadas pela Dialetologia, Linguística Histórica e Sociolinguística, perceberemos que a contribuição dessas áreas, com cunho mais descritivo, abre um espaço para que enxerguemos além desta gama de variedades, já que "todo esse universo de variedades formais está também atravessado por outra estratificação, que é dada pelos índices sociais de valor oriundos da diversificada

[44] Na dissertação de mestrado da pesquisadora, já mencionada no início do trabalho, a pesquisa realizada, com orientação sociolinguística, evidenciou que as implicações da variação linguística acarretam problemas de ordem social a falantes que fazem uso de variantes estigmatizadas.

experiência dos grupos sociais. Aquilo que chamamos de língua é também e principalmente um conjunto indefinido de vozes sociais" (FARACO, 2006, p. 56). Assim, a multidão de vozes sociais que invade os discursos é o que caracteriza o plurilinguismo dialogizado.

Diante da multiplicidade de vozes que atravessam os enunciados dos interlocutores, a linguagem pode ser vista como um lugar que abriga a tensão entre vozes discursivas/sociais em um movimento dialógico constante e incapaz de separar forças que acontecem na enunciação e se interseccionam, que são as forças centrífugas (descentralizadoras) e centrípetas (centralizadoras)[45]. No dizer de Bakhtin, temos:

> [...] cada enunciação concreta do sujeito do discurso constitui o ponto de aplicação seja das forças centrípetas, como das forças centrífugas. Os processos de centralização e descentralização cruzam-se nesta enunciação, e ela basta não apenas à língua, como sua encarnação discursiva individualizada, mas também ao plurilinguismo, tornando-se seu participante ativo (BAKHTIN, 1934-1935/1998, p. 82).

O embate contínuo entre as vozes sociais põe em tensão as duas forças aludidas, que são indissociáveis, se encontram em relação de interdependência e atuam no interior da enunciação. Faraco (2006, p. 107) as explica da seguinte forma: as forças centrípetas se caracterizam como centralizadoras, monologizadoras e tentam apagar ou submeter o plurilinguismo; as forças centrífugas são mais resistentes à monologização e tendem a multiplicar o plurilinguismo.

Na mesma linha, Di Fanti (2003, p. 103) aponta que "Enquanto as forças centrípetas se empenham em manter a ´unidade` e procuram resistir às divergências, as forças centrífugas se empenham em manter a variedade e a divergência". Entretanto, vale ressaltar que, mesmo que as forças centrípetas possam ser consideradas monológicas, já que buscam apagar outras vozes, elas também são dialógicas, pois, como observa Faraco (p. 68), "a atitude responsiva monológica é intrinsecamente dialógica".

Diante da elasticidade e do movimento que fundamentam a linguagem, podemos afirmar que as discussões acima enfatizam a sua natureza social e nos fornecem subsídios para tentar descortinar de que forma a linguagem, ao mobilizar diferentes sentidos,

[45] Na semana de 13 a 17/02/2012, assistimos (ou as emissoras nos obrigaram a assistir) em diferentes redes, como Globo, Globo NEWS, Bandeirantes e SBT, além da mídia impressa, ao jogo de dizeres do caso Eloá Pimentel, adolescente que foi assassinada, em outubro de 2008, pelo seu namorado, o motoboy Lindemberg Alves. Os discursos, que estão no entorno do caso, proferidos pela defesa e pela acusação, demonstraram a tensão, inerente à linguagem, protagonizada pelas forças centrípetas e centrífugas.

movimenta as complexas e contraditórias relações entre os sujeitos e os discursos. Ao adotarmos, nesta pesquisa, a concepção do pensador Bakhtin e de seu Círculo, assumimos um posicionamento de que a linguagem se conforma como "uma realidade axiologicamente saturada" (FARACO, 2006, p. 55). Além disso, podemos entendê-la como dinâmica, instável e heterogênea, da mesma forma que os sujeitos o são. Tais características levam os sujeitos, potenciais produtores de texto e atravessados pelo social, a produzirem enunciados opacos, multifacetados, saturados e que estão em constante diálogo com outros enunciados.

Conforme anunciamos no início da seção, as orientações debatidas aqui - o papel do interlocutor/receptor no processo de compreensão, o plurilinguismo linguístico e o acento de valor – contribuíram significativamente no percurso de análise dos textos dos sujeitos pesquisados nesta tese, visto que os discursos produzidos em situações concretas de fala possibilitam que vislumbremos que a voz dos sujeitos vem do grupo social que eles habitam e revelam o quanto o contexto, no caso a fronteira em estudo, produz sentidos heterogêneos, que só são possíveis devido à dinamicidade e à incompletude da linguagem, base da concepção de Bakhtin e seu Círculo.

Os tópicos selecionados para os *Pressupostos Teóricos* contribuíram para preparar o terreno para a análise (uma análise), pois as concepções abarcadas sustentam o nosso olhar sobre o material de pesquisa. Com o suporte teórico estabelecido, nos foi possível selecionar a pesquisa qualitativa, uma vez que os estudos identitários e bakhtinianos contemplam pesquisas desta natureza.

A seção a seguir se propõe a apresentar os procedimentos metodológicos que orientaram a pesquisa. O percurso metodológico para este trabalho será descrito com base nas etapas que guiaram o trabalho. As etapas discorridas iniciam pelo contato com o município pesquisado, a produção dos primeiros textos escritos, a realização das entrevistas da primeira fase (pergunta-resposta) e da segunda fase (entrevistas em profundidade). A descrição desse percurso está ancorada na fundamentação teórica proposta pelos autores Gaskell e Bauer (2002).

4 PERCURSO METODOLÓGICO

4.1 TIPO DE PESQUISA

O tipo de pesquisa que orienta este projeto é a de base qualitativa, que possibilita fazer uma leitura dos dados sem a pretensão de apontar "verdades" e "certezas." A investigação qualitativa é a denominação de um movimento reformista surgido no início dos anos 1970 no meio acadêmico. Para Schwandt (2006, p. 193), é melhor entendermos a investigação qualitativa como um terreno ou uma arena para a crítica científica social, do que um tipo específico de teoria social, metodologia ou filosofia.

O trabalho empreendido aqui é um trabalho de pesquisa social, proposto por Bauer, Gaskell e Allum, já que nos interessamos "na maneira como as pessoas espontaneamente se expressam e falam sobre o que é importante para elas e como elas pensam sobre suas ações e as dos outros" (2002, p. 21). Sendo assim, na pesquisa desta tese não há uso de dados estatísticos, pois não consiste em uma pesquisa voltada a somas e a levantamentos numéricos.

4.2 OS PRIMEIROS TEXTOS: O QUE É SER BRASILEIRO?

Como já foi abordado na seção introdutória, denominada *Primeiras Palavras*, o contato da pesquisadora com o município de Jaguarão se deu por razões profissionais. O contato com uma nova cultura a levou a tecer algumas considerações sobre o novo cenário em que se inseriu. A questão geográfica, ou seja, a presença de dois países divididos por uma ponte levou-a a crer que Jaguarão e Rio Branco consistissem no mesmo lugar, não só do ponto de vista espacial, mas o mesmo lugar sobre a perspectiva de valores, crenças e ideologias, pelo fato de que Brasil e Uruguai foram colonizados por países ibéricos. Porém, no decorrer das aulas ministradas na UNIPAMPA, percebi[46] que um mal-estar, às vezes,

[46] Optei por usar primeira pessoa do singular.

materializado discursivamente por deboches e aversão em relação ao povo uruguaio, participava das aulas.

Comentários dessa natureza me instigaram e me levaram a tentar compreender que sujeitos são esses que habitam um espaço que, ao atravessarem uma ponte, se deparam com outra língua, ou melhor, com outra cultura. O primeiro passo foi uma pesquisa-piloto que consistiu em uma coleta de textos escritos com vinte e quatro sujeitos nascidos em Jaguarão/RS. A partir da minha percepção como "estrangeira", solicitei aos alunos do terceiro semestre do curso de Letras/Espanhol, noturno, a produção de um texto com o seguinte título: *O que é ser brasileiro?*

A produção dos textos foi feita em sala de aula, na minha presença. Muitos ficaram surpresos e comentaram que jamais pensaram sobre esse tema. Nos textos solicitados, as alunas e os alunos deveriam escrever de maneira livre sobre o que é ser brasileiro. Com os vinte e quatro textos em mãos, constatei que a representação de brasileiro expressa por esses sujeitos é muito próxima à representação que a mídia faz do brasileiro, isto é: povo batalhador, povo que não se entrega nunca, um povo alegre, uma mistura de raças. A partir dessa "definição" do que é ser brasileiro, a ínfima presença do povo uruguaio, vizinho próximo, marcou grande parte dos textos. E, tal ausência, tomada aqui com grande importância, levou-nos a refletir sobre o senso comum, que pontua que há forte integração entre brasileiros e uruguaios em regiões fronteiriças.

Com os comentários um pouco depreciativos por parte dos alunos e das alunas da Universidade nas aulas e com a ausência da figura uruguaia nos textos, essa exclusão me levou a pensar que a fronteira Jaguarão/Rio Branco não é parecida com outras fronteiras já descritas em relatórios de pesquisa na área de Geografia[47]. Em uma dissertação de mestrado na área de Linguística[48] sobre a fronteira Livramento/Rivera, a autora aponta que existe um sentimento de irmandade na relação entre brasileiros e uruguaios nas fronteiras.

Desse modo, a pesquisa-piloto impulsionou a pesquisa desta tese associada às leituras no campo da identidade e da linguagem na perspectiva de Bakhtin, que compreende que a linguagem é aberta, heterogênea e dialógica, portanto, as "respostas" dadas pelos sujeitos em relação ao que é ser brasileiro, apesar de estarem em consonância com a voz social do senso comum, ofuscam a figura do uruguaio. Esse ofuscamento traz a voz do global, ou seja, a voz

---

[47] Relatório de campo Segmento leste da fronteira Brasil – Uruguai, 4 a 7 de Março de 2008, financiado pelo do PROSUL/ CNPq. Departamento de Geografia da UFRJ (conforme referências bibliográficas).

[48] MEIRELLES, Virginia Andrea Garrido. *Aspectos fonológicos do contato entre o português e o espanhol na cidade de Sant'ana do Livramento-Rivera*. 2006. 192 f. Dissertação (Mestrado em Linguística)-Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

do brasileiro, desvelando que o brasileiro, morador da fronteira em estudo, se identifica mais com a voz do brasileiro de outras regiões do Brasil e não com a voz que constitui a identidade gaúcha, que é a local. O depoimento de Tabajara Ruas, escritor fronteiriço, traduz essa questão: "eu tenho a impressão de que o Rio Grande do Sul foi o estado que mais quis ser brasileiro" (2004, p. 66).

Como já abordamos, a partir desse espaço, dessa lacuna acerca do outro, entendido como o uruguaio, pela ausência do vizinho uruguaio nos textos, ou seja, essa falta desencadeou a motivação para esta pesquisa. Entretanto, apesar da contribuição desses sujeitos, eles não se configuram como os sujeitos da pesquisa da tese pelo fato de pertencerem ao meio acadêmico, por estarem no curso de Letras Português/Espanhol da UNIPAMPA. Essa peculiaridade nos fez destitui-los do cerne da pesquisa, uma vez que estão atravessados pelos discursos acerca da mobilidade da fronteira, mais especificamente nas disciplinas de Literatura, em que a leitura sobre fronteira discutida com os alunos acena para a integração entre as duas culturas, apagando os conflitos e as contradições.

4.3 OS SEGUNDOS TEXTOS: A ENTREVISTA PILOTO

Com a decisão da retirada dos alunos da UNIPAMPA e com a temática mais amadurecida para a tese, a pesquisadora partiu para mais um encontro com as vozes jaguarenses. Dessa vez, a entrevista oral, estilo pergunta-resposta, com um roteiro predeterminado, foi eleita (Anexo E) para a busca de material. Estas entrevistas podem ser consideradas como piloto, pois, a partir delas, a pesquisadora tinha como intuito verificar se, fora da Universidade, o diálogo com o rio-branquense era mais próximo. Como sugere a pesquisa qualitativa, esta primeira seção de entrevistas será denominada de primeira fase, que "[..] pode empregar um delineamento de amostra baseado em todas as informações acessíveis anteriores à investigação do tema" (GASKELL, 2002, p. 70).

A pesquisa foi realizada com sete sujeitos[49], sendo três do sexo masculino e quatro do sexo feminino, entre vinte e sessenta anos. Todos nasceram e são moradores de Jaguarão/RS. Chamamos a atenção aqui ao termo sujeito, o qual será o vocábulo que utilizaremos e já utilizamos em outros momentos para nos referirmos às pessoas entrevistadas. Freitas (2007, p.

[49] Por problema de áudio, só foram transcritas três questões do sujeito 7. O sujeito foi procurado novamente, mas não quis conceder outra entrevista, pois alegou timidez.

29) assinala que "considerar a pessoa investigada como *sujeito* implica compreendê-la como possuidora de uma voz reveladora da capacidade de construir um conhecimento sobre sua realidade que a torna co-participante do processo de pesquisa."

Como os contatos da pesquisadora se restringiam aos muros da UNIPAMPA e a opção era contemplar o sujeito comum, foi necessário o auxílio de uma bolsista, nascida e residente em Jaguarão, para a escolha dos participantes. Já que a bolsista tem um forte vínculo com a cidade e com os moradores, ela sugeriu essas pessoas, tendo em vista os seguintes critérios apresentados pela pesquisadora: ter nascido em Jaguarão; ser residente na cidade; quatro homens e quatro mulheres[50] com faixa etária entre 20 e 60 anos. O intervalo grande da faixa etária, sujeitos entre 20 e 60 anos, se justificava, pois o intuito seria investigar se os mais jovens eram mais "móveis", ou melhor, se integravam mais intensamente com os uruguaios e se entendiam que existia irmandade entre brasileiros e uruguaios.

Após todos serem contatados, a pesquisadora e a bolsista foram às casas de seis entrevistados. Na primeira entrevista, por questões de compromisso na UNIPAMPA, a pesquisadora não estava presente, ficando a cargo da bolsista a conversa. Um fato que marcou foi a preocupação dos entrevistados, exceto os sujeitos 1 e 2 (selecionados para a entrevista em profundidade), em dar respostas "corretas", embora tivéssemos explicado que a entrevista não teria por fim testar ou exigir respostas certas.

No entanto, pela forma da entrevista, pergunta-resposta, com uma série de questões predeterminadas e a insegurança da pesquisadora, houve pouca colaboração dos entrevistados. Apesar disso, essas entrevistas, embora curtas, mobilizaram sentidos no entorno da irmandade e dos conflitos por que passam os sujeitos que habitam esse *entre-lugares*, o que significa afirmar que, por meio desses dizeres, a pesquisadora delimitou seu campo de estudo.

Apesar de os textos estarem muito curtos, selecionamos diálogos dos sujeitos que debatem a situação da irmandade, o contato entre brasileiros e uruguaios e a possibilidade de pertencer às duas culturas. Três questões feitas aos sujeitos da primeira fase foram significativas para a produção desta tese. As três perguntas são:

1. Tens contato com os uruguaios?
2. Como morador/moradora, te consideras um pouco brasileiro/brasileira e um pouco uruguaio/uruguaia?
3. Consideras Jaguarão e Rio Branco como cidades irmãs?

[50] No dia da entrevista, uma mulher desistiu.

Para visualizar melhor, apresentamos as perguntas e abaixo as respostas dos sete sujeitos, com sexo, idade e atividade profissional. Para todas as perguntas, mantivemos a mesma ordem dos entrevistados.

Pergunta 1: Tens muito contato com os uruguaios?

Sujeito 1

Mais com aqueles da minha área de música.

Pesquisadora: *Músicos*?

Sujeito 1: *Isto.*

(homem, 50 anos, músico)

Sujeito 2

Eu tenho diversos contatos com os uruguaios porque a minha atividade comercial... A gente faz muitas ***amizades****, muitas* ***amizades*** *é claro por parte de trabalho. Tem muitas pessoas que a gente faz* ***amizade*** *por parte de trabalho, só por parte* ***do trabalho****.*

(homem, 60 anos, auxiliar contábil)

Sujeito 3

Tenho. 90% dos meus clientes são uruguaios. Eu trabalho aqui em Jaguarão, e a maioria dos nossos clientes são uruguaios.

(mulher, 26 anos, atendente de comércio)

Sujeito 4

Não.

(homem, 20 anos, estudante)

Sujeito 5

Não muito.

(mulher, 20 anos, estudante)

Sujeito 6

É tenho...mas pouco. Às vezes, eu vou pra lá, mas contato pouco. Pouco.

(mulher, 58 anos, do lar)

Sujeito 7

Tenho muitos amigos, vou a festas. Vivo direto lá.

(homem, 20 anos, estudante)

Percebemos que grande parte dos pesquisados foi breve em sua resposta, justificando a razão do contato com o povo uruguaio. O respondente sete afirma que o contato com o uruguaio gira em torno de festas, mas o dizer mais recorrente é por motivo de trabalho. Vejamos que, na fala do sujeito dois, o vocábulo *amizade* é bastante recorrente, pois é a justificativa do contato com os uruguaios. Assim, vemos que, apesar dos fortes conflitos bélicos, no século XIX, ocorridos na região, atualmente, é possível os moradores manterem vínculos de amizade. Essa fala revela o caráter integracionista da fronteira, já que os sujeitos têm a possibilidade de convivência independente da diferença linguístico-cultural. No entanto, mesmo que o substantivo *amizade* apareça, a relação entre os dois povos se instaura mais por situação de trabalho, como nas falas dos sujeitos um, dois e três.

Assim, a relação mais acentuada é a de trabalho, uma vez que sujeitos citados destacam que a relação com os uruguaios é marcada por meio do trabalho e, especificamente o sujeito dois, reforça essa ideia, ao enfatizar, no final do texto, "por parte do trabalho". Desse modo, o contato entre as duas nações pode ser representado por meio de festa (sujeito 7) e pelo trabalho, como os três primeiros sujeitos tentam explicitar, ou melhor, colocar em evidência que é **somente** pelo vínculo de trabalho. Destarte, cabe ressaltar que, por trabalho ou pelo trabalho, é possível estabelecer contato com o vizinho.

Anteriormente, apontamos que a questão proposta aos entrevistados foi uma das que motivou esta tese. Motivou pelo fato de que a aproximação geográfica entre Brasil e Uruguai, mais especificamente na fronteira em estudo, sinalizaria um contato natural e contínuo entre as duas cidades, não só movido por causas comerciais, mas por relações de amizade, afeto e desejo de estar em dois pontos no mapa e, até mesmo, por admiração pelo vizinho que está inscrito em outra cultura.

Entretanto, os enunciados 4 e 5, apesar de curtos, dialogam, por meio do desencontro, com o discurso sacralizado e consolidado de que o viver na fronteira necessariamente significa contato constante entre jaguarenses e rio-branquenses, encontrando eco com a mobilidade e a fluidez presentes nos estudos sobre fronteira. Os enunciados evocam vozes que anunciam um embate entre as duas culturas e, além desse embate sociocultural, desestabilizam discursos dados como prontos e acabados. Ressaltamos que os sujeitos 4 e 5 deram suas respostas *não/não muito* de forma muito segura, como se encerrassem a pergunta

ou até mesmo promovessem um silenciamento, um não querer falar sobre o assunto. Em suas visões, o advérbio *não*, carregado de valor, foi suficiente, pleno de sentido e traduziu o seu posicionamento sobre a pauta.

Como a pergunta dois apresenta forte relação com a pergunta um, optamos por colocá-la logo a seguir. Os sujeitos se posicionaram da seguinte forma:

Pergunta 2: Como morador/moradora, te consideras um pouco brasileiro/brasileira e um pouco uruguaio/uruguaia?

Sujeito 1: *Um pouco uruguaio por laços de família, meu bisavô era uruguaio, mas eu sou totalmente brasileiro, não viveria no Uruguai de maneira nenhuma.*

Sujeito 2*: De maneira nenhuma. Eu não me considero. Eu, particularmente, sou brasileiro. Eu me sinto brasileiro. Eu só me sentiria uruguaio se eu saísse do país. Bom...agora vou me embora. Eu sou brasileiro desde o dia que eu nasci. Eu não me sinto uruguaio nem aqui e nem...no fim da vida. Sou brasileiro e sou brasileiro.*

Sujeito 3: *Me considero...até porque a gente acaba pegando muitas coisas dos uruguaios, coisas dos costumes. Muitas palavras a gente acaba falando em espanhol em vez de português.*

Sujeito 4: *Não, porque eu me criei entre os brasileiros. Eu nunca morei ou fiquei muito tempo no Uruguai, só de visita mesmo.*

Sujeito 5 *Nem um pouco (pausa longa). Só porque é uma cidade vizinha não quer dizer que daqui a pouco a gente vá virar uruguaio só porque tá aqui do lado.*

Sujeito 6 *Não. Me considero brasileira. Simplesmente brasileira, porque moro no Brasil. Uruguaia não.*

Sujeito 7 *Me considero um pouco, porque tenho muitos amigos lá. Eu passo lá.*

Assim como na questão anterior, uma heterogeneidade de vozes circula em torno da questão proposta. Os fragmentos apresentados, de certa forma, causam estranhamento pelo fato de que a proximidade territorial entre Jaguarão e Rio Branco produz discursos que acolhem a ideia de sentir-se um pouco brasileiro, mas também a rejeita, sendo que, em algumas falas, essa rejeição insurge de maneira enfática e acentuada. Contudo, da mesma

forma que os enunciados provocam estranhamento, eles se respaldam na mobilidade da fronteira, que acolhe movimentos de integração e de retenção.

A literatura que trouxemos acerca da identidade sinaliza que os sujeitos (HALL, 2006, p. 69) estão com suas identidades atomizadas e fragmentadas e, hoje, em plena era da globalização, marcada por trocas e fluxos, discursos que clamam por manter a sua identidade nacional ou regional surgem com força. Além dos sujeitos marcarem sua identidade, podemos pensar que a identidade essencializada se faz presente nessas falas, uma vez que temos o local de nascimento expresso em algumas das falas que se apresentam como justificativa para o sujeito *sentir-se brasileiro* (sujeitos 2, 4 e 6).

Em diálogo com o enunciado "sentir-se brasileiro", temos enunciados que rejeitam a possibilidade de duplo pertencimento. O sujeito 2, participante da pesquisa em profundidade, declara seu pertencimento à nação brasileira e vincula a sua identificação ao fato de residir no Brasil e ter nascido em solo brasileiro, construindo sua identidade atrelada ao nascer/morar no Brasil da mesma forma que o sujeito 4, que pauta sua identidade na convivência com brasileiros. Já o sujeito 5, após uma pausa, nega a possibilidade de pertencer às culturas brasileira e uruguaia, pois, no seu entendimento, que traz em seu discurso a visão de fronteira como limite, explicita que a proximidade geográfica não se conforma como um requisito à formação de um sujeito híbrido. Em seu dizer, a pesquisada promove a separação e a resistência à entrada da cultura do vizinho.

Na última questão, a número três, selecionada para esta seção, os sujeitos novamente se movimentam de maneira diferenciada, reforçando como a linguagem é dinâmica, dialógica, heterogênea e inseparável do fluxo da comunicação verbal. Devido a essas características da linguagem, é que ela possibilita leituras diferentes do mesmo evento. Observemos:

Pergunta 3: Tu consideras Jaguarão e Rio Branco como cidades irmãs?

Não, isso é muito bonito no papel, mas na realidade a gente sabe que não é bem assim, porque quer queira quer não existe a rivalidade, porque o pessoal fala tanto em Mercosul né e em cidades coirmãs e tudo mais e a gente ***vê que na prática não é isso*** *quer dizer se nós for sair pra dentro do Uruguai com a 30 km da fronteira nós já temos que pagar a carta verde não temos direito praticamente nenhum, qualquer infração que tu cometa né já prendem teu carro, já tive caso na família de perdermos um carro no Uruguai, familiares meus irem levar um doente a, por exemplo, a Trinta e Três e vencer a licença de turismo e ligarem daqui da fronteira pra La que tinha vencido e nós perdemos um carro.* (sujeito 1)

Esse sentido que usam Jaguarão /Rio Branco cidades irmãs, na irmandade, pra mim esse conceito que usam não é válido na minha opinião. Não sei se tu queres que eu te diga o porquê. Tu aceitas a minha opinião?

Pesquisadora: *Sim*

Um exemplo: se nós vamo lá no Rio Branco, eu já vi diversas vezes, se vai faze um retorno indevido, dentro da Cidade de Rio Branco, o guarda ali, eles tem ali os azulzinho que na minha opinião são uma cambada de incompetente, eles te param, multam, se tu não paga eles prendem teu carro, e aprendem os documento. Eles entram aqui no Brasil sem placa, sem para-choque, sem sinaleira fazem o que bem entendem e as nossas autoridades fazem graça, pedem pra retornar ....eu acho que existe uma...existe uma paridade na irmandade. Lá eles mantém a autoridade e aqui eles vêm e fazem o que bem entendem e fica por isso mesmo. (sujeito 2)

Considero até porque tem muitos brasileiros que moram em Rio Branco, e muitos uruguaios que moram em Jaguarão. (sujeito 3)

Não. (sujeito 4)

Não.

Pesquisadora: *Por quê?*

Porque tem ideias diferentes, tem rivalidade e....(pausa longa) e...não são irmãos em tudo, não se dão bem, tem ideias diferentes. (sujeito 5)

Não, não considero. Cada um é cada um. (sujeito 6)

Sim...Ah, porque se são países vizinhos, a gente passa lá, e eles passam aqui. (sujeito 7)

Como já mencionamos, as questões acima contribuíram na construção desta pesquisa, já que, por meio delas, depreendemos a diversidade de vozes que compõem a rede de significações no que tange à irmandade, foco da tese. Os sujeitos não hesitam em dar suas respostas, no entanto alguns são mais breves e sintéticos, ou seja, não justificam sua respostas, e outros, mais incisivamente, como os sujeitos um e dois, apresentam argumentos por meio de relatos de situações cotidianas que sustentam suas afirmações.

Os fragmentos acima apresentam dois pontos de vista distintos sobre o mesmo evento. De um lado, há os pesquisados, especificamente 3 e 7, que compartilham da ideia da irmandade entre Jaguarão e Rio Branco, explicitando que essa relação de irmandade se materializa pela noção de movimento ou de trânsito, seja pelo trabalho ou pelas idas e vindas de um país para outro por razões distintas, atribuindo à fronteira um sentido mais contemporâneo, que compreende a fronteira como um espaço de trânsito e de integração.

Entendemos que esses dizeres vislumbram a possibilidade de negociação entre essas duas culturas.

Por outro lado, os entrevistados, que não compactuam com a voz da irmandade entre brasileiros e uruguaios, marcam essa rejeição por meio da diferença. Desse modo, a relação de alteridade aparece com bastante força nesses fragmentos, uma vez que para esses jaguarenses não é possível considerar Jaguarão e Rio Branco como cidades irmãs devido às discordâncias de comportamentos e de atitudes entre as duas culturas, e tais diferenças alijam a possibilidade de estabelecer uma relação fraterna, entendida aqui como relação de irmãos no sentido mais positivo do termo, conforme apresentamos nas definições dicionarizadas.

O sujeito 2, de forma acentuada, atenta que a irmandade não é um "conceito válido". Esse dizer está assentado na fronteira como uma demarcação rígida e inflexível do território nacional em relação ao outro país e traduz o que Padrós (1994, p. 72) afirma. A fronteira, sob este prisma, enxerga "o outro" como rival, estranho ou inimigo e impossibilita os fluxos de pessoas e bens. A fala do entrevistado em questão marca a resistência dos sujeitos de Jaguarão em relação aos sujeitos uruguaios e, também, marca a diferença entre os dois povos. Ao comparar o tratamento entre brasileiros e uruguaios no que diz respeito às leis de trânsito, evoca a diferença entre ambos. De certa forma, o sujeito, ao marcar no contexto enunciativo a diferença entre essas duas culturas, ratifica a forte imbricação entre identidade e diferença. No momento em que ressalta que no Uruguai "eles mantêm a autoridade", nessa voz, está embutido o dizer "que o Brasil **não** mantém a autoridade".

Devemos ressaltar que os respondentes 1 e 2, quando perguntados sobre a irmandade, ambos a desconsideram, pois entendem que o tratamento dado aos brasileiros em termos de saúde e de trânsito não representa uma atitude de irmandade pelo lado uruguaio, produzindo um discurso que o rejeita e torna a irmandade unilateral. Como no texto do primeiro sujeito, a marcação da diferença em termos de legislação também é explicitada. Desse modo, os enunciados acima apontam para o caráter dialógico da linguagem compreendido por Bakhtin, pelo fato de que ao mesmo tempo em que há a voz que nega a irmandade entre brasileiros e uruguaios, há a voz que diz que há irmandade que se traduz por meio de trabalho e/ou amizade. Há um confronto de dizeres no entorno da identidade fronteiriça, já que temos um discurso atravessado por crenças, ideologias e pela memória que rejeita e integra brasileiros e uruguaios, moradores da fronteira em questão.

Podemos afirmar que o confronto de dizeres se instaura e que não há um único dizer ou um dizer verdadeiro, há uma pluralidade de dizeres que estão no entorno da representação

da irmandade. Os entrevistados assumem uma atitude responsiva em relação à voz social que aponta a existência da irmandade entre brasileiros e uruguaios.

As reflexões apresentadas pelos sujeitos 1 e 2 foram um estímulo a um contato maior com eles, uma vez que ambos se mostraram mais interessados e dispostos do que os outros a discutirem sobre o fronteiriço e as implicações que agregam essa identidade.

Após a realização da entrevista da primeira fase, os entrevistados 1 e 2 afirmaram (de forma incisiva) que estariam dispostos a uma nova conversa, justificando que "gostam de falar". No término da entrevista, que foi bastante curta, a pesquisadora notou o ímpeto e a vontade que eles tinham em falar mais, em dizer mais. Pela entonação de euforia após a entrevista, percebemos que essa vontade, expressa pelos entrevistados, caminhava no sentido da satisfação de obter um espaço para manifestar seus sentimentos e suas expressões acerca do que envolve a fronteira. Além disso, ficou uma lacuna entre a pesquisadora e os sujeitos, que carecia ser preenchida. Então, a partir do vácuo deixado pela entrevista de primeira fase e da disponibilidade real dos pesquisados, o planejamento para a pesquisa em profundidade foi elaborado.

Pela entrevista da primeira fase, a pesquisadora percebeu que os sujeitos 3, 4, 5, 6 e 7 não apresentaram disposição para debater o assunto da irmandade. A resposta para a indisposição dos entrevistados pode ser devido à delicadeza do tema ou pelo receio de que possa comprometê-los de alguma forma. Ressaltamos que são possibilidades aventadas pela pesquisadora.

Além do estímulo para a pesquisa, a certeza e a necessidade da entrevista em profundidade (será descrita no próximo tópico) se tornaram mais evidentes. O diálogo que esses sujeitos travaram nesses pequenos fragmentos sobre a noção de irmandade evoca vozes que, muitas vezes, são silenciadas pelo social que determina que brasileiros e uruguaios fronteiriços, por viverem lado a lado, são irmãos.

Assim, apesar do tempo curto das entrevistas e da retirada de cinco sujeitos, este material trouxe duas contribuições. A primeira foi o contato com os pesquisados para a entrevista em profundidade, e a segunda contribuição consistiu na revelação (ou confirmação!) de que quando o pesquisador parte para o campo, arena desconhecida, muitas certezas podem ser refutadas e, a partir da aproximação com o sujeito ordinário, proposto por Certeau (veremos abaixo), os objetivos de um trabalho começam a ser desenhados.

4.4 A ESCOLHA DOS PARTICIPANTES E A ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE

Certeau (2008, p. 57) sugere, como já foi explicitado anteriormente, que em pesquisa é importante direcionar o olhar para o homem ordinário, o herói comum, uma vez que esse homem comum se apropria e se reapropria daquilo que lhe é imposto. Assim, a escolha dos participantes da pesquisa está ancorada na ideia de que os moradores comuns de Jaguarão, em suas práticas cotidianas, como a fala, ressignificam alguns conceitos já dados como prontos.

No caso desta pesquisa, podemos destacar dois pontos que cercam os moradores de fronteira: o primeiro diz respeito à irmandade, que é difundida no senso comum e está "resolvida" por meio de acordos e proximidade geográfica, e o segundo concerne à aceitação de uma identidade móvel e fluida, que possibilita que o sujeito transite incontestavelmente por duas identidades nacionais.

A partir desses dois tópicos, já podemos adiantar que o sujeito comum, aquele que mora na fronteira, pode ressignificar a irmandade e a fluidez, sendo que essa ressignificação aparece em seus discursos quando discute sobre a irmandade na fronteira e a possibilidade de navegar em duas identidades, tomada aqui como a possibilidade de sentir-se um pouco brasileiro e um pouco uruguaio. Ressaltamos que as vozes sociais/discursivas presentes na fronteira em estudo manifestam a coexistência e a tensão da resistência e da integração, o que acaba por ratificar as noções discutidas sobre a mobilidade, a fluidez e a contradição da identidade, no capítulo que exibiu os pressupostos teóricos.

Após a análise da primeira leva de textos escritos e das entrevistas orais da primeira fase, as quais já traziam dizeres que evocam uma relação de resistência e de integração entre brasileiros e uruguaios, partimos para um novo contato com os sujeitos que já haviam sido entrevistados e se mostraram dispostos a contribuir com o trabalho de tese. Assim, como mencionamos, procuramos sujeitos que pudessem ser traduzidos como o herói comum (CERTEAU, 2008).

Antes da realização da entrevista propriamente dita, a preparação e o planejamento são cruciais. No escopo da pesquisa qualitativa, Gaskell (2002, p. 66) explicita que duas questões centrais devem ser consideradas, antes de qualquer forma de entrevista: o que perguntar (a especificação do tópico guia) e a quem perguntar (como selecionar os entrevistados).

Com relação ao tópico guia, Gaskell (2002, p. 66) explica que ele tem a finalidade de dar conta dos fins e objetivos da pesquisa e se ancora na junção da leitura crítica do referencial teórico utilizado para o trabalho, do reconhecimento do campo, discussões com

colegas experientes e algum pensamento criativo. No caso desta pesquisa, explanaremos de que forma os requisitos para a composição do tópico guia aparecem. Vejamos a seguir.

No que tange à leitura do referencial, a pesquisadora já havia efetuado leituras nas disciplinas do doutorado e devido às próprias leituras, centradas na identidade, no discurso e na fronteira, é que as dúvidas e as incertezas emergiram com força. As leituras e o contato real e concreto com os moradores fronteiriços travavam um diálogo constante. Desse modo, o conhecimento e, sobretudo, o reconhecimento do campo de trabalho assumia formas e trejeitos. Já as discussões com colegas se situavam no nível da definição de fronteira[51], porém as conversas (muitas cotidianas) acerca de pesquisa qualitativa eram ínfimas no contexto de trabalho, ficando restritas mais ao espaço da pós-graduação, nas conversas com o orientador, com colegas do doutorado e nas disciplinas cursadas.

Com esse aparato, de suma importância para a elaboração do tópico guia, o pesquisador tende a apresentar uma estrutura para a sua entrada no campo. Assim, o tópico guia "funciona como um lembrete para o entrevistador, como uma salvaguarda quando der um 'branco' no meio de uma entrevista, um sinal de que há uma agenda a ser seguida […]" (Ibid., p. 67). Apesar da presença do tópico guia no ato da entrevista, Gaskell alerta que o entrevistador não deve se tornar escravo dele.

Além do tópico guia, a pesquisa qualitativa apresenta a noção de seleção, isto é, seleção de entrevistados. Esse termo marca a diferença entre a pesquisa quantitativa que emprega o termo amostragem. Gaskell (2002, p. 67) afirma que a amostragem carrega, "inevitavelmente, conotações dos levantamentos e pesquisa de opinião onde, a partir de uma amostra sistemática da população, os resultados podem ser generalizados dentro de limites específicos de confiabilidade". Por outro lado, a pesquisa qualitativa se debruça na exploração das diferentes possibilidades de opinião e de pontos de vista dos sujeitos acerca de um determinado tema.

No que concerne à seleção dos entrevistados, especificamente neste trabalho, um fator foi determinante: os respondentes deveriam viver no mesmo ambiente social. No caso dos entrevistados selecionados, que já haviam participado das entrevistas de primeira fase, os dois nasceram na cidade de Jaguarão e ainda residem no município. Com relação às idades, os dois sujeitos estão na faixa etária entre 50 e 60 anos, têm Ensino Médio completo e atuam no mercado de trabalho. O primeiro entrevistado tem 60 anos, é analista contábil de um posto de

[51] Aproveito aqui para agradecer meu colega Carlos Garcia Rizzon, professor de Literatura da UNIPAMPA/Campus Jaguarão, doutor em Literatura Comparada, que me forneceu bastante material sobre fronteira e foi meu interlocutor no período em que trabalhei nesta instituição.

gasolina de Jaguarão, é casado e é aposentado pelo Instituto Nacional do Seguro Social (INSS). Mesmo aposentado, Mário trabalha para complementar a renda. O segundo entrevistado tem 50 anos, é músico (trabalhador autônomo) em Jaguarão e é solteiro. Em termos de experiências, evidenciamos, por meio de conversas anteriores à gravação da entrevista, que ambos já eram adultos no período das mobilizações em torno do Mercosul e têm uma vida político-social ativa na cidade.

Além da disponibilidade dos pesquisados, a proximidade de idade também foi importante para a escolha. Em pesquisas sociolinguísticas, gerações diferentes são fatores extralinguísticos que determinam usos linguísticos[52], no entanto, nesta pesquisa, o processo se dá de forma contrária, pelo fato de que o nosso interesse na investigação é analisar se pessoas que pertencem à mesma geração produzem discursos que converjam para o mesmo campo de sentidos, por isso, sujeitos de idades próximas foram privilegiados aqui.

Com o tópico guia e a seleção dos entrevistados, o sujeito-pesquisador está mais preparado para realizar suas entrevistas. A pesquisa qualitativa sugere dois tipos de entrevista semi-estruturada: a entrevista com um único respondente (entrevista em profundidade) e a entrevista com um grupo de respondentes (grupo focal). Neste trabalho, optamos pela entrevista individual, ou melhor, a entrevista em profundidade, gênero que revela o quanto nós, falantes, somos produtores de texto.

Amorim (2006, p. 98) afirma que "as Ciências Humanas são entendidas por Bakhtin como ciências do texto, pois o que há de fundamentalmente humano no homem é o fato de ser um sujeito falante, produtor de textos." Em um trabalho de pesquisa, os dois sujeitos envolvidos, pesquisador e pesquisado, são produtores de textos e permanecem o tempo todo negociando sentidos em diferentes momentos, como no caso desta tese: no convite para a entrevista, na entrevista propriamente dita, na transcrição e na análise. Assim, podemos afirmar que o diálogo marcou todo o processo que englobou a pesquisa. Faraco (2006, p. 42) aponta que, nas Ciências Humanas, há ao menos dois sujeitos implicados: "o que analisa e o analisado. Ou seja, nestas ciências o intelecto contempla textos, isto é, conjunto de signos (verbais ou não), produtos de um sujeito social e historicamente localizado."

Além de caminharmos na direção de Certeau, em busca do sujeito ordinário, empregamos a entrevista pelo fato de que ela é capaz de "mapear e compreender o mundo da vida dos respondentes [...]" (GASKELL, 2002, p. 65). Além disso, ela fornece ao pesquisador

[52] O projeto NURC-Norma Urbana Culta é um exemplo deste tipo de pesquisa. No banco de dados do projeto, há entrevistas orais da década de 1970, e os mesmos entrevistados foram procurados para conceder entrevista nos anos 2000.

elementos básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e a sua situação. Para Gaskell (2002, p. 65), a entrevista tem por objetivo compreender detalhadamente as crenças, os valores e as motivações em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos. Devido a esse objetivo, a modalidade em questão é um instrumento significativo na pesquisa qualitativa por apresentar a quem pesquisa uma gama variada de significados e representações, evidenciando a opacidade da linguagem.

Em situação de pesquisa acadêmica, de cunho qualitativo, a entrevista não pode ser encarada como uma simples coleta de dados e de informações ou como uma ferramenta de descoberta do pesquisador e que, por meio dela, o interlocutor "dirá a verdade". Também cabe ressaltar que a entrevista, em uma situação de pesquisa, não tem a mesma função que as entrevistas apresentadas em programas de televisão, realizadas por jornalistas ou pessoas da mídia que assumem esse papel, ou até mesmo entrevistas de emprego. Devido a essa instabilidade, Rocha afirma que:

> […] a diversidade de funções e de objetivos perseguidos por cada modalidade de entrevista - divertir, informar, entreter o público, avaliar - impede-nos de buscar algum tipo de identidade estável que funciona como ponto de interseção de suas diferentes manifestações (ROCHA, 2004, p. 165).

A partir da ideia de que a entrevista auxilia o pesquisador a ter uma representação de um contexto sócio-histórico determinado, a dúvida que emerge é: que tipo de entrevista é mais apropriada em uma investigação de cunho qualitativo? Para autores como Gaskell e Bauer, a entrevista individual é mais adequada na pesquisa acadêmica, ficando a entrevista em grupo para a pesquisa comercial. No entanto, ressaltamos que esses autores não descartam a entrevista em grupo, uma vez que a discutem e a sugerem, denominando-a de entrevista com grupo focal[53], que apresenta mais de um respondente.

Neste trabalho, optamos pela entrevista, na modalidade oral, semi-estruturada, com um único respondente, denominada de entrevista em profundidade. Essa entrevista consiste em uma conversação que dura normalmente entre uma hora e uma hora e meia. Como na entrevista em grupo, na modalidade individual o pesquisador não orienta a sua investigação

[53] Gaskell (2002, p. 79) apresenta uma pertinente discussão acerca da entrevista em grupo. Nesse texto, o autor apresenta as vantagens e desvantagens desse tipo de coleta.

por meio de uma lista de perguntas predeterminadas[54]. Mesmo que exista um tópico guia, Gaskell afirma que:

> [...] a ideia não é fazer um conjunto de perguntas padronizadas ou esperar que o entrevistado traduza seus pensamentos em categorias específicas de resposta. As perguntas são quase que um convite ao entrevistado para falar longamente, com suas próprias palavras com tempo para refletir (GASKELL, 2002, p. 73).

Esse tipo de entrevista possibilita que o pesquisador obtenha esclarecimentos e acréscimos em questões significativas, realizando sondagens e até mesmo questionamentos mais específicos. A importância da entrevista para este trabalho reside no fato de que esse gênero é um processo social, uma interação, como afirma Gaskell. O autor (p. 75) assinala que a entrevista é uma troca de ideias e significados, em que várias realidades e percepções são exploradas e desenvolvidas. Esse tipo de interação põe em diálogo um conjunto de sentidos e sentimentos acerca do mundo e dos fatos e sinaliza para a presença de diferentes realidades possíveis, ou seja, ocorre uma negociação de realidades. Sob o mesmo viés, Rocha (2004, p. 165) acrescenta que a entrevista se configura como uma prática discursiva e como um espaço de versões da realidade.

Aliada à negociação de realidades, a entrevista em profundidade é uma metodologia bastante empregada nas pesquisas qualitativas, principalmente nas Ciências Sociais, pois "a finalidade real da pesquisa qualitativa não é contar opiniões ou pessoas, mas ao contrário, explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão" (GASKELL, 2002, p. 68).

A citação acima está em consonância com a "caixa de ferramentas bakhtiniana" (MARCHEZAN, 2006, p. 126), já que a entrevista em profundidade possibilita ao pesquisador um encontro com vozes sociais que anunciam marcas sócio-históricas que constituem uma certa cultura e uma certa sociedade. Ao tratar das vozes sociais, Faraco (2006, p. 56) assinala que há um encontro sociocultural entre essas vozes, estabelecendo-se uma dinâmica, ou seja, "elas vão se apoiar mutuamente, se interiluminar, se contrapor parcialmente ou totalmente, se diluir em outras, se parodiar, se arremedar, polemizar velada ou explicitamente e assim por diante." Assim, reiteramos que a pesquisa de campo, na perspectiva qualitativa, proporciona esse (des)encontro com as vozes sociais, uma vez que a

[54] Embora a pesquisadora tivesse perguntas predeterminadas no tópico guia, na transcrição das entrevistas os novos rumos que as entrevistas tomaram aparecem de forma bastante clara.

escolha do material linguístico que o entrevistado executa, e o conjunto de valores, crenças e ideologias em que ele se insere mobilizam uma série de sentidos sobre o tema proposto, conduzindo o pesquisador a praticar (ao menos tentar!) aquilo que "Bakhtin pratica de modo tão magistral: ouvir e executar *amorosamente* a palavra do outro" (FARACO, 2007, p. 99).

A partir do entendimento de que a entrevista em profundidade traz diferentes representações sobre um mesmo tema, consideramos que a justificativa acerca da escolha dessa modalidade esteja em harmonia com esta proposta.

Ressaltamos que a gravação das entrevistas, nesta pesquisa, não consistiu em uma tarefa fácil, pelo contrário, configurou-se como um trabalho árduo pelo fato de que a entrevista não se caracteriza como um diálogo do cotidiano[55]. Além disso, o gênero entrevista, altamente complexo, se caracteriza como uma situação formal, pois por mais que todos estejam à vontade e se estabeleça entre os participantes - pesquisador e entrevistado - uma relação de confiança e segurança (*rapport*)[56], a formalidade se faz presente. No caso desta tese, dada a complexidade da temática estudada, os sujeitos foram colaborativos, porém, em determinados momentos, mostravam-se apreensivos e pensativos.

O proveitoso contato com os dois sujeitos, nas entrevistas da primeira fase do trabalho, impulsionou a procurá-los novamente. A disponibilidade, o empenho, a amabilidade e as significativas contribuições que eles deram nas entrevistas anteriores foram fatores decisivos para o novo contato. A entrevista com esses sujeitos, homens simples, homens comuns, impeliu grande parte da pesquisa e, além disso, consideramos de grande valia o encontro com vozes que provocam ecos de identificação e, também, de contestação.

O contato para o agendamento das entrevistas foi efetuado pela bolsista (na época) da pesquisadora, pois ela os conhecia de longa data e também percebeu a vontade e a disposição que os pesquisados demonstraram. As gravações das entrevistas duraram em torno de uma hora e meia, em um sábado, véspera do feriadão de carnaval. Os dois optaram pelo sábado, já que teriam mais tempo para a conversa. As questões debatidas foram feitas a partir de um tópico guia (Anexo G), similar ao roteiro utilizado nas entrevistas de primeira fase, e realizadas nas casas dos entrevistados, pois, de maneira muito receptiva, se dispuseram a receber a pesquisadora em suas residências. A receptividade dos participantes foi uma constante desde o momento do primeiro contato. Além de serem acolhedores, demonstraram um sentimento de orgulho por serem sujeitos de uma pesquisa de doutorado, mas esse orgulho

[55] Marchezan (2006, p.19) explica que os diálogos do cotidiano, os gêneros primários, são os diálogos que experimentamos sensível e concretamente no dia a dia. Devido a isso, a entrevista não se constitui como um diálogo do cotidiano, já que requer um planejamento prévio.
[56] Termo utilizado para a relação de confiança e segurança (GASKELL, 2002, p. 74).

ficou abalado no momento em que foi explicada a situação do sigilo do nome. Os entrevistados demonstraram um pouco de decepção, ao afirmarem que queriam que seus nomes aparecessem no texto. Um deles afirmou: "então, pra que dar entrevista se meu nome não vai aparecer lá?" (fonte Diário de campo)[57]. Tendo em vista essa solicitação, optamos por manter seus nomes.

Uma marca forte encontrada nas entrevistas foi a narrativa. O processo de interação, protagonizado por pesquisador-pesquisado, esteve fortemente marcado por narrações que davam suporte à argumentação dos participantes, pois cada evento narrado, único e singular, conferia um tom de "veracidade" ao debate. No decorrer da entrevista, os exemplos trazidos pelos sujeitos e as histórias, as quais eles vivenciaram, funcionam como uma confirmação de que a versão contada é pura e verdadeira.

Após a exposição do percurso do trabalho de pesquisa, apresentaremos uma possibilidade de análise das entrevistas de profundidade. Utilizamos o artigo indefinido *uma*, pois, dependendo da orientação teórica e metodológica que o pesquisador escolhe para iluminar o seu trabalho, diferentes abordagens e interpretações podem ser dadas ao material de pesquisa.

No capítulo que versou acerca dos *Procedimentos Metodológicos*, além de traçarmos o percurso da pesquisadora, expusemos uma possível análise das entrevistas da primeira fase, as quais contribuíram na elaboração do objetivo geral deste trabalho e para a tese. Embora não tenhamos optado por conversar novamente com todos os entrevistados da primeira fase, esse momento possibilitou a retomada da entrevista com os pesquisados Mário e Ladiner, protagonistas desta pesquisa.

A próxima seção, ponto expressivo da tese, se dedica a ilustrar a (uma) análise das entrevistas. Após a transcrição dos textos orais, momento posterior à gravação, foi possível enxergar a complexidade e a gama de significações que "saltavam" dos textos. Em várias ocasiões, a pesquisadora se questionou sobre a possiblidade de novas entrevistas com outros interlocutores, no entanto, por se tratar de uma pesquisa de base qualitativa, julgou desnecessário, uma vez que a variedade de temas debatidos pelos pesquisados delineou os contornos do objeto, a irmandade.

---

[57] O Diário de Campo, como orienta a pesquisa qualitativa, foi o material de anotações que a pesquisadora utilizou no decorrer da pesquisa, que teve início em abril de 2009 (coleta dos textos escritos) e se encerrou em fevereiro de 2011 (gravação das entrevistas em profundidade). Nesse diário, diversas anotações eram feitas. Exemplos: comentários dos alunos acerca dos "castilhanos", comentários dos entrevistados antes e depois das entrevistas, receio diante dos entrevistados, frustração com a primeira fase das entrevistas. Podemos dizer que o Diário de Campo funciona como os "bastidores" da pesquisa.

A partir da leitura atenta dos textos produzidos pelos sujeitos e da contribuição da banca de qualificação[58] , os temas levantados pelos entrevistados se transformaram em nichos para a análise, que serão discriminados na próxima seção. Com base nos nichos e com o suporte teórico dos estudos identitários e bakhtinianos, a pesquisadora analisou o material, fundamentando o diálogo de tensão que perpassa a relação de irmandade entre Jaguarão e Rio Branco.

[58] No texto de qualificação, a pesquisadora havia separado em nichos a integração e a diferença. No entanto, por sugestão das professoras Maria da Glória Di Fanti e Letícia de Freitas, que constituíram a banca de qualificação, reviu a separação e optou por trabalhar com outros nichos, já que a irmandade se conforma pela integração e pela resistência.

5 POR UMA ANÁLISE

O título desta seção se justifica devido à proposta de discussão que vem tecendo esta tese. Sobral (2009, p. 136), em uma de suas obras, na qual desenvolve uma análise, afirma "recusamos a ideia de a 'análise', preferindo 'uma' análise entendida como um 'possível' entre outros possíveis". A partir do entendimento de que o trabalho de análise consiste em um ponto de vista sobre determinado evento, acolhemos a ideia de que os discursos são pontos de vista sobre o mundo, portanto, para a construção de sentidos, não existe espaço para julgamentos do tipo: "esta concepção de mundo é certa ou errada". O que podemos considerar é que existem diferentes vozes sociais/discursivas que são determinadas por diferentes valores, crenças, ideologias e se situam em um contexto sócio-histórico determinado.

Sob essa perspectiva, asseveramos que este trabalho tem a preocupação em compreender as diferentes vozes sociais/discursivas que estão no entorno da irmandade na fronteira Jaguarão/Rio Branco. Para que possamos nos debruçar diante das vozes que se apresentam, o olhar empreendido ao material de pesquisa tem respaldo nos estudos identitários e na concepção bakhtiniana de linguagem, pelo fato de que, como aludimos em diferentes momentos da tese, por meio da linguagem, os sujeitos constroem e (re)constroem suas identidades sempre em/com relação ao outro, em um constante movimento de proximidade e de distanciamento.

Além dos estudos identitários, com o apoio dos estudos de Bakhtin, neste trabalho, observaremos de que forma os enunciadores, sujeitos da pesquisa, produzem seus discursos e se posicionam por meio de acentos valorativos frente a outros discursos e a outros sujeitos.

Delimitado o campo teórico no qual nos moveremos para a análise e que já foi discutido na seção dos *Pressupostos Teóricos*, retomamos os objetivos propostos na seção *Primeiras Palavras,* preâmbulo do trabalho. Esta pesquisa tem como objetivo geral demonstrar que o conflito de dizeres dos moradores brasileiros residentes em Jaguarão constrói a irmandade entre jaguarenses e rio-branquenses, que se constitui plena de tensões e de contradições. A representação da irmandade será analisada por meio da apreensão de traços de integração e/ou resistência que aparecem nos discursos dos pesquisados.

O objetivo geral se desdobra em dois objetivos específicos. O primeiro é analisar as vozes sociais/discursivas que apontam para a integração entre brasileiros e uruguaios. O segundo objetivo é verificar no discurso dos jaguarenses como se dá a marcação da diferença em relação ao povo rio-branquense. Mesmo que tenhamos optado por apresentar os dois objetivos específicos separadamente, na análise abaixo, a diferença e a integração serão trabalhadas juntas, já que a intersecção entre as duas é o que provoca o tensionamento e caracteriza a irmandade da fronteira em estudo.

Para atribuirmos sentido ao material de investigação, organizamos nossa análise de forma a contemplar as marcas da integração e da diferença. Para que fiquem mais claros os dois tópicos, introduzimos nichos que materializam o movimento de integração e de diferença, os quais serão elencados abaixo.

5.1 MARCAS DA INTEGRAÇÃO E DA DIFERENÇA

Como dividimos a análise em nichos, nesta parte da tese, centraremo-nos na busca de marcas linguísticas presentes nos discursos dos pesquisados que evidenciem as vozes sociais/discursivas da integração e da diferença/resistência dos moradores de Jaguarão. Essas marcas contribuíram de maneira expressiva para a pesquisa, uma vez que revelam a mobilidade da fronteira, ou seja, a resistência e a integração, materializadas pela possibilidade de negociação com a cultura uruguaia e, ao mesmo tempo, pela resistência em se integrar com a cultura do outro.

Optamos por estudar em conjunto a integração e a diferença, já que a fusão e a tensão entre ambas é o que constitui a identidade do sujeito de Jaguarão, que foi contemplado nesta pesquisa. Destacamos que a diferença se constitui como uma marca contínua nos fragmentos discutidos dos dois entrevistados. No caso deste trabalho, a tensão e o embate entre o resistir e o integrar demarcam os discursos dos pesquisados. Para evidenciar esse embate, dividimos o estudo nos seguintes nichos: fronteira e legislação; língua, música, comida, moda e festa e nacionalidade. Após a análise em forma de nichos, o encerramento da seção se dedica a observar trechos das entrevistas que contemplam a irmandade de forma mais específica. Apesar de termos realizado a divisão em nichos, as marcas da diferença e da integração serão apontadas no interior da análise de cada um deles, uma vez que elas perpassam os discursos dos sujeitos. Veremos que, em cada temática abordada, a referência ao outro, o uruguaio, se

manifesta de diferentes maneiras – seja para delimitar o que há de diferente entre as culturas, seja para apontar o que as aproxima.

No decorrer das entrevistas, estes temas, que para a análise os transformamos em nichos, vieram à tona e, por meio deles, nos foi possível verificar de que forma os jaguarenses pesquisados se constituem identitariamente em relação aos rio-branquenses e, sobretudo, como a irmandade se configura do ponto de vista do morador de Jaguarão. Veremos que as opiniões dos dois sujeitos sobre as temáticas convergem e divergem, o que revela a heterogeneidade da linguagem, que possibilita diferentes pontos de vista sobre um mesmo evento. Para que suas opiniões e seus posicionamentos se sustentem, os dois entrevistados exibem muitos exemplos, narram episódios ocorridos com eles e com conhecidos, o que consiste em um esforço para tornarem seus textos "transparentes" e para convencerem a pesquisadora de que suas opiniões são "verdadeiras".

Por último, com relação à identificação dos entrevistados, organizamos da seguinte forma: Mário (analista contábil), primeiro entrevistado e Ladiner (músico), segundo entrevistado. Além de usarmos os nomes dos sujeitos e suas profissões, faremos referência a eles, como *entrevistado*, *pesquisado, enunciador* e *respondente*, termo utilizado pela pesquisa qualitativa proposta pelos autores Gaskell e Bauer (2002).

5.1.1 Nicho 1: fronteira e legislação

Conforme discutimos na fundamentação teórica, a fronteira, na perspectiva dos estudiosos mais contemporâneos, se configura como um espaço de trânsito, de fluxo e de trocas. Desse modo, as fronteiras são concomitantemente espaços de mobilidade e de contenção, agregando a subversão e também a manutenção de estruturas tradicionais, o que gera a tensão, os cruzamentos e as trocas culturais.

Vejamos como os sujeitos pesquisados definem a fronteira. O primeiro pesquisado, sr. Mário, afirma:

Pesquisadora: *Bom, eu gostaria de ver com o sr. o que seria a fronteira? O que o sr. considera a fronteira?*

Mário*: Bom... o que que eu considero a fronteira? A gente que mora aqui na, na junto com o país vizinho aqui do Uruguai, na* ***divisa*** *entre Jaguarão e Rio Branco.*

A resposta à pergunta solicitada, em um primeiro momento, vem em forma de questionamento, revelando que a fronteira é um conceito carregado de complexidade e de difícil definição. Ao "definir" fronteira, o pesquisado atribui diferentes sentidos a ela. Quando ele faz referência ao Uruguai e introduz o termo *divisa*, o conceito de fronteira debatido pelo pesquisado se assenta na fronteira trabalhada por Padrós (1994), na seção que trata dos *Pressupostos Teóricos*. Essa concepção, entendida pela literatura como tradicional e até mesmo ultrapassada, interpreta o espaço fronteiriço como marcação de território, divisa, rejeitando a noção da fronteira como um espaço aberto ou de trânsito, que tem norteado as discussões mais recentes sobre o tema. Como já mencionamos, o dizer do entrevistado está assentado na fronteira como uma demarcação um pouco mais rígida e inflexível do território nacional em relação ao outro país.

No entanto, para o mesmo entrevistado, outros sentidos circulam no entendimento de fronteira. Vejamos:

Mário*: Teria que ter uma... Sinceramente, é uma pergunta assim que engloba uma série de atividades principalmente. A gente que vive na fronteira... Eu gosto muito de política. Eu gosto muito de carnaval, eu gosto de política, me envolvo muito em política, na área social. Eu fui diversos anos presidente da L (inaudível) Jaguarão. Então, essa preocupação que a gente tem de fronteira é que...* ***o uso.*** *O uruguaio vem aqui no Brasil e tem todos os direitos. Na saúde, ele vem aqui no hospital e é atendido, ele não pode não ser atendido. Lá no Uruguai nós não temos esse mesmo privilégio.*

O pesquisado amplia o sentido de fronteira mais restrito (divisa) e passa a avaliá-la como um aspecto político e como uma construção social. Ao externar a preocupação com o *uso,* Mário percebe também a fronteira como um lugar móvel e um lugar de trânsito. Ao mencionar o *uso* que se faz dela, Mário apresenta o uruguaio, já iniciando a marcação da diferença, revelando que a fronteira é um lugar de trânsito, de passagem "lá" e "cá", ou seja, é um espaço que proporciona ao sujeito transitar em dois lugares em um curto espaço de tempo. Portanto, no mesmo fragmento, podemos observar a presença da contradição e da ambivalência que permeiam o espaço fronteiriço. Nas palavras de Mário, a fronteira é divisa, mas também pode ser um local de trânsito.

A preocupação com a fronteira refere-se ao "uso", ou melhor, a diferença no uso que é feita pelos uruguaios e pelos brasileiros. Na concepção do pesquisado, os brasileiros saem prejudicados e não têm amparo legal, pois o que deveria ser o respaldo, o acordo do Mercosul,

não funciona. Bauman (2005, p. 34), ao discutir a globalização, afirma que "Globalização significa que o Estado não tem mais o poder ou o desejo de manter uma união sólida e inabalável com a nação." Em uma situação de fronteira geográfica, pelo fato de que implica dois países com legislações diferentes, a proteção do Estado é relevante para a garantia e o asseguramento de direitos dos dois países. Essa fluidez do acordo apontada pelo pesquisado revela que "[...] os direitos sociais são substituídos um a um pelo dever individual do cuidado consigo mesmo e de garantir a si mesmo vantagem sobre os demais" (BAUMAN, 2005, p. 35). Devido a esse descomprometimento, a integração, que deveria ser uma causa coletiva, se arrefece e se individualiza, pois cada ator social deve tomar conta de si mesmo. Dessa forma, os sujeitos se tornam inseguros, ficando à deriva da determinação de cada país.

Como apontamos no início da seção que destacaríamos a presença da diferença, ressaltamos que, em sua primeira abordagem, Mário introduz elementos que traduzem a diferença entre Brasil e Uruguai, mais especificamente referindo-se ao morador da fronteira. Quando o entrevistado trata do uso, já demarca a primeira diferença no que tange aos direitos:

Mário*: O uruguaio vem aqui no Brasil e tem todos os direitos.*

Por meio das pistas discursivas, Mário e Ladiner, o segundo entrevistado, explicam que o uruguaio vem aqui e tem seus direitos, deixando implícito que, quando o brasileiro vai para "o outro lado", a recíproca não é a mesma. Observemos:

Mário*: Na saúde, ele vem aqui no hospital e é atendido, ele não pode não ser atendido. Lá no Uruguai nós não temos esse mesmo privilégio.*

Ladiner: *Aqui em Jaguarão, eles entram na contramão e pode acontecer conosco lá [...].*

Podemos afirmar que a escolha dos termos da língua - *ele, eles, nós, não* - marca a atitude valorativa dos enunciadores, visto que, no contexto de uso acima, as palavras orientam para o descontentamento em relação à atitude do povo uruguaio quando vem para Jaguarão, afirmando que o brasileiro não pode se comportar da mesma forma em Rio Branco. Os

pesquisados, por meio da crítica à atuação no trânsito do rio-branquense, assinalam de forma explícita que os direitos não são os mesmos para um povo e para outro. Percebemos que, para definir a complexidade da fronteira, eles se calcam nas questões do direito e, como no decorrer das entrevistas, expõem e exemplificam as diferenças que encontram entre brasileiros e uruguaios. Para exemplificar, buscamos dois fragmentos:

Mário: *O uruguaio simplesmente mora aqui, às vezes é clandestino, ele chega no nosso Pronto- Socorro, ele chega no nosso Posto de Saúde e ele é atendido naturalmente.*
[...] eles entram sem sinalização, sem para-choque, sem cinto de segurança, e as autoridades tudo bem, por ser zona de turismo, passam por cima [...]

Na mesma linha, o segundo pesquisado diz que:

Pesquisadora: *Então assim, eu queria ver contigo primeiro, o que que tu considera fronteira? O que é fronteira pra ti?*
Ladiner: (Pausa) *Eu acho que* ***deveria ser bem mais do que é****. Não* ***simplesmente*** *a divisa de um país e de outro. Eu acho que, o que a gente estava comentando e eu acho que, por exemplo, a parte da, da, da irmandade, eu acho que a parte de, burocrática da fronteira isso, isso dificulta consideravelmente, quer dizer, e não é o que pregam.*

Como na resposta de Mário, o termo *divisa* aparece na definição de fronteira de Ladiner, sinalizando que a ideia de divisão, na perspectiva desses respondentes, se faz presente na relação Jaguarão/Rio Branco, mas não é suficiente, podendo ser "bem mais do que é" (Ladiner). Além de considerar que a fronteira pode agregar sentidos que transcendam a divisa, Ladiner entende que a manutenção da ideia de divisão compromete o vínculo. No início de sua fala, o pesquisado compreende a fronteira como divisa, separação, no entanto, exprime, por meio do modalizador *simplesmente,* que a fronteira não pode se restringir a um lugar de divisão, ou seja, seu sentido e seu uso devem ultrapassar a noção de separação. Os dizeres acima, carregados de acentuação, quando fazem alusão à divisa, carregam junto o dizer que aponta a fronteira como um lugar aberto e poroso, pois os sujeitos deixam escapar a mobilidade e o fluxo que caracterizam o contexto fronteiriço. Percebemos que, no contexto de uso, os sentidos da palavra fronteira se refratam e se dissipam, revelando que "Quando um conteúdo objetivo é expresso (dito ou escrito) pela fala viva, ele é sempre acompanhado por

um acento apreciativo determinado. Sem acento apreciativo, não há palavra" (BAKHTIN, 1929/1986, p. 132).

Como aludimos no início da seção, a diferença será apontada nos nichos em estudo, já que os pesquisados investem em sua marcação. Na primeira fala de Mário acerca da fronteira, como explicitamos, emerge a marca da diferença no enunciado "O uruguaio vem aqui no Brasil e tem todos os direitos. Na saúde, ele vem aqui no hospital e é atendido, ele não pode não ser atendido." Neste enunciado, há uma orientação negativa em face do que é dito, ou seja, o fato de o uruguaio ser bem tratado aqui serve de pano de fundo para que o pesquisado evoque o dizer: "no Uruguai, em termos de saúde, o brasileiro não é bem tratado".

No entanto, quando o respondente narra o período em que esteve em Montevidéu para tratar da saúde, a diferença também se manifesta, mas com uma orientação que contempla aspectos positivos do uruguaio, dialogando com o enunciado acima.

Pesquisadora: *[...] E que outras diferenças entre brasileiros e uruguaios?*
Mário: *Diferenças entre brasileiros e uruguaios... no sentido de...hum...o povo uruguaio é* ***orgulhoso.*** *O fronteiriço, principalmente, o de fronteira. O povo de fronteira, ele eu posso falar porque eu morei em Montevidéu, porque eu tive paralisia. Lá no centro bah, eu devo hoje o fato de caminhar, ter a minha vida ativa, eu devo isso graças aos uruguaios* da *parte de traumatologia. Eu fui bem tratado lá, eu não tive custo nenhum.*

A presença da diferença no interior dos enunciados aparece de formas diversificadas. De acordo com Woodward (2000, p. 50), o movimento de marcação da diferença pode ser construído de forma negativa e/ou de forma enriquecedora. Nos fragmentos anteriores, Mário estabelece comparação do jaguarense/rio-branquense chamando a atenção ao fato de que o uruguaio usufrui da saúde no Brasil e destaca que o comportamento do uruguaio em território brasileiro, em termos de trânsito, não se realiza da mesma forma, ou seja, ao relatar à pesquisadora os casos de desacato ao trânsito, Mário desaprova tanto a atitude dos uruguaios, quanto a atitude da polícia brasileira. Temos **uma** situação de marca de diferença, que não a valoriza. Já no fragmento em que Mário narra a sua experiência na saúde, a diferença adquire outro sentido, pois o pesquisado menciona mais uma vez o orgulho do uruguaio e remete seu discurso para uma orientação positiva, uma vez que demonstra admiração e respeito por ter sua vida salva, evidenciando a valorização da diferença. A contradição e a ambivalência, constitutivas da linguagem e da identidade, atravessam os dizeres de Mário, uma vez que, em algumas falas apresentadas, reclama contundentemente que os brasileiros não têm direitos na

área da saúde no Uruguai. Porém, em uma narrativa pessoal, o entrevistado deixa "escapar" *Eu fui bem tratado lá, eu não tive custo nenhum.* O sujeito articula sua fala em um movimento individual e um movimento coletivo, pois, no seu caso específico de saúde, reconhece a cordialidade do uruguaio, no entanto, ao pensar no coletivo, no povo jaguarense, critica a forma como o morador de Jaguarão é tratado em termos de saúde. Observamos que a orientação é alterada em função do contexto, pois, em sua situação pessoal e particular de saúde, Mário avalia o povo uruguaio de forma positiva *Eu fui bem tratado lá*. Em contrapartida, quando se insere no coletivo (nós), assume a voz do povo jaguarense e o seu dizer se reveste de uma entonação negativa frente o uruguaio, pois *Lá no Uruguai nós não temos esse mesmo privilégio.*

Desse modo, além da diferença na saúde, vimos que Mário aponta que o fronteiriço é orgulhoso, adjetivo axiológico, que aparece em vários momentos da entrevista. A relação de alteridade se estabelece de forma mais acentuada na relação com o uruguaio rio-branquense e não na relação com o uruguaio da capital, que mora mais distante da fronteira. Pelos fragmentos, a integração e a aliança são mais fortes em relação a Montevidéu. O entrevistado explicita de forma muito clara que há uma diferença entre o povo de fronteira e o povo da capital uruguaia, como se o distanciamento territorial (Jaguarão/Montevidéu) amenizasse as divergências e fosse menos ameaçador, o que justifica a necessidade de não marcar tão fortemente a diferença.

Observamos que, em diálogo com o enunciado de Mário, Ladiner entende que a interação na região da fronteira é maior. Temos:

Ladiner: *essa irmandade que todo mundo prega existe mais na fronteira, né. Existe mais na fronteira.*

Para sustentar seu posicionamento, traz para a discussão um exemplo de outra fronteira:

Ladiner*: Agora, entre os povos de fronteira aqui, acredito que em Santa Vitória e Chuí, né, seja a mesma coisa.*

Como vimos, os dizeres de Mário e Ladiner estão embutidos um no outro, visto que estão em uma atitude responsiva ao já dito, ou seja, a outros discursos que exercem influência sobre seus dizeres. Desse modo, a heterogeneidade de posicionamentos dos enunciadores se estabelece pela inter-relação com vozes passadas, presentes e futuras com as quais dialogam.

As falas dos dois pesquisados são repletas de avaliações, intrínsecas à linguagem, evidenciando o aspecto axiológico que perpassa os seus discursos. Destacaremos um trecho da fala de Mário, quando traz considerações acerca do povo brasileiro o do uruguaio. Ao mesmo tempo em que revela que o uruguaio é mais bem tratado no Brasil, demonstrando que o contrário nem sempre ocorre, alterna com situações em que admira o Uruguai em termos de saúde, de educação e de justiça:

Mário: *A justiça é ágil ali, as coisas acontecem.*
A escola pública. A escola pública do Uruguai é ***A*** *escola pública. Os professores são bem preparados. É outra realidade.*
Os idosos são bem tratados.

Ao apontar aspectos positivos do Uruguai, novamente a diferença se manifesta, uma vez que em todos esses dizeres o Brasil está imerso. Em toda essa lista – educação, saúde, idoso, justiça – a representação que ele faz do nosso país emerge com força, pois seus enunciados sobre o Uruguai instauram uma comparação entre os dois países, ou seja, no solo brasileiro a educação pública é ruim, os professores são mal preparados, a justiça é morosa, os idosos são maltratados, evidenciando que "a identidade é aquilo que se é e a diferença é o que o outro é" (WOODWARD, 2000, p. 16).

No mesmo fragmento em que narra o seu problema de saúde, repete e reforça a diferença entre as culturas, recorrendo ao próprio vocábulo *diferença*:

Mário*: [...] A gente vê a* ***diferença*** *no povo fronteiriço. [...] A gente vê a* ***diferença.***

Acima, sublinhamos que Mário elogia a justiça uruguaia ao afirmar que é mais ágil. Além de considerá-la mais eficiente, explica que é mais rigorosa e menos sujeita ao suborno,

dialogando com o enunciado de que a justiça brasileira é menos rigorosa e passível ao suborno:

Mário: *A autoridade, a autoridade no Uruguai. A gente diz vamos fazer um acerto? Isso não existe. Dependendo então, perde. Fica preso, paga depósito. Isso já começa quando a autoridade intervém, o brasileiro não tem, o brasileiro não tem autoridade.*

A referência à rigidez da autoridade uruguaia é dentro do país, mais longe da zona de fronteira. Entretanto, ao se referir à fiscalização na fronteira, Mário expõe que a atuação é diferenciada:

Mário*: [...] nós ficamos presos mais de 2 horas na Alfândega, eles têm uma alfândega ali na entrada, e o guarda queria propina, e nós távamos legalizados e ele queria propina.*
Pesquisadora*: O guarda uruguaio?*
Mário*: É o guarda alfandegário. Porque é uma, é uma, é um posto da receita federal uruguaia. E ele queria, o cara queria de qualquer maneira e até que nós convencemos ele que a gente tava legal, porque ele achava que a gente estivesse (pausa).*

Pelo dizer de Mário*,* vimos que dentro do país, a propina, o "acerto", é algo menos usual, entretanto, quando a autoridade se fixa mais na fronteira, a propina, transação ilegal, surge. Essa possibilidade de negociação, mesmo ilícita, revela o caráter móvel e flexível que habita o espaço fronteiriço. O movimento, marca da fronteira, é bastante evidente, já que temos a fronteira geográfica que deixa penetrar a mobilidade e a fluidez, portanto, a possibilidade de leitura que um guarda alfandegário, que aceita propina faz do seu local de trabalho, é a de que ali há uma permissividade maior, pois ele rompe com o seu papel de sujeito que tem o dever de autuar, assumindo um papel de "fora da lei", igualando-se ao sujeito que, possivelmente, infringiu a legislação. Analisamos essa situação do ponto de vista dos estudos que a História e os Estudos Culturais imprimem à fronteira, contudo, do ponto de vista legal, o fato de a fiscalização se render à propina pode ser um indicador da fragilidade e da desonestidade dos responsáveis por resguardar as regiões.

Ainda em relação à propina, Ladiner a interpreta de forma diferenciada, revelando mais uma vez o diálogo com Mário. Temos:

Ladiner: *Porque eu já sei de casos, a própria televisão mesmo já, várias vezes já fez reportagem de, de uruguaios, argentinos que vêm, e, a Polícia Rodoviária Federal pede propina às vezes para os caras, né, para não multar, então...*
Pesquisadora*: Aham.*
Ladiner*: A de lá e de cá também.*

Mário afirma que, mais próximo à fronteira, há a possibilidade de "negociação" de multa, enquanto Ladiner aponta que a propina se constitui como uma atividade que perpassa os dois países, ou seja, é mais líquida, fluida e circula tanto no Brasil como no Uruguai. Assim, o mesmo evento, a propina, produz diferentes enunciados.

Ladiner, da mesma forma que Mário, aponta que em termos de trânsito, há uma diferença entre Brasil e Uruguai:

Pesquisadora: *Em algum aspecto, tu achas que tem alguma resistência do pessoal de Jaguarão em relação ao pessoal de Rio Branco?*
Ladiner: *Eu acho que o maior problema é, é esse tipo de, de, de burocracia. Por exemplo, as coisas que acontecem* ***lá.*** *Então, ali no Uruguai né...meu amigo Edevar, por exemplo, fez uma volta no meio da quadra* ***lá*** *e não teve como argumentar, o cara multou ele. Aqui,* ***eles*** *fazem qualquer tipo de coisa.*

Os vocábulos em destaque, os termos avaliativos *lá/eles,* evidenciam a diferença que o entrevistado (Ladiner) aponta acerca da aplicação de leis. Ao narrar um episódio ocorrido com um amigo, o pesquisado se debruça em duas questões. A primeira é que os uruguaios são mais enérgicos em termos de aplicação de leis, fato já apontado por Mário; o segundo ponto é que, ao explicar que os uruguaios vêm para o Brasil e fazem "qualquer tipo de coisa", esta comparação expõe a fragilidade e a falta de rigor do Brasil em termos de leis. Quando ele anuncia que há um **problema,** tal problema suscita diferentes interpretações, as quais exigem tomadas de posição dos dois países. Podemos afirmar que **o problema** citado seria a ausência da reciprocidade, deixando transparecer que a aplicação da legislação poderia se dar de forma igual, uma vez que aqui no Brasil o Código Brasileiro de Trânsito (CBT), atualizado em 1997, também prevê multas para irregularidades, o que pode ser falha é a aplicação dos responsáveis pelo trânsito, tanto Brigada Militar, como agentes de trânsito (os azuizinhos). A outra possibilidade seria a não aplicação de leis para os países, ou seja, por serem próximos, os dois poderiam fazer "vistas grossas" às infrações tanto de jaguarenses como de rio-branquenses.

Os discursos, tanto de Ladiner como o de Mário, convergem para a falta de equilíbrio nas diversas situações que englobam os "hermanos".

Outro ponto que marca a diferença entre os dois países é referente ao uso, interpretado como abuso, por parte do pesquisado. Mário conta que, no carnaval, a apresentação dos trios elétricos tem uma ordem, mas em um evento, carnaval/2011, os uruguaios queriam passar na frente dos outros.

Mário: *depois que eles invadiram um horário que, que ficou vago, era o sétimo para entrar e eles eram o oitavo, entraram primeiro eles. Não, não entram mais.*
Pesquisadora: *Aham.*
Mário: *Aí ficaram magoado, né.*

No momento em que os brasileiros exigem organização e cumprimento de normas, tal atitude provoca indignação, pois "aí ficaram magoado, né." A resposta negativa do brasileiro entra em confronto com a possibilidade de representação (ou uma das possibilidades) que o uruguaio tem do Brasil, porque, como os entrevistados citaram, os rio-branquenses vêm para Jaguarão sem preocupação em cumprir normas e leis, portanto, a prática do "poder fazer tudo" se estende para qualquer evento, incluindo o carnaval, que pode abrigar em sua significação a liberdade e a euforia. Assim, vemos que, ao tratarem do trânsito, os respondentes afirmam que os uruguaios vêm para o Brasil e não se importam com a legislação, no entanto, quando o brasileiro vai para o Uruguai, o povo uruguaio é exigente no cumprimento das leis, o que compromete a irmandade, já que a recíproca não é a mesma, na perspectiva dos entrevistados.

Como vimos, da mesma forma que as situações de trânsito relatadas pelos pesquisados, as práticas sociais dos uruguaios se repetem no carnaval. Por essas práticas dos moradores do Uruguai, muitos questionamentos vêm à tona. Qual a representação que eles têm do povo brasileiro? Seria de um povo pacífico, acomodado e sem regras? No momento em que os uruguaios se veem no direito de vir ao Brasil e desobedecerem à legislação e às regras que o Brasil tem, tais atos geram discursos de indignação e de resistência, como vimos no início deste nicho.

Apesar dos conflitos e da rejeição a determinadas práticas dos uruguaios no Brasil, vejamos como os pesquisados atribuem sentido ao viver na fronteira. Temos:

Pesquisadora: *E como é viver na fronteira?*
Mário: *Como é que é viver na fronteira? É... Na minha visão, são cidades pacatas, a gente pode andar a pé, todo mundo se conhece. Aqui, tem 23 mil habitantes. No Uruguai, deve ter 4 mil. Pra quem, eu sou casado, já me aposentei, então todo mundo se conhece, do outro lado também todo mundo se conhece. Então, é uma maravilha viver na fronteira.*

Ladiner: *Ah...é, é interessante, é interessante por essa diversidade que tem de, de comércio, né. Teve vários anos que o, o Brasil atraia o uruguaio prá cá, pra comprar aqui.*

Nos dois enunciados, a referência ao Uruguai é evocada, portanto, para os pesquisados, o sentido de fronteira pressupõe a presença do outro, já que a sua inserção é indispensável para a construção da identidade jaguarense e do sentido do espaço fronteiriço. Como a identidade é relacional, conforme Woodward (2000, p. 9), podemos afirmar que a identidade jaguarense, para existir, depende de algo fora dela, no caso a identidade uruguaia. O jaguarense necessita de uma identidade que ela não é, que seja diferente da sua, mas que ofereça condições para que ela exista. Ao refletirmos sobre o contexto da pesquisa, ser um jaguarense é ser um não-uruguaio/não-rio-branquense.

A presença do outro é mais um sentido de fronteira, além do apresentado na primeira pergunta da entrevista, trabalhada no início do nicho, que atravessa o discurso dos pesquisados. Mário traz os pontos de encontro entre Jaguarão e Rio Branco, ao classificar as duas cidades como pacatas e calmas, tornando-as um lugar propício a aposentados e a casados. Além da calmaria dos dois municípios, ele afirma que as pessoas se conhecem, destacando que o conhecimento entre os moradores se dá dentro da própria cidade e não *entre* as cidades. Tal observação indica que ao mesmo tempo em que contempla aspectos que unem a fronteira, contempla eventos que a separam, pois explica que as pessoas se conhecem, mas *dentro* da sua própria cidade, o que evidencia os movimentos de contenção e de integração, que são atinentes à fronteira.

Ladiner, de forma mais sucinta, também traz para o seu discurso o outro, o uruguaio, mas expande a sentido de fronteira para o comércio, sinalizando que os sentidos são móveis, não estão determinados e definitivamente fixados. A ideia de fronteira, construída por Ladiner, está mais centrada no comércio, no trânsito, na fluidez e na troca, uma vez que, ao mencionar que em outros tempos o comércio brasileiro atraia os uruguaios, está implícito em seu enunciado que, atualmente, o comércio uruguaio é que atrai o brasileiro, o que nos leva a afirmar que o movimento e a troca caracterizam a fronteira em seu enunciado. Assim, os dois entrevistados, de diferentes formas, celebram os aspectos positivos que o morar na fronteira

proporciona e atribuem sentidos que se cruzam e se complementam, evidenciando que a linguagem, pelo viés bakhtiniano, é heterogênea e inacabada. Novamente, observamos como a contradição e a ambivalência, intrínsecas à linguagem, atravessam e entrecruzam os dizeres dos entrevistados. Apesar de apontarem críticas ao viver na fronteira, expressas pelos problemas no trânsito e na saúde, a vida na fronteira pode ser qualificada como "maravilhosa" ou "interessante".

Mais adiante, em outro momento da conversa, Ladiner expõe outras vantagens de morar em uma fronteira. Ele afirma que:

Ladiner: *[...] essa facilidade da fronteira, por exemplo de, que tem muita gente que tem...que mora aqui e que tem...uruguaios que moram aqui e brasileiros que moram lá, né. E, e parentesco acho muito, muito próximo também. Então isso. Aqui tem muitas pessoas que têm identidade aqui e identidade no Uruguai.*

No trecho anterior, Ladiner contempla o comércio, mas no fragmento acima dissipa, expande o sentido de fronteira, ao considerá-la como um possível lugar para que o sujeito tenha acesso a duas identidades nacionais, do ponto de vista legal, o que facilita o trânsito nos dois países. Além disso, o dizer em pauta revela que Ladiner acolhe a ideia da possibilidade de habitar duas identidades nacionais, como já demonstrou quando questionado se poderia ser um pouco brasileiro e um pouco uruguaio (veremos no nicho nacionalidade). Além da facilidade de obter duas carteiras de identidade, o enunciado de Ladiner converge para o hibridismo, discutido por Canclini (2008, p. XXIX), que afirma que a fronteira é um espaço propício à troca cultural e ao hibridismo. O fato de o morador fronteiriço ter carteira de identidade uruguaia e brasileira evidencia a possibilidade da construção de um sujeito híbrido, mesmo que o documento de identidade, material concreto e legal, seja somente um elemento burocrático. Este documento, dotado de sentido físico e burocrático, avança para um sentido mais simbólico, pois a obtenção da dupla nacionalidade pode acenar para a construção de sujeitos híbridos, quer dizer, um sujeito que nasce da fusão de duas culturas e aceita (com e sem perdas) a interpenetração delas. Embora muitos moradores de Jaguarão ou de Rio Branco solicitem a cidadania dupla para fins de legalização, por exemplo para trabalho, não podemos descartar o fato do desejo de integração e de inserção na cultura do outro.

Além de observarmos o fechamento e a abertura que conformam a zona de fronteira, ressaltamos que os trechos apresentados revelam que o tipo de questão e o momento da

entrevista[59] condicionam uma dada reflexão. Além disso, percebemos que os acentos valorativos que os sujeitos conferem à fronteira mudam conforme a situação de interação. No caso desta pesquisa, os sujeitos, ao serem convidados a definirem a fronteira, de forma direta e incisiva, logo se referem a ela do ponto de vista mais material e mais concreto, interpretando-a como uma marca divisória que segrega dois países. Porém, quando a entrevista já está mais "solta" e mais interativa, revestida de uma relação de confiança – *rapport -,* os sujeitos a representam como forma de integração ou interação, como no exemplo abaixo:

Ladiner: […] *Por exemplo, no, no meu caso mesmo de músico, há, há, um... um entrosamento muito bom. Eu tenho vários músicos uruguaios, inclusive que trabalham no Fórum no Uruguai lá que adora tocar comigo* [...].

Além da fronteira, a temática da legislação e de sua aplicabilidade foi bastante recorrente nas duas entrevistas, sugerindo que o tema requer um debate mais profundo e apropriado por parte dos poderes públicos. Tendo em vista a ineficiência dos acordos já estabelecidos, os entrevistados recorrem a fatos para ilustrarem sua preocupação e até mesmo indignação com a atuação na fronteira dos órgãos competentes do Brasil e do Uruguai.

Como já apontamos, quando foi solicitado que os entrevistados tentassem definir a fronteira, eles a relacionaram com política. Nas duas entrevistas, a questão da legislação foi recorrente, pois os dois trouxeram exemplos de como a lei é falha ou problemática, de como é diferente em cada país e como a maneira que os responsáveis pela lei, policiais, juízes ou delegados, a aplicam de forma diferenciada:

Mário: *na fronteira, tá no direito,* ***eles*** *te param e te multam, te tiram os documentos do carro, enquanto tu não paga os documentos, se tu não paga os documentos, eles te recolhem o carro. Já* ***aqui*** *é ao contrário,* ***eles*** *entram sem sinalização, sem para-choque, sem cinto de segurança e as autoridades tudo bem, por ser zona de turismo, passam por cima, mandam fazem o retorno e mandam embora. Mas nós no Uruguai, a gente não tem essa mesma...essa mesma...liberdade.*

[59] A pergunta *o que é fronteira para ti* foi a primeira, portanto, os entrevistados ainda não estavam bem à vontade.

O dizer do pesquisado é revestido por um tom de indignação em relação ao tratamento que os brasileiros oferecem aos uruguaios, que se diferencia da forma com que, em sua visão, os brasileiros são tratados no Uruguai. A marcação da diferença se faz por meio de ações ou de atitudes, determinadas por questões de direito, uma vez que, em vários fragmentos de sua entrevista, Mário reforça que os direitos não são os mesmos entre os países envolvidos, enfatizando a dicotomia nós/eles. Em outro fragmento, temos:

Pesquisadora*: O que eu ia lhe perguntar... Então com relação às diferenças, o senhor vê mais em termos das leis?*

Mário: ***Em termos de aplicação da lei**. Dos direitos e deveres. Falam tanto em direitos e deveres que nós temos que ter para sobreviver como cidadão. Temos diversas obrigações e deveres e o direito nosso é limitado.*

Pelos dizeres de Mário, percebemos a inquietação e o incômodo que a discrepância dos direitos entre brasileiros e uruguaios provoca. Já que as marcas da diferença desenhavam as falas de Mário, a pesquisadora o questionou acerca da irmandade na fronteira. Ele afirma que a irmandade é unilateral e explicita que os eixos que a constituem são o comercial e a reciprocidade:

Pesquisadora: *Então, o senhor veria essa relação de irmãos, de irmandade só por isso? Por causa do comércio?*

Mário: ***Pelo comércio** e porque o uruguaio no Brasil, na fronteira, o fronteiriço que reside na fronteira tem mais direitos. Porque na realidade ele não teria esses direitos, ele não teria o direito de vir aqui consultar no nosso Posto, ter atendimento médico. Nós vamos no Uruguai e a gente não tem esses direitos. Acho eu, existe um pouco, um pouco de, de com... de sensibilidade brasileira de aceitar.*

Como mencionamos, no trecho acima, em forma de indignação, o respondente demonstra que a irmandade passa por questões comerciais e poderia ser baseada na troca e na reciprocidade. O entrevistado afirma que a relação de irmandade se dá devido ao comércio, mas, novamente, traz em seu texto a situação do desrespeito aos direitos, pois entende que o uruguaio goza dos mesmos direitos que o brasileiro no Brasil, no entanto, destaca que no Uruguai, nós, brasileiros, não temos os mesmos direitos. Este fragmento atribui à irmandade um tom de reciprocidade, ou seja, se somos irmãos, temos (deveríamos) de ser bem tratados

nos diferentes lugares. Já que o brasileiro tem uma atitude positiva em termos de saúde e de lei com o uruguaio, ele espera ter a mesma reação do vizinho. Porém, as vozes apreendidas nos enunciados dos pesquisados acenam que ainda há um longo caminho a ser percorrido no que tange à irmandade.

Junto aos questionamentos concernentes à legislação, os pesquisados abordam em seus textos o acordo do Mercosul que, além de outros objetivos, teria a finalidade de amparar os povos fronteiriços. Temos:

Ladiner: *Falam tanto em Mercosul, né...[...]*
Então eu acho que em termos de fronteira, por exemplo, esse negócio de Mercosul, tem muita coisa que acho que deveria ser revista. Por exemplo, falam tanto em Mercosul, nessa integração de países americanos e tal, só que tu não sabe até que ponto vai isso aí, né. O que que pode, o que que não pode. Eu acho que seria interessante uma maior divulgação maior né, desses, desses, desses tipos de tratado, né? [...]

Mário: *[...]Já criaram câmara de desenvolvimento do Mercosul, já criaram câmara na área de educação, na área de, aqui iam fazer uma escola binacional, aqui no Uruguai e no Brasil, na fronteira, mas isso só fica no papel, porque o direito nosso é limitado no Brasil.*

No texto de Ladiner, o enunciado "Falam tanto em Mercosul, né...[...]" se encontra revestido por um tom de deboche e dúvida acerca do acordo. Ao demonstrar indignação pelo desconhecimento do Mercosul, enfatiza a necessidade de uma divulgação maior para que a população tenha ciência dos seus direitos e deveres e clareza dos seus pertencimentos. Por seus dizeres, percebemos como um acordo de caráter comercial transcende as relações comerciais, o que significa afirmar que Brasil e Uruguai podem estreitar seus laços por via comercial, mas esse estreitamento entra em conflito quando as práticas sociais cotidianas podem ser dificultadas pela falta de clareza e de aplicabilidade do acordo do Mercosul.

Como abordamos na seção que versou sobre o objeto da tese, a irmandade, vimos que os discursos dos dois entrevistados encontram eco no discurso do escritor Schlee. Cabe salientar que, embora a fala do autor esteja institucionalizada por compor um livro e, talvez, por isso, adquira uma dimensão maior, sua voz também expressa a fragilidade dos acordos instituídos:

> É preciso, ainda, que a perspectiva de integração – incluindo ou não -áreas preferenciais, uniões aduaneiras, zonas de livre comércio ou mercado comum - chegando ou não ao grau de comunidade econômica, se traduza na afirmação da democracia, não só na sua variante meramente política, mas também- e especialmente, social. Assim entendida, a democracia se torna o espaço do reconhecimento das diferenças, da aceitação do outro e da alteralidade (sic!), pela construção do nós como efetivo resultado do eu e do tu; enfim, pela afirmação do nós, *nosotros*, nós outros (SCHLEE, 2002, p. 63).

Os fragmentos demonstram ceticismo dos respondentes quanto à real execução do Mercosul, situação que deixa os moradores de Jaguarão fragilizados e em uma zona de desconforto. Essa fragilidade fica mais explícita na fala de Ladiner, quando ele expõe sobre a necessidade de uma maior divulgação do acordo, orientando seu dizer à ideia de que ele não se sente representado pelo acordo, permanecendo obscuro e invisível diante de decisões tomadas. Semelhante a Ladiner, Mário também não se sente representado ou contemplado pelo Mercosul, demonstrando seu descontentamento quando elenca diversas ações cogitadas e afirma que tudo só fica no papel, ou seja, tais ações não têm repercussão. Nesses dizeres, observamos um movimento dialógico de convergência da fala de Ladiner em relação à fala de Mário.

Da mesma forma que Mário, Ladiner marca a diferença por meio de relações mais de cunho burocrático e comercial, pois, ao tratar do comércio em Rio Branco, dos *free shops*, alerta sobre o despreparo dos vendedores e do tratamento desqualificado dos atendentes.

Ladiner: *Agora, eu acho que até, isso aí, isso aí até é, como nós tamo na fronteira, a parte de hotelaria né, problema de estacionamento, isso até... Eu acho que não é o mais importante, o importante sim é o atendimento ao cliente, né? Que é lamentavelmente,* ***é terrível. É terrível****.*

Após o comentário acerca do atendimento, a pesquisadora, tendenciosamente[60] e provocativamente, o questiona se o mau atendimento não pode ser atribuído à identidade do povo uruguaio.

[60] Destaco a presença do advérbio *tendenciosamente* pelo fato de que, como em qualquer pesquisa, o pesquisador em alguns momentos tenta direcionar a fala do entrevistado para aquilo que ele quer ouvir. Destaco ainda que essas falas, não esperadas, foram de grande valia ao trabalho, pois mais uma vez revelaram a multiplicidade de sentidos da linguagem, bem como sua opacidade.

Pesquisadora: *Mas me parece um pouco que... Da característica do povo né... É um povo que...*

Ladiner: *É... Pois é. Mas se nós analisar, formos analisar por esse lado, né,* ***a gente vai dizer assim, não, mas então o castelhano da fronteira não tem, ele não tem educação. E eu acho que não é, é radicalizar de mais né. Eu acho que é só despreparo.*** *Claro que, é evidente que a educação né, a educação se tu vem com ela d*e *berço, saber como tratar uma pessoa, tu vai trabalhar no comércio tu vai saber atender melhor uma pessoa, né. Agora a maioria ali eu acho que é problema de despreparo. Eu acho que essas grandes empresas deveriam oferecer cursos.*

Pesquisadora: *Aham...*

Vejamos que o pesquisado abstrai a questão de identidade essencializada, pois desconsidera que a boa educação e o bom atendimento ao cliente sejam oriundos de questões intrínsecas à nacionalidade. Ao contrário, enfatiza que existe um fator externo, o despreparo, que contribui para o mau atendimento na zona fronteiriça e amplia a questão ao afirmar que a educação "vem de berço", ou seja, ela independe se é do povo uruguaio ou brasileiro.

Porém, após justificar o mau atendimento nos *free shops*, Ladiner afirma que:

Ladiner: *[...] Seria completamente diferente se, se os free shops fossem aqui desse lado. O atendimento eu acho que seria outra coisa.*

Vejamos que, ao explicar que os uruguaios são despreparados em termos de atendimento e de estrutura para receber os consumidores, ele evoca o discurso de que o Brasil está preparado[61] e possui uma estrutura melhor, portanto temos a presença de um embate de dois discursos que orientam à exaltação do brasileiro. O enaltecimento e a superioridade do Brasil se tornam mais evidentes quando o pesquisado faz uso do sintagma "outra coisa", que aponta discursivamente para acentos valorativos positivos do Brasil. Há dois conflitos de dizeres: de um lado, os uruguaios podem ser "perdoados" pelo mau atendimento; de outro lado, o atendimento, se fosse do lado brasileiro, seria de melhor qualidade.

Para Ladiner, a justificativa para o atendimento mais adequado do lado brasileiro seria pela cultura, o que fortalece seu posicionamento que se contrapõe à identidade essencializada, já apontada em um trecho anterior.

[61] Em visita ao Rio Grande do Sul, a presidente Dilma Roussef tratou de um projeto de lei que tramitará no Congresso. O projeto visa à inserção de *free shops* no lado brasileiro. Fonte: Jornal Correio do Povo, 16/05/2011, impresso. Disponível em: www.correiodopovo.com.br

Ladiner: *[...] Seria completamente diferente se se os free shops fossem aqui desse lado. O atendimento eu acho que seria outra coisa.*

Pesquisadora*: Ah, eu também acho.*

Ladiner*: Não sei se é* ***a nossa cultura*** *já é mais pra, né, pra esse lado de. [...]*

A temática do atendimento nos *free shops,* além da legislação, foi a que mais levou Ladiner a marcar a diferença e a proferir duras críticas ao vizinho. Ele se centra nas faltas do comércio de Rio Branco, fato que confirma a sua hipótese de que os *free shops* no Brasil teriam outra estrutura, ou seja, seriam melhores. Neste momento da conversa, a pesquisadora e Ladiner debatiam de maneira consensual sobre a ausência de estrutura, que compreendia trânsito, hotel e banheiro nas lojas do comércio de Rio Branco*:*

Ladiner: *no mínimo que tu tem que ter é o banheiro, uma praça de alimentação, deveriam ter, né?*

[...] Mas não tem um hotel, não tem um hotel três estrelas, quem dirá um hotel cinco estrelas.

Observamos que, como a pesquisadora também avaliou de forma negativa o atendimento nos *free shops* de Rio Branco, um influenciou o dizer do outro. Assim, Ladiner elaborou seu enunciado ancorado no dizer da pesquisadora, entrecruzando as vozes. Como o discurso do entrevistado estava direcionado a apontar os problemas que envolvem o comércio, ele marca, no fragmento abaixo, por meio do pronome *eles*, a diferença e o distanciamento. Além disso, destaca que os comerciantes rio-branquenses somente têm interesse em vender, dialogando com o enunciado de que os brasileiros não têm foco apenas nas vendas, atribuindo à identidade brasileira um tom de bondade ou de menos avarenta. Vejamos:

Ladiner: *Ah,* ***eles*** *se preocuparam mais com isso, só vendem...*

Pesquisadora: *Vendem.*

Ladiner*: E vendem horrores, porque* ***essa gente****...Quem conhece Rio Branco há cinco, seis anos atrás, não sei quanto tempo faz que os free shops tão aí.*

Pesquisadora:*Acho que 2003, né?*

Ladiner*: Era, era uma cidade* ***fantasma****, né? Era uma cidade fantasma. Não havia nada, nada, nada, nada, nada. E hoje, como esse movimento todo aí, bah!Bom, casinhas que valiam, valiam cinco mil dólares, hoje pedem cinquenta.*

Ao utilizar o pronome *eles*, que está acentuado de valor e promove o distanciamento e a marcação da diferença entre brasileiros e uruguaios, Ladiner retrata que a preocupação com o dinheiro está centrada na figura do uruguaio e não na do brasileiro, isto é, está embutido em seu dizer, como enfatizamos, que o povo brasileiro não tem preocupação somente em vender. Além de afirmar que o dinheiro é o foco do comércio de Rio Branco, demonstra que a alimentação e a hospedagem não recebem a devida atenção dos uruguaios para receberem os clientes que são, em sua grande maioria, brasileiros de diferentes regiões do Rio Grande do Sul (Pelotas, Rio Grande, Bagé, Porto Alegre) e do Brasil[62].

Vejamos que o material linguístico selecionado para se referir ao rio-branquense parte do pronome *eles* para a expressão *essa gente*, revelando um movimento valorativo negativo. Evidenciamos que a transição do vocábulo *eles* (amparado na dicotomia nós/eles) para o sintagma *essa gente* recebe um julgamento de valor com caráter altamente pejorativo e responsável por acentuar a diferença (negativamente), pois vem carregada de uma entoação de desprezo e de indignação. Para Bakhtin:

> A entoação só pode ser compreendida profundamente quando estamos em contato com os julgamentos de valor presumidos por um dado grupo social, qualquer que seja a extensão deste grupo. *A entoação sempre está na fronteira do verbal com o não-verbal, do dito com o não-dito* (destaque do tradutor) (BAKHTIN, VOLOSHINOV, 1926, p. 7).

No mesmo trecho, Ladiner dá continuidade à sua crítica, quando faz menção ao município de Rio Branco como cidade *fantasma*, adjetivo avaliativo com tom de menosprezo e bastante utilizado pelos moradores de Jaguarão. No contexto, o uso do adjetivo *fantasma,* para definir Rio Branco, evoca o conceito de fronteira morta, trabalhado por Padrós (1994, p. 71). Para o autor, a fronteira morta está estagnada do ponto de vista econômico e do desenvolvimento demográfico, podendo ter seu *status* alterado com a inserção de um estímulo externo.

Além de receber o adjetivo *fantasma,* Rio Branco é avaliado como um lugar pobre*,* antes da chegada dos *free shops*, e abriga a ideia de tristeza e de abandono, como explicita a bolsista que participou da entrevista de Mário:

[62] Por ser a fronteira mais próxima da cidade de Rio Grande/RS (190km de distância), Rio Branco tem recebido muitos consumidores cariocas, mineiros e baianos que estão a trabalho no polo naval do município rio-grandino.

Bolsista: (*Inaudível) Antes de colocarem os free shops no Rio Branco, o Rio Branco era uma miséria. O Rio Branco...*

Bolsista: *Mas o que que é o Rio Branco depois das sete horas que fecha os free shop? A gente passa lá, esses dias eu passei lá às oito horas da noite, é triste, é um lugar é triste.*

A crítica de Ladiner vai além, uma vez que afirma que o movimento na cidade, promovido por turistas e por consumidores, elevou os preços[63] dos imóveis, portanto, o fenômeno do *free shop,* estímulo externo, como alterou o *status* financeiro da cidade, pode produzir discursos com tom de animosidade e de crítica. Vejamos que só foi possível que o pesquisado avançasse nas suas críticas, ou seja, conferisse um valor entoacional mais agressivo ao uruguaio, pelo fato de que encontrou eco na voz da pesquisadora, pois havia um descontentamento em comum em relação ao atendimento em Rio Branco, o que forneceu base para a entoação.

Em outra passagem, a pesquisadora solicita de forma mais direta, como realizou na primeira entrevista, que o entrevistado discorra sobre a diferença. Dado o tipo de questão, mais direta, Ladiner afirma que:

Pesquisadora: *Tu vê assim alguma diferença entre jaguarenses e os rio-branquenses? Por exemplo, o pessoal de Rio Branco?*

Ladiner: *Não... É... Por exemplo, hoje, hoje há casos de, de festas mesmo, né. Quer dizer, eles tão toda a hora aqui né, os uruguaios tão toda a hora aqui pra fazer festa aqui, os finais de semana.*

Pesquisadora: *Aham.*

Ladiner: *E quando a festa é boa lá, vai todo mudo pra lá pra lá, por exemplo, na lagoa, ali na Lagoa Mirim mesmo todos os anos têm um lual, o lual do Quico, que chamam. Que o Quico é um, um rapaz que é brasileiro, é professor aqui, formado em Engenharia se eu não me engano, o Quico. E tem casa na lagoa, e ele promoveu essa festa na lagoa e pegou.*

Assim como em outros dizeres analisados, o dizer de Ladiner demonstra a opacidade da linguagem e a refração dos sentidos. Ao ser convidado para tratar da diferença, o pesquisado, por meio do advérbio de negação *não,* tenta apagar as marcas da diferença, em uma tentativa de ratificar seu posicionamento de que não existe a diferença entre as duas culturas. O enunciado de Ladiner é um exemplo significativo da discussão sobre as forças centrífugas e centrípetas, debatidas na seção que versou sobre a linguagem, no referencial

[63]A cidade de Rio Grande/RS está vivenciando um momento de alta dos preços de imóveis devido ao desenvolvimento do complexo naval e do forte trabalho que a mídia tem investido para divulgar o município.

teórico. Como afirmamos, essas forças existem imbricadamente no enunciado e são constitutivas da linguagem. No dizer do pesquisado, podemos observar uma alternância entre as duas forças, uma vez que há uma tentativa de silenciar as vozes sociais que apontam para a diferença e, concomitantemente, há um movimento de acolher a voz que assume a diferença. Assim, o enunciado de Ladiner, que nega a diferença, dialoga com seus enunciados anteriores e com outros enunciados pertencentes a diferentes vozes sociais/discursivas que circulam.

Para sustentar e respaldar seu ponto de vista, o entrevistado apresenta a festa, elemento social, que integra uruguaios e brasileiros, comprovando que esse vocábulo (*festa)* pode carregar em sua significação a ideia de integração e encobrir a diferença. Ressaltamos que o próximo nicho tratará mais detalhadamente das comemorações. Com o intuito de provocar o entrevistado, a pesquisadora insiste novamente na questão da diferença:

Pesquisadora*: Aham. E assim diferença entre os povos tu não vê assim?*
Ladiner: *Ah... Aqui, aqui eu não sei se pela própria cultura gaúcha, né. O castelhano é muito gaúcho. É muito parecida a... É muito parecida a cultura né, do castelhano com a cultura do gaúcho.*
Pesquisadora*: Aham.*
Ladiner*: Talvez não tenha, né, não tenha tanta, tanta semelhança como com outros estados do país...*
Pesquisadora: *Sim.*
Ladiner: *Mas, a cultura do gaúcho, com a cultura do castelhano aqui, tem muita coisa em comum.*

Além de fazer uso do advérbio *aqui* para delimitar o espaço fronteiriço e tentar silenciar a diferença, ele insere um novo elemento na pauta: o gaúcho. Em sua percepção, por meio da proximidade cultural entre castelhanos e gaúchos, a integração se fortalece, e a resistência perde espaço.

Ao trazermos esses fragmentos produzidos por Ladiner, segundo entrevistado, atentamos para o amplo diálogo que se estabelece com os enunciados do primeiro entrevistado que, em um primeiro momento, trouxe para a entrevista o povo argentino, a fim de aproximá-lo do povo uruguaio e, consequentemente, salvaguardar e diferenciar a (sua) identidade brasileira dos dois povos, o uruguaio e o argentino. Ladiner, ao fazer referência ao gaúcho, também apresenta uma nova identidade com o intuito de aproximá-la do castelhano e demonstrar seu pertencimento múltiplo e sua hibridez, ou seja, além de se identificar como brasileiro e fronteiriço, ele se identifica com o povo gaúcho.

As referências feitas pelos entrevistados aos povos vizinhos, argentinos e uruguaios, têm respaldo na voz de Oliven:

> a tradição e a historiografia regional tendem a representar o habitante do Rio Grande do Sul por meio de um tipo social único: o gaúcho, o cavaleiro e peão de estância da região sudoeste do Rio Grande do Sul. Embora brasileiro, ele seria muito distinto de outros tipos sociais do país, guardando às vezes mais proximidade com seu homônimo da Argentina e do Uruguai (OLIVEN, 2006, p. 66).

No que tange ao entrelaçamento da cultura gaúcha à uruguaia, Ladiner apresenta alguns elementos que as unem, evidenciando que o espaço fronteiriço é propício à troca cultural e ao hibridismo:

Ladiner: *Até em termos de folclore. É a parte da lida no campo.*

Já Mário, dialogando com o discurso de Ladiner, menciona a figura do gaúcho com o objetivo de contrastá-la com a do uruguaio:

Mário: *[...] o povo brasileiro, o povo gaúcho (inaudível), nós somos simples, gostamos de, de ficar à vontade [...]*

Na fala do pesquisado, Ladiner evoca um dos elementos recorrentes no discurso do gaúcho que é a fronteira de estado, isto é, o fato do Rio Grande do Sul ter linhas de fronteira. Para Oliven (2006, p. 64), tal representação é uma das que já integra o senso comum no entorno da identidade sul-rio-grandense. Outro ponto que pode ser enfatizado no discurso do pesquisado refere-se ao fortalecimento do local, uma vez que, se Ladiner considera a cultura gaúcha similar à cultura uruguaia, tal enunciado revela que o RS está menos próximo do resto do Brasil, sendo assim em seu dizer está embutido também o dizer que está imaginário de alguns gaúchos (ou até moradores de outros estados brasileiros) de que o RS não faz parte do Brasil, pois sua cultura possui peculiaridades que a distanciam dos outros estados. Ao salientar a proximidade da cultura castelhana com a gaúcha, o pesquisado o faz para se diferenciar do resto do país.

Um traço da identidade gaúcha que emerge na fala dos pesquisados é por meio dos usos linguísticos. Nas duas entrevistas, há o uso da interjeição *bah* ("Lá no centro, bah"/Mário), que pode ser considerada um marcador conversacional e um forte indício que identifica os sujeitos como pertencentes à cultura sul-rio-grandense. Nas palavras de Bakhtin (1929/1986, p. 134), quase todos nós temos interjeições e locuções favoritas e, portanto, podemos recorrer a elas "com uma infinidade de entoações diferentes, conforme as diferentes situações ou disposições que podem ocorrer na vida" (BAKHTIN, 1929/1986, p. 134). No exemplo citado, o uso da interjeição marca o pertencimento à cultura sul-rio-grandense.

Destacamos que o termo *pertencentes,* utilizado no parágrafo acima (quarta linha), é empregado no sentido de integração por meio de marcas linguísticas e não somente pelo fato de o sujeito ter nascido em solo gaúcho, pois há vários sujeitos que não[64] nasceram no Rio Grande do Sul e são atravessados pela cultura, de forma consciente ou inconsciente, por meio da linguagem, fazendo uso de expressões típicas do Estado, como *tchê, piá e guria*. Desse modo, determinados usos linguísticos podem suturar o sujeito a uma identidade, seja ela étnica, sexual ou geracional.

Nos enunciados analisados, que travam um constante diálogo, podemos encontrar a fronteira, a identidade/diferença e a linguagem movimentando-se de forma simultânea. Conforme Silva (2000, p. 80), a indeterminação e a instabilidade, que caracterizam a linguagem, apresentam reflexos no que tange à identidade e à diferença. Para o autor, "na medida em que elas são definidas, em parte, por meio da linguagem, a identidade e a diferença não podem deixar de ser marcadas, também, pela indeterminação e pela instabilidade". Os pesquisados se apropriaram da linguagem para definir o caráter móvel da fronteira e para marcar a diferença em relação ao povo uruguaio e, ao marcarem a diferença, eles constroem sua identidade híbrida e mestiça, centrada na tensa relação eu/outro.

5.1.2 Nicho 2: língua, música, comida, moda e festa

Além da porosidade e da fluidez, o contexto fronteiriço se traduz como móvel pelo fato de que abriga em seu espectro a integração e a resistência. A integração entre dois povos pode se dar de diferentes formas, que se manifestam por meio da música, da língua, da

[64] Tal fenômeno ocorre com outras culturas do Brasil, pois há pessoas do RS que moram em outros estados e utilizam expressões de outras culturas.

comida, das relações interpessoais e de trabalho. Podemos afirmar que o processo de integração está atrelado à noção de aceitação ou acolhida, descrita por Burke (2003, p. 77).

Os encontros entre as duas culturas podem produzir discursos que aquiescem a ideia de integração, consistindo em um momento de harmonia e de sintonia. Essa integração pode se dar por meio da música ou da língua, como nos mostra o fragmento abaixo:

Ladiner: *Não... Não... Eu acho que... Eu não sei, eu, eu, eu como trabalho com música e tenho, e tenho facilidade já...Tinha... Meus antecedentes tinham... Tinha familiares uruguaios, né, meu bisavô é uruguaio, então, eu tenho uma certa facilidade de me comunicar com eles até. Né. Até falo razoavelmente o espanhol, e com o negócio da música mesmo,* ***adoro cantar música em espanhol.***

O exemplo acima celebra a junção da possibilidade de comunicação na outra língua, o espanhol, com o prazer em cantar música na língua "do outro." Além do encontro e do contato entre as línguas, o sujeito se entrega ou se traduz à cultura uruguaia no momento em que *adora* cantar na língua espanhola. Ao manifestar o desejo de cantar na língua do outro, que pode representar ameaça, o pesquisado assume a possibilidade de transitar em diferentes culturas, refletindo uma posição favorável face ao que está sendo enunciado.

Mário, o primeiro respondente, também anuncia seu entrelaçamento à cultura uruguaia por meio da música e da comida, entretanto exprime resistência em relação à língua, que é demarcada pelo fato de que o sujeito só faz uso do espanhol por obrigação e em situações de trabalho:

Pesquisadora: *E da cultura uruguaia então o senhor é só o... o churrasco?*
Mário: *Ah não, não... Eu gosto, eu gosto muito do* ***folclore*** *assim... Eu gosto assim do* ***ambiente****. Da* ***música****, da música uruguaia eu gosto muito.*
Pesquisadora: *O senhor não fala espanhol?*
Mário: *Eu falo bastante!*
Pesquisadora: *Ah...*
Mário: *Muito. Mas também eu fui... Uma, por* ***necessidade*** *(inaudível). E... Aprendi... Não sei falar muito o espanhol... Mas aprendi... Até escrever alguma coisa em espanhol eu escrevo,* ***mas só por necessidade, né.***

O fragmento acima desvela a coexistência da integração e da diferença que habitam o universo do mesmo sujeito. Vejamos que Mário cita diversos elementos da cultura uruguaia que o atraem: churrasco, folclore e música. Mas, com relação à língua, admite que utiliza o espanhol, porém enfatiza que é por necessidade, orientando seu dizer, por meio do advérbio *só,* à necessidade, revelando que o sujeito transita pela outra cultura por meio de bens ou artefatos culturais e também pode falar espanhol, mas como uma obrigatoriedade, o que reflete um posicionamento menos favorável frente ao uso da língua espanhola no seu cotidiano.

Para Mário, a música e a comida uruguaia são elementos que o integram à cultura uruguaia. Com relação à alimentação, ele afirmou acima que se aproxima do uruguaio por meio do churrasco. No entanto, a comida pode ser também um elemento da cultura que distancia os países e os coloca em concorrência:

Mário: *[...] E na parte alimentar é totalmente diferente também. Eles gostam muito de massa e de carne. Nós comemos feijão, eles não sabem comer feijão preto. Eles* ***nem*** *sabem fazer o feijão preto. Eles fazem é feijão de cor, aquele amarelo.*

O churrasco é uma prática que aproxima as duas culturas, entretanto Mário ressalta que a diferença também perpassa a alimentação, pois ele divide: uruguaios comem carne e massa; brasileiros comem feijão preto. Além de apontar que os brasileiros comem feijão, o pesquisado destaca que os uruguaios "nem sabem" preparar o feijão preto, evidenciando que quem sabe preparar o feijão preto é o brasileiro, sinalizando que o feijão preto faz parte da cultura brasileira. Em diversos trechos, como o que está em análise, observamos que a aproximação e o distanciamento caminham juntos nos dizeres dos pesquisados.

Após discorrer sobre a diferença do feijão preparado e consumido por cada país, Mário expõe a rivalidade, expressa pela necessidade de um país ser melhor que o outro na região fronteiriça, explicitando, mais uma vez, a ideia de fronteira como um lugar de integração e de resistência:

Mário*: [...] Dessa coisa que existe de cidade de fronteira, que uma cidade quer sempre superar a outra.[...]*

Ressaltamos que em outros fragmentos, já mencionados no nicho anterior, o respondente demonstra que a rivalidade é mais marcada na fronteira, pois mais para dentro do Uruguai há menos conflitos. Como afirmamos, sua explanação corrobora o que os estudiosos contemporâneos, contemplados nos *Pressupostos Teóricos*, afirmam acerca da fronteira: lugar de contradições e de conflitos.

A superação de um país sobre o outro, na compreensão de Mário, pode se dar no âmbito dos esportes, como o futebol:

Mário: *No futebol também, se nós tiver um time para disputar* ***ali*** *é* ***guerra.***

Novamente, a tensão que habita a fronteira adquire espaço no discurso do pesquisado. É importante destacar que na Copa do Mundo de 2010, em que a seleção uruguaia obteve o quarto lugar no campeonato mundial, era frequente a presença de bandeiras uruguaias em casas jaguarenses e, às vezes, estavam juntas as duas bandeiras, brasileira e uruguaia, no mesmo local (foto em anexo). A colocação das bandeiras em uma mesma residência ou ponto comercial se configura como uma prática que traduz o movimento de integração entre os países, mas um movimento direcionado ao global, ou seja, a seleção de futebol uruguaia representa o país como um todo e não se restringe à zona de fronteira, evento que dialoga com o dizer de Mário, que destaca e ressalta que a fronteira e o resto do país (Uruguai) precisam ser representados de diferentes formas, fato que já foi evidenciado em parágrafos anteriores, como no seu caso de saúde. Com relação ao futebol de salão, Mário explica que há vários jaguarenses que jogam no time de Rio Branco:

Mário*: [...]ah, hoje a seleção do Uruguai de futebol de salão tem muitos jaguarenses. E começou a desenvolver muito o futebol de salão no Uruguai até os de Rio Branco, através de Jaguarão.*

Observamos que, apesar de alguns momentos a divisão entre os países estar latente, em outros contextos, há uma relação de dependência entre Jaguarão/Rio Branco, Jaguarão/Uruguai, já que o futebol brasileiro, que é um dos símbolos da identidade brasileira, exerce poder em relação ao futebol uruguaio e, por meio da supremacia e da superioridade do

futebol brasileiro, a seleção uruguaia alavancou. Em outras situações, Mário também coloca o Brasil em uma posição de superioridade, como no futebol, carnaval e comida (feijão), corroborando os estereótipos ou o discurso do senso comum de que vivemos no país do futebol e do carnaval.[65]

A moda é também um tema apresentado por Mário, que sustenta o seu posicionamento da superioridade brasileira. Temos:

Mário: *A mulher brasileira é **mais** vaidosa. A mulher brasileira mal hoje usa uma coisa e as uruguaias vão lá e usam [...] a mulher brasileira é **mais** fina.[...] o que a brasileira lança moda aqui é moda no Uruguai.*

No trecho acima, por meio do intensificador *mais*, Mário orienta seu dizer para uma apreciação de superioridade da mulher brasileira em relação à mulher uruguaia, evidenciando a diferença, enfatizando o bem vestir da brasileira e inserindo o Brasil em um conjunto de valores e crenças que supervaloriza artefatos da nossa cultura. Podemos analisar o dizer de Mário, em que a superioridade perpassa o seu discurso, pelo viés de Burke (2003), que aponta que os sujeitos têm reações distintas diante dos fenômenos de trocas culturais, como vimos nos *Pressupostos Teóricos*. No caso acima, podemos comparar o uruguaio ao brasileiro, no processo denominado de *londonização* da cultura, no início do século XIX. Burke (p. 78) explana, como já referido na seção teórica, que Gilberto Freyre relata que os brasileiros de classe alta utilizavam os requintados ternos europeus em altas temperaturas. A transposição do vestuário de um lugar para outro, que se constitui como uma troca cultural, emerge com força na fala do entrevistado, pois, mesmo atribuindo um *status* maior à moda brasileira, em sua percepção, a uruguaia adere com facilidade ao vestuário que está em alta no Brasil.

No dizer de Mário, a rivalidade entre os dois países se materializa por diferentes formas, como alimentação, futebol e moda. Contudo, mesmo com a rivalidade, a integração, aliada à participação, surge como um aspecto que une os dois povos. Temos:

Pesquisadora: *E algumas coisas parecidas? O senhor vê que tem algo parecido entre jaguarenses e "rio-branquenses"? Brasileiros e uruguaios?*

[65] Roberto Damatta, em sua obra *O que faz o brasil, Brasil?,* discute os símbolos que compõem a identidade brasileira.

Mário*: A* ***participação.*** *A* ***participação*** *na área de turismo, na área de festa. Agora mesmo teve uma festa na Lagoa. Como é que é? O lual.*

Pesquisadora*: Lual?*

Mário*: O lual. A escolha da garota lá do Uruguai. Se tu fosse lá, tinha 40.000 pessoas. Dez vezes mais a população do Rio Branco. Mas desses 40 mil, 30 mil pessoas, desses 30mil, 20 eram brasileiros. 20 mil eram brasileiros. Então, essa participação, essa questão social, assim de festas, é bastante tensa. Essa é relação que tem. (Parece que quis dizer intensa)*

Mário*: Existe a* ***participação*** *[...] existe a harmonia entre os de Jaguarão e Rio Branco na participação das datas comemorativas. Nas festas, o uruguaio vem aqui desfilar.*

[...] existe muito encontro de moto, de motoqueiro.

Pelos enunciados, vemos que a participação se restringe mais às comemorações e às festas como o lual e o carnaval, tema que o respondente aborda na entrevista. A participação nos eventos se constitui como um nicho que aproxima os dois países, demonstrando que, apesar das divergências, é possível manter uma relação pacífica e cada cultura pode preservar suas peculiaridades.

Na entrevista de Ladiner, segundo entrevistado, a integração por meio de festas também é mencionada:

Ladiner: *[...] os uruguaios tão toda hora aqui para fazer festa [...] Quando a festa é boa lá, vai todo mundo pra lá [...]*

Como a entrevista foi no período de carnaval, Mário aproveita o ensejo para mais uma vez ver marcar a diferença e exaltar a superioridade do brasileiro:

Mário: *O Uruguai tem mania de por exemplo fazer... Eles fazem uma caixinha de fósforo, pegam um fuca, botam quatro, cinco caixas de som lá de doze mil watts cada uma, caixa. E ainda tem uma aparelhagem de som para um trio elétrico de quinze mil volts, e eles querem ser melhor que o brasileiro. (Pausa). Querem cantar melhor que o brasileiro. Querem gritar melhor...* ***Não sabem dançar, não sabem...*** *Eles têm é... É... Uma maneira de dançar e* ***eles não sabem sambar****, e vêm aqui bah, e gritam, então...*

O pesquisado explicita que a participação nos momentos de festas é bastante intensa e harmoniosa entre os dois povos. Ao enunciar que os uruguaios não sabem sambar, Mário

assume dois posicionamentos: o brasileiro é quem sabe sambar, e o uruguaio é um povo simples. Acerca do primeiro posicionamento, podemos afirmar que, quando o entrevistado exemplifica a participação com o carnaval, comenta que o uruguaio não sabe sambar, evocando a voz presente no discurso do senso comum, até mesmo revestido de estereótipo, que diz que o brasileiro é o povo que sabe sambar, que o samba é "intrínseco" ao povo brasileiro, está em seu "sangue", remetendo à concepção essencializada ou biologizada da identidade, que, por meio da linguagem, atravessa o discurso do pesquisado.

No que tange ao segundo posicionamento, mesmo afirmando que o uruguaio não sabe sambar, Mário utiliza a ideia do samba para afirmar e reafirmar o orgulho do uruguaio, por meio da simplicidade, ou seja, o uruguaio não necessita ter "samba no pé" ou de grandes aparatos e carros de luxo para mostrar seu orgulho e sua participação no carnaval, que é uma festa bastante atrelada à identidade brasileira, bastando o desejo e a disposição para ir à passarela. Percebemos que a presença do rio-branquense no carnaval de Jaguarão é uma prática social que pode demonstrar a integração, mas também tem o intuito de marcar a diferença do povo rio-branquense em relação ao povo jaguarense, uma vez que, conforme o dizer de Mário, "eles não sabem sambar".

Além disso, Mário expõe a atitude de concorrência dos uruguaios em relação aos brasileiros. O sintagma "eles querem ser melhor" traduz a disputa por um espaço privilegiado e traz embutido o dizer que eles (uruguaios) são piores que os brasileiros. Para que sejam melhores, os rio-branquenses precisam fazer uso de som alto, gritos e barulho, ou seja, de elementos externos para terem destaque em um lugar que já tem fixado em sua identidade "o samba no pé". Como é recorrente nas falas de Mário, a identidade essencializada continua garantida.

Assim como o brasileiro visita o país vizinho para realizar festas, os uruguaios vêm para Jaguarão no carnaval, como uma espécie de retribuição e demarcação de espaço, o que nos leva a considerar que o carnaval, elemento cultural, integra e separa os dois países. Mesmo que o carnaval seja um evento em que as vozes são equipolentes, na fronteira em estudo, as vozes estão em tensão contínua, em uma arena que disputa quem é o melhor do carnaval, sendo complexo avaliar se o carnaval binacional[66] comporta somente a integração.

[66] A RBS exibiu uma reportagem na terça-feira, 21/02/2012, acerca do carnaval em Jaguarão. A ênfase da matéria foi no número expressivo de participantes e na presença da atriz Fabiana Karla, que atua no programa *Zorra Total*, exibido nos sábados, na Rede Globo. Disponível em http://redeglobo.globo.com/rs/rbstvrs/noticia/2012/02/quer-rever-o-bom-dia-rio-grande.html

Ao tratar das atividades comemorativas, Mário apresenta novamente mais um aspecto que marca a diferença: a roupa. Vejamos, neste contexto, qual a função que o vestuário exerce:

Mário: O uruguaio é pretensioso. É orgulhoso é. O uruguaio é pretensioso. O uruguaio ele tem mania é... é... Numa festa, por exemplo, ou então... O povo brasileiro, o povo gaúcho (inaudível) ***nós*** *somos, simples, gostamos de, de, ficar a vontade. É...* ***E o uruguaio não****. Tu vai num aniversário lá, e a* ***gravata*** *verte do pescoço. Vai numa área, vai num grupo social lá, a gravatinha é...*

Pesquisadora: Ah é?...

Mário*: É... É* ***tudo de gala****.*

Pesquisadora: *Aqui em Rio Branco?*

Mário*: Aqui em Rio Branco É, no (inaudível) ali...*

Pesquisadora*: Até num jogo de futebol vão?...*

Mário: *Ah é...* ***De gravata****. Lá numa reunião, numa reunião social[...]*

Como em vários fragmentos, já analisados e em outros que serão observados, a relação *eu/nós* é recorrente na fala do pesquisado, o que ratifica a tensão e a contradição que caracterizam a linguagem, a fronteira e a identidade. No trecho acima, Mário seleciona em seu repertório linguístico a *roupa,* que seria um exemplo prosaico para falar de um povo. No entanto, esse simples e comum exemplo está saturado e acentuado de valor, pois a inserção da vestimenta, no interior da enunciação, desprovida de neutralidade, objetiva avaliar o comportamento do uruguaio que, na visão do entrevistado, não é um povo simples como o brasileiro e o gaúcho, contrastando com a simplicidade expressa no carnaval, analisada anteriormente. Também, o dizer de Mário sinaliza que a roupa mais requintada do uruguaio é um traço de sua identidade. Pela primeira vez, Mário declara seu pertencimento ao povo gaúcho, e a simplicidade é a característica que o designa como pertencente à identidade sul-rio-grandense.

Neste nicho, que contempla música e festa, fica bastante acentuada a tensão entre a integração e a diferença entre as duas culturas, transparecendo que os momentos de conflito e de resistência aparecem mesmo nos momentos festivos, mas também podem ser atenuados, uma vez que as situações de comemoração carregam em seu significado a ideia de união, de junção e de equidade. Com relação à pesquisa desta tese, podemos afirmar que nos momentos de descontração e alegria, como o carnaval, as vozes dos jaguarenses e rio-branquenses estão em um movimento de consonância e de dissonância, pois ao mesmo tempo em que têm o

mesmo espaço (tanto físico como social) para integrar, esse espaço funciona como um cenário de demarcação da diferença. Apesar das vozes experimentarem a simetria, a diferença as atravessa, pois, como vimos anteriormente, Mário entende que as duas culturas "sambam" de forma diferenciada.

Neste nicho, que contemplou língua, comida, música, moda e festa, percebemos que esses elementos podem integrar/distanciar as duas culturas, revelando que, em todo movimento discursivo dos pesquisados, a diferença emerge para dialogar com a integração, evidenciando a coexistência, a intersecção e a indissociabilidade entre elas.

Nos nichos anteriores, observamos que a identidade dos sujeitos entrevistados pode ser considerada bastante fluida e essencializada, pois seus discursos revelam o constante diálogo, que agrega a proximidade e o distanciamento, com a cultura uruguaia. Devido à (im)possibilidade de pertencimento e de negociação com as duas culturas, daremos continuidade à análise pelo eixo da nacionalidade, a qual será contemplada no próximo nicho, pois a identidade nacional foi um assunto que emergiu no decorrer das entrevistas.

5.1.3 Nicho 3: nacionalidade

Ao trazermos para a discussão a fronteira, é crucial que contemplemos o aspecto da identidade nacional, já que a mobilidade e a fluidez dos contextos fronteiriços influenciam diretamente na construção da identidade dos sujeitos que habitam esses lugares. Pesquisas de diferentes áreas do saber têm se debruçado na identidade de fronteiriços em diferentes regiões do Brasil. Para ilustrar, citaremos o trabalho intitulado *Identidades linguísticas em contexto de fronteira: apresentando uma pesquisa em andamento*, de autoria de Evódia de Souza Braz[67]. Neste trabalho, a pesquisadora aponta que:

> Em contextos de fronteira, os conflitos identitários colocam-se de maneira crítica, dado o plurilinguismo que os caracterizam. Nestes espaços, a legitimidade de uma identidade nacional homogênea defendida de modo ferrenha torna-se demasiado evidente e o rechaço e a descriminação das identidades destoantes são inevitáveis, pois estas passam a ser vistas como uma ameaça à identidade nacional (BRAZ, 2009, p. 332).

[67]BRAZ, Evódia de Souza. *Identidades linguísticas em contexto de fronteira:* apresentando uma pesquisa em andamento. Anais do SETA, número 3, 2009.p.330 a 337. A autora pertence ao programa de pós-graduação em Linguística Aplicada, IEL, UNICAMP. Neste trabalho, Braz faz um estudo da fronteira Brasil/Venezuela, na cidade de Pacaraima (Roraima/BR), em território indígena. Seu enfoque é no conflito linguístico.

O trabalho de Braz visa a construir políticas linguísticas que possam acomodar o forte conflito linguístico instaurado na região da cidade de Pacaraima (Roraima/BR), em território indígena, fronteira Brasil/Venezuela. Na citação acima, embora sendo um recorte, a autora, de forma bastante generalizada e unilateral, opera com a ideia de fronteira em uma perspectiva de divisão e impossibilidade de negociação entre identidades culturais.

Trouxemos este trabalho com o intuito de dialogar com vozes que se manifestam nas nossas entrevistas. Embora o espaço fronteiriço propicie aos moradores a defesa de uma identidade cultural nacional, ele também se constitui pelo movimento contrário, isto é, pode possibilitar o movimento entre duas identidades, como fica explicitado no contexto abaixo. Ladiner afirma que:

Pesquisadora: *E o fato assim, de, de tu morar na, na fronteira tu te considera um pouco brasileiro um pouco uruguaio?*

Ladiner: ***Eu me considero um pouco dos dois****, até mesmo porque eu tenho um pouco de sangue uruguaio, né na família. Mas acho que... E tenho parentes meus que moraram muitos anos no Uruguai também. Primas que se casaram. Eu, quando era menor mesmo, nós íamos, nós íamos todos os anos pra praia em anos pra praia, tinha familiares lá... Então eu me considero, me considero meio... Meio* ***doble chapa****!*

De forma explícita, o pesquisado assume que se considera um pouco brasileiro e um pouco uruguaio. A justificativa dada por ele de ser um pouco "dos dois" se respalda nos laços sanguíneos, ou melhor, nas negociações com os laços de parentesco e nas visitas à capital do Uruguai, Montevidéu. O sujeito se revela como híbrido, não apenas do ponto de vista biológico, mas também do ponto de vista cultural. Acerca disso, Canclini (2008, p. XXIX) assinala que as fronteiras se constituem como um espaço propício à hibridação, entendida como "as combinações de elementos étnicos ou religiosos, mas também a de produtos de tecnologias avançadas e processos sociais modernos e pós-modernos". Cabe salientar que Canclini (2008) entende que o termo hibridação é o mais adequado para explicar as fusões entre culturas, como já aludimos nos *Pressupostos Teóricos.*

Os dizeres trazidos pelo sujeito da pesquisa se coadunam com a identidade do sujeito pós-moderno, que "está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas" (HALL, 2006, p.12). Temos, assim, uma situação de um indivíduo nascido no Brasil que, além de compartilhar da possibilidade de ter outra nacionalidade, participa da ideia de nação uruguaia que é

socialmente representada. No entanto, Ladiner recorre ao sangue, quer dizer, um forte elemento que o conduz a assimilar a identidade uruguaia é o laço sanguíneo, um dos traços característicos da visão de identidade biologizada, que o faz pertencer ao povo uruguaio. Desse modo, o pertencimento de Ladiner à cultura uruguaia também se dá pela descendência por meio de laço de sangue. Observemos que a explicação de Ladiner está assentada "na tensão entre o essencialismo e o não-essencialismo" (WOODWARD, 2000, p. 15), conforme discutimos nos *Pressupostos Teóricos*, ao afirmarmos que os sujeitos (iluminismo, sociológico, pós-moderno), propostos por Hall (2006), vivem e revivem em um movimento de ir-vir nos indivíduos em diferentes épocas e momentos sócio-históricos.

Além disso, o fragmento também revela que nem sempre há um engessamento da identidade nacional e nem sempre o sujeito fica atrelado em todas as instâncias ao seu país de nascimento. Sobre esse tema, Hall (2006, p. 43) pontua que "as identidades, concebidas como estabelecidas e estáveis, estão naufragando nos rochedos de uma diferenciação que prolifera."

Além dos estudiosos Canclini e Hall, podemos recorrer a Bauman, no intuito de atribuir sentido à fala do entrevistado. Ao discutir a identidade nacional, Bauman (2005, p. 28) distingue essa identidade das outras identidades. O autor pontua que "as outras identidades" não exigem fidelidade exclusiva e adesão inequívoca, contrariamente à identidade nacional que "não reconhecia competidores, muito menos opositores" (Ibid.). No entanto, o discurso do pesquisado entra em confronto com a fidelidade à nação e se filia ao sujeito pós-moderno, que se caracteriza pela fluidez e pela instabilidade. Bauman (p. 35) afirma que "Em nossa época líquido-moderna, em que o indivíduo livremente flutuante, desimpedido, é o herói popular, estar fixo – ser identificado de modo inflexível e sem alternativa – é algo cada vez malvisto."

Na mesma esteira, Burke (2003, p. 90) afirma que o sujeito, diante da possibilidade de trocas culturais, pode ter diferentes reações, e uma delas é a aceitação. Neste caso, o sujeito da pesquisa expressa aceitação à troca cultural, representada pelo artefato cultural, a música, de maneira harmônica e pacífica.

As contribuições de Hall e Bauman são pertinentes ao enunciado em questão, pois viver em um contexto de fronteira (no sentido geográfico) produz discursos atravessados pela mobilidade, pelo fluxo e pelo trânsito. Medeiros (2008, p. 52) afirma que "É na interação objetiva e/ou subjetiva com o universo cultural que o sujeito constrói para si um estoque de referências que irão defini-lo como ser individual e articular sua relação com o coletivo." A assertiva nos leva a pensar que não é apenas a globalização, fenômeno "recente", que cria representações na vida dos sujeitos, quer dizer, aspectos históricos e culturais condicionam

determinados discursos. Ressaltamos ainda que os discursos que consagram sujeitos fragmentados e divididos, em espaços fronteiriços, podem já existir há bastante tempo, ou seja, em um período anterior[68] à era da globalização, mas que, no entanto, esses enunciados não tinham relevância no cotidiano das pessoas ou não se configuravam como um potencial objeto de estudo como ocorre no momento atual.

Pelas palavras de Ladiner, percebemos que ele, ao se considerar um pouco brasileiro e um pouco uruguaio, mostra que o sujeito "assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um 'eu' coerente" (HALL, 2006, p. 13), celebrando o sujeito pós-moderno. Contudo, Mário, ao ser questionado sobre o mesmo tema, enfatiza e afirma seu pertencimento ao Brasil:

Pesquisadora: *E o fato do Sr. morar na fronteira? o sr. se considera um pouco brasileiro e um pouco uruguaio? Como é que é isso?*

Mário: *Ah não...aí não, eu sou brasileiro. Me perdoe, mas* ***eu sou brasileiro****. Se o marco de fronteira é...pode muda, né? Mas podem dize "ah, esse cara é muito demagogo!"não é demagogia, é porque, se de fato as coisas no Mercosul funcionassem, seria uma maravilha. Se é que...faz 12 anos que criaram isso aí. Já criaram Câmara de desenvolvimento do Mercosul, já criaram câmara na área da educação , na área de, aqui iam fazem uma escola binacional, aqui no Uruguai e no Brasil na fronteira, mas isso só fica só no papel porque o direito nosso é limitado no Uruguai.* ***Eu sou brasileiro****, eles são uruguaios, eu respeito, eu sou assim, o meu limite vai até o próximo. Então, eu também gosto, adoro os uruguaios e eu devo muito a eles é, mas, como já falei o negócio da minha perna. Então, eu viajo pro Uruguai. Mas* ***eu não troco*** *meu país pelo Uruguai de maneira nenhuma.* ***Eu sou brasileiro, brasileiro mesmo****.*

No trecho acima, Mário repete enfaticamente que é brasileiro, evidenciando uma necessidade constante de reafirmar seu pertencimento à identidade brasileira e de demonstrar que o país de nascimento determina a identidade. Apesar da repetição do mesmo sintagma, ou seja, a recorrência ao mesmo material linguístico, cada vez que tal enunciado é proferido, o enunciador renova-o a cada enunciação, já que concede contornos distintos, dotando-o de um sentido diferente. O pesquisado selecionou suas palavras e formulou uma determinada estrutura sintática a partir da avaliação que faz de uma dada situação, uma vez que seu enunciado – *Sou brasileiro* – além de refletir o contexto da situação em que Mário vive,

[68]Recorremos ao recurso audiovisual. O seriado *Roma*, produzido em 2006, pelo canal HBO (hoje disponível em DVD), nos revela fortes problemas identitários vividos no período 52 a. C, em Roma. Em uma cena, Otávio, sobrinho de Júlio César, ao ser iniciado em sua vida sexual, dialoga com a moça que seria sua "iniciadora". O rapaz pergunta à moça de onde ela é. Pensativa, ela responde: "Não sei de onde eu sou...meus pais e meus irmãos foram mortos, e eu vim para cá para a Itália desde pequena."

situação de fronteira, dialoga com o enunciado de Ladiner, que se identifica como um *doble chapa.*

Como apontamos, cada vez que o enunciado em questão aparece no fragmento em análise, ele é outro, sendo sua significação determinada pela interação verbal entre quem fala (enunciador), o ouvinte (pesquisadora) e o quê/quem (tópico do discurso). Além desses aspectos, a presença do outro é um aspecto predominante, já que ao afirmar, confirmar e reafirmar que é brasileiro, traz o enunciado de que não é uruguaio. O enunciado, seguido da repetição, demonstra a intenção do pesquisado em manifestar sua certeza acerca da sua nacionalidade e do seu pertencimento à nacionalidade brasileira. Sobre o tema, Silva (2000, p. 76) assinala que, como o signo se caracteriza pela repetição, a possibilidade de repetição de uma dada sentença mostra o poder que esse ato linguístico tem no processo de produção de identidade. Além de delimitar sua nacionalidade, podemos perceber o esforço do pesquisado em convencer a pesquisadora (e talvez a si mesmo) de sua brasilidade.

Mário afirma que não se considera um pouco brasileiro ou um pouco uruguaio, pois não se considera "híbrido", estabelecendo um diálogo com o discurso de Ladiner, que aponta que se considera "um pouco dos dois". Porém, a "certeza" de Mário só é possível porque existe a voz que assimila e aceita que é possível ser um pouco de cada. No dizer de Mário, mesmo rejeitando o duplo pertencimento, está embutida a voz da possibilidade de habitar duas identidades, como vimos em algumas de suas falas em que aceita que a integração pode ser possível. O dizer de Ladiner, que se identifica com o brasileiro e com o uruguaio, tornando-o um "doble chapa", também evoca a voz que viabiliza o pertencimento a mais de uma identidade. As falas dos dois pesquisados acerca do ser ou não ser brasileiro/uruguaio representam a pluralidade e a heterogeneidade de sentidos que permeiam a linguagem.

Embora Mário declare seu apreço aos uruguaios, esse gostar, em sua concepção, não o torna um sujeito atomizado ou fragmentado do ponto de vista da nacionalidade. Ao contrário, a pergunta feita ao pesquisado provoca uma atitude de reforço à sua identidade nacional, no caso, a brasileira. Seus dizeres reafirmam e reforçam sua brasilidade, já que Mário, ao ser questionado sobre a possibilidade de habitar duas identidades, reivindica apenas por apenas uma – a brasileira. Devido à imbricação identidade/diferença, a diferença emerge, neste fragmento, materializada pelo uso do *eu* (brasileiro) e *eles* (uruguaios), fato que expressa que as identidades "estão baseadas em uma dicotomia do tipo 'nós' e 'eles'" (WOODWARD, 2000, p. 39). Em outros fragmentos, evidenciamos que Mário tem respeito pelos uruguaios, mas no que tange ao seu pertencimento a uma identidade nacional, o pesquisado reforça e ressalta que é brasileiro, demonstrando um sentimento de ufanismo ao Brasil.

Silva (2000, p. 74), ao discutir a imbricada relação identidade/diferença, sublinha que o sujeito, ao explicitar "Sou brasileiro", isto é, a forma afirmativa do enunciado, parece fazer referência a uma identidade que se esgota em si mesma. Como se fosse uma simples constatação "sou brasileiro" – ponto final. No entanto, o sujeito é convocado - no caso desta pesquisa de forma mais contundente - a fazer tal afirmação pelo fato de que existem outros seres humanos que não são brasileiros, quer dizer, dialoga, no caso de Mário, com o enunciado "Sou uruguaio". Para ilustrar essa questão, o autor expõe que raramente precisamos afirmar que somos humanos[69], uma vez que não é tão recorrente a necessidade dessa assertiva. Porém, o fato dos pesquisados morarem ao lado de outro país a pergunta se fez necessária, e a resposta *sou brasileiro* não é somente uma questão de identidade nacional ou de carteira de identidade. "Sou brasileiro" inscreve o sujeito em um conjunto de valores, crenças e ideologias que constituem a cultura brasileira que, no caso em questão, apresenta alguns pontos diferentes da cultura uruguaia. A reivindicação da identidade brasileira evidenciada na fala de Mário encontra eco na teorização proposta por Woodward. A estudiosa explica que:

> Com frequência, a identidade envolve reivindicações essencialistas sobre quem pertence e quem não pertence a um determinado grupo identitário [...] Algumas vezes essas reivindicações estão baseadas na natureza; por exemplo, em algumas versões da identidade étnica, na ´raça` e nas relações de parentesco (WOODWARD, 2000, p. 13).

Pelo viés bakhtiniano da linguagem, os dizeres do primeiro entrevistado, senhor Mário, apontam para um embate de discursos com o segundo entrevistado, Ladiner, no que tange a ter duas identidades nacionais. Assim, o mesmo questionamento a sujeitos diferentes suscita respostas diferentes, revelando a natureza heterogênea e multifacetada da linguagem, que não comporta uma única resposta. Devido a essa heterogeneidade e multiplicidade de sentidos possíveis, podemos traçar um diálogo entre Hall (2006) e Bakhtin (1952-1953/1998). Esses autores se aproximam por terem semelhança no entendimento acerca dos múltiplos contornos que os significados adquirem no fluxo da comunicação verbal. Para Hall,

[69] Relato aqui a fala de um colega da instituição em que trabalho, UFFS/Campus Erechim. Ele é sociólogo e andou furioso pelos corredores da Universidade, porque precisava preencher um documento que solicitava a "raça". Ele não preencheu os "quadradinhos" com as raças propostas (branca, parda, negra) e escreveu: humana.

> […] apesar de seus melhores esforços, o/a falante individual não pode, nunca, fixar o significado de uma forma final, incluindo o significado da sua identidade. As palavras são ´multimoduladas`. Elas sempre carregam ecos de outros significados que elas colocam em movimento, apesar de nossos melhores esforços para cerrar o significado (HALL, 2006, p. 41).

A contribuição dos autores nos autoriza a afirmar que os fragmentos produzidos pelos entrevistados, isto é, as vozes sociais/discursivas que ali se manifestam caracterizam o plurilinguismo ou heteroglossia, pois estabelecem uma dinâmica entre essas vozes, que irão "se apoiar mutuamente, se interiluminar, se contrapor parcial ou totalmente, se diluir em outras, se apoiar, se arremedar, polemizar velada ou explicitamente e assim por diante" (FARACO, 2006, p. 57).

O segundo entrevistado, o músico Ladiner, compactua e compartilha da voz que entende que o morar na fronteira pode produzir sujeitos pertencentes a duas nacionalidades. Entretanto, como observamos, o primeiro sujeito é mais resistente a essa voz. Assim, os diferentes discursos sobre a possibilidade de o sujeito habitar duas nacionalidades evidenciam que "Toda enunciação […] é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal" (BAKHTIN, 1986/1929, p. 98).

As diferentes respostas efetuadas pelos pesquisados, que evidenciam o diálogo por consonância e dissonância, revelaram que os destinatários foram e são altamente ativos na interação, visto que respondem a outros discursos, que acolhem o morar na fronteira ou o rejeitam. Os enunciadores posicionam-se por meio de acentos valorativos em relação aos outros sujeitos e a outros discursos que os atravessam e influenciam seus dizeres. Para tanto, os pesquisados buscaram argumentos para justificar seus posicionamentos, ora contrapondo-se à voz que aponta que o morar na fronteira produz sujeitos que podem habitar duas identidades nacionais; ora compartilhando da voz social que rejeita a ideia de habitar duas identidades nacionais, em um movimento simultâneo.

Outro ponto que merece destaque acerca da fala do entrevistado Mário é concernente à entonação, no sentido sonoro. No fragmento em análise, o pesquisado demora um pouco para responder e baixa o tom de voz para afirmar *Me perdoe, mas eu sou brasileiro.* Nesta interação, pesquisadora-pesquisado, fica bastante evidente o envolvimento emocional do pesquisado na temática e, paralelamente a isso, o receio de não encontrar eco no discurso da pesquisadora. Podemos afirmar que a redução do volume da voz é carregada de intencionalidade e revestida de um tom de apreensão, pois o sujeito entrevistado, ao longo da interação, assumiu um compromisso com seu interlocutor e a resposta *Me perdoe, mas eu sou*

brasileiro poderia ser dissonante ou estar em desacordo com a voz da pesquisadora. Além disso, como o pesquisado reconhece que a pesquisadora se configura como um interlocutor ativo e constituído por diferentes vozes sociais/discursivas, pode ter previsto que a entrevistadora desejasse ouvir que ele habita as duas identidades, já que o senso comum apregoa que o morador da fronteira pode transitar do ponto de vista identitário pacificamente entre as duas culturas.

Desse modo, podemos destacar que o texto *Me perdoe* evoca a voz do enunciado que contrasta com aquilo que o entrevistado pressupõe que a entrevistadora pense sobre a temática tratada. Em outras palavras, o enunciado entra em conflito com a voz do senso comum de que o fato de morar na fronteira pode produzir uma identidade híbrido-mestiça.

Ao afirmar *Eu sou brasileiro, brasileiro* ***mesmo,*** o entrevistado não quer deixar dúvida à pesquisadora quanto à sua identidade nacional e evoca a voz dos que ele considera que não são bem brasileiros, evidenciando forte tensão entre os discursos: brasileiro mesmo/não são bem brasileiros. O enunciado mostra que o sujeito enuncia de um lugar sócio-histórico determinado e, ainda, lhe confere um pertencimento a uma nação. Também, o vocábulo *mesmo* assegura ao enunciado, sobretudo ao produtor do texto, o *status* de puro ou verdadeiro. Essa afirmação, revestida de convicção e de certeza, remonta à concepção biologizada da identidade, tão discutida e questionada pelos estudos mais recentes no campo e revela que o sujeito reivindica por uma identidade. O tipo de reivindicação apresentado é de cunho essencialista, pois, ao dizer *sou brasileiro mesmo*, a identidade é considerada como fixa e imutável. Woodward explica que:

> Algumas vezes essas reivindicações estão baseadas na natureza; por exemplo, em algumas versões da identidade étnica, na raça e nas relações de parentesco. Mais frequentemente, entretanto, essas reivindicações estão baseadas em alguma versão essencialista da história e do passado, na qual a história é construída ou representada como uma verdade imutável (WOODWARD, 2000, p. 13).

No caso do pesquisado, que é chamado por meio da entrevista a se posicionar, Hall (2006, p. 47) aponta que, quando nós nos definimos, dizemos que somos de uma determinada nacionalidade, fazemos isso de forma metafórica, pois a identidade nacional "não está literalmente impressa em nossos genes", enfatiza o autor. Hall, no decorrer de suas obras, entende que, embora nós pensemos nas identidades nacionais como parte de nossa natureza essencial, elas não são elementos com os quais nascemos:

> [...] as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da *representação.* Nós só sabemos o que significa ser ´inglês´ devido ao modo como a´inglesidade` (Englishness) veio a ser representada – como um conjunto de significados - pela cultura nacional inglesa (HALL, 2006, p. 49).

Podemos afirmar ainda que o dizer do pesquisado se assenta na ideia de que a identidade nacional "não conhece competidores" (BAUMAN, 2005, p. 28), instaurando um diálogo com o dizer do segundo entrevistado. No entanto, apesar da afirmação e da reafirmação da sua brasilidade, o discurso de Mário vai ao encontro da posição de Hall (2000, p.28) acerca do reconhecimento da identidade. O autor coloca-se favorável ao reconhecimento da identidade, mas "não de uma identidade que esteja fixada na rigidez da oposição binária, tal como as dicotomias 'nós/eles' [...]". Hall, mesmo acolhendo a diferença, assinala que o significado não é fixo, imutável e completo, já que em algum momento há um deslizamento. Retomando o dizer de Mário, temos:

Mário: ***Eu*** *sou brasileiro,* ***eles*** *são uruguaios, eu respeito, eu sou assim, o meu limite vai até o próximo. Então, eu também gosto, adoro os uruguaios e eu devo muito a eles é, mas, como já falei o negócio da minha perna.*

Esse dizer revela a alteridade, o movimento, a mutabilidade e as contradições dos sentidos, pois ao mesmo tempo em que o sujeito se identifica, se reconhece como brasileiro e marca a diferença, por meio do pronome *eles,* no mesmo fragmento, ele desliza ao deixar escapar que gosta dos uruguaios, estabelecendo um jogo *eu/eles.* Entendemos que o fio discursivo tecido por Mário, ao trazer a voz da resistência, anuncia a marcação da diferença, revelando a forte dependência entre identidade/alteridade. Além da interdependência das duas, o pesquisado demonstra que a identidade e a diferença são definidas em grande parte pela linguagem, pois "não podem deixar de ser marcadas pela indeterminação e pela instabilidade" (SILVA, 2000, p. 80).

Além disso, o jogo que o entrevistado realiza com os enunciados "eu sou brasileiro/eles são uruguaios/adoro os uruguaios" revela que as relações são permeadas por encontros e desencontros, de querer ser brasileiro, mas concomitantemente gostar do povo que habita o outro lado da ponte. A partir dos encontros e dos desencontros, intrínsecos à construção contínua da identidade, o jaguarense vai se constituindo a partir do outro, que é diferente, mas que o completa. Ao discorrer sobre a diferença, Woodward aponta que:

> A diferença pode ser construída negativamente – por meio da exclusão ou da marginalização daquelas pessoas que são definidas como "outros" ou forasteiros. Por outro lado, ela pode ser celebrada como fonte de diversidade, heterogeneidade e hibridismo, sendo vista como enriquecedora: é o caso dos movimentos sociais que buscam resgatar as identidades sexuais dos constrangimentos da norma e celebrar a diferença (afirmando, por exemplo, que "sou feliz em ser gay") (WOODWARD, 2000, p. 50).

No caso desta pesquisa, como situar as falas dos sujeitos com a dicotomia positivo ou negativo? A marcação da diferença nos dizeres dos pesquisados se constrói de forma negativa ou positiva? Talvez, essa separação não seja suficiente para sustentar nossa análise, portanto, recorremos ao valor que é atribuído à diferença. Woodward (2000, p. 50) explicita que as oposições binárias são alvo de críticas de diferentes autoras e autores[70], mas eles reconhecem que os termos que se encontram em relação de oposição recebem uma importância diferencial, de "forma que um dos elementos é sempre mais valorizado ou forte que o outro." Observamos que, no nicho anterior, Mário coloca brasileiros e uruguaios em relação no carnaval/futebol/trânsito e acaba por valorizar mais o brasileiro. Em contrapartida, no nicho que contemplou a fronteira e a legislação (primeiro nicho), os uruguaios são mais valorizados no que tange à saúde e à educação. Os enunciados sob responsabilidade de Mário exprimem um movimento de alternância entre as culturas que, no discurso, assumem a função de marcar a diferença, já que ela pode ser marcada por meio da valorização ou da desvalorização.

No trecho a seguir, vejamos mais uma vez de que forma a marca da diferença transparece:

Mário: *O uruguaio tem orgulho, o brasileiro não. O brasileiro chega no Uruguai e quer falar uruguaio. O brasileiro tem vergonha de falar brasileiro no Uruguai. Em Montevidéu, quando eu morava lá, o brasileiro tinha vergonha de fala em brasileiro. O URUGUAIO NÃO (tom alto), ele chega em qualquer lugar: Ah, eu sou uruguaio (imitando o sotaque espanhol), o CARA TEM AQUELE ORGULHO (tom alto). Tipo o argentino. O argentino tem aquela mania de ser inglês. O uruguaio também. Eu sou uruguaio. O brasileiro não. O brasileiro vai pros Estados Unidos e quer falar americano. Vai pro Uruguai e quer falar uruguaio. É interessante, né? Essa diferença.*

Os dizeres são marcados pelo cotejo entre o povo uruguaio e o povo brasileiro. De maneira explícita, Mário expõe a representação que tem desses dois povos, que é fornecida a ele por meio de um conjunto de significados que circulam no social acerca de cada uma das

[70] Woodward (2000, p. 50) cita o filósofo Jacques Derrida e a escritora feminista francesa Hèlène Cixous.

culturas. No que tange ao brasileiro, ele pontua que o brasileiro não tem orgulho próprio, afirmação que dialoga com a representação do uruguaio, ou seja, que tem orgulho. Ao expressar sua posição acerca do Brasil, compactua com a voz ditada pelo senso comum que afirma que o brasileiro tem a autoestima baixa. O pesquisado coloca as duas formas, brasileiro e uruguaio, em concorrência, conforme aludimos anteriormente, sendo uma forma mais valorizada do que a outra. O fragmento acima exprime que o povo uruguaio, em oposição ao brasileiro, nesta situação, diferente da que vimos no futebol e na moda, acaba por ser mais valorizado, uma vez que é mais orgulhoso e reivindica por sua identidade. Tais peculiaridades do povo uruguaio estão em conflito com as representações, expressas no social, que o sujeito representa do brasileiro. Esses dizeres, com o peso desigual entre os povos que disputam espaço no dizer do pesquisado, desvelam a relação de poder que sustenta a identidade e a diferença.

Além disso, com o intuito de garantir maior legitimidade à sua fala, Mário aproxima o povo uruguaio do povo argentino, o que reforça e reproduz o discurso do senso comum que aponta que os argentinos têm orgulho de sua nação. No entanto, em outro fragmento, do mesmo autor, vemos que a valorização do uruguaio se sobressai de forma diferenciada. Temos:

Mário: *Eu tanto considero que podem ser cidades irmãs porque como eu disse anteriormente o uruguaio dentro de Jaguarão, nós, nós consideramos* ***mais o uruguaio do que o uruguaio considera o brasileiro porque o uruguaio chega no Brasil e ele é tratado com carinho.***

O fragmento acima, proferido em outro momento da entrevista, ou seja, em outra situação enunciativa, marca a diferença por meio do enaltecimento da imagem do povo brasileiro, que fica bem delineada no enunciado em destaque. Ao afirmar que o brasileiro trata o uruguaio com carinho, ele orienta seu dizer para uma atitude valorativa positiva acerca do povo brasileiro. Mesmo que o brasileiro, neste contexto de uso seja mais valorizado, a alternância da relação de poder se materializa, uma vez que, em outras interações, o povo uruguaio é mais valorizado, situação que dá contornos a um movimento de disputa por um espaço privilegiado de ser “o melhor”, como observado na situação de carnaval.

Ao celebrar o orgulho do povo uruguaio em pertencer à nação uruguaia, Mário assume que o povo brasileiro não tem esse brio e essa altivez. Além disso, o dizer do pesquisado aponta

para uma atitude valorativa positiva frente o uruguaio. O sentimento do entrevistado encontra eco na representação da identidade brasileira interpretada por Ortiz (2006, p. 39), na obra literária *O Cortiço*, de 1880, de autoria de Aluísio Azevedo. Ortiz pontua que a personagem Jerônimo, imigrante português, é dona dos atributos inerentes à raça branca: força, persistência, previdência, gosto pelo trabalho, espírito de cálculo. Tais características entram em choque com a brasilidade, que se caracteriza pelos estereótipos do dengo, da preguiça, da proximidade com as extravagâncias, sem espírito de luta, de economia e de ordem. Essas peculiaridades, ou melhor, construções sociais mencionadas por Ortiz, representam uma face da identidade brasileira expressas no *Cortiço*, livro do século XIX, mas que permeiam o imaginário dos interlocutores, como o de Mário, expressando o elo e o diálogo com o passado.

Sobre esse tema, Damatta (1986, p. 17) afirma que "a construção de uma identidade social, então, como a construção de uma sociedade, é feita de afirmativas e de negativas diante de certas questões". Tal assertiva justifica o comportamento do entrevistado frente ao castelhano, no momento em que destaca que o uruguaio tem orgulho, mas o brasileiro não. Porém, Damatta enfatiza que, quando definimos algo, no caso do Brasil, só o fazemos em virtude da fórmula que a sociedade brasileira disponibilizou, enfatizando que quem garante que aquilo que ele afirma, na citação abaixo, acerca do brasileiro, é convincente, é a própria sociedade brasileira. Vejamos:

> […] quando eu defini o "brasileiro" como sendo amante do futebol, da música popular, do carnaval, da comida misturada, dos amigos e parentes, dos santos e orixás etc., usei uma fórmula que me foi fornecida pelo Brasil. O que faz um ser humano realizar-se concretamente como brasileiro é a sua disponibilidade de ser assim. (DAMATTA, 1986, p. 18)

Assim, nós somente sabemos o que é ser brasileiro ou qualquer outra nacionalidade a partir da forma como essa nacionalidade nos foi representada e inscrita em um conjunto de valores e crenças, que habitam o imaginário das pessoas e atuam para que elas reivindiquem ou defendam uma posição de identidade. Portanto, no momento em que Mário compara os brasileiros com os uruguaios e vice-versa, o faz com base no que a sociedade brasileira[71] forneceu.

[71] Na atualidade, a mídia é uma poderosa ferramenta que constrói a identidade brasileira por meio de estereótipos. Podemos observar tal fato em propagandas de cerveja, em que o brasileiro está sempre se divertindo em festas e na praia. Em algumas propagandas, a mulher é representada como objeto de desejo ou como uma figura que explora e depende do marido (cerveja *Nova Schin*).

Os enunciados de Ladiner e Mário acerca de se considerar um pouco brasileiro e um pouco uruguaio são dissonantes e revelam que, mesmo que não se sintam representados pelos conjuntos de imagens que constituem as identidades brasileira e uruguaia, eles se sentem mais atraídos por um ou outro conjunto, vendo-se representados ou refletidos em algum deles. No caso de Mário, em algumas situações, ele se identifica mais com o brasileiro e, de forma mais velada, com os uruguaios, enquanto que Ladiner, também em algumas situações e de forma mais explícita, se identifica com o brasileiro e com o uruguaio.

Os posicionamentos dos pesquisados apontam para a discussão que Hall[72] aborda sobre a inglesidade. Ao descrever as características do povo inglês, Hall questiona se o sujeito se considera inglês "no âmago do seu ser-no coração e na alma, em seus genes, em seu sangue […] ou a sua identidade inglesa tem sido definida através do processo de representação e identificação há pouco descrito?"[73] Pelos dizeres de nossos pesquisados, percebemos que a identidade emerge:

> [...] do diálogo entre os conceitos e definições que são *representados* para nós pelos discursos de uma cultura e pelo nosso desejo (inconsciente e consciente) de responder aos apelos feitos por estes significados, de sermos interpelados por eles, de assumirmos as posições de sujeito construídas para nós por alguns dos discursos […]. (HALL, 1997, p. 7).

Ao analisarmos os fragmentos selecionados, verificamos que a heterogeneidade e a opacidade da linguagem permeiam cada enunciado, fato que contribui de forma expressiva para esta pesquisa. Percebemos que as vozes de Mário e Ladiner, ao mesmo tempo em que se cruzam e se tocam, elas também se distanciam. O embate de vozes aqui apresentado se configura como um esforço por parte dos pesquisados em marcar seu lugar social e em demarcar sua identidade em um lugar de trânsito: ora negociando com o outro lado da ponte internacional Mauá; ora rejeitando o "lado de lá".

O contexto fronteiriço, como já aludimos em outros momentos da tese, é complexo e contraditório, pois produz heterogêneos e múltiplos discursos sobre a fronteira, a identidade e

---

[72] Texto: A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Artigo da obra *Media and Cultural Regulation* (cf. referências bibliográficas). Consultamos a tradução, que se encontra sem numeração de páginas.

[73] Em seu texto (1997), Hall cita a obra *The Guardian* (1997), de autoria de Martins Jacques, na qual o autor aborda as imagens contrastantes da Inglaterra: "multicultural" e "medieval". Destacamos o seriado *The Thudors* (2008), que narra o reinado do rei inglês Henrique VIII, inserindo a Inglaterra em um conjunto de valores ligados à forte religiosidade e à disputa de poder.

a irmandade, discursos esses que refletem a memória do jaguarense e habitam o imaginário dos sujeitos. Além de lidar com a fronteira no sentido simbólico, os moradores de fronteira têm situações de cunho burocrático que os afrontam diariamente, que podem ser: trabalho, trânsito, saúde e legislação. Vale ressaltar que, mesmo com o acordo do Mercosul e outros, muitos pontos se mantêm obscuros, e as decisões em determinados eventos, como em um acidente de trânsito, cabem ao país em que o incidente ocorreu, enfraquecendo a relação entre os países.

Como nossos sujeitos apontam em seus textos que o excesso de burocracia imposto pelos dois países ainda é muito presente, entendemos que a irmandade, que poderia assumir outros contornos, fica comprometida, gerando discursos de desafeto e de resistência. Para tanto, o último ponto de análise se dedica a observar, no material de pesquisa, de que forma a irmandade se manifesta. Vimos que o centro da tese, a irmandade, perpassa todos os nichos analisados, evidenciando que ser irmão é viver a diferença e a integração concomitantemente.

Os fragmentos selecionados dos pesquisados nos permitiram trazer para a discussão dois tópicos: a fronteira e a identidade, que se manifestam por meio das situações concretas de fala. A escolha dos dois conceitos, já anunciada nos pressupostos teóricos, não se deu de forma aleatória, pelo contrário, se realizou devido ao entrelaçamento entre esses tópicos que pode ser vislumbrado por meio das características que eles têm em comum, como o movimento, o trânsito, a heterogeneidade e a instabilidade.

Ao discutirmos as marcas de integração e da diferença nos enunciados dos entrevistados, evocadas nas festas, língua, comida e música, observamos que o discurso que contempla a diferença emerge para delimitar a identidade fronteiriça, bem como manifestar críticas à forma como os brasileiros são tratados no país vizinho e vice-versa. Assim, a integração e a diferença percorrem simultaneamente os discursos, conformando o espaço fronteiriço e celebrando as múltiplas identidades dos sujeitos e seus múltiplos pertencimentos.

Ao analisarmos os dizeres de Mário e de Ladiner, trazemos uma afirmação de Bakhtin:

> Cada enunciação concreta do sujeito do discurso constitui o ponto de aplicação seja das forças centrípetas, como das centrífugas. Os processos de centralização e descentralização, de unificação e de desunificação cruzam-se nesta enunciação, e ela basta não apenas à língua, como sua encarnação discursiva individualizada, mas também ao plurilinguismo, tornando-se seu participante ativo […] cada enunciação que participa de uma 'língua única' (das forças centrípetas e das tendências) pertence também, ao mesmo tempo, ao plurilinguismo social e histórico (às forças centrífugas e estratificadoras) (BAKHTIN, 1934-1935/1998, p. 82).

Se observarmos os enunciados dos dois sujeitos acerca dos diferentes assuntos abordados, percebemos que o tensionamento entre as forças centrípetas e centrífugas estão em confluência e se alternam. Destacamos alguns pontos: Mário e Ladiner, ao enfatizarem a relação comercial que sustenta as relações entre brasileiros e uruguaios e apresentarem a diferença de tratamento, orientam seus enunciados na direção das forças centrípetas e das forças centrífugas, apresentadas no referencial teórico. Como as duas forças estão imbricadas e concorrem no processo de enunciação, é impossível separá-las. Os enunciados sob responsabilidade de Mário e Ladiner fazem um esforço para apagar as vozes sociais que creem em uma irmandade pautada por outros fatores (proximidade geográfica, colonização ibérica, fácil travessia da ponte Mauá) que não a via do comércio. Em outros contextos discursivos, os pesquisados, com uma fala mais apaziguadora e pacífica, direcionam os seus dizeres para as forças centrífugas, capazes de acolherem outras vozes discursivas, uma vez que evocam os dizeres que "existe uma irmandade que se prega/ somos todos irmãos"/ "eu gosto dos uruguaios", abrindo a possibilidade para que outros textos atravessem o seu discurso. Sobre essa questão, Di Fanti, em sua tese de doutorado, enfatiza que:

> A língua é ideologicamente saturada, ou seja, constitui-se como uma concepção de mundo e um modo de ter atitudes ativas, responsivas, em cada esfera da atividade humana. Nessa perspectiva, a língua alterna-se em movimentos discursivos que indissociam forças centrípetas e centrífugas na enunciação do sujeito. Com isso, não há uma enunciação que não pertença a uma língua, com forças centrípetas próprias ('centralizadoras', que procuram apagar as outras vozes discursivas), e ao plurilinguismo social e histórico, com forças centrífugas ('descentralizadoras', que convocam outras vozes discursivas) que a estratifique (DI FANTI, 2004, p. 143).

Além de atribuir sentido às palavras, os pesquisados se apropriam dos termos, como fronteira e irmandade, incitando um embate de vozes com discursos que já estão consagrados. E, essa propriedade que nós, interlocutores, temos em fazer com que os sentidos se desdobrem e evoquem uma multiplicidade de dizeres que circulam no social acerca de um determinado tema, dialoga com Certeau (2008, p. 229), quando o autor explicita que o sujeito "se enuncia, aquele lugar não é mais de um único dono." Certeau enfatiza também que os sujeitos não são passivos quando se deparam com bens culturais como a televisão e a própria linguagem, já que, por intermédio dela - linguagem -, o telespectador se apropria de imagens, as transforma e transpõe para sua vida. Nessa esteira, Thompson (1995, p. 138), ao tratar das propagandas, pontua que "[...] não é totalmente evidente que, ao receber e consumir esses produtos, os

indivíduos sejam levados a aderir à ordem social, a identificar-se com as imagens projetadas e a aceitar, acriticamente, a sabedoria proverbial que é veiculada." Da mesma forma, os sujeitos significam e ressignificam práticas culturais e discursivas que estão à sua disposição, como o fazem os nossos pesquisados, demonstrando a dialogicidade, a opacidade e a incompletude da linguagem, quando são convocados a debater sobre diferentes temas, sobretudo, a irmandade e a fronteira.

Por meio dos nichos acima, foi possível observarmos de que forma a irmandade na fronteira os perpassa e é construída socialmente e discursivamente. As questões debatidas pelos entrevistados, analisadas pelo viés teórico que contemplamos, permitiram que o sentido da irmandade, que abriga a integração e a resistência, fosse delineado, mas não encerrado, pois os sentidos não se esgotam e são construídos na interação. Além de observarmos a irmandade, que teceu os diferentes nichos, veremos como os sujeitos a definem e a avaliam, quando instigados de forma mais direta. O tópico abaixo pode ser considerado a sumarização do que já foi apresentado.

5.2 INTEGRAÇÃO E DIFERENÇA: MARCA DA IRMANDADE

Para organizar a análise do extenso material de pesquisa, o dividimos em nichos, uma vez que a leitura das entrevistas possibilitou que esses nichos fossem se agrupando. Os nichos abordados teceram o foco da tese, a irmandade, já que ela perpassa todos eles. Ao apontarmos as marcas da diferença e da integração, a irmandade se construiu e se reconstruiu no interior dos enunciados, pois a tensão e o embate atravessaram os dizeres dos entrevistados, revelando o quanto ser irmão (ou tentar ser), construção social e discursiva, é um processo complexo e contraditório, que se pauta no movimento ganhar/perder e também no aproximar/distanciar. No período de leitura e análise do material de pesquisa, fomos pinçando paulatinamente de que forma a temática da irmandade atravessara os enunciados dos sujeitos. Depois de analisá-la no entremeio dos fragmentos, encerraremos a seção de análise atentando de que forma os sujeitos da pesquisa discorrem sobre ela, quando instigados de maneira mais direta.

Uma das primeiras questões presentes no tópico guia, empregado na entrevista de profundidade, fazia referência à irmandade. No entanto, antes que essa questão surgisse formalmente, Ladiner, o segundo pesquisado, na primeira pergunta da entrevista, traz o tema à tona. Vejamos:

Pesquisadora*: Então assim, eu queria ver contigo primeiro, o que que tu considera fronteira? O que que é fronteira pra ti?*

Ladiner*: (Pausa) Eu acho que deveria ser bem mais do que é. Não simplesmente a divisa de um país e de outro. Eu acho que, o que a gente estava comentando e eu acho que, por exemplo, a parte da, da, da* ***irmandade****, eu acho que a parte de, burocrática da fronteira isso, isso dificulta consideravelmente, quer dizer, e* ***não é o que pregam.***

Pesquisadora*: Aham.*

Ladiner*: Né.* ***Não é o que pregam,*** *por exemplo. Aqui, né, sempre se falou em* ***irmandade*** *entre Brasil e Uruguai, só que a parte burocrática desse, desse sistema, é... complica muito... a gente falava por exemplo de, o negócio da carta verde, né, quer dizer, isso aí nunca houve. Em outros tempos tinha gente que saía daqui e viajava por todo o Uruguai e eu tenho certeza que hoje muita gente deixa de visitar o Uruguai, em função dessa carta verde.*

Após uma pausa longa, junto à sua definição de fronteira, Ladiner traz em seu enunciado a irmandade, questionando, duvidando, contradizendo o que pregam. Como a fronteira é um espaço de conflito por excelência, além de conflitos étnico-culturais, ela abriga o conflito de dizeres também, uma vez que a representação da irmandade traduzida pelo pesquisado está em posição responsiva em relação aos discursos que circulam no entorno da irmandade. Além disso, a sua concepção evidencia que o sentido de fronteira abriga, ou ao menos deveria abrigar, a irmandade, em seu aspecto positivo. Na primeira oportunidade para falar, o pesquisado apresenta a problemática da burocracia, que pontuamos em alguns trechos no nicho fronteira e legislação.

Outro ponto que aqui merece destaque refere-se à opacidade da linguagem. Talvez, se estivéssemos interessados em uma investigação quantitativa, a presença da ideia de irmandade trazida por Ladiner fosse desaprovada ou reprovada, e a pesquisadora a encarasse como uma fuga ao tema ou afirmasse "ele não respondeu às perguntas". Entretanto, é exatamente essa aparente fuga ao tema que interessa a nós, pesquisadores de cunho qualitativo e analistas do discurso. A inserção de um elemento "novo", como a irmandade, que se encontra aparentemente desvinculado da questão proposta, revela o quanto a linguagem é opaca, opondo-se à transparência. Essa opacidade nos permite compreender que os sentidos não estão prontos e pré-determinados e sempre são negociados entre os falantes, como prevê a concepção bakhtiniana de linguagem. Além do embaçamento dos sentidos, destacamos o papel ativo do receptor. Retomemos:

Pesquisadora*: Então assim, eu queria ver contigo primeiro, o que que tu considera fronteira? O que que é fronteira pra ti?*

Ladiner*: (Pausa) Eu acho que deveria ser bem mais do que é. Não simplesmente a divisa de um país e de outro.*

A resposta do pesquisado, mesmo que não esperada pela pesquisadora, evidencia que a compreensão é ativamente responsiva, pois Ladiner, ao deslocar o sentido de fronteira previsto/imaginado pela pesquisadora, concede uma resposta que amplia e complementa o sentido do que pode vir a ser a fronteira[74], fato que revela o seu papel ativo na interação e demonstra que os sentidos de um interlocutor sobre determinado tema não correspondem ou não coincidem com os do outro interlocutor, dada a singularidade dos sujeitos. No mesmo trecho, o enunciado "não é o que pregam" está em tensão com o enunciado, construído no social, que afirma que existe irmandade entre Brasil e Uruguai, o que significa que ele se configura como uma resposta ao senso comum, que apregoa que existe a irmandade. Para Bakhtin,

> [...] nosso discurso, isto é, nossos enunciados (inclusive as obras criadas), é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade […] essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reeelaboramos, e reacentuamos (BAKHTIN, 1952-1953/2003, p. 294-295).

Mesmo que a temática da irmandade já tenha surgido no começo da entrevista, a pesquisadora a retoma de maneira mais pontual e incisiva. Vejamos como esse termo é preenchido de significado pelo pesquisado.

Pesquisadora*: Essa questão da irmandade, tu acredita que tenha essa irmandade entre Jaguarão e Rio Branco?*

Ladiner*: É...(pausa) É meio relativo isso aí. Não sei... Por exemplo, em determinadas, em determinadas áreas eu acho até que, que um pouquinho mais e em outras um pouquinho menos. Por exemplo, no, no meu caso mesmo de músico, há, há, há um... um entrosamento muito bom.*

[74] No momento em que o entrevistado elaborava seu posicionamento, suscitaram inúmeros questionamentos do tipo: por que ele está falando sobre isso? Como vou analisar esta resposta? Destaco que tais dúvidas atravessaram meu pensamento de forma avassaladora, inconsciente e rápida. Com o desenvolvimento da conversa, retomei meu papel social de pesquisadora e dei continuidade ao trabalho.

O respondente hesita, modaliza seu discurso e é moroso para responder e, por fim, opta por dizer que "é meio relativo" e depende das áreas. No entanto, como já observamos nos fragmentos que compuseram as entrevistas de primeira fase, a perspectiva de trabalho emerge com força novamente, tecendo a relação entre Jaguarão e Rio Branco, portanto, um aspecto expoente que constrói a relação entre "os irmãos/los hermanos" é o trabalho. No caso do sujeito, ele compreende que no ramo musical a irmandade é mais acentuada, podendo ser diferente em outras áreas. Ladiner retoma o caráter questionável da irmandade, já atribuído na questão anterior, acrescentando outras possibilidades de sentidos para sustentar sua argumentação, demonstrando que é na interação e pela interação que as palavras adquirem sentido. Nos dois fragmentos selecionados, o pesquisado reflete bastante antes de responder e traz para a entrevista a situação burocrática, fenômeno que esvazia o sentido da palavra irmandade na perspectiva positiva, a da amizade, assumindo outro contorno. Assim, afirmamos que a orientação que o sujeito dá a um termo pode sofrer alteração, uma vez que depende da situação enunciativa.

Depois de apresentar seus questionamentos e dúvidas em relação à irmandade, Ladiner explicita em quais contextos ela seria prejudicada:

Pesquisadora: *E, aonde assim tu acha que menos teria essa irmandade?*
Ladiner: *Eu tenho a impressão que, por exemplo, na parte, na parte jurídica, por exemplo, de, de, de... Como é que eu vou te explicar isso aí?... Aqui já houve muito, muitos casos de, de carros apreendidos no Uruguai, né, e já a burocracia emperrar o retorno desses carros pra cá.*

Pelos fragmentos acima, verificamos que o trabalho e a burocracia são acentuados no dizer de Ladiner, o que implica afirmar que a irmandade, assumida pelo pesquisado, se constrói pela via de trabalho/burocracia e desconsidera laços sanguíneos ou relações afetivas como o casamento, que foram mencionadas por ele no nicho da nacionalidade. Em seu dizer, a melhora na burocracia ou até a sua retirada consiste em um fator que "define", ou melhor, está no entorno do sentido da irmandade.

Em outros momentos da entrevista, ele também destaca os problemas burocráticos entre os países:

Pesquisadora: *Aham. E em algum aspecto assim, tu acha que tem alguma resistência do pessoal de Jaguarão em relação ao pessoal de Rio Branco?*

Ladiner*: Não, não... é... Eu acho que o maior problema é,* ***é esse tipo de, de, de burocracia****. Por exemplo, as coisas que acontecem lá. Então ali no Uruguai né... meu amigo Edevar, por exemplo, (risos) fez uma volta no meio da quadra lá e não teve nem como argumentar, o cara multou ele.* ***Aqui, eles*** *fazem qualquer tipo de coisa.*

Pesquisadora: *Que coisa isso, né...*

Ladiner: *Né. Quer dizer então... Eu acho que, pô!* ***Somos irmãos,*** *como todo mundo prega, né?* ***Somos irmãos****. Brasileiros e uruguaios, só que, isso é de* ***fachada,*** *porque que não acontece isso, né.*

Além de enfatizar o caráter burocrático que impede uma integração maior entre os países, Ladiner reforça que "somos irmãos" e insere a expressão cotidiana "de fachada", responsável por denunciar que os dizeres que circulam no senso comum não são colocados em prática. Tal enunciado dialoga com outros discursos, como o do senso comum e parece clamar pela integração, que acaba por travar pelos excessos burocráticos impostos pelos dois países. Preocupado em chamar a atenção ao fato de que existe um discurso que prega que "somos todos irmãos", Ladiner também expõe a lacuna ou a fratura que há entre as práticas sociais e discursivas, pois, pela linguagem, a noção de irmandade foi construída e, mesmo assim, a integração em todas as áreas é utópica e nem sempre se concretiza. Vejamos que a linguagem é capaz de construir o discurso do senso comum, mas é incapaz de sustentar as práticas sociais dos sujeitos, evidenciando que tais práticas entram em confronto com as práticas discursivas de modo a tentar apagá-las e/ou substitui-las por outras. Em outras palavras, a linguagem constrói o discurso da irmandade, mas não garante que esse discurso atravesse as práticas sociais dos sujeitos, pois eles se apropriam e se reapropriam dos discursos em circulação e, dentro desse movimento (apropriação /reapropriação), o ignorar e o rejeitar fazem parte.

O desejo e a vontade de que haja um entendimento maior entre os irmãos, nesta situação enunciativa, é o fio discursivo na fala de Ladiner, pois como considera que possa existir irmandade na região de fronteira, entende que a burocracia deve ser reduzida.

Ladiner: *Aqui não, aqui realmente na fronteira até que existe uma irmandade maior.*

Então, pelo fato de que é possível a irmandade, dotada de integração, Ladiner entende que a burocracia e os empecilhos deveriam ser atenuados. Tal afirmação aparece quando apontou que carros uruguaios não podem ficar no Brasil:

Ladiner: *Pois é...pois é isso que eu digo, entendeste? Quer dizer, deveriam estar previstas e eu acho que no caso de fronteira isso sim teria que ser liberado.*

Em relação a considerar Jaguarão e Rio Branco como cidades irmãs, traremos novamente o dizer de Mário, primeiro entrevistado, já analisado no nicho que versou sobre a fronteira e a legislação. Ele entende que:

Pesquisadora: *O senhor considera Jaguarão e Rio Branco como cidades irmãs?*
Mário: *Eu tanto considero que pode ser cidades irmãs porque como eu disse anteriormente o uruguaio dentro de Jaguarão, nós, nós consideramos mais o uruguaio do que o uruguaio considera o brasileiro porque o uruguaio chega no Brasil e ele é tratado com carinho.*

Embora ele ratifique, confirme que as duas cidades são irmãs, a sua interpretação é calcada na relação de poder, pois entende que ela é unilateral, já que o "brasileiro considera mais o uruguaio", sinalizando que não existe reciprocidade na relação entre os irmãos brasileiros e uruguaios. Este enunciado retoma as discussões propostas por Woodward (2000, p. 50) acerca da valorização dos termos em disputa. Ao considerar Jaguarão e Rio Branco como cidades irmãs, Mário traz em seu dizer a diferença, já que em sua percepção, nós (repete o pronome *nós*), brasileiros, tratamos bem os uruguaios, ficando subentendido que a recíproca não é a mesma. Para legitimar seu discurso, o pesquisado põe em disputa brasileiros e uruguaios, e os brasileiros são mais valorizados. E, neste caso, ser mais valorizado significa ser melhor que o outro.

Na entrevista da primeira fase, a entrevista semi-estruturada, realizada pela bolsista da pesquisadora, Mário explica, ao ser questionado se Jaguarão e Rio Branco podem ser consideradas irmãs:

Bolsista: *O senhor considera Jaguarão e Rio Branco como cidades irmãs?*
Mário: *Esse sentido que usam Jaguarão /Rio Branco cidades irmãs, na irmandade, pra mim esse conceito que usam* ***não é válido,*** *na minha opinião. Não sei se tu queres que eu te diga o porquê. Tu aceitas a minha opinião?*

(entrevista da primeira fase)

Na entrevista acima, efetuada pela bolsista, depreendemos acentos de valor que orientam para uma rejeição da irmandade. Ressaltamos que o entrevistado e a bolsista têm uma relação de amizade de longos anos, o que proporcionou um contexto de tranquilidade ao pesquisado, que ficou bastante à vontade para questionar o uso do conceito de irmandade. No entanto, na entrevista em profundidade, realizada pela pesquisadora, embora Mário estivesse à vontade, a questão proposta é orientada para outro sentido, ou seja, Mário considera que são irmãos, graças à consideração do brasileiro pelo uruguaio:

Mário: *Eu tanto considero que pode ser cidades irmãs porque como eu disse anteriormente o uruguaio dentro de Jaguarão, nós, nós consideramos mais o uruguaio do que o uruguaio considera o brasileiro porque o uruguaio chega no Brasil e ele é tratado com carinho.*

Diante desses dois posicionamentos, que poderiam ser tomados como contradições, podemos afirmar que a mudança dos acentos valorativos, realizada pelo mesmo sujeito, evidencia a dialogicidade da linguagem e do sujeito, pois os acentos se alteram de acordo com a situação de interação. A modificação de posicionamento ou de ponto de vista é altamente vinculada à mudança de contexto da enunciação[75], que propicia uma nova forma de interação. Portanto, a pesquisadora e a bolsista, interlocutoras de Mário, influenciaram sua atividade discursiva, demonstrando a complexidade e a heterogeneidade que revestem o seu dizer.

O pesquisado continua o seu dizer sobre a situação de irmãos:

Mário*: Nós, há poucos anos atrás, Jaguarão dependia de Rio Branco, nós tínhamos um comércio, cento e poucos mil habitantes. Hoje, o comércio de Jaguarão é pra vinte e cinco, trinta mil consumidores. Então, a infraestrutura que foi criada pro comércio de*

[75] A autora Josiane Redmer Hinz, em sua dissertação de mestrado, também mostra este movimento nas entrevistas que realizou. HINZ, Josiane Redmer. Atividade de estágio de língua portuguesa: o trabalho docente em perspectiva dialógica. Dissertação de mestrado, UCPel, 2009.

Jaguarão, o comércio de Jaguarão está sucateado, ele não tem consumidor, antes era o uruguaio, agora virou. É momentos pro Uruguai, é momentos pra Jaguarão, então existe essa amizade ***e esse interesse comercial*** *entre países por causa disso.*

Como nas entrevistas da primeira fase, as entrevistas pergunta-resposta, a relação comercial é reiterada aqui, pois, além de reforçar a ideia de superioridade, no momento atual, vivida por Rio Branco, o respondente pauta sua concepção de irmandade, de forma mais explícita, na relação, ou melhor, no "interesse comercial." Diferentemente do fragmento anterior, que valoriza mais o brasileiro, por questões afetivas, neste fragmento, seu enunciado percorre outro caminho para encontrar o seu sentido, já que ele desloca o sentido da valorização para o campo comercial, fato que, dependendo da perspectiva assumida do que se considera como "ser melhor", continua sobrepondo o brasileiro em relação ao uruguaio.

A explicação dada sobre a irmandade incitou na pesquisadora a seguinte reação, que utilizou o advérbio avaliativo *só* na sua pergunta:

Pesquisadora: *Então, o senhor veria essa relação de irmãos, de irmandade* ***só*** *por isso? Por causa do comércio?*

Mário: (o entrevistado se atrapalha um pouco) *Pelo* ***comércio*** *e porque o uruguaio no Brasil, na fronteira, o fronteiriço que reside na fronteira tem mais direitos. Porque na realidade ele não teria esses direitos, ele não teria o direito de vir aqui consultar no nosso Posto, ter atendimento médico. Nós vamos no Uruguai e a gente não tem esses direitos. Acho eu existe um pouco, um pouco de, de com.. de sensibilidade brasileira de aceitar.*

Vejamos que o vocábulo "comércio" mantém na cadeia discursiva o seu *status* de superioridade, e a irmandade, além de se materializar pelo comércio, é reafirmada com o sentido da diferença de tratamento que o Brasil oferece aos uruguaios, já debatida por Mário no nicho fronteira e legislação.

Nesta seção, denominada *integração e diferença: a marca da irmandade*, objetivamos desvelar de que forma os entrevistados refletem sobre a irmandade quando perguntados de forma mais explícita, já que na divisão em nichos nos dedicamos a refletir de que forma ela é construída na intersecção entre a diferença e a integração. Os dizeres dos participantes da pesquisa, expressos nos diferentes nichos, nos permitiram delinear a tensa e a intensa relação que movimenta a ponte internacional Mauá.

Ao analisarmos de maneira conjunta a integração e a diferença, que emergem nas falas dos entrevistados, evidenciamos que a construção da irmandade está assentada na alteridade e no embate de vozes que produzem discursos que, ao mesmo tempo, fazem com que os pesquisados queiram ser diferentes e queiram ser parecidos; que não aceitem e aceitem o outro. Há um movimento de atração e de contenção que atravessa os discursos de Mário e de Ladiner e revela o quanto ser irmão, de sangue ou não, é uma condição marcada por conflitos e por contradições. Além disso, a irmandade, construída pelos sujeitos da pesquisa, dialoga, estabelece um embate com o discurso do senso comum, enraizado na concepção cristã de que a relação entre irmãos é constituída por amor incondicional e pacificidade.

Embora a presença da cultura castelhana ou uruguaia seja uma constante na vida dos pesquisados, em vários momentos, ela é analisada de forma diferente pelos sujeitos. Destacamos que os dizeres de Mário e Ladiner, carregados de acento de valor, apresentam movimentos um pouco divergentes no que diz respeito à integração com o "lado de lá" da ponte. Mário constrói seus enunciados por um viés que mantém uma posição de distanciamento e de resistência à cultura uruguaia, pois, em seu discurso, assume um posicionamento mais ríspido e crítico com relação ao rio-branquense e não demonstra de forma explícita o desejo de vivenciar e experimentar a identidade híbrida, que o constitui. Em contrapartida, Ladiner dá fortes indícios em seus enunciados da possibilidade e do desejo de viver como um *doble chapa*. Apesar de questionar práticas dos uruguaios em Jaguarão, como no trânsito, está mais disposto a negociar com o rio-branquense e a embarcar nos múltiplos pertencimentos. Em seus enunciados, vem à tona a heterogeneidade de vozes sociais/discursivas que habitam a vida na fronteira: vozes que querem ser brasileiras-uruguaias, vozes que rejeitam, vozes que demarcam a sua identidade brasileira (nacional) e local (gaúcho), vozes que marcam a diferença, questionam as práticas do vizinho/*vecino*.

Os nichos aqui estudados nos autorizam a refletir acerca da construção da identidade do sujeito fronteiriço. No início deste trabalho, afirmamos, a partir dos preceitos de Bhabha (2005), que vivemos constantemente em situação de fronteira, porém o habitar geograficamente uma zona fronteiriça confere aos sujeitos uma identidade híbrida, fragmentada e instável, visto que a presença do outro, no caso o uruguaio, ocorre de maneira mais acentuada e recorrente.

Ressaltamos que o posicionamento geográfico de Jaguarão pode fazer com que o jaguarense precise conviver (mesmo que não queira) diariamente com o cidadão de Rio Branco, pois a travessia da fronteira a trabalho, para compras, os colegas de trabalho uruguaios e brasileiros, a ponte que pode ser vista de diversos pontos da cidade brasileira, o

mate, a bombacha e outros artefatos culturais são elementos que aproximam jaguarenses e rio-branquenses.

A partir desses elementos que compõem o cotidiano dos moradores do município brasileiro, o morar na fronteira produz discursos heterogêneos, pois é possível que o sujeito se considere um *doble chapa,* um pouco gaúcho, "brasileiro mesmo"; produza um discurso envolto por uma identidade mais essencializada ou pós-moderna. Pelos dizeres analisados, observamos o imbricamento entre as identidades uruguaia e brasileira que atravessa os nossos pesquisados, situação que traz harmonia e desarmonia; conforto e desconforto. Desse modo, as extensas (e intensas) menções e referências que Mário e Ladiner fazem ao "outro lado" são imprescindíveis para que (re)construam as suas identidades continuamente e suas falas configurem a trança cultural[76]e híbrida da região fronteiriça.

[76] Termo utilizado pelo ex-governador do RS, Olívio Dutra, na obra *Fronteiras Culturais* (conforme referências bibliográficas).

6 ÚLTIMAS PALAVRAS

O título desta seção, embora apresente o termo *últimas*, não tem a pretensão de incitar a ideia de fechamento e de término. Como todas as páginas de um trabalho acadêmico necessitam de um final, temos a tarefa de fazê-lo, que pode se sustentar em uma solução (o que nos soa inadequado) ou em uma retomada da interlocução do referencial teórico proposto com o material de investigação, seguida de uma reflexão acerca do que foi produzido na pesquisa de campo. Para compor as últimas palavras da tese, optamos pela segunda alternativa, já que está em consonância com os estudos abordados neste trabalho.

Na seção *Primeiras Palavras*, tecemos considerações da trajetória acadêmico-pessoal, apresentamos o referencial teórico e a metodologia que nos moveríamos e, por último, discorremos sobre os objetivos responsáveis para a elaboração deste estudo. Sendo assim, o objetivo geral deste trabalho consiste na investigação da construção da irmandade da fronteira Jaguarão/Rio Branco e, para que fosse respondido, o desdobramos em dois objetivos específicos, que visam à análise das vozes sociais/discursivas que marcam a diferença e a integração dos moradores de Jaguarão em relação aos moradores de Rio Branco. Para tanto, este estudo teve respaldo nos Estudos Culturais (EC), que permitem o diálogo entre diferentes campos do saber e na concepção bakhtiniana de linguagem. Para situar a vertente teórica da tese, realizamos um breve panorama dos EC, a fim de evidenciar que estudos de diferentes áreas do saber podem sustentar um trabalho de pesquisa.

Já que a figura de Stuart Hall compõe um dos nomes mais significativos dos Estudos Culturais, elegemos o autor para compor a seção dos pressupostos teóricos, que versa sobre identidade, e retomamos seus estudos na seção de análise. O tópico identidade, amplamente debatido por Hall em diferentes obras, além de marcar presença no referencial teórico, concedeu fundamentos para a análise de trechos das entrevistas. Junto ao estudioso em questão, buscamos apoio em estudiosos estrangeiros, como Woodward, Bauman, Dubar e Castells, a fim de discutir a complexidade das questões identitárias. Além dos autores estrangeiros, recorremos a Damatta e a Ortiz, brasileiros que têm se debruçado na compreensão da complexa e contraditória identidade brasileira. Por meio desses estudiosos, obtivemos suporte para defender a ideia de que a identidade essencializada está em constante

tensão com a identidade não-essencializada ou pós-moderna. Os estudos que nortearam esta pesquisa revelaram que, apesar dos esforços de um dos sujeitos pesquisados em manter fidelidade a uma única identidade, seus dizeres apontam para uma identidade híbrida, mestiça, atomizada, móvel e em constante processo de construção e incompletude, sustentada pela relação eu/outro.

Como este trabalho foi realizado em uma região de fronteira, trouxemos para o debate historiadores, geógrafos e estudiosos de Literatura para discutir o espaço fronteiriço, que se conforma pela resistência e pela integração. Para refletirmos acerca da fronteira como um local propício à troca e ao enfrentamento, realizamos um estudo centrado no trabalho do professor Padrós (1994), historiador uruguaio e docente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que apresenta uma classificação da fronteira desde a época dos períodos bélicos até os momentos atuais. Junto à discussão de Padrós, trouxemos a historiadora Pesavento e os teóricos da Literatura, Schlee e Martins. A fronteira, que norteia as obras dos autores em questão e sustenta este trabalho, é um lugar que agrega a resistência e a integração.

Com o entendimento de que a identidade é móvel e instável e de que a fronteira é um espaço híbrido, julgamos pertinente discutir sobre o hibridismo cultural e as trocas culturais, que habitam as regiões fronteiriças. Para tanto, selecionamos os autores contemporâneos Burke e Canclini, pois consideram a fronteira como um cenário profícuo para as trocas culturais e para o hibridismo cultural. Ressaltamos que a grande contribuição desses estudiosos, para este trabalho, concerne à reflexão de que a troca cultural também pode significar perda cultural, o que pode gerar discursos de descontentamento e de rivalidade como aparecem no material de pesquisa.

Junto aos estudos identitários e fronteiriços, a concepção bakhtiniana de linguagem concedeu suporte à análise das entrevistas da primeira fase (pergunta-resposta) e as da segunda fase (profundidade), sendo estas bastante utilizadas nas pesquisas de base qualitativa. A escolha do filósofo da linguagem, o pensador russo Mikhail Bakhtin e seu Círculo, se deve ao fato de que o autor e seu Círculo concebem a linguagem como heterogênea, dinâmica e múltipla. Tal concepção de linguagem ilumina estudos que trabalham com a linguagem em situação real e concreta de uso, como no caso da entrevista, em que o sentido é construído na interação. Além disso, os pressupostos bakhtinianos auxiliaram a pesquisadora a olhar o outro não como um objeto de pesquisa, mas como um sujeito, singular e irrepetível, que tem vez e voz, que se inscreve em um conjunto de valores, crenças e ideologias, que estão em consonância e dissonância com a voz da pesquisadora e com outras vozes sociais/discursivas.

Com relação à metodologia, a pesquisa qualitativa foi eleita neste trabalho, uma vez que os pressupostos que norteiam os estudos desta natureza proporcionaram à pesquisadora e aos pesquisados uma relação de interação e impediram que ela assumisse um papel de "dona da verdade", ou seja, a entrada no campo a transformou em uma interlocutora em potencial e em uma colaboradora ativa na situação de interação, a entrevista.

No que tange ao percurso metodológico, foram realizadas entrevistas em duas fases. Na primeira fase, elaboramos entrevistas com um roteiro pré-determinado, com sete sujeitos, que nasceram, residem e trabalham em Jaguarão. Por meio dessas entrevistas, embora curtas, o objeto a ser pesquisado, a irmandade, assumiu contornos e deixou uma interrogação: o que a pesquisadora encontraria nas entrevistas em profundidade? Além de dar contornos ao objeto de investigação, o contato com os sujeitos entrevistados, conforme descrito no percurso metodológico do corpo da tese, auxiliou na seleção dos sujeitos para as entrevistas da segunda fase, a denominada entrevista de profundidade. Neste trabalho, evidenciamos que a pesquisa de campo e o material produzido pelos participantes foram imprescindíveis à delimitação dos objetivos e do objeto a ser estudado.

Após a entrevista de profundidade e com o objeto de investigação delimitado, optamos por analisar a irmandade por meio das marcas da diferença e da integração que tecem o fio discursivo dos enunciados produzidos pelos sujeitos entrevistados. Para que o material de investigação adquirisse sentido, a análise foi dividida nos seguintes nichos: fronteira e legislação; língua, música, comida, moda e festa; nacionalidade. No entanto, vale ressaltar que, apesar da divisão, os nichos têm estreita relação e estão imbricados. O primeiro nicho, que recebeu atenção e ênfase dos pesquisados, revelou o quanto o morar em uma região de fronteira coloca o sujeito no *entre-lugares*, em um lugar de tensão e de conflito, um lugar que promove discursos de integração e de resistência, que conformam a zona de fronteira. Além disso, devido às fortes críticas proferidas pelos entrevistados no que concerne à legislação, seus textos sinalizaram que a fronteira ainda carece de políticas públicas que amparem e legalizem ações do Brasil e do Uruguai.

O segundo nicho, responsável pela língua, música, comida, moda e festa, apontou para o movimento de integração e resistência entre as duas culturas implicadas. Os dizeres dos sujeitos pesquisados remetem a aspectos positivos da vida da fronteira, já que, por meio das comemorações, brasileiros e uruguaios vivenciam a irmandade de forma mais harmônica, dialogando com o nicho anterior que, em alguns momentos, se debruça nos aspectos negativos da fronteira. No entanto, os dizeres dos pesquisados, principalmente de Mário, mostraram que mesmo nos momentos festivos, como o carnaval ou na comida e roupa, a marcação da diferença

tem espaço garantido, visto que, ao apontar para os aspectos que diferenciam as duas culturas, tais aspectos contribuíram para a construção da sua identidade, a jaguarense.

Com relação ao terceiro e último nicho, a nacionalidade, os pesquisados mobilizam diferentes sentidos no que tange a pertencer a duas nacionalidades. Neste nicho, destacamos o confronto de vozes, ou seja, as posições assumidas pelos entrevistados acerca de ser um pouco brasileiro e um pouco uruguaio. Ambos apresentam pontos de vista diferentes sobre o mesmo tema, pois Ladiner considera mais explicitamente a possibilidade de habitar as duas identidades, enquanto Mário declara seu pertencimento "somente" à identidade brasileira, mas mostra, de maneira mais sutil, em momentos do seu discurso, a possibilidade de negociar com a cultura do outro. Mesmo que tenhamos dois posicionamentos que aparentemente se opõem, um está embutido no outro, uma vez que os enunciados "sou brasileiro mesmo" (Mário) ou "sou um doble chapa" (Ladiner) carregam o enunciado "não sou brasileiro", porque a produção do discurso é sempre atravessada pelo outro, que se constitui como outros sujeitos e discursos passados, presentes e futuros. Apesar dos movimentos de proximidade e de distanciamento atravessarem os discursos dos pesquisados, verificamos que Mário assume uma posição mais resistente em relação à integração com o rio-branquense. Por outro lado, Ladiner, talvez movido pela profissão de músico e pelos laços de sangue (como ele afirma), expressa mais vontade e desejo de se integrar. Os heterogêneos e os múltiplos pontos de vista que sustentaram os dizeres dos pesquisados dialogam com a teoria bakhtiniana, que concebe a linguagem como aberta, móvel e plurilíngue.

A partir da leitura das entrevistas, os nichos em questão revelaram que a irmandade, pelo olhar dos sujeitos participantes, é perpassada por um tensionamento constante, pois há momentos em que ela se materializa de maneira harmônica e pacífica, contrastando, ou melhor, se complementando por momentos em que fica apagada e se desestabiliza. Pelos dizeres dos pesquisados, depreendemos que a integração entre jaguarenses e rio-branquenses pode se dar por meio de festas, alimentação e língua, signos culturais, que revelam a possibilidade de imbricamento e inter-relação com a cultura do outro, que se aproxima e que se distancia. Porém, mesmo nas situações festivas e nos aspectos da alimentação, a referência à diferença emerge. Portanto, concomitante ao movimento de integração, os textos dos entrevistados são atravessados pelas marcas da diferença, pautadas nas situações acima e nas questões burocráticas e legislativas, que podem acentuar a resistência em relação ao vizinho.

Ao percebermos que a integração e a diferença construíram os enunciados dos entrevistados, vimos que, como mencionamos, a produção dos discursos é sempre atravessada pelo outro, representada por outros sujeitos e discursos passados, presentes e futuros, que se

instalam na memória dos sujeitos e apontam que os dizeres dos pesquisados estão em constante diálogo.

Como apontamos no decorrer do trabalho, a fronteira, tanto no sentido geográfico como no sentido simbólico, se configura como um espaço pleno de tensões, envolvidas pela resistência e pela integração. As vozes que aqui se apresentam vão ao encontro da mobilidade que os estudiosos sobre fronteira, identidade e linguagem, nesta tese, têm assinalado. Eles discutem a mobilidade do espaço fronteiriço, argumentando que esse espaço é instável e está em constante ressignificação. No que tange à identidade, as vozes dos sujeitos pesquisados desvelam o quanto a fronteira é um *continuum* (Burke, p. 14, 2003), pois na fronteira é difícil dizer onde e quando inicia um país e quando e onde termina outro. Devemos re(afirmar) que, na fronteira em estudo, há a ponte Internacional Mauá que separa Brasil e Uruguai, contudo, embora a ponte seja um elemento concreto que divide os dois países, essa separação é tomada como simbólica, pois o trânsito entre lá e cá é uma constante. Ressaltamos que o trânsito pode ser compreendido no sentido de movimento de veículos (carros, motos, caminhões, a pé) que cruzam diariamente a ponte para trabalho, passeio, compras, visitas, namoro e/ou trânsito orientado para a interferência de uma cultura na outra, ou seja, para a possibilidade do sujeito fronteiriço ser um pouco brasileiro e um pouco uruguaio.

Assim, a possibilidade de habitar duas identidades acomoda e desacomoda os sujeitos da pesquisa, pois junto à perspectiva de ser "um pouco dos dois" (Ladiner), a temática da irmandade os desafiou. Os discursos ora analisados abrigaram sentidos ambivalentes acerca da irmandade e acabaram por gerar um tensionamento, que se instaura na comunidade abordada. Como as fronteiras são locais de encontros e desencontros, isso permite a construção de uma identidade fronteiriça altamente complexa e contraditória, que se constrói e se reconstrói socialmente e discursivamente. A leitura da pesquisadora dos textos produzidos pelos pesquisados permitiu a reflexão sobre a heterogeneidade de vozes que circula nos diferentes contextos enunciativos e que garante o caráter móvel da fronteira e da identidade. Este estudo também nos proporcionou olhar para fronteira como um lugar de tensão, como um lugar propício à marcação da diferença e à integração. A fronteira se reveste de um local que provoca os moradores fronteiriços a demarcarem seu espaço e, ao mesmo tempo, a dialogarem com o outro, que pode ser visto como um inimigo, como um rival e também pode ser visto como um amigo.

A partir dos discursos dos pesquisados, podemos "concluir" que a representação da irmandade na fronteira Jaguarão/Rio Branco é envolta por uma pluralidade de vozes sociais/discursivas, que estão em constante embate e tensão. Sendo assim, para nós, que

estamos atravessados pelo jeito bakhtiniano de ver o mundo e a linguagem, a mobilidade e a heterogeneidade da fronteira produzem discursos múltiplos, heterogêneos e contraditórios.

Devido à tensão dos enunciados e à presença da diversidade de vozes sociais/discursivas, a mobilidade e a contradição da irmandade se materializam por meio dos dizeres. As duas representações, integração e diferença, que mobilizam o sentido da irmandade, evocam um processo contraditório que se faz presente no cotidiano dos sujeitos. De um lado, é possível estabelecer um vínculo estreito com os *hermanos,* por meio de amigos e de trabalho. De outro, a figura do uruguaio agrega sentidos negativos ao impor regras rigorosas no trânsito, estabelecendo uma forte diferença em relação ao lado brasileiro. Sendo assim, os dizeres dos entrevistados evidenciaram que a irmandade está atravessada pela integração e pela resistência, uma vez que as duas participam do trabalho, da festa, da comida, da língua e da música. Além disso, o material de pesquisa nos forneceu subsídios para afirmar que, frente à situação burocrática e jurídica que se estabelece em cada país, a irmandade fica comprometida. Com este posicionamento, tencionamos alertar que, caso existam políticas públicas nas áreas de saúde, educação e trânsito igualitárias para a região de fronteira, as diferenças culturais não serão apagadas, mas as relações podem se estabelecer de forma mais amistosa.

A partir da reflexão acima, mesmo que nosso olhar tenha sido voltado a analisar os discursos que representam a irmandade, não podemos deixar de externar nossa preocupação quanto ao fato de que a integração e, sobretudo, a interação deste espaço fronteiriço fica comprometida pelo fato de que as relações entre Brasil e Uruguai não estão bem estabelecidas, gerando insegurança e desconforto de ordem jurídica para os moradores de Jaguarão.

Assim, em nosso ver, este trabalho instaura a necessidade de conceber o espaço fronteiriço para além de um lugar de trânsito, de compras e de divertimento. Já que os conflitos bélicos não se fazem mais presentes neste espaço e a integração o caracteriza, o sentido de fronteira pode ser ampliado para a elaboração de uma política séria, comprometida e voltada a ouvir a voz do morador fronteiriço como um sujeito que deseja manter as suas particularidades e singularidades culturais, mas também quer atravessar para o "outro lado" de forma segura e justa do ponto de vista legal e burocrático.

Por último, esta tese pode se configurar como um futuro projeto que objetive ouvir a voz dos moradores de Rio Branco, que também vivem em uma situação de fronteira, que pode gerar discursos de tranquilidade, por estarem no auge do *free shop* ou discursos de receio e de incerteza, já que em outros momentos, a cidade de Jaguarão se sobrepôs do ponto de vista financeiro.

REFERÊNCIAS

A IRMANDADE. Disponível em: <http://a-irmandade.blogspot.com/>. Acesso em: 09 maio 2011.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AMORIM, Marilia. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006. p. 95-113.

ASSEMBLEIA GAÚCHA. **Comissão Mercosul**. Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/portalmercosul/faq/htm>. Acesso em 15 jun 2011.

BAKHTIN, M.; VOLOSHINOV, V.N. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance (1934-1935). Trad. Bernardini et al. 4. ed. São Paulo, UNESP, 1998.

_____. **Discurso na vida e discurso na arte** (sobre poética sociológica).Trad. Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza. Texto versão em inglês: Discourse in life and discourse in art – concerning sociological poetics, publicada em V. N. Voloshinov, Freudism, New York. Academic Press, 1976. Texto original em russo: 1926.

_____. Os gêneros do discurso**.** In: **Estética da Criação Verbal**. 4.ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 1952-1953 (versão original).

_____.. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Laud e Yara Frateschi Vieira. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1929/1986.

BAUER, Martin; GASKELL, George; ALLUM Nicholas C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento – evitando confusões. In: **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida.** Trad. Plínio Dentzein. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. **Identidade**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Trad. Myriam Avila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renata Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

BRAZ, Evódia de Souza. Identidades linguísticas em contexto de fronteira: apresentando uma pesquisa em andamento. In: XV Seminário de Teses em Andamento, 2009, Campinas. **Anais.** Campinas: SETA, 2009. p. 330-337.

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. Trad. Leila Souza Mendes. São Leopoldo. Ed. UNISINOS, 2003.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. Trad. Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa, tradução da introdução Genes Andrade, 4. ed. SP: Editora da USP, 2008.

CASTELLANOS, Alfredo. **Timóteo Aparicio**: el ocaso de las lanzas. Montevidéu: Banda Oriental, 1977. p. 51.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade.** V. II. Trad. Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 1**: artes do fazer. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DI FANTI, Maria da Glória Corrêa. **Discurso, trabalho e dialogismo**: a atividade jurídica e o conflito trabalhador/patrão. 2004. 385 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUCSP, São Paulo, 2004.

_____. A linguagem em Bakhtin: pontos e pespontos. VEREDAS. **Rev. Est. Ling**., Juiz de Fora, v.7, n.1 e n.2, p. 95-111, jan./dez. 2003.

DUARTE, Maria Beatriz; MEDEIROS, João Luiz. (orgs.) **Mosaico de identidades** – interpretações contemporâneas das Ciências Humanas e a temática da identidade. Curitiba: Jiruá, 2004.

DUBAR, Claude. **A crise das identidades** – a interpretação de uma mutação. Trad. Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: USP, 2009.

ESCOTESGUY, Ana Carolina. Estudos Culturais uma introdução. In: **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Trad. Org. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.p. 133-166.

FABRÍCIO, Branca Falabella. Linguística Aplicada como espaço de desaprendizagem: redescrições em curso. In: LOPES, Luiz Paulo Moita (org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 45-65.

FARACO, Carlos Alberto (org.). **Estrangeirismos:** guerras em torno da língua. 2.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

_____. **Linguagem e diálogo** – as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. Curitiba: Criar Edições, 2006.

_____. O dialogismo como chave de uma antropologia filosófica. In: FARACO, C.A; TEZZA, Cristóvão; CASTRO, Gilberto de. (orgs.) **Diálogos com Bakhtin**. 4.ed. Curitiba: UFPR, 2007. p. 97-108.

FERREIRA, André Cassino. **Interações na fronteira Brasil Uruguai:** um estudo de caso das cidades de Jaguarão e Rio Branco. Disponível em <http://www.igeo.ufrj.br/fronteiras>. Acesso em: 26 jan. 2010.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.** 4.ed. Editora Positivo: 2010.

FREITAS, Letícia Fonseca Richthofen de. **A pedagogia do gauchismo**: uma análise a partir da diáspora gaúcha. 2006. 159 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, 2006.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A perspectiva sócio-histórica: uma visão humana de construção do conhecimento. In: FREITAS, Maria Teresa; SOUZA, Solange Jobim e KRAMER, Sônia (orgs.) **Ciências humanas e pesquisa**- leituras de Mikhail Bakhtin. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

GONDAR, Jô. Linguagem e construção de identidades – um debate. In: FERREIRA e ORRICO (orgs.). **Linguagem, identidade e memória social:** novas fronteiras, novas articulações. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 107-115.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Loes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP& A, 2006.

_____. Quem precisa da identidade? Trad.Tomaz Tadeu da Silva. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença –** a perspectiva dos Estudos Culturais**.** Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.

_____. **Da diáspora** – identidades e mediações culturais. Org. Liv Sovik. Trad. Adelaine La Guardia Resende, et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

_____. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Tradução de: Ricardo Uebel, Maria Isabel Bujes e Marisa Robarrer Costa. In: **Texto publicado no capítulo 5 do livro Culture, Media and Identities.** Keneth Thompson (Org.). editado na Inglaterra em 1997. Publicado em Educação & Realidade com a autorização do autor.

HINZ, Josiane Redmer. **Atividade de estágio de língua portuguesa:** o trabalho docente em perspectiva dialógica. 2009. 182 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Católica de Pelotas, UCPel, Pelotas, 2009.

HOBSBAW, Eric. O apogeu do nacionalismo: 1918-1950. In: **Nações e nacionalismo desde 1780.** São Paulo: Paz e Terra, 1990.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauros de Salles. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ITURRIZA, Jorge. Integración fronteriza. Un enfoque metodológico. **Integración latino-americana.** Buenos Aires, n.118, p.3-12, nov. 1986.

JORNAL Correio do povo. Disponível em: <www.correiodopovo.com.br>.[16/05/2011].

JORNAL Diário Popular. 24 jan 2011.

KAHMANN, Andrea Cristiane. **Fronteira, identidade, narrativa**: tradição e tradução em Sérgio Faraco. 2006. 139 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, 2006.

LEENHARDT, Jacques. Fronteiras, fronteiras culturais e globalização. In: MARTINS, Maria Helena (org.). **Fronteiras culturais**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002. p. 27-34.

LOPES, Luiz Paulo Moita. **Identidades fragmentadas:** a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2002.

MARCHEZAN, Renata Coelho. Diálogo. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin** – outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006. p. 115-131.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. Conceitos de gramática. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2009.

MARTINS, Alessandra A. **O (re)conhecimento sociolinguístico na escola:** sua implicação para o ensino. 2005. 196 f. Dissertação (Mestrado em Letras). - Universidade de Passo Fundo, UPF, Passo Fundo, 2005.

MARTINS, Maria Helena. Pagos, passagens, incertezas... O drama da fronteira. In: MARTINS, Maria Helena (org.). **Fronteiras culturais**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002. p. 233-251.

MATTELART, Armand; NEVEU, Érik. **Introdução aos estudos culturais.** Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MEDEIROS, João Luiz. Elementos de análise para a construção de identidades. In: MEDEIROS, João Luiz (org.). **Identidades em movimento** – nação, cyberespaço, ambientalismo e religião no Brasil contemporâneo. Porto Alegre: Sulina, 2008. p. 27-61.

MEIRELLES, Virginia Andrea Garrido. **Aspectos fonológicos do contato entre o português e o espanhol na cidade de Sant'ana do Livramento-Rivera**. 2006. 192 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, UnB, Brasília, 2006.

OLIVEN, Ruben. **A parte e o todo** – a diversidade cultural no Brasil-nação. Petrópolis: Vozes, 2006.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional.** 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PADRÓS, Enrique. Fronteiras e integração fronteiriça: elementos para uma abordagem conceitual. **Humanas**, Porto Alegre, RS, v.17, n.1/2, p. 63-85, jan./dez. 1994.

PESAVENTO, Sandra J. Além das fronteiras. In: MARTINS, Maria Helena (org.) **Fronteiras culturais**. São Paulo: Ateliê Cultural, 2002. p. 35-39.

RAJAGOPALAN, Kanavilil. A construção de identidades e a política de representação. In: FERREIRA & ORRICO (orgs.). **Linguagem, identidade e memória social:** novas fronteiras, novas articulações. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 77-88.

REDE GLOBO. Disponível em:<http://redeglobo.globo.com/rs/rbstvrs/noticia/2012/02/quer-rever-o-bom-dia-rio-grande.html>. [21/02/2012]. Acesso em: 25 fev. 2012.

RIZZON, Carlos Garcia. **Regionalismo na fronteira e fronteiras do regionalismo**. I Encuentro de las Ciencias Humanas y Tecnológicas para la integración em el Conosur, 2011, Pelotas/RS. Texto encaminhado para publicação no ANAIS do evento.

ROCHA, Décio; DAHER, Maria Del Carmen; SANT´ANNA, Vera Lúcia de Albuquerque. A entrevista em situação de pesquisa acadêmica. **Revista Polifonia,** Cuiabá, n.8, p. 161-180, 2004.

ROSA, Othelo. **Formação do Rio Grande do Sul/Fundamentos da Cultura Rio-grandense**. Porto Alegre: Faculdade de Filosofia da UFRGS, 1957.

RUAS, Tabajara. Depoimento de um homem da fronteira. In: SCHÜLER, Fernando Luís; BORDINI, Maria da Glória (orgs.). **Cultura e identidade regional.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 57-67.

SCHILLER, Nina Glick; FOURON, Georges. "Laços de sangue": os fundamentos do Estado-nação transnacional. In: FELDMAN-BIANCO, Bela; CAPINHA, Graça. (orgs.) **Identidades**: estudos de cultura e poder. São Paulo: Hucitec, 2000. p. 41-71.

SCHLEE, Aldyr Garcia. Integração cultural regional. In: MARTINS, Maria Helena (org.) **Fronteiras Culturais**. São Paulo: Ateliê Cultural, 2002. p. 61-64.

SCHULMAN, Norma. *O Centre for Contemporary Cultural Studies* da Universidade de Birmingham: uma história intelectual. In: **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Trad. Org. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 167-224.

SCHWANDT, Thomas. Três posturas epistemológicas para a investigação qualitativa: interpretativismo, hermenêutica e construcionismo social. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa**. Trad. Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença -** a perspectiva dos Estudos Culturais Petrópolis: Vozes, 2000.

SOBRAL, Adail. **Do dialogismo ao gênero** – as bases do pensamento do círculo de Bakhtin. São Paulo: Mercado de Letras, 2009.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Trad. Grupo de Estudos sobre Ideologia, comunicação e representações sociais da pós-graduação do Instituto de Psicologia da PUCRS. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação:** uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

WENCZENOVICZ, Thais Janaina. **Pequeninos poloneses*:*** cotidiano das crianças polonesas (1920/1960). Porto Alegre: Gráfica News Print Editora, 2010.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença** – a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7-71.

ZIENTARA, Benedict. Fronteira. In: **Enciclopedia Einaudi**. Lisboa, Imprensa Nacional, 1989, v.14, p. 306-317.

ZIMERMAN, D. Terapia com família In: **Manual da técnica Psicanalítica**. Porto Alegre: Artemed, 2004.

ANEXOS

ANEXO A - FOTOS

Figura 2 - Ponte Internacional Mauá

Figura 3 - Ponte Internacional Mauá

Figura 4 - Vista da ponte sobre o rio Jaguarão

Figura 5 - Construção da ponte

Figura 6 - Operários que trabalharam na construção da ponte

Figura 7 - Trem na Ponte Internacional Mauá

Figura 8 - Aduana uruguaia

Figura 9 - Rua Uruguai (Jaguarão/RS)

Figura 10 - Foto de uma casa de Jaguarão/RS – julho de 2010 (época da Copa do Mundo de 2010)

ANEXO B - MAPA DO RS -

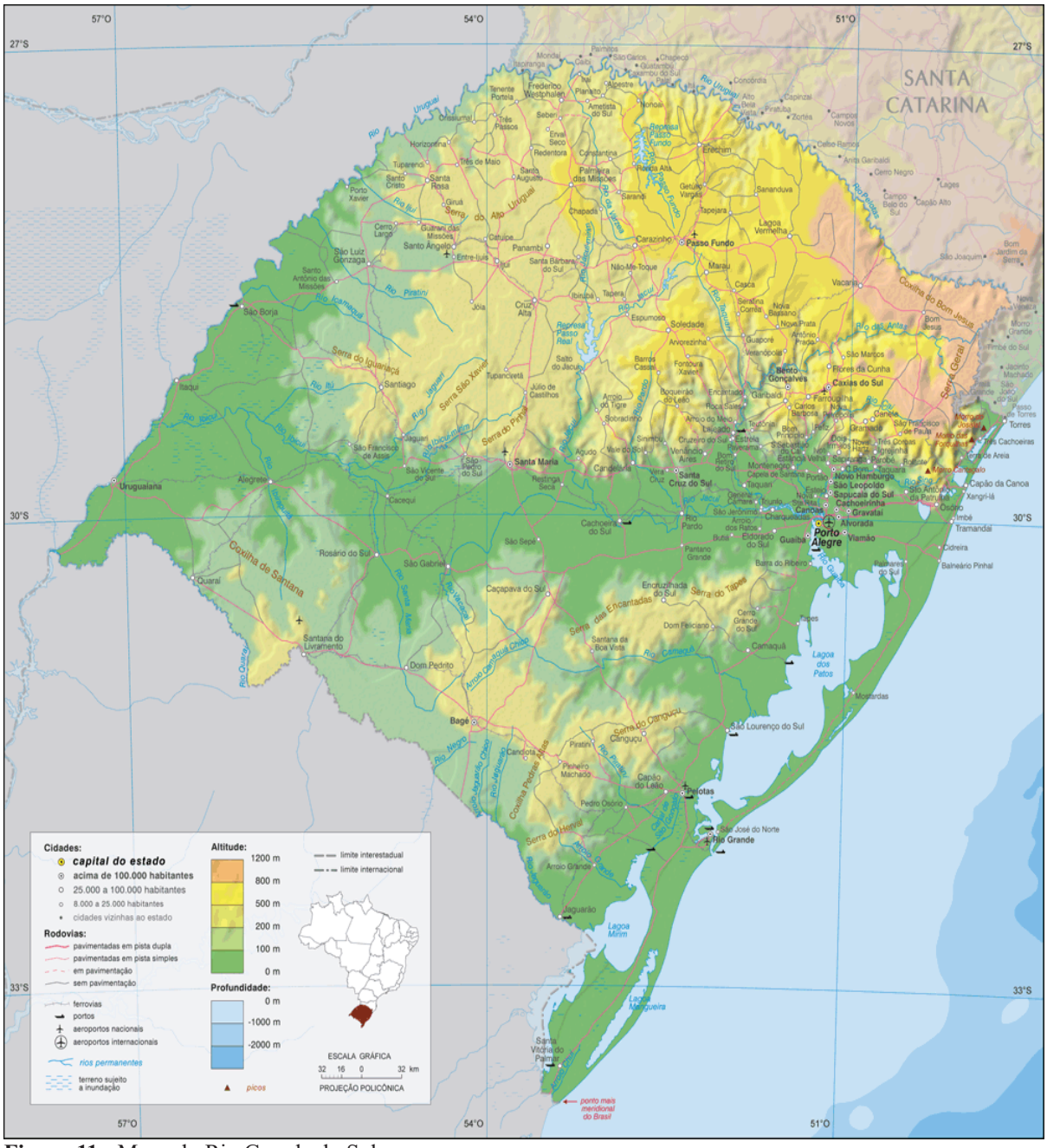

Figura 11 - Mapa do Rio Grande do Sul
Fonte: www.infoescola.com

ANEXO C – JORNAL DE JAGUARÃO/ JANEIRO DE 1865

JAGUARÃO
ANNO I.
N. 8.

ECHO JAGUARENSE.

SABADO
28 de Janeiro,
DE
1865.

ASSIGNATURA
Por um anno 10$000
Por simestre 5$000
Para fóra da cidade.
Por um anno 12$000
Por simestre 6$000
Pagamento adiantado.

Folha commercial, noticiosa e literaria.
PROPRIETARIO
Francisco de Macedo e Andrade.
Publica-se nas quartas-feiras e sabbados.
Escriptorio na rua das Flores, esquina da da Matriz.

PUBLICAÇÕES.
Os escriptos de interesse geral serão inseridos gratis, e os de interesse particular, convindo a redacção serão previamente ajustados.

Parte official.

Expediente da secretaria do dia 7 de janeiro de 1865, em Pelotas.

A' directoria geral dos negocios da fazenda provincial.— Permitte que permutem entre si as respectivas cadeiras, as professoras de primeiras letras da capital e Jaguarão.

Ao commandante superior da G. N. de Piratiny.— Que por portaria de 19 de dezembro do anno passado, foi nomeado commandante do 15 corpo provisorio, o major Leandro José da Costa, proposto para fiscal do mesmo.

Para capitão de uma das companhias póde chamar algum da reserva, ou reformado que se preste ao serviço, e na sua falta algum tenente.

Idem do dia 9.

— Ao commandante superior da G. N. de Piratiny, accusando o recebimento do officio em que communica q' ia marchar para a fronteira de Jaguarão o corpo provisorio n. 15 com falta apenas de 48 praças, as quaes serão em breve incorporadas, porque esperão-se algumas reuniões que estão a chegar.

— Ao commandante superior da G. N. de Jaguarão, pedindo informações sobre a dispensa do serviço activo da G. N. que solicita o administrador da meza de rendas geraes para Vicente Manoel dos Santos e Augusto Pereira de Carvalho, empregados d'aquella repartição.

— Ao mesmo, dando conhecimento para que providencie a respeito da representação do director geral dos negocios da fazenda provincial, em que expõem haverem sido chamados para o serviço da G. N. o administrador da meza de rendas dessa cidade João Antunes Guimarães, o escrivão Francisco José Vieira Valente e os guardas Lucio José da Costa e Rufino Antonio Bandeira Nogueira da Gama.

— Ao mesmo, mandando substituir por outro, attenta sua avançada idade e enfermidades, o tenente do 4º corpo provisorio David Correia da Silva.

— Ao mesmo, communicando que o commandante superior de Piratiny participou estar na diligencia de completar o 15 corpo provisorio, com as 38 praças que faltão; e recommendando que mande fazer frequentes exercicios aos dois corpos ns. 15 e 28, podendo para isso revesarem-se nas guardas da fronteira, e bem assim que os faça acampar no lugar mais apropriado para a defeza da mesma.

Requerimentos despachados no dia 9.

David Corrêa da Silva.— Deferido em officio ao Sr. coronel commandante superior da G. N. do Jaguarão.

Idem do dia 10.

Candido Gomes Dias.— Informe o Sr. coronel commandante superior da G. N. do municipio de Jaguarão.

Transcripção

(1) O Dr. Amaro José d'Avila da Silveira já não existe!

Diante de seu sepulchro venerando a provincia do Rio Grande e o partido liberal arrastam inconsolaveis o luto da sua angustia.

(1) Do —Diario do Rio Grande — transcrevemos as seguintes linhas:

O Rio Grande perdeu no dia 9 do corrente um filho querido no qual revia se com justificado orgulho, um filho que consubstancia em si esses dotes caracteristicos, que grangeára n'esta terra, os respeitos e sympathias de que goza no mundo, por suas virtudes viris, por sua tradiccional altivez! E' q' ali estava esculpido n'aquelle grande vulto que desappareeeu na voragem, o verdadeiro typo rio-grandense, na energia dos traços, na pureza dos contornos!

Perdeu o o partido liberal uma forte columna do edificio da sua grandeza um astro brilhante do céo das suas esperanças, um fanal esplendido do seu futuro, uma virtude que era uma força, um chefe que era um exercito, um nome q' era um palladio uma reputação que era uma gloria!

A estrada da sua peregrinação na terra foi um rastro luminoso e inextinguivel de uma grande existencia. E' que o grande cidadão traz sobre a fronte uma corôa de luz.

Magistrado, advogado, tribuno, foi sempre o mesmo. A consciencia sem uma sombra; a crença na liberdade, ardente com o seu amor á patria; o caracter inflexivel como a sua lealdade, austero como a sua vida; a probidade immaculada como uma vestal, exercida como uma relegião; a intelligencia forte e robusta como a sua coragem; o coração puro como o seu nome, magnanimo como as suas acções!

O Brasil inteiro o choraria se o Brasil inteiro o conhecesse; se a sua abnegação não lhe houvesse trancado o caminho das posições, que vão dar ás eminencias da sociedade.

Hão de lamental o, porém, todos

aquelles que o conheceram, que o amaram ; todos emfim que ouviram os écos dolorosos das amarguras de um povo!

E desappareceu!

E o vacuo immenso da sua grande existencia, só a sua memoria é bastante para enchel-o, e essa ha de perdurar nas benção dos infelizez, nas recordações da patria, na indelevel saudade de seus amigos, e nas tradicções gloriosas de um partido, que elle illustrou com os seus serviços e honrou com as suas crenças!

(Artigo da redacção.)

Noticiario.

Novél —como dissemos— na carreira jornalistica, e baldo de intelligencia para podermos com nossos escriptos mostrar evidentemente, que os factos que se acabão de dar em nossa bella cidade de Jaguarão, forão devidos— 1.º a pouca energia de um chefe, 2.º aos nossos inimigos, que por mais de uma vez a opinião publica os denunciava e denuncia como nossos espiões, e que por patronatos extemporaneos, percorrião e percorrem as ruas da cidade sómente com o intuito de atraiçoar-nos, denunciando-nos a esses sicarios de tudo quanto é nosso —denominados blancos. --

Ainda hoje existem nesta cidade alguns sob a protecção dos nossos mesmos patricios, e quiçá entre nossas familias guardados em algumas de nossas repartições publicas.

Se esses brasileiros que apoião a esses sicarios com o unico fim talvez de conservarem intactos seus bem, suas fortunas, suas vidas comprehendessem suas posições em taes emergencias, não se portarião por essa fórma, seria lhes mais honroso desde o momento q' adoptão as doutrinas d'aquelles mesmos sicarios ou por crenças, ou por conveniencias, appresentarem-se em suas columnas, e com elles a cara descoberta evadir a provincia do Rio Grande do Sul, principiando pelo Jaguarão.

Então verião a lição mestra que havião de levar.

Para não errarmos estamos averiguando e pesquizando como nos cumpre, quaes osses brasileiros que se tem portado pela maneira ácima dita, para então por nossas columnas os denunciarmos, e então queremos ver o que fazem S. Ex. o Sr. presidente da provincia, o coronel commandante de nossa guarnição, e mais autoridades constituidas.

Vamos por agora darmos noticia ao publico do occorrido desde o dia 25 do corrente até hoje por esses degenerados, por essa canalha, por esse punhado de bandidos orientaes que se intitulão blancos e que ouzarão evadir o Jaguarão.

A 25, tornarão apparecer os taes boatos de invasão dos blancos, n'esse mesmo dia appresentou se o bravo capitão Fortunato Vergara com força dobrada, collocou-a a praça da matriz as ordens do Sr. commandante da guarnição.

Tivemos occasião de assistir a esse acto, e vimos que erão mais de 100 homens bizarros e que seus semblantes denotavão serem capazes de nós rechaçarem qualquer força que por diante lhes apparecesse.

Não teceremos ellogios ao Sr. capitão Vergara, porque é incontestavel que os miroens d'esses feitos os appreciarão, e julgarão — izempto de paixões, —que esse official é digno de tudo quanto se possa dizer a respeito a seu procedimento nas emergencias actuaes.

Prosiga o Sr. capitão Vergara na senda que sempre tem trilhado, e verá os encomios que lhe hão de ser tecidos, e cheio de louro —que assim o esperamos— ha de ter a gloria de ver o povo Jaguarense a seus pés render lhe cultos

Dia 26

Concluio-se as trincheiras na nossa cidade, e os espiões tudo a observarem.

A providencia foi acertada ; porém, embora censurados, diremos, que as trincheiras mais fortes em quem confiamos são os Srs. tenente coronel Balbino, maiores João Simplicio Ferreira, Leandro José da Costa, capitão Fortunato Vergara, e outros briozos officiaes que ignoramos seus nomes, os bravos de caseiros — rebaixados como nos chamão— já conhecidos por essa cafila de bandidos no campo de marte.

Os valentes e honrados orientaes libertadores que em nossas fileiras voluntariamente se prestirão, finalmente todos os briozos Rios Grandenses que sob as ordens d'esses valentes chefes servem.

O commercio mui principalmente os bellos portuguezes nossos parentes e amigos, todos se tem prestado ao chamado das armas em defeza da santa e justa causa que defendemos.

Os artistas de todas as officinas e seus proprietarios quer estrangeiros, quer nacionaes voluntariamente tem corrido ao grito da nossa patria.

O nosso amigo major Antonio Gonçalves da Silva é de tantos Rios Grandenses que tem sacrificado seus interesses, e pessoa a pról da segurança do nosso Jaguarão, já armando cidadãos, já offerecendo seus predios para n'elles descançarem.

E quem poderá tentar entrar na cidade de Jaguarão? só incensatos, é que assim o penção, e esse pensar torna-se prejudicial.

Nós nada temos estamos com uma mão no fuzil, outra na penna para sustentar illezo o direito do povo Jaguarense, e se soccumbirmos nessa luta ao menos nos resta uma gloria de nossa consciencia tranquilla.

Descançai —como sempre dissemos —tranquilizai vos povo de Jaguarão, que esse punhado de orientaes degenerados bandidos e tudo quanto se póde dizer chamados blancos que segundo consta, percorrem o departamento do Serro Largo, não são capazes de nada e a prova do que avançamos é que perguntamos quaes as infantarias que tem essa canalha para braço a braço conquistarem as nossas por elles mesmos já muitas vezes conhecidas ? qual a artilharia que dispõem para bater nossas fortificações? quaes as cavallarias disciplinadas que tem para se abarbarem com as nossas a cuja testa estão os officiaes ácima mencionados? qual o armamento? qual a munição?

Em quanto se não contestar essa verdade sempre direi nos, como temos dito, com todas as forças de nossa alma, descançai, tranquilizai-vos povo de Jaguarão.

Pessoa de criterio vinda de Queguay nos asseverá que o exercito brasileiro, e libertador, já marchárão para Montevidéo, todas as infantarias por mar, e cavallaria por terra, vão bater o forte do Serrito, que vencido elle Montevidéo é nosso.

Constá nos que o indomito Aguirres por intermedio dos consulares em Montevidéo e tão em arreglos de tratados.

Está em marcha para esta cidade vindo da de Bagé o intrepido 10.º batalhão de infantaria.

Os generaes Netto, Caravalho, Fidelis e Caravaçal em marchas forçadas procurão os desertores blancos ao mando do famigerado Bazilio Munoz.

Temos em nosso poder as fantasticas proclamações que alguem fez correr pelo departamento de Serro Largo, q' não as publicamos, porque além de seu estillo nojento, são ellas falsas, porque figura em uma d'assignatura de Bazilio Munoz, que nós sombemos assim como todos d'aquelle departamento, que esse bandido nem ao menos sabe assignar seu proprio nome.

N'esse mesmo dia consta-nos que o Sr. Hipolito Passos asseverara em uma roda que esses bandidos não vinhão a Jaguarão, assim como tambem nos asseverarão que o Sr. Thomaz *P*assos estivera com essa canalha na Canhada de Santos, —E*stado O*riental— e voltara n'esse mesmo dia para sua chacara nos suburbios da nossa cidade.

Dia 27

Quando descançados estavamos eis que vimos tocar nossos clarins, mandámos nossa familia a sós procurar qualquer abrigo —pois que estavamos fóra das trincheiras, e deixando tudo a revelia, empunhamos o fuzil e marchemos para a 1ª trincheira a compartilhar da gloria de nossos comprovincianos, eis senão quando ao chegar 11 horas e meia do dia, já vimos que nossas cavallarias se retiravão batendo-se com esses inimigos que vinhão sedentos de sangue e ouro, e ao descobril-os com nossos fuzis, fizemos-lhes uma carga, que retrocederão; nosso cantão era commandado pelo alferes Da id Pereira da Roza, por igual fórma portou-se o 2º cantão ao mando do Sr. capitão Emigdio José de Sant'Anna que nada deixou a dezejar; os dois cantões, ficarão 2 cavallos mortos e baleados uns quantos dos inimigos, que seus chefes tiverão a prespicacia de os conduzir e sumil-os; rechaçados por nós, retirarão-se arrombando casas, levando a força nossos escravos, e destruirão tudo quanto não poderão conduzir.

Morrerão no ataque um sargento do corpo nº 15, um guarda do corpo 28, e Antonio Francisco de Lima, conhecido por Lima verde, que voluntáriamente se appresentou em nossas fileiras.

Feridos gravemente o major *A*nacleto Porto, e o bravo oriental Ponto-Fixo e levemente o cabo de esquedra da 3ª companhia avulsa de infantaria *E*lias Ignacio da Silva, e o voluntario cidadão portuguez Vasconcellos guarda-livros de uma das casas estrangeiras de nossa praça.

O inimigo perdeu muita gente entre esses 4 officiaes, levando em carretilhas todos os feridos.

Fizerão seu quartel general na casa do consul francez *J*oão Baptista Menditeq, e d'ahi— em quanto essa canalha esteve saqueando, — mandou o infimo Bazilio *M*uñoz um parlamento ao nosso chefe, ordenando que rendesse nos as armas dentro em duas horas, foi conductor d'esse parlamento o subdito francez Luiz Pady, e no caso contrario entrariao a ferro e a fogo.

Nosso chefe o Sr. coronel Vargas, ainda animou-se a reunir os nossos bravos officiaes para consultal-os, foi-lhe respondido que não tinha que os consultar, e que mandasse que esses bandidos orientaes blancos entrassem como entendessem; a essa vóz, de todos os cantões, povo e tropa erguendo o pavilhão auriverde derão vivas a S. M. o Imperador, a nação brasileira, ao corpo do commercio, aos orientaes briozos a nós encorporados, e finalmente a todos os voluntarios que adherirão a defeza de nossa causa.

Viamos que a tropa e todo o povo estavão rezolutos —como sempre— a vencer ou morrer abraçados com o nosso pavilhão auriverde.

Esperamos; — batem as campanas 3 horas da tarde, estenderão uma linha ao redor de toda nossa cidade, e vendo-se que não se animavão esses covardes a nada; sahirão de nossas trincheiras voluntariamente e contra a vontade dos chefes dos cantões; meia duzia de veteranos soldados de infantaria e cavallaria e alguns valentes orientaes; formarão uma linha e repellirão o insulto que se nos fazia, pondo em debandada essa canalha que reunindo-se afugentarão-se na noute deste mesmo dia, deixando nos tranquilos.

Os vapores —Apá e *C*axoeira— ao mando de seus valentes chefes, de vez em quando arrojavão seus canhões contra essa canalha e sem re activos bombeavão o inimigo por todos os lados; montou-se n'esse mesmo dia uma peça de artilharia vinda de um dos lanchões, e ficou collocada na extremadura da rua dos Praças.

As familias andavão em tiroteio, umas para os hoteis e outras reunindo-se ficarão dentro das trincheiras.

O coronel Maximiano Soares de Lima sahio em perseguição desses bandidos com 50 praças reunidas voluntariamente.

Os bombeiros dos blancos Benito Varella deixou nossa cidade, e segundo nos consta foi para Pelotas, ou então encorporar-se a esses sicarios.

O José Costa, o habil secretario da Camara municipal o escondeu no paço da mesma camara no meio de sua familia.

O Luiz Xara até a esta hora desapareceu da nossa cidade, e n'esse mesmo tempo seu irmão Lourisno Xara apparece na columna dos sicarios blancos a nos fuzilar.

O Cruz foi o primeiro que raspou-se, ficando ainda em plena liberdade um tal Santiago.

São coizas!

Será falta de energia do nosso chefe?

Capturarão esses degenerados, o ancião *M*arcos Perciuncula e seu filho.

*P*ozerão uma guarda na chacara do Thomaz Hipolito para não se tocar em nada.

Forão prisioneiros 2 ou 3 blancos que a titulo de apresentarem-se forão soltos.

Os chefes dessa canalha denominado Blancos que nuzarão evadir nosso solo forão Bazilio Muñoz, Angelo Muniz Thermotheo, Aparicio, e João Blas Coronel.

Finalmente ao entrar o nosso jornal para o prelo são as noticias que apresentamos exactas porque as prezenciamos.

Continúa a promptidão e cada vez se ve resplandecer nos semblantes de todo povo e tropa, uma coragem, um desejo de vingança e uma forte vontade de combaterem.

—

Demoramos a publicação do nosso jornal devido ao termos de como cidadão corremos ao grito da patria, assim como tambem adiantarmos aos nossos leitores o occorrido desde 25 até o dia 27, do corrente, como se vê na secção competente.

ANNUNCIOS

Na caza

de negocio de Narcizo & Afonço na rua do triumpho esquina da das soteias, ha para vender milho branco de superior alidades por commodo preço.

ACABARÃO-SE

OS

Cabellos brancos.

Em casa de Léon Duviallard, cabelleireiro, á rua do Commercio, em frente acasa do Sr. Gonsalo ha para vender a verdadeira e magnifica tintura dos Mandrins, preparada por Mr. Arrault, um dos melhores chimicos de Pariz.

Esta preparação, além da brevidade com que tinge de preto, tanto o cabello como a barba, de qualquer côr que seja, tem a grande vantagem de não deixar nodôa alguma na pelle, embora a toque, e de ser da mais facil applicação, a tintura por meio della, tem trez mezes de duração.

O preço de cada vidro é bastante regular, e sua utilidade incontestavel, sempre que se quizer fazer desaparecer um defeito natural ou filho do tempo, no cabello ou na barba.

Na mesma casa vende-se a verdadeira — Essencia — propria para tirar qualquer nodôa de gordura, ou mesmo, tinta de oleo com brevidade, e sem deixar mancha alguma no panno, nem outro qualquer defeito.

Destruição das caspas.

Remedio infalivel.

Agua denominada Shampoog destrôe pelliculas cutaneas, vulgarmente chamadas caspas, e impede a queda dos cabellos, applicando-se quatro dias seguidos.

Em caza decabellereiro Leon Duviallard, em frente á confeitoria do Sr. Gonsalo, a rua do Commercio.

—

MANCHAS

E

BORBULHAS

NO

ROSTO.

Qualquer alteração accidental da pureza ou da alvura da tez, facilmente seevita ou faz-se logo desaparecer com o uzo do leite antephelico, puro ou misturado com agua.

Este comestique infallivel contra as sardas e as manchas que invadem o rosto das senhoras durante a gravidez e depois della; não é menos efficaz contra a tez queimada, espinhas, cravos, fogagens, secreções, perfurações etc., etc. Encontra se em casa do barbeiro Léon Duviallard, a rua do Commercio em frente a confeitoria do Sr. Gonsalo.

Na mesma casa amolão-se navalhas, thesouras, canivetes, facas, e outros quasquer objectos de cirurgia.

Preços rasoaveis.

Grande deposito

DE

BIXAS HAMBURGUEZAS

Em caza de

Mr. Léon Duviallard

EM FRENTE A CONFEITORIA DO

Sr. Gonsalo.

Boas e baratas

—

O PINTOR

E

Empapellador

Manuel Lopez

Acha-se a dispozição das pessoas que o quizerem honrar com a sua coadjuvação, utilizando-se de seu prestimo.

Pode ser procurado na sua rezidente rua da Ponte entre a das da Tricheira e Pombas.

MOLDURAS

douradas, e bretos de cantos dourados a vende-se na marceneria de João Luis Schnoor.

Na mesma caza aprontão quadros, dourados por menos preço de quadros polidos

3—4

Nesta

typographia se dirá quem vende uma escrava de todo o serviço de uma caza de familia, assim como tambem uma carretilha nova de molas com assentos caixoados: tudo por preços commodos.

3—2

Nesta tipogra-

phia aceita-se um menino que queira-se dedicar a arte typografica, garantindo-se uma gratificação no fim de 4 mezes.

Nesta typographia se dirá quem alluga uma escrava para todo serviço de uma caza

---

Typ. de Francisco de Macedo e Andrade.

ANEXO D- RELATO DE UMA PROFESSORA

Relato de uma professora mineira (trabalha na UNIPAMPA, Campus Jaguarão, desde outubro/2009).

Desde que me mudei definitivamente para Jaguarão, passei a observar de que forma os habitantes desta cidade têm uma visão negativa em relação aos moradores da cidade fronteiriça Rio Branco. Pude notar que muitas são as formas de manter a distância dos vizinhos não muito quistos. O que mais me chama a atenção é o uso de um vocabulário com expressões pejorativas para se referir aos uruguaios. Termos como "preguiçosos", "desleixados" são os adjetivos mais comuns na fala dos jaguarenses com quem mantenho contato. Comentários como "se não fosse por nós, eles ainda estariam na miséria", fazem uma referência ao fato de a economia da cidade sobreviver da existência de *free shops*, que só podem vender para estrangeiros. É notável no discurso das pessoas que aqui nasceram um sentimento de pena em relação aos habitantes de Rio Branco.

Como sou pesquisadora da fala, vem muito claramente à ideia uma teoria defendida por Viegas (professora da UFMG) que aborda a questão do alçamento de vogais pre-tônicas. Segundo a professora, em pares de palavras concorrentes, aquela cujo uso estiver de alguma forma vinculado a um aspecto pejorativo pode sofrer o alçamento da pre-tônica, ao passo que aquelas em que não há a marca de estigmatização ficará a vogal com a apertura mediana.

É o que ocorre no caso do par "p(i)ru/P(e)ru", uma para se referir à ave e a outra para se referir ao país. A razão que me faz lembrar a tese da professora Maria do Carmo diz respeito à forma como os falantes de Jaguarão se referem aos uruguaios: cast(i)lhanos. Em primeiro lugar, o estranhamento pelo uso da palavra que se refere à Castela no lugar do gentílico "uruguaios" pareceu diferentemente incomum. Além disso, aos ouvidos de uma mineira recém chegada de Belo Horizonte, esse alçamento me pareceu extremamente pejorativo. Para nós, mineiros, se fôssemos usar o termo castelhano, comum seria a pronúncia cast(e)lhianos, com a vogal média.

A meu ver, a razão que justifica esse uso se deve ao fato de que, historicamente, não temos (os mineiros) nenhuma rivalidade com esse grupo. Esse me parece ser o maior motivo para ocorrer essa diferença de pronúncia: uma maneira de demarcar um espaço geográfico e,

sobretudo, linguístico. Uma forma de demonstrar uma afetividade negativa em relação à população vizinha que, por muitas vezes, tentou dominar esse espaço hoje ocupado pelos brasileiros daqui da fronteira. Segue além da diferença de pronúncia da vogal, na minha percepção de pesquisadora da prosódia, um aspecto atitudinal que é bastante peculiar e que também parece uma questão de desdém: auditivamente, parece ser empregado um tom mais baixo que o usual no momento em que se profere o próprio termo (castelhano). Entretanto, é necessário um estudo acústico mais refinado para se afirmar com mais precisão quais seriam essas diferenças.

ANEXO E - ROTEIRO DAS ENTREVISTAS DA PRIMEIRA FASE (PERGUNTA-RESPOSTA)

ROTEIRO

1. O que é a fronteira para ti?
2. Como é viver na fronteira?
3. Tens muito contato com os uruguaios?
4. Tu consideras Jaguarão e Rio Branco como cidades irmãs?
5. Que ideia tens de Rio Branco?
6. Tu achas os uruguaios parecidos com os brasileiros? Por quê?
7. Como te referes ao pessoal de Rio Branco? Sabes como eles se referem aos brasileiros?
8. Como morador da fronteira, te consideras um pouco brasileiro e um pouco uruguaio? Por quê?

ANEXO F - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS DA PRIMEIRA FASE

P: pesquisadora
S: sujeito

Entrevista 1

Sexo: masculino
Idade: 50 anos Profissão: músico

P: O que é a fronteira para ti?
S: Delimitações de um país para o outro.
P: Simplesmente?
S: Sim.
P: Como é viver na fronteira?
S: No nosso caso aqui é bastante interessante, porque nós temos um país vizinho ao lado que é, a gente pode hoje, por exemplo, fazer compras né com *free shops* tudo mais tem pessoas de culturas diferentes ligadas a nós também de alguma forma.
P: Tens muito contato com os uruguaios?
S: Mais com aqueles da minha área de música.
P: Músicos?
S: Isto.
P: Tu consideras Jaguarão e Rio Branco como cidades irmãs?
S: Não, isso é muito bonito no papel, mas na realidade a gente sabe que não é bem assim, porque quer queira quer não existe a rivalidade.
P: Que ideia tens do Rio Branco?
S: Ideia do Rio Branco, Rio Branco a idéia que eu tenho é que é a cidade do contrabando né, foi a muitos anos um pouco daqui pra la e outro pouco de la pra ca, até bem pouco tempo atrás era uma cidade fantasma, hoje os free chops revolucionaram o Rio Branco só que o próprio Rio Branco não se preparou pra isso né porque estrutura não tem nenhuma.
P: Tu acha os uruguaios parecidos com os brasileiros?
S: Nem fisicamente, nem fisicamente porque os uruguaios né tem completamente diferente de nós a maneira de ser de agir até mesmo por cultura né, por culturas diferentes, mas não tem nada a ver a forma de vestir é tudo completamente diferente.
P: Como te referes ao pessoal de Rio Branco?
S: Bem, ah como eu já disse aqueles músicos que fazem parte da minha área, eu tenho grandes amizades ali, só que ao demais é .. porque o pessoal fala tanto em Mercosul né e em cidades coirmãs e tudo mais e a gente vê que na prática não é isso quer dizer se nós for sair pra dentro do Uruguai com a 30 km da fronteira nós já temos que pagar a carta verde não temos direito praticamente nenhum, qualquer infração que tu cometa né já prendem teu carro, já tive caso na família de perdermos um carro no Uruguai, familiares meus irem levar um doente a, por exemplo, a trinta e três e vencer a licença de turismo e ligarem daqui da fronteira pra lá que tinha vencido e nós perdemos um carro.
P: Então a coirmã é simplesmente ilusão, mesmo?
S: Com certeza.

P: Sabes como os uruguaios se referem aos brasileiros?
S: No papel como hermanos, só que na realidade isso aí não existe, onde tem fronteira tem rivalidade.
P: Como morador da fronteira te consideras um pouco brasileiro e um pouco uruguaio?
S: Um pouco uruguaio por laços de família, meu bisavô era uruguaio, mas eu sô totalmente brasileiro, não viveria no Uruguai de maneira nenhuma.
P: Então tu não te consideras uruguaio por viver na fronteira e sim por laços familiares? S: Com certeza.

Entrevista 2

Sexo: masculino Idade: 60 anos
Profissão: analista contábil

P: O que é a fronteira para o senhor?
S: A fronteira pra mim é...divisão entre dois povos. Assim como Jaguarão e Rio Branco. O Rio Branco é Uruguai e Jaguarão é Brasil. É uma simples divisão de cada soberania de cada país.
P: Como é viver na fronteira?
S: Ah... Viver na fronteira pra muitas pessoas dizem que é fácil, mas pra mim os direitos dos uruguaios dentro de Jaguarão são muito mais aceitos do que quase que o nosso jaguarense. O brasileiro dentro da fronteira aqui em Jaguarão tem mais direitos, mas eles são beneficiados que nós do outro lado da fronteira, lá no Rio Branco. No caso, os brasileiros dentro da fronteira têm mais direito, são mais beneficiados que nós brasileiros do outro lado.
P: O sr. tem muito contato com os uruguaios?
S: Eu tenho diversos contatos com os uruguaios porque a minha atividade comercial. A gente faz muitas amizades, muitas amizades é claro por parte de trabalho. Tem muitas pessoas que a gente faz amizade por parte de trabalho, só por parte.
P: O sr. considera Jaguarão e Rio Branco como cidades irmãs?
S: Esse sentido que usam Jaguarão /Rio Branco cidades irmãs, na irmandade, pra mim esse conceito que usam não é válido, na minha opinião. Não sei se tu queres que eu te diga o porquê. Tu aceitas a minha opinião?
P: sim
S: Um exemplo: se nós vamos lá no Rio Branco, eu já vi diversas vezes, se vai fazer um retorno indevido, dentro da Cidade de Rio Branco, o guarda ali, eles têm ali os azulzinho que, na minha opinião, são uma cambada de incompetentes, eles te param, multam, se tu não paga eles prendem teu carro, e aprendem os documento. Eles entram aqui no Brasil sem placa, sem para-choque, sem sinaleira fazem o que bem entendem e as nossas autoridades fazem graça, pedem pra retornar ....eu acho que existe uma...existe uma paridade na irmandade. Lá eles mantêm a autoridade e aqui eles vêm e fazem o que bem entendem e fica por isso mesmo.
P: Que ideia o sr. tem de Rio Branco?
S: A ideia é...eu conheci o Rio Branco porque eu trabalho na área comercial, porque eu trabalho na área comercial em Jaguarão há 40 anos e existe, existiam momentos de euforia do lado de lá, o dólar baixava pros uruguaio e os brasileiro compravam lá, em outros momentos o dólar subia e os uruguaio...depois com os free shop muito bem bolado pelo presidente que ganho as eleições hoje lá, que monto essa estratégia que nós perdemos. Na minha opinião, nós perdemos, nós tínhamos quilômetros na frente deles pra ter feito primeiro que eles... as autoridades de Jaguarão desinteressados, nunca se interessaram, o comércio de Jaguarão não se interessou e hoje tiveram a felicidade e hoje tão dono da situação.
P: Tu achas os uruguaios parecidos com os brasileiros?
S: Mas de maneira nenhuma. Eu acho que não existe isso. Parecido? Em que sentido tu tás dizendo? No sentido da irmandade? Não. Eu acho que o uruguaio é um povo muito assim....muito assim. É interessante. O uruguaio entra Brasil adentro falando uruguaio. O brasileiro fronteiriço vai ali no Rio Branco falando uruguaio. O brasileiro não sente orgulho de ser brasileiro. Tem uma diferença. Eu vou no comércio. Eu vejo no comércio pessoas que vêm de Porto Alegre Santa Maria querendo fala uruguaio coisa que eles nunca pronunciaram. Por que eles não falam brasileiro se eles entendem brasileiro? Eles se humilham. Pra mim não tem parecido, não existe.

P: Como te referes ao pessoal de Rio Branco? Pra mim é indiferente. As pessoas que vivem em Rio Branco?
S: É. Como o sr. se refere às pessoas que vivem no Rio Branco?
P: Pra mim, os uruguaios. Os uruguaios. Uruguaio, castilhano como a gente diz.
Assim como eles tratam nós de brasileiros, eles ainda fazem chacota. Dificilmente eles não fazerem uma chacota dos brasileiros, e os brasileiros não fazem chacota deles. Eles fazem chacota nossa.
P: Como morador da fronteira, o sr. se considera um pouco brasileiro e um pouco uruguaio? Por quê?
S: De maneira nenhuma. Eu não me considero. Eu, particularmente, sou brasileiro. Eu me sinto brasileiro. Eu só me sentiria uruguaio se eu saísse do país. Bom...agora vou me embora. Eu sou brasileiro deus do primeiro dia que eu nasci. Eu não me sinto uruguaio nem aqui e nem ....no fim da vida. Sou brasileiro e sou brasileiro.
P: Então, pro sr. essa relação de fronteira não interfere em nada?
S: Não interfere em nada. Essa relação de fronteira, eu acho tão interessante que dizem que tem que te essa relação de fronteira, de irmandade. Eu duvido que um brasileiro vá num hospital de Rio Branco consulta e tenha o mesmo direito. Aqui eles são, eles são aqui, eles vêm aqui no hospital que tem um monte de deficiência, eles são atendidos porque o direito brasileiro dá assistência ao fronteiriço. A lei nova já ta aí, ninguém usa, mas eles usam. Eles usam nossos médicos, nossos benefícios. O brasileiro vai lá, vê se usa? Sem paga, não usa. Mas de maneira nenhuma. Nós não temos os mesmos direitos. Essa coisa de paridade, igual não existe. Eu sei, porque eu vivo isso aí.

Entrevista 3

Idade: 26 anos Sexo: feminino
Profissão: atendente de comércio

P: O que é a fronteira para ti?
S: A fronteira pra mim é basicamente comércio porque aqui em Jaguarão nós dependemos basicamente dos uruguaios.
P: Como é viver na fronteira?
S: Ah...é muito bom porque por causa dos produtos porque tem muitos produtos que são bem mais baratos no Uruguai e bem mais caros no Brasil. Pra nós, é muito mais barato consumir os produtos uruguaios do que brasileiros.
P: Por exemplo?
S: Minha moto. Minha moto eu paguei 1.200,00 reais, enquanto que no Brasil custa 4.000.
P: Tens muito contato com os uruguaios*?*
S: Tenho. 90% dos meus clientes são uruguaios. Eu trabalho aqui em Jaguarão e a maioria dos nossos clientes são uruguaios.
P: Tu consideras Jaguarão e Rio Branco como cidades irmãs?
S: Considero até porque tem muitos brasileiros que moram em Rio Branco, e muitos uruguaios que moram em Jaguarão.
P: Que ideia tens do Rio Branco?
S: O Rio Branco há muitos anos atrás era uma cidade bastante provinciana, mas atualmente cresceu bastante graças aos brasileiros em decorrência do comércio deles que não tem impostos, e os brasileiros procuram muito os preços uruguaios.
P: Tu acha os Uruguaios parecidos com os brasileiros?
S: São parecidos, mas tem modos de vida diferentes dos brasileiros.
P: Como?
S: Hum... (pausa longa) Ah...muita coisa é diferente... ah eles se vestem diferente, o corte de cabelo é diferente
P: Como te referes ao pessoal de Rio Branco?
S: Risos... (não respondeu)
P: Sabes como os uruguaios se referem aos brasileiros?
S: Ah...não sei.
P: No teu serviço? Não tens ideia?
S: Ah...chamam de brasileiros.
P: Como moradora da fronteira te consideras um pouco brasileira e um pouco uruguaia? S: Me considero....até porque a gente acaba pegando muitas coisas dos uruguaios coisas dos costumes. Muitas palavras a gente acaba falando em espanhol em vez de português.
P: Te recordas de alguma? Buenos días... (risos)
S: (Risos)...A gente sempre procura falar em espanhol com os uruguaios, mas eles falam melhor português do que os brasileiros em espanhol.
P: Então tu te consideras um pouco uruguaia por essa convivência?
S: Me considero um pouco uruguaia, porque é como eu te digo 90% dos nossos clientes são uruguaios e a gente acaba se adaptando a eles. Pelo convívio, a gente acaba pegando muito dos costumes deles.

Entrevista 4

Idade: 20 anos Sexo: masculino
Profissão: estudante

P: O que seria a fronteira para ti?
S: A fronteira é a divisão entre dois países. (pausa longa)
P: Como Brasil e Uruguai?
S: É Jaguarão e Uruguai.
P: Como morador da fronteira, como é viver na fronteira?
S: Ah...é bom. Aqui, Jaguarão é tranquilo.
P: Tens muito contato com os uruguaios?
S: Não.
P: Tu consideras Jaguarão e Rio Branco como cidades irmãs?
S: Não
P: Por quê?
S: Ah.. por causa do estilo deles, do jeito deles se vestirem e tudo mais ...
P: Tu achas que tem diferença?
S: Tem..tem muita diferença.
P: Que ideia tens de Rio Branco?
S: (Pausa longa) ...Ideia...A ideia do Rio Branco é que tem os *free shop*, é bom de ir lá porque a gente pode comprar coisa diferente.
P: Tu achas os uruguaios parecidos com os brasileiros? Por quê?
S: Nem um pouco. Porque as ideias deles são diferentes. Os costumes deles são diferentes.
P: Como te referes ao pessoal de Rio Branco? Sabes como eles se referem aos brasileiros?
S: Eu me refiro a eles como os castilhanos. Não sei como eles se referem aos brasileiros.
P: Como morador da fronteira, te consideras um pouco brasileiro e um pouco uruguaio?
S: Não, porque eu me criei entre os brasileiros. Eu nunca morei ou fiquei muito tempo no Uruguai, só de visita mesmo.

Entrevista 5

Idade: 20 anos Sexo: feminino
Profissão: estudante

P: O que seria a fronteira para ti?
S: É a divisa entre Jaguarão e Rio Branco. A fronteira é simplesmente uma divisa.
P: Como moradora da fronteira, como é viver na fronteira?
S: É como morar em qualquer outra parte do país.
P: Não achas nada de diferente morar numa fronteira entre dois países?
S: Não acha nada de diferente.
P: Tens muito contato com os uruguaios?
S: Não muito.
P: Tem contato quando?
S: Só quando vamos no *free shop* e algum uruguaio nos atende.
P: Tu consideras Jaguarão e Rio Branco como cidades irmãs?
S: Não.
P: Por quê?
S: Porque tem ideias diferentes, tem rivalidade e...(pausa longa) e...não são irmãos em tudo, não se dão bem, tem ideias diferentes.
P: Terias algum exemplo dessas ideias diferentes?
S: Ah..a comida que eles comem é diferente da nossa, a roupa que eles usam é diferente da nossa, até o cabelo deles é diferente.
P: Que ideia tens de Rio Branco?
S: Rio Branco era uma cidade totalmente despovoada praticamente. Só começou a chegar turistas e tudo depois dos *free shops*. E ela é só visitada por causa dos *shops*.
P: Tu achas os uruguaios parecidos com os brasileiros? Por quê?
S: Nem um pouco. (pausa longa)
P: Por quê? (pausa longa)
P: Pelos motivos que já citaste?
S: Isso.
P: Como te referes ao pessoal de Rio Branco? Sabes como eles se referem aos brasileiros?
S: Castilhanos. Eu já ouvi eles chamando aquele brasileiro ou aquela brasileira. Eles chamam sempre assim.
P: Como morador da fronteira, te consideras um pouco brasileiro e um pouco uruguaio? S: Nem um pouco. (pausa longa). Só porque é uma cidade vizinha não quer dizer que daqui a pouco a gente vá virar uruguaio só porque está aqui do lado.
P: Então tu não te consideras nem um pouco uruguaia?
S: Apesar de a minha mãe ser uruguaia, eu nem me sinto uruguaia.

Entrevista 6

Sexo: feminino Idade: 58 anos
Profissão: dona de casa

P: O que é a fronteira pra senhora?
S: O Uruguai de um lado e o Brasil do outro.
P: Como é viver na fronteira?
S: É como viver em qualquer outra cidade. Não tem interferência. O Uruguai é do outro lado e o Brasil do outro.
P: A senhora tem muito contato com os uruguaios?
S: É tenho....mas pouco. Às vezes eu vou pra lá, mas contato pouco. Pouco.
P: A sra. considera Jaguarão e Rio Branco como cidades irmãs?
S: Não, não considero. Cada um é cada um.
P: Então essa irmandade que se prega?
S: Não, não existe. Uruguai é Uruguai. Jaguarão é Jaguarão.
P: Que ideia a senhora tem de Rio Branco?
S: Ih... agora tu me apertou. Uruguaia. Como uma cidade uruguaia. Simplesmente.
P: A sra. acha os uruguaios parecidos com os brasileiros?
S: Não. Os brasileiros são os brasileiros, e os uruguaios são os uruguaios.
P: Como a sra se refere ao pessoal de Rio Branco?
S: Os uruguaios, simplesmente os uruguaios.
P: Como moradora da fronteira, a senhora se considera um pouco brasileira e um pouco uruguaia?
S: Não. Me considero brasileira. Brasileira, simplesmente brasileira, porque moro no Brasil. Uruguaia não.

Entrevista 7*

Sexo: masculino - idade: 20 anos
Profissão: estudante

P: Tens muito contato com os uruguaios?
S: Tenho muitos amigos, vou a festas. Vivo direto lá.
P: Como morador da fronteira, te consideras um pouco brasileiro e um pouco uruguaio?
S: Me considero um pouco, porque tenho muitos amigos lá. Eu passo lá.
P: Tu consideras Jaguarão e Rio Branco como cidade irmãs?
S: Sim...Ah, porque são países vizinhos, a gente passa lá, e eles passam aqui.

*Conforme anunciamos no item *Os segundos textos: a entrevista pergunta-resposta,* por problema de áudio, a entrevista não foi transcrita na íntegra.

ANEXO G – TÓPICO GUIA DAS ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE

Tópico Guia

1. Definição de fronteira.
2. Diferença entre Rio Branco Jaguarão.
3. Sentimento: um pouco brasileiro e um pouco uruguaio.
4. Irmandade na fronteira.

ANEXO H - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE

Entrevista 1

Sujeito: Mário

Idade: 60 anos

Profissão: Auxiliar Contábil

Bolsista

Idade: 31 anos

Profissão (na época da entrevista): estudante do último semestre do curso de Letras/Espanhol, na UNIPAMPA/Campus Jaguarão

Pesquisadora: Bom, eu gostaria de ver com o senhor o que seria a fronteira? O que o senhor considera fronteira?

Mário: Bom... O que que eu considero a fronteira? A gente que mora aqui na... na... junto com o país vizinho aqui do Uruguai, na divisa entre Jaguarão e Rio Branco. Teria que ter uma... (pausa). Sinceramente, é uma pergunta assim que engloba uma série de atividades principalmente... a gente. Eu gosto muito de política. Eu gosto muito de carnaval, eu gosto de política, me envolvo muito em política, na área social. Eu fui diversos anos presidente da L (inaudível) Jaguarão. Então, essa preocupação que a gente tem de fronteira é que... o uso. O uruguaio vem aqui no Brasil e tem todos os direitos. Na saúde, ele vem aqui no hospital, e é atendido, ele não pode não ser atendido. Lá no Uruguai, nós não temos esse mesmo privilégio.

Pesquisadora: Mas, por que tem essa diferença?

Mário: Porque existe dentro do Brasil... Sinceramente, eles vêm e como os políticos dizem que, pelo Mercosul, acordo no Mercosul, na área de fronteira, 50km pra dentro do Uruguai e 50km pra dentro de Jaguarão, existe um limite, é que os direitos são iguais, mas são diferentes. A gente vai no Uruguai e não tem direito a nada. O uruguaio simplesmente mora aqui, às vezes é clandestino, ele chega no nosso Pronto-Socorro, ele chega no nosso Posto de Saúde, e ele é atendido naturalmente. E, muitas vezes, o custo disso aí, o custo onera, onera muito o nosso município, a Secretaria da Saúde. Porque tira... a gente tem um número X de ficha, se vem 3, 4 uruguaios eles são atendidos, natural. Isso aí subtrai o nosso direito como brasileiro. A gente sente isso aí falando com diversas pessoas, e com a necessidade que exige a saúde. A saúde em Jaguarão é tão precária, está horrível, não só em Jaguarão, mas em outras cidades. Falam de Pelotas, mas Pelotas é um polo que recebe Jaguarão, Herval, Santa Vitória,

Pedro Osório, Cerrito. Ah... O pessoal de Jaguarão fala, mas em Pelotas... o pessoal fica na maca. Mas Pelotas é um que o governo federal não dá assistência social e nós, os uruguaios vêm aqui e têm os mesmo direitos que nós temos. Outra coisa: agora, faz pouco tempo, questão de duas semanas atrás, houve o acordo entre a... o acordo de fronteiriço de que se a gente entra no Uruguai e é barrado... lá tem o azulzinho fronteiriço, criaram o azulzinho de fronteira, e se a gente tiver mal estacionado ou sem sinalização e eles vêm "Usted não sabe que não pode parar aqui?" E a gente sente que está certo, está correto porque tá na fronteira, tá no direito, eles te param e te multam, te tiram os documentos do carro, enquanto tu não paga os documentos, se tu não paga os documentos, eles te recolhem o carro. Já aqui é ao contrário, eles entram sem sinalização, sem para-choque, sem cinto de segurança, e as autoridades tudo bem, por ser zona de turismo, passam por cima, mandam fazer o retorno e mandam embora. Mas nós no Uruguai, a gente não tem essa mesma... essa mesma... liberdade.

Pesquisadora: Claro.

Mário: Então, são essas coisas que a gente fica magoado. Agora, esses dias houve uma reunião por causa dos motoqueiros que é obrigado aqui no Brasil, uma lei internacional, a usar capacete. Agora o Uruguai, daqui até a Lagoa Mirim, uma das praias bonitas, não precisa usar capacete. Então, se é lei, o código internacional é único. Por que que tem? Então, essas coisas no fundo. Assim... assim fica difícil. Aí o uruguaio vem aqui sem capacete e é proibido, a lei diz que tem que usa capacete. Tem que usa cinto de segurança, agora é obrigado, não era, o capitão de trânsito disse na rádio que a gente tem que usa o cinto (ênfase) de segurança. E no Uruguai... o uruguaio entra aqui e fica à vontade, sem problema nenhum, então essas coisas, essas peculiaridades que magoam a gente. Não é o trato com as pessoas de não ser reconhecido como brasileiro ou uruguaio, mas o uruguaio é orgulhoso. O uruguaio chega aqui e fala: a prata, ouro. O brasileiro chega lá... é o cruzeiro, o real (com tom de deboche). É um absurdo. O Uruguai é um país que tá em desenvolvimento, um país infelizmente pobre. O Uruguai nunca teve desenvolvimento, né? Só tem agropecuária. O uruguaio tem orgulho, o brasileiro não. O brasileiro chega no Uruguai e quer falar uruguaio. O brasileiro tem vergonha de fala brasileiro no Uruguai. Em Montevidéu, quando eu morava lá, o brasileiro tinha vergonha de fala em brasileiro. O URUGUAIO NÃO (Tom alto). Ele chega em qualquer lugar: Ah, eu sou "uruguayo" (imitando o sotaque espanhol). O CARA TEM AQUELE ORGULHO. Tipo o argentino. O argentino tem aquela mania de ser inglês. O uruguaio também. Eu sou uruguaio. O brasileiro não. O brasileiro vai pros Estados Unidos e quer falar americano. Vai pro Uruguai e quer falar uruguaio. É interessante, né? Essa diferença.

Pesquisadora: Aham.

Mário: Em princípio, acho que seria isso. Eu sinto que... mas tá melhorando bastante com essa história dos *free shop* é.... (pausa). Deve ser, 40% da mão-de-obra do Uruguai é brasileira. Claro, tem que cumprir aquela exigência, tem que arruma a documentação como fronteiriço, porque agora tem o acordo fronteiriço. Não é como mora no país, pra mora tem outras circunstâncias. Pra trabalha tem que arruma a carteira como fronteiriço. Teve um acordo lá pro tempo de serviço.

Pesquisadora: Pra conta tempo de serviço?

Mário: É. Porque é muito importante pra nós brasileiros. Jaguarão não tem serviço. Como eles também. Eles vêm pra cá e conta tempo de serviço.

Pesquisadora: Aham. Certo. E que outras diferenças entre brasileiros e uruguaios?

Mário: Diferenças entre brasileiros e uruguaios... no sentido de hum... O povo uruguaio é orgulhoso, o fronteiriço, principalmente o de fronteira. O povo de fronteira ele... eu posso falar porque eu morei em Montevidéu porque eu tive paralisia. Lá no centro, bah. Eu devo hoje, o fato de caminhar, ter a minha vida ativa, eu devo isso graças aos uruguaios da parte de traumatologia. Eu fui bem tratado lá, eu não tive custo nenhum. Foi feito isso por causa dos familiares, a minha família é uruguaia, então houve um acordo e me mandaram pra Montevidéu. Eu não podia passar dos 18 anos porque tinha o desenvolvimento ósseo da perna esquerda e eu tinha que faze a operação. Pra lá tudo bem, mas na fronteira, existe, existe uma diferença, é só falar, é só sentir, eu senti em diversas reuniões do Mercosul. É essa situação. A gente vê a diferença no povo fronteiriço. O povo uruguaio é orgulhoso. A gente vê a diferença. O povo uruguaio é orgulhoso.

Pesquisadora: E o senhor não sente isso no povo brasileiro?

Mário: Não... é... eu sou brasileiro. A minha pátria, meu estado do RS. Eu adoro o meu país. A gente sente a diferença. Parece que as pessoas se sentem menores. A gente vê a diferença, né? Por exemplo, a legislação do Uruguai, a legislação é muito rígida. A legislação é diferenciada do nosso Brasil, aqui. A escola pública. A escola pública do Uruguai é "A" escola pública (ênfase). Os professores são bem preparados. Outra realidade.

Pesquisadora: É outra realidade...

Mário: É outra realidade. Eu tenho parentes que são engenheiros lá em Porto Alegre. A gente sente são pessoas formadas em... são engenheiros, traumatologistas. A gente sente que são pessoas... são pessoas novas... parece que têm um desempenho. Parece que o ensino é mais adiante, pra frente, não sei dizer em que sentido. Eu sinto uma diferença. Quem estuda no Uruguai até o ensino médio é um preparatório para nós, bastante diferenciado. Eu não sei o que que é. Eu sinto essa diferença. O fronteiriço é mais aguerrido, o uruguaio é mais aguerrido é no futebol, no futebol, é na participação do povo uruguaio. É um país menor, proporcional ao RS é do tamanho de Porto Alegre. É um país que não dá... A gente vê... Teve agora uma eleição, um representante do Rio Branco, é o... esqueci o nome dele. Ele adora o Brasil, mas ele sente que o povo uruguaio é preparado e ensinado pra produzir dentro do país e ele depois que se forma vai embora porque o país não dá infraestrutura. No Brasil, nós temos tudo isso.

Pesquisadora: Então, o senhor considera Jaguarão e Rio Branco como cidades irmãs?

Mário: Eu considero. Eu tanto considero que pode ser cidades irmãs porque como eu disse anteriormente, o uruguaio dentro de Jaguarão, nós, nós consideramos mais o uruguaio do que o uruguaio considera o brasileiro porque o uruguaio chega no Brasil e ele é tratado com carinho. O uruguaio chega aqui, pede. E a gente sente que tem ah, é, momentos que Jaguarão depende de Rio Branco, e tem momentos que Rio Branco depende de Jaguarão. Nós, há poucos anos atrás, Jaguarão dependia de Rio Branco, nós tínhamos um comércio cento e poucos mil habitantes. Hoje, o comércio de Jaguarão é pra vinte e cinco, trinta mil consumidores. Então a infraestrutura que foi criada pro comércio de Jaguarão, o comércio de Jaguarão está sucateado, ele não tem consumidor, antes era o uruguaio, agora virou. É momentos pro Uruguai, é momentos pra Jaguarão, então existe essa amizade e esse interesse comercial entre países por causa disso.

Pesquisadora: Então, o senhor veria essa relação de irmãos, de irmandade só por isso? Por causa do comércio?

Mário: (o entrevistado se atrapalha um pouco) Pelo comércio e porque o uruguaio no Brasil, na fronteira, o fronteiriço que reside na fronteira tem mais direitos. Porque na realidade ele não teria esses direitos, ele não teria o direito de vir aqui consulta no nosso posto, ter atendimento médico. Nós vamos no Uruguai e a gente não tem esses direitos. Acho eu, existe um pouco, um pouco de... de, com... de sensibilidade brasileira de aceitar.

Pesquisadora: Mais da parte da brasileira?

Mário: Mais por parte da brasileira nesse sentido porque eles vêm aqui e têm todos os direitos que nós temos nessa área. Nós lá se dá uma infelicidade, um problema, um acidente. Vou dar um exemplo: um acidente de trânsito. Eu já vi acidente de trânsito com danos materiais e tem que fica preso de Rio branco a Melo e até fica preso em Montevidéu. Porque a justiça é ágil ali, as coisas acontecem, e o juiz da Comarca, ele mesmo dá a voz de sentença se o cara tem que pagar, é rápido. Aqui no Brasil não, depende, tem liberação, tem... Lá, no Uruguai, não, aquela coisa. Então é muito perigoso para nós fronteiriços e... (pausa) Porque nós, no Uruguai, não temos direito (tom mais alto). Quem disser que... se nós viemos na rua e uma pessoa bate em nós. Nós nunca temos direito. Se a gente vier na rua principal e um uruguaio nos bate... Eu não vi até hoje um brasileiro ter o mesmo direito que um uruguaio tem. A autoridade, a autoridade no Uruguai. A gente diz "vamos fazer um acerto". Isso não existe. Depende então, perde. Fica preso, paga depósito, isso já começa quando a autoridade intervém, o brasileiro não tem, o brasileiro não tem autoridade. Tem gente que diz, "não, não é assim". É assim, sim. Porque eu tenho visto muitas, muitas pessoas amigas, pessoas de bem, é. Eu vou te dizer uma coisa: esses dias nós saímos daqui porque a gente tem uma filial aqui do lado, no Uruguai, e nós íamos passando, Trinta y Tres, com o carro documentado, legalizado, só porque era um colega meu que tinha me acompanhado, brasileiro, com documento uruguaio, com carro da empresa legalizado, nós ficamos presos mais de 2 horas na alfândega. Eles têm uma alfândega ali na entrada, e o guarda queria propina, e nós távamos legalizados e ele queria propina.

Pesquisadora: O guarda uruguaio?

Mário: É, o guarda alfandegário. Porque é uma, é uma, é um posto da receita federal uruguaia. E ele queria, o cara queria de qualquer maneira e, até que nós convencemos ele que a gente tava legal porque ele achava que a gente estivesse (pausa). E aí nós acionamos a empresa e veio o delegado, o advogado pra saber por que motivo a gente estava detido lá. Aí foi que nos liberaram, mas a gente teve mais de 2 horas e meia parado. Então, que direito é esse? Que vantagem? Brasileiro, quando eles querem.... como nós também temos as nossas, aqui na nossa fronteira, coisas, aquela coisa de deixa passa, pra uns passa, outros não passa. Tem esse privilégio. Mas no Uruguai, brasileiro não tem privilégio. É como na Argentina. Na Argentina, brasileiro não tem...

Pesquisadora: Não tem vez?(risos)

Mário: Não tem vez. É verdade.

Pesquisadora: E como é viver na fronteira?

Mário: Como é que é viver na fronteira? É... Na minha visão... são cidades pacatas, a gente pode anda a pé, todo mundo se conhece. Aqui tem 23 mil habitantes. No Uruguai, deve ter 4 mil. Pra quem... Eu sou casado, já me aposentei, então todo mundo se conhece, do outro lado, todo mundo também se conhece. Então é uma maravilha viver na fronteira.

Pesquisadora: E o fato do senhor morar na fronteira? O senhor se considera um pouco brasileiro e um pouco uruguaio? Como é que é isso?

Mário: Ah não... aí não, eu sou brasileiro. Me perdoe, mas eu sou brasileiro. Se o marco de fronteira é... pode muda, né? Mas podem dize "ah, esse cara é muito demagogo!" Não é demagogia, é porque, se de fato as coisas no Mercosul funcionassem, seria uma maravilha. Se é que... faz 12 anos que criaram isso aí. Já criaram câmara de desenvolvimento do Mercosul, já criaram câmara na área da educação, na área de... aqui iam fazem uma escola binacional, aqui no Uruguai e no Brasil, na fronteira, mas isso só fica só no papel porque o direito nosso é limitado no Uruguai. Eu sou brasileiro, eles são uruguaios, eu respeito, eu sou assim, o meu limite vai até o próximo. Então, eu também gosto, adoro os uruguaios e eu devo muito a eles é, mas, como já falei o negócio da minha perna. Então, eu viajo pro Uruguai. Mas eu não troco meu país pelo Uruguai de maneira nenhuma. Eu sou brasileiro, brasileiro mesmo.

Pesquisadora: É mesmo? Tem vários que comentam isso que não trocam o Brasil pelo Uruguai de jeito nenhum, inclusive alguns que são filhos de uruguaios...

Mário: Não só os filhos de uruguaios, mas eu não trocava o Brasil por nenhum país do mundo. Eu, se tivesse financeiramente... se eu tivesse posse, eu ia saí daqui pelo Chuí e ia pra Bahia pra conhece o país, gasta tudo no país. Agora, o pessoal sai daqui, quer ir pra Punta Del Leste, se nós temos o Cassino, temos Cidreira, temos Capão da Canoa. Agora, vai ali pra Punta de Leste, gasta uma fortuna. Claro, cada um tem seu gosto, mas... E no inverno vão pra Argentina, porque a Argentina... (risos)

Pesquisadora: Bem, então eu tinha lhe perguntado sobre a irmandade, essa irmandade que se prega. O senhor acha que realmente existe essa irmandade entre Jaguarão e Rio Branco?

Mário: Não (titubeou)... Existe uma irmandade, mas os limites do brasileiro. Eu acho que os uruguaios têm mais direitos dentro do Brasil do que nós. Nós, no Uruguai, não temos direito a nada. Voltando, assim oh, na área de serviço. Nós pra trabalharmos no Uruguai, nós temos que cumprir um período de 3 meses de experiência. Nesses 3 meses de experiência, nós temos que ter por obrigação a carteira de fronteiriço, temos três meses de carência, se não tiver três meses de carência e não trabalha mais, se nesses três meses tu não tiver a tua carta de trabalho e legalizar a documentação. E no Brasil é ao contrário. No Brasil, tem um monte de uruguaio clandestino morando no Brasil. De vez em quando a polícia federal faz uma garimpagem pega um, dois. E acontece de sabe que é uruguaio clandestino quando eles se envolvem em alguma coisa, em questões policiais, em questões de trânsito, em questões de negócio, mas aqui no Brasil, no RS, existem milhares de uruguaios que vivem clandestinamente. No Uruguai, não tem isso aí. No Brasil, tu denuncia, os caras não dão bola. No Uruguai, a autoridade vem e toma uma atitude. É uma diferença muito grande. Por isso que eu digo, o uruguaio é orgulhoso. O uruguaio gosta do Uruguai. O brasileiro acomoda, acomoda as coisinhas.

Pesquisadora: E o senhor tem bastante contato com os uruguaios?

Mário: Tenho muito contato. Além de ser de origem uruguaia, meus parentes. Eu tenho relação diária porque a empresa que eu trabalho. Então tenho muita relação, relação de fim de ano com a empresa e, e, empresa com cliente. A gente está sempre se relacionando, visitando cliente. Eu trabalho na área contábil, mas a minha função, de vez em quando eu saio da minha função pra auxiliar colega, então "ah eu não conheço, fulano de tal". Então, o patrão me diz: "Vai lá que tu conhece". Então, essa relação a gente tem.

Pesquisadora: É mais de trabalho?

Mário: É comercial. É comercial mesmo.

Pesquisadora: Hum, então é mais comercial, por via de trabalho. O que eu ia lhe perguntar... Então com relação às diferenças, o senhor vê mais em termos das leis?

Mário: Em termos de aplicação da lei. Dos direitos e deveres. Falam tanto em direitos e deveres que nós temos que ter para sobreviver como cidadão. Temos diversas obrigações e deveres e o direito nosso é limitado. A senhora vê... na própria vida. A gente luta, luta. Na previdência Social, eu trabalho há 41 anos na minha profissão. Eu já me aposentei. Aí, ah não tira férias. Eu tiro férias entre linhas. Se eu tiver que ficar uma semana em casa, eu fico. Mas, o bom seria passar trinta dias, mas a gente precisa, né. Tem família, mas a gente faz, faz, procura o acerto e continua trabalhando, porque tem família pra sustentar. E os direitos nossos? Os direitos nosso vão pra previdência. Eu agora quando fui requerer minha aposentadoria perdi quase 300,00, uns R$ 350,00. Eu tinha tempo de serviço em Porto Alegre, mas não tava gravado no INSS, não tive direito. Vou colocar advogado. E no Uruguai também. No Uruguai, é horrível. No Uruguai, o cara morre trabalhando. O cara morre com 70 anos. O salário no Uruguai é mínimo, lá tu tem muita vantagem na ativa, depois que se aposenta, é um horror. Aqui, ao contrário. A gente tem algumas vantagens.

Pesquisadora: E algumas coisas parecidas? O senhor vê que tem algo parecido entre jaguarenses e rio-branquenses? Brasileiros e uruguaios?

Mário: A participação. A participação na área de turismo, na área de festa. Agora mesmo teve uma festa na Lagoa. Como é que é? O lual.

Pesquisadora: Lual?

Mário: O lual. A escolha da garota lá do Uruguai. Se tu fosse lá, tinha 40.000 pessoas. Dez vezes mais a população do Rio Branco. Mas desses 40 mil, 30 mil pessoas, desses 30mil, 20 eram brasileiros. 20 mil eram brasileiros. Então, essa participação, essa questão social, assim de festas, é bastante tensa. Essa é relação que tem. (ACHO QUE quis dizer intensa).

Pesquisadora: Tensa??? Mas não no sentido de dar confusão?

Mário: Não, não. Confusão, infelizmente hoje a juventude hoje, né. Aqui na cidade onde a gente vive, bastante tráfico. E não só, as pessoas dizem "as pessoas pobres", não é só as pessoas pobres. Hoje é da classe média pra cima. E não existe a classe média. Ou existe rico ou existe pobre. A classe media, na minha opinião, é o cara que conseguiu adquirir, falam em classe A, B, C, D.. Eu não sei se o Brasil tem a classe D. Ou o cara é pobre ou é rico. A gente luta pra sobreviver, já consideram a gente classe B ou C. Eu não sei, pra gente consegui essa diferença aí, tem que ralar bastante.

Pesquisadora: É tem que rala muito.

Mário: É como a senhora mesmo, ta trabalhando, ta lutando pra se doutorar. Não sei, tem uma diferenciação. No Uruguai, é diferente: quem é rico é rico; quem é pobre é pobre.

Pesquisadora: Será que eles não têm essa questão de classes?

Mário: Não... no Uruguai tem mais pobre do que rico.

Pesquisadora: Eu acho que sim...

Mário: Em termos proporcionais, o Uruguai é tão pequeninho, e a pobreza no Uruguai é muito intensa. A gente entra no Uruguai, em Trinta y Tres, tirando Maldonado, Montevidéu... o Uruguai é pobre.

Pesquisadora: Agora, o senhor não teria vontade de morar, se mudar pro Uruguai, morando tão pertinho?

Mário: Ah não.... Infelizmente, não.

Pesquisadora: Não teria?

Mário: Não. Agora, eu vou no Uruguai porque é um direito que eu tenho. Porque... Aí tem uma diferença. Desculpa aí. A diferença do Uruguai. Agora me lembrou. Se o uruguaio tem direito de tirar documento no Brasil porque o tataravô dele, a lei X lá ampara ele, ele tira. Se ele tem direito lá na Espanha, se o tataravô dele, ele tira porque o dia que ele quiser ir pra Espanha, ele vai pra Espanha. O brasileiro não faz isso. Eu mesmo tenho direito. Meu avô era uruguaio. Eu agora vou tirar o documento, até porque eu já ando atrás. Eu fui a Melo e não era em Melo, fui a Trinta y Tres. Mas trocar meu país pelo Uruguai , por outro país, eu nunca vou trocar.

Pesquisadora: Por quê?

Mário: Porque eu sou brasileiro, não sei, eu gosto do meu país. (risos)
Pesquisadora: Bom que tu já participa também né. (presença de uma terceira pessoa)
Mário: (Inaudível) Antes de colocarem os *free shop* no Rio Branco, o Rio Branco era uma miséria. O Rio Branco...

Bolsista: Mas o que que é o Rio Branco depois das sete horas que fecha os *free shop*? A gente passa lá, esses dias eu passei lá às oito horas da noite, é triste, é um lugar é triste.

Mário: Não, não, mas, eu até concordo em parte contigo, mas o povo do Rio Branco tá mais participativo. Eu não digo aqui, colado na ponte, eu digo mais lá pro centro do Rio Branco, na praça. Ali na praça central antigamente não via uma pessoa. Hoje as pessoas participam, já fizeram lugar de, de lazer. É, é, as pessoas hoje se reúnem na praça. Antigamente não acontecia isso. O próprio uruguaio que participava da Lagoa Mirim há poucos anos atrás... Era o brasileiro, o uruguaio não participava. Hoje não. Hoje a vida do uruguaio... E tem gente do centro do Uruguai, é... Investindo no Rio Branco. Nos *free shop*. Então isso aí, é vem, vem impostos né. É, é uma maneira, é diferente a maneira tributária de aplicação. Cada município tem, é autônomo, no caso, é autônomo. Sabia que a prefeitura é autônoma na arrecadação

monetária do, dos tributos?... É... Não é como o povo de Jaguarão, que nós inclusive aqui paguemo pro governo federal e sempre morde um pouquinho. Morde o estado e morde o lado Federal.

Pesquisadora: Aham.

Mário: Cada estado paga pro governo federal, e no Uruguai é diferente, a maioria, a maior parte fica com, com a cidade produtora do imposto. E o resto fica pro governo federal. E ele investe... Aquilo existe muito. Com essas mudança dos *free shop*, o governo enriqueceu. É tudo asfaltadinho. É tudo... Não tem problema de esgoto, não tem pobreza, agora não tem pobreza no Uruguai, aqui no Rio Branco. Faz um tempo já. Aqui no Rio Branco não tem mais pobreza. Aqui não tem os... Os idosos são bem tratados, eles tão tentando (inaudível) a parte de,... Essa parte de, de, da área, da área de saúde. Porque lá existe muita... Existe muita é... Convênios de saúde, né. O governo em si não dá assistência. Tem essa... Tem convênios. As clínicas particulares fazem convênio.

Pesquisadora: Aham.

Mário: O governo em si, o hospital deles lá não tem recurso assim.

Pesquisadora: Não tem...

Mário: O mínimo recurso... Então é assim... Cresceu bastante, né. Nessa situação. Agora...

Pesquisadora: Os *free shops* né, trouxeram desenvolvimento...

Mário: Isso, isso.

Pesquisadora: Mas a Cátia não... Essa coisa de irmandade pra ti não tem muito, né?

Mário: Ah não, isso eu sempre digo. Porque o uruguaio é, é pretensioso. Eu nem poderia dizer isso porque...

Pesquisadora: Ele é o quê?

Mário: O uruguaio é pretensioso. É orgulhoso é. O uruguaio é pretensioso. O uruguaio ele tem mania é... é... Numa festa, por exemplo, ou então... O povo brasileiro, o povo gaúcho (inaudível) nós somos, simples, gostamos de, de, ficar a vontade. É... E o uruguaio não. Tu vai num aniversário lá, e a gravata verte do pescoço. Vai numa área, vai num grupo social lá, a gravatinha é...

Pesquisadora: Ah é?

Mário: É... É tudo de gala.

Pesquisadora: Aqui em Rio Branco?

Mário: Aqui em Rio Branco? É, no (inaudível) ali...

Pesquisadora: Até num jogo de futebol vão?

Mário: Ah é... De gravata. Lá numa reunião, numa reunião social, eles são, eles são, é, tem uma origem parece grega assim, parece... O grego também é pretensioso assim... é meio autoritário.

Pesquisadora: Sim...

Mário: Porque eles têm é... O Uruguai eles têm essa, esse, esse pensamento que ele é o argentino. Porque argentino é orgulhoso. E eles querem ser... O uruguaio quer ser superior ao argentino (Inaudível). Que não querem... Que ele é superior ao argentino. Então o uruguaio ele é orgulhoso.

Pesquisadora: Eles são espremidos, né?

Mário: Eles são espremidos. E eles têm essa mania de, de, de né... De, de, enfim... Que eles têm uma vaidade muito, muito, um pensamento de querenciar conosco... Não sei se é pela, pela, pela educação... (Pausa). Pela maneira que eles conseguem... Porque... Incrível que pareça, o uruguaio tem uma facilidade, de conseguir, é... Estudar fora do país.

Pesquisadora: Hum.

Mário: Se aperfeiçoar fora do país. Ele faz aquela... O mestrado eles devem ter... Eles conseguem fazer esse convênio. Muita gente lá... E não precisa ser gente rica. Já no Brasil é uma dificuldade. Né... Pra gente fazer um acordo nacional e internacional de, de vaga estudantil é... Só se tiver aí um, um... Não tenho nem ideia de como...

Pesquisadora: E tu acha que eles têm poucas universidade públicas, né? Eu acho que é só Montevidéu que tem aquela Universidad De La República.

Mário: É...

Pesquisadora: Eu acho... Não tem universidade pública...

Mário: Eu, eu, eu digo que aonde eu morava em Montevidéu (Inaudível). Ali tem a faculdade de Odontologia, a faculdade de medicina.

Pesquisadora: Hum.

Mário: É tudo federal. Não é particular. E o médico traumatologista, que é o Doutor (Inaudível). Ele é... Bhá... Ele é...

Cátia: Mas é só em Montevidéu essa faculdade?

Mário: Ah, só em Montevidéu.

Pesquisadora: No interior não tem, né?...

Mário: O, o, o interior do Uruguai é pobre.

Pesquisadora: É...

Mário: É. O ensino é meio... O médio é muito bom. Agora, os professores bem preparados, agora... Buscar uma... Buscar uma, uma (Inaudível). O uruguaio é...

Pesquisadora: Mas aqui na UNIPAMPA acho que tem poucos alunos uruguaios. (Pausa). Eu achei que iria ter mais.

Cátia: Eu acho que é meio burocrático também, né?

Pesquisadora: É, eu não sei como é que funciona...

Mário: É, é... Aqui... Eu não sabia sinceramente que tinha uruguaios, alunos uruguaios estudando na UNIPAMPA.

Pesquisadora: Tem.

Mário: Claro... Tem que cumprir aquela tradição de, de, de, de... Tradição de, de, documentação, tudo, né? Agora tem uma cunhada minha que participou duma, ela participou... Ela é casada (Inaudível). E ela quis participar do... Agora da...

Cátia: Do conselho tutelar.

Mário: Do conselho tutelar. E, e ela se formou no Uruguai. No Uruguai. E ela... (Inaudível).

Pesquisadora: Só que, os poucos alunos que a gente tinha ali, eu acho que são muito tímidos, são pessoas guardadas, e parecia, alguns, que não se sentiam à vontade. Não sei por quê.

Mário: Mas e conhecimento... Nunca... Nunca...

Pesquisadora: A questão da... Até a própria língua assim... O desespero por não falar... Por não ter sotaque. Né? Por não querer...

Mário: Ah, mas não era fronteiriça.

Pesquisadora: Fronteiriça ali de Rio Branco. Desespero ali, porque ele quer falar português bem e não quer falar... Não quer ter sotaque espanhol. Isso que eu acho estranho...

Mário: Isso é interessante... Sinceramente, essa é a primeira pessoa que eu vejo falar isso. Eu não sabia.

Pesquisadora: É... Tem várias...

Mário: Em tudo que reuniões, em tudo que reuniões que eu participo... Eu já participei de diversas reuniões do Mercosul, aqui... De acordos do Mercosul sobre segunda fonte. E essa transação dos direitos dos fronteiriços (Inaudível). Deputado Busato... Eram dezoito candidatos federais. Tinha dois baianos e tinha um goiano. Vieram apoiar o Rio Grande do Sul, para o desenvolvimento do Mercosul. E eram, e eram deputados da câmara dos deputados do Mercosul. E... E uruguaio não. E uruguaio sempre querendo... Uruguaio tá sempre, é um problema (pausa). É sempre problema do Uruguai. Nunca tem problema brasileiro.

Cátia: É, mas eu acho que agora...

Pesquisadora: E eles se queixavam, alguns dos meus ex-alunos, eles sempre diziam que o pessoal aqui de Jaguarão que vai pra Rio Branco, eles não fazem questão de falar espanhol. E os próprios jaguarenses que moram em Rio Branco, que eles não querem aprender espanhol. Eles querem ficar falando português. E que eles, quando vêm pra cá, eles fazem questão de falar em português e querem falar em português.

Mário: Eu acho que (Inaudível). Sinceramente, né? . É zero vírgula zero, zero, um por cento do Uruguai que pensa assim, porque eu tô diariamente falando com uruguaio, né? E eu chego no comércio lá, por incrível que pareça, chego no comércio da firma lá e... Quanto é? Quero pagar em.. O dinheiro deles é a melhor moeda do mundo.
(Risos)

Mário: Ah não... É impressionante os estudantes da faculdade dizendo que queriam aprender português.

Pesquisadora: Aprender, né? Que não querem ficar com sotaque. Tinha umas meninas ali que eu até dizia: mas por que não? Não quero, não quero, não quero. Ou eles, talvez essa coisa da perfeição...

Pesquisadora: (Inaudível)... o Juliano é filho de Uruguaio e ele não tem sotaque nenhum.

Mário: Tá, mas mora em Jaguarão?

Pesquisadora: Moram... Agora tão morando em Jaguarão. Mas a Cíntia morava no Uruguai... Atravessava todo dia.

Mário: É... Sinceramente, eu fiquei surpreso...

Pesquisadora: Surpreso?

Mário: Surpreso, porque... Ó... É... Um inocente... Um inocente uruguaio, quando vem os fiscais aqui brincam... E só falam bobagem. São assim direto...

Pesquisadora: E o senhor sente assim por esse contato, assim, pelo seu trabalho, o senhor tem algum hábito, algum costume dos uruguaios?

Mário: O único costume, o único costume que eu tenho do Uruguai, é um costume fronteiriço aqui. No Brasil é como tomar cerveja.

Pesquisadora: Hum. E em termos de língua, o senhor não...

Mário: Não.

Pesquisadora: Nada...

Mário: Não, eu tenho que, eu tenho que muitas vezes falar com... Ah... Eu, eu, eu... Eu entendo tudo que o uruguaio fala, mas, é... Tem certas é... Certos... Objetos, que no Brasil é... É chamado de A, e no Uruguai é B. É diferente... É... Tem certas. Mas tem muitas peças dentro da área automotiva que é diferente. Então eu tenho que aprender isso aí. Sou forçado a aprender.

Pesquisadora: É...

Mário: Agora... Tentar falar... Aprender... Mas não que, que... Mas tudo que eles falam eu entendo... Que aprendi... Agora falar o que... Nós temos fregueses que não são fronteiriço, são... Não entendem nada de português. Tenho colega, tenho freguês que vem aqui no, visitar Jaguarão, que não sabe falar, não entende brasileiro, se falar rápido então eles ficam... Ficam só...

Pesquisadora: O senhor não fala espanhol?

Mário: Eu falo bastante!

Pesquisadora: Ah...

Mário: Muito. Mas também eu fui... Uma, por necessidade (inaudível). E... Aprendi... Não sei falar muito o espanhol... Mas aprendi... Até escrever alguma coisa em espanhol eu escrevo, mas só por necessidade, né? É, porque, lá na firma do Uruguai mesmo nós íamos buscar pessoal e... Tinha nota fiscal, tinha documentação, por causa dos contratos (Inaudível).

Bolsista: Imagina... Que frescura! Eu quase peguei (Inaudível).

Pesquisadora: E da cultura uruguaia, então o senhor é só o... O churrasco?

Mário: Ah não, não... Eu gosto, eu gosto muito do folclore assim... Eu gosto assim do ambiente. Da música, da música uruguaia eu gosto muito.

Pesquisadora: Hum...

Mário: E de... Até de participar. Eu gosto muito de... De assim, onde tem povo assim... Onde tá... O carnaval... Futebol... Aonde tá a política...

Pesquisadora: Ai, que bom né... Que bom! Bem bom mesmo...

Mário: É, carreiras... Existe, existe muito encontro de moto, de motoqueiro...

Pesquisadora: Teve no final de semana passado, né?

Mário: Teve aqui é. Eu fui lá em Trinta y Tres, quando é em Rio Branco eu vou. Mas geralmente eu... Aí eu vou de batedor... Cinco, seis vindo de moto, e eu vou de carro dando apoio, né? Só pra participar, né?

Pesquisadora: Aham...

Mário: Pras praias... A brincadeira... Do churrasco de... (Inaudível)

Pesquisadora: Aham... E como é que o senhor vê assim os uruguaios? Que ideias que o senhor tem deles? De comportamento?...

Mário: Ah... Comportamento, hoje... É... Vou dizer no sentido assim... No sentido é de, de... É de... Hoje mudou muito. O povo uruguaio tá mudando muito. Mas há uns anos atrás o povo

uruguaio era que nem o brasileiro. Ele tinha medo... Há pouco, há poucos anos atrás. Lá na década de oitenta o uruguaio tinha... Não podia fazer muita coisa que ia preso.

Pesquisadora: Hum...

Mário: Na ditadura. O uruguaio passou um... Que nem nós. Passou uma repressão... E, a autoridade do exército, da força policial era muito rígida. E muitas vezes passando (inaudível) e muitas vezes também em Montevidéu (inaudível). E à noite assim a polícia chegava e encostava assim e tinha que... E isso, isso, eu tô dizendo o seguinte que aconteceu lá em... Setenta e nove, oitenta, oitenta e um... Encostava na parede assim... Bruscamente e tinha que... Só da maneira de se vestir eles sabem se é uruguaio ou se é brasileiro. É que nem o cara, a pessoa que mora em Porto Alegre, a pessoa que mora... É maneira de falar, maneira de, de agir, a maneira de gesticular... A gente vê, esse cara não é de Jaguarão, esse cara é de Porto Alegre.

Pesquisadora: Pois é... Várias pessoas me falaram da diferença entre uruguaios e brasileiros que existiu. O que que tem na roupa de diferente?

Mário: Ah, o brasileiro é muito mais vaidoso...

Pesquisadora: Ah... O brasileiro é mais vaidoso?

Mário: A mulher brasileira é mais vaidosa. A mulher brasileira mal usa hoje uma coisa, e as uruguaias vão lá e usam... As senhoras uruguaias lá, bem vestidas, e usam aquela maneira de usar chapéu, (Inaudível).

Pesquisadora: Ah...

Mário: No Brasil é nos Jóqueis Clube, lá na...

Pesquisadora: Ah tá...

Mário: Agora encontra os familiares... Aí já a mulher brasileira é mais fina, é mais, é mais... O homem uruguaio gosta, usa muito a gravata. De terno. Ele gosta de usar a fatiota inteirinha assim. Ele vai participar da igreja, encontro, tudo assim.

Pesquisadora: Ah...

Mário: É na maneira de, de, de diferenciada, assim, né?

Pesquisadora: Diferenciada...

Mário: Né?

Pesquisadora: Aham...

Mário: Já aqui no, no, no, no... As senhoras e moças fronteiriças aqui... O que a brasileira lança moda aqui é moda no Uruguai.

Pesquisadora: Aham...

Mário: Eles se vestem conforme os brasileiros gostam... No Uruguai, né?

Pesquisadora: Aham...

Mário: Pegam a moda brasileira. É essa a diferença. E na parte alimentar é totalmente diferente também. Eles gostam muito da massa e de carne. Nós comemos feijão, eles não sabem comer feijão preto. Eles nem sabem fazer o feijão preto. Eles fazem é feijão, de cor, aquele amarelo. Fazem... Botam todos os ingredientes, botam carne de porco, botam tudo ali... Mas, é totalmente diferente (inaudível) da feijoada tradicional nossa.

Pesquisadora: Aham.

Mário: No caso, o Brasil todo tá comendo hoje, por causa do gaúcho.

Pesquisadora: Aham.

Mário: E no Uruguai o feijão é diferente. (Inaudível). Esse feijão preto que nós fizemos eles não sabem fazer.

Pesquisadora: Não sabem...

Mário: E no centro do Uruguai não comem feijão preto, só o amarelo.

Pesquisadora: Ah não...

Mário: Só o amarelo e o marrom aquele.

Pesquisadora: Sei.

Mário: Só o feijão amarelo aquele... O preto não comem. Essa é a diferenciação deles. E são... é um povo, diferenciando um pouco da, da,da... Dessa coisa que existe, de cidade de fronteira. Que uma cidade quer sempre superar a outra. E, na... Na cultura... Existem...

Pesquisadora: Rivalidades...

Mário: Não, não não... Não é rivalidades. (Inaudível). É... Ser melhor assim, e ter orgulho eu acho. Até por (Inaudível). No futebol também, se nós tiver um time pra disputar ali é guerra...

Mário: Ah é...

Pesquisadora: Ah, é bem cruel ali. (Inaudível). Ah são... são crentes... E o futebol, e a cultura deles também... São pessoas inteligentes e tudo... São ambiciosos. Eu digo, é... Que em momentos assim... Direitos, direitos dos cidadãos (Inaudível). É direito que nós temos, como brasileiro, que o Mercosul nos dá direito de ter uma defesa, buscar os direitos lá no (Inaudível). É... Exigir o direito. Se nós for parado, ter um problema no Uruguai, e... Se nós tivermos tudo certo e exigirmos nossos direitos (Inaudível)... Com carteira... A carteira verde de... De carro. Eles te param e... Se tu exigir assim, aí tu (Inaudível)... Não sei se tu já viajou lá, mas lá é assim.

Pesquisadora: Aí é complicado, né?

Mário: É... Caminhoneiro, eles vêm aqui pegar esses (Inaudível)... e a cabineira ataca o cara na estrada, não tem nada... Eles vão lá e exigem uma pecinha lá... Lá no Uruguai exigem muito aquela... o refletor, aquele. E eles param ali, enquanto nós não temos o (Inaudível). Não te liberam... Eles inventam uma coisa. Sinaleira de... Mandam te encostar pra... No posto ali pra, pra...

Pesquisadora: Tu vê, e é engraçado que eles têm uma fama muito de rígidos, de... Conservadores, severos e aí fazem esse tipo de coisa, né?

Mário: Infelizmente é assim, né?

Pesquisadora: É estranho mesmo...

Mário: E não... E é o direito, né? Eu soube que isso no Uruguai é o direito, né? Uma vez eu tive que ir, três horas e meia, eu fiquei doente... Eu fiquei assim, ó... Eu fiz uma curva (Inaudível)... quando, antigamente a gente, (Inaudível) no Uruguai, o carro motor que chamavam. Que eram dois vagão (Inaudível). De Rio Grande a Jaguarão e (Inaudível). E eu tinha uma (Inaudível), e eu derrapei a (Inaudível) e caí numa valeta, e (Inaudível)... puxar o paralama... E eu não me dei conta. Que, que eu tinha amassado o paralama. E a minha sinaleira ficou piscando pra baixo. E eu saí na ponte; quando eu saí e fiz sinal pra entrar o guarda parou... Encostaram. E quando eu vi veio a polícia deles num pau lá. E eu fiquei apavorado, o que que aconteceu?... Não... Mas eu deixei (Inaudível). Eu tive três horas e meia e aconteceu isso e isso, o cara foi lá ver se eu derrapei, que ele não sabe se eu tinha brigado com alguém; que que é isso, pelo amor de Deus! E, e, e, e tinha dois, tinha dois policial que tava... Um mais velho que não simpatizou comigo, até hoje não simpatiza comigo no Uruguai. Mas tinha os mais novo, que me conheciam e não podiam fazer nada porque o chefe deles era o mais velho. Não, não, (Inaudível). Imagina, se dá uma infelicidade de alguém bater aí... Uma pessoa com o carro (Inaudível)... numa pessoa no Uruguai naquele momento eu era o culpado. Eu era o culpado... (Inaudível). Isso aconteceu eram quinze pras oito da noite. Sai de lá quase meia noite de lá...

Pesquisadora: Báh...

Mário: Na delegacia... E não me deram... E eu já fiquei brabo, né? Eu já fiquei meio invocado. Aí piora, aí, aí...

Pesquisadora: Aí vem tudo...

Mário: Aí, aí, aí, sim... Aí se (Inaudível)... É esse direito que na fronteira (Inaudível). Que aqui no Uruguai, aqui no Brasil, os cara, é claro, só em questões de briga... é como... Situações de baile... Se encontram em jogos, né? Brasileiros e uruguaios se metem... Aí brigada ali (Inaudível). Tem que agir pra terminar o tumulto. Mas... Agora... De prender o cara porque (Inaudível)... de fazer horrores assim, eu nunca vi em Jaguarão. Eu nunca vi...

Pesquisadora: Aham.

Mário: Olha, aqui a gente conversa com as pessoas, tem colega que, são policiais aqui... Os caras sempre amenizam as coisas. E, e, tentam fazer rápido as coisas. Lá não, lá é tudo... E se a gente fica brabo então é...

Pesquisadora: Aí sim...

Mário: Aí tu paga os pecados. Fica lá...

Pesquisadora: E isso que o senhor falou da, da, de, briga entre jovens, entre uruguaios e brasileiros; mas é briga por bobagem? Não por ser brasileiro ou uruguaio...

Mário: Ah não, não... É... Beberagem... É ciumeira... É coisa de jovem, né? Namoradinha... Lá... Se empurrando dançando aí... (Inaudível). Acontece até... Já aconteceu diversas vezes violência de, de turma brigar com uruguaio, brigar com turma uruguaia. Ah, brigaram no baile passado... Aí se junta a turma do seu João lá, com a turma do Paulo uruguaio... Quando se encontram num baile lá, na saída, aquilo é fantástico.

Pesquisadora: Mas aí briga aqui?

Mário: Tanto lá como aqui. Brigam nas festas lá, pra lá (Inaudível) Se deu uma briga no lado brasileiro aqui, e se encontram lá, eles se pegam no Uruguai lá, é a mesma coisa. (Inaudível)...

Cátia: Mas aqui é mais grave... Se tiver uma briga entre (Inaudível). Mas se for um uruguaio e um brasileiro, aquilo fica por semanas... Aí vira ganga já...

Mário: Aí, quando se encontram lá (Inaudível). Mas isso em toda parte acontece isso, né? É, bairro A com lado C lá. Tem umas turminha que não se gostam... Se topam lá... E não é droga, é... Pode ser um pouco de droga também, né? Mas é muito fácil esse negócio de droga nas festas, né? Mas eu acho que... Existe essa rivalidade e se encontram depois e ficam... E brigam até se machucarem... Ano passado mesmo atravessou um rapaz ferido lá, facada... Ano retrasado, né? Que um rapaz levou uma facada no carnaval. Tinha brigado com um cara lá no Uruguai e veio aqui, se mostrou, o cara pegou ele (Inaudível), deu uma facada nele (Inaudível).

Pesquisadora: Mas brasileiro?

Mário: Não, uruguaio. Tinham dado num brasileiro, e o brasileiro pegaram aqui, e (Inaudível). Conseguiu escapar e caiu, foi morrer lá no outro lado do Uruguai, atravessou a ponte...

Pesquisadora: Mas e, talvez nessas brigas deve sair alguma coisa tipo, ai eu vou te pegar ô seu uruguaio, vou te pegar brasileiro.

Mário: Não, não, não...

Pesquisadora: Não...

Mário: Criar essa diferença porque é uruguaio ou brasileiro, não...

Pesquisadora: Aham...

Mário: Aqui é jovem...

Pesquisadora: Aqui é jovem mesmo...

Mário: É festinha, né? É festinha, é coisa de jovem, né? Isso é verdade porque eu participo de, eu gosto de encontrar na noite, com amigos e aqui com uruguaios lá. Existe, né? A rivalidade entre jovens por motivos A e B, lá...

Pesquisadora: Aham...

Mário: Pode ser até... Pode ser até de drogas.

Pesquisadora: Aham.

Mário: Quando acontece. Mas a maioria é... É ciumeira, é um quer ser mais machinho que o outro, não é porque sejam uruguaio ou brasileiro.

Cátia: Mas o trio elétrico, aquele dos uruguaios, no ano retrasado correu (Inaudível)... aqui.

Mário: Não, correram, correram por quê? Porque tinha, eles tinham que cumprir um horário... O, o trio elétrico A lá vai passar depois do trio elétrico B, o teu vai ser o B, tu vai sair lá pelas onze horas. Não, não, não vai sair daqui pelas onze horas. Aí o que acontece? Já, já, não, eles queriam entrar... Ele deu um espaço pro que, o que, o trio B, e entrar e não entrou, e entrou eles. Eles eram... Sei lá, o F... E eles entraram no B e tá... Entraram lá, mas não passaram mais, né? (Inaudível). Que não cumpriram com uma regra...

Pesquisadora: Claro... Mas aí aqui eles não querem cumprir a regra?

Mário: Não, não... Eles chegaram aqui não... Eles sabem o que que tem que fazer aqui, né? Que tudo é determinação, né? A comissão de organização do carnaval tem o desfile numerado.

Pesquisadora: Claro...

Mário: Eles são o número oito, aí como o número sete não entrou, o número seis não entrou, eu não vou antecipar a minha entrada; não. Tu vai ser, tu vai entrar na hora que tu entrar...

Pesquisadora: Claro.

Mário: Depois que eles invadiram um horário que, que ficou vago, era o sétimo pra entrar e eles eram oitavo, entraram primeiro eles... Não, não entram mais...

Pesquisadora: Aham.

Mário: Aí ficaram magoado, né? Com toda essa situação, né? Isso aí é contra...

Pesquisadora: É que devem achar que aqui da pra fazer tudo também... Esse é o problema...

Mário: É verdade... Não, e, e a maneira... E, então, aí, então a coisa que eles sempre tão dizendo que o uruguaio tem a mania de ser bom, sempre ser melhor que o brasileiro. É... Nós temos trios, começaram, finalmente aqui criaram, que antigamente (Inaudível)... aqui é um absurdo. É carroça, (Inaudível)... trator... Agora começaram a criar, duns anos pra cá começaram a criar os trio elétrico. Que é o... O pessoal participativo, fecha bem as ruas, a polícia dá tratamento especial na avenida, não tem problema nenhum ali; família, as criança

tudo se diverte. Bah, no ano passado chovia, todo... Caía água assim... Choveu mais de cem milímetro. E na noite a água subia a calçada e o pessoal pulando. Todinho participativo. Voltando ao trio elétrico... Por que que o Uruguai?... O Uruguai é orgulhoso, esse rapaz mesmo... O Uruguai tem mania de por exemplo fazer... Eles fazem uma caixinha de fósforo, pegam um fuca, botam, quatro, cinco caixas de som lá de doze mil watts cada uma, caixa. E ainda tem uma aparelhagem de som para um trio elétrico de quinze mil volts, e eles querem ser melhor que o brasileiro. (Pausa). Querem cantar melhor que o brasileiro. Querem gritar melhor... Não sabem dançar, não sabem... Eles têm é... É... Uma maneira de dançar e eles não sabem sambar, e vêm aqui báh, e gritam, então... Mas eles têm um prazer de dizer que o Uruguai tá presente. Eles são orgulhoso. Aqui tá um trio elétrico, é verdade... Os trio aqui, tá um trio elétrico, eles querem, pode ser um fuquinha mas eles querem passar pelo carro com doze, quinze mil watts e ser superior. Porque eles têm um sentido... Eles são assim... Eles têm essa garra. Eles têm assim essa garra de ser uruguaio que é impressionante. É nesse sentido só assim, né? Não de que é... Eles são orgulhoso assim os uruguaios.

Pesquisadora: Aham.

Mário: Eles são... Uruguaio são orgulhoso. Eles vão... Se o Uruguai vai numa carreira e bota quatro, cinco cavalos e os brasileiros vão e botam, levam um cavalo... O cavalo deles é melhor... Jogam tudo nos cavalos deles. Nem que eles perdem, mas que eles jogam... Eles são orgulhoso. É impressionante, é... Tudo...

Pesquisadora: Tudo deles é melhor...

Mário: É... Existe a participação, não, não... Existe muita, existe muita, é... Harmonia entre os de Jaguarão e Rio Branco na participação das datas comemorativa, nas festas o uruguaio vem aqui. Desfilar aqui.

Pesquisadora: Aham.

Mário: O uruguaio ele... As banda aqui vão... Vão participar, vão desfilar lá. Os colégios daqui, as escolas de samba desfilam lá. (Inaudível).

Pesquisadora: Aham.

Mário: Somos muito bem tratados. Já levei três anos escola de samba de Jaguarão. Eu já levei já, escola de samba de Jaguarão pra (Inaudível). Fomos muito bem recebidos, bem tratados. Que nós era convidados. Nós era que fazia a festa.

Pesquisadora: Claro.

Mário: Nesse sentido eles são colegas. Mas agora, que eles... Se eles vão lá, eles não têm, eles não têm escola de samba, eles têm umas (Inaudível)... eles têm é, um... O carnaval deles começou já (Inaudível). Já começou.

Pesquisadora: Báh...

Mário: Eles têm umas (Inaudível)... são oito, nove pessoas. E eles tocam é... banda, tipo banda assim. Uma música, uns toque meio... Né? E aquilo é fantástico, lá em Montevidéu (Inaudível)... nas arquibancada, duas, três músicas e faz um concurso que nem escola de

samba. Mas eles vêm do Uruguai aqui, vêm pra desfilar aqui no carnaval, eles vêm de tudo... Pra aparecer na... Não sei é, se a gente não gosta do ritmo deles... Do, dos costumes é, né? A gente participa, aplaude tudo, né? Pra ser educado, mas agora, eles, eles fazem é, eles dão samba enredo. Querem saber, querem saber tocar tamborim, querem saber tocar tambor, querem saber tocar cubana, querem saber tocar (Inaudível). Mas na verdade, não conhecem isso. Mas querem é... Eles desfilam com orgulho! Querem dizer assim... Aqui é meia dúzia, mas aqui tá o Uruguai desfilando. É, é essa a diferença, não sei se... Não sei se eu tô te dizendo assim... Se eu to fazendo entender...

Pesquisadora: Sim...

Mário: O uruguaio ele é, ele gosta de ser, ele gosta de participar e ele (Inaudível). O uruguaio é assim. (Inaudível). Que por sinal eles jogaram muito futebol de salão no Rio Branco. Ah, hoje, a seleção do Uruguai de futebol de salão, tem muitos jaguarenses. E começou a desenvolver muito o futebol de salão no Uruguai. Até os de Rio Branco (Inaudível)... através de Jaguarão. (Inaudível). E participamos uma vez convidados pela Federação de Futebol do Rio Branco pra participar, pra representar o Rio Grande do Sul, e, (Inaudível)... fomos classificados, (Inaudível). Se tem dez equipes, e tem o Uruguai. Os uruguaios vão lá e gritam, Uruguai! Uruguai! Dá-le! Dá-le! Tudo bem, mas não tem condições é...

Pesquisadora: Patriotas...

Mário: São patriotas! É... Isso é verdade. A torcida é... Não, é algo... Onde tá o grupo deles é... O azul e branco... Sempre tem um cara de camisa azul e branca. Sempre!

Pesquisadora: Tem que marcar território...

Mário: Não é... É esse, é essa a diferença... (Inaudível) O brasileiro não, não, é mais acomodado, o uruguaio não, onde tá o brasileiro ele tá... E se é com brasileiro então, é pior ainda...

Pesquisadora: É...

Mário: É no vôlei, é no futebol de salão, que nós participava muito do futebol de salão ali. (Inaudível). Mas... Aqui é uma... É uma... Era uma arena, né?

Pesquisadora: É uma arena?

Mário: Ah, é uma arena. E os juiz deles, né? Aquilo... Do pescoço pra baixo...

Pesquisadora: Se batiam bastante?

Mário: Ah... Não... Se eles tão jogando aqui, contra os jaguarenses aqui, contra os brasileiros, é uma... No esporte, sai de baixo, né? Ah, não... Difícil porque eles são assim, né? Eles lutam, é... Não existe a técnica, aquele, aquele... Agora estão desenvolvendo o esporte e lançamento... A função de cada, de cada técnico dentro (Inaudível)... ficava cinco na defesa e três iam na bola. Hoje não, eles tão aprendendo, né? É verdade, é...

Pesquisadora: Tão aprendendo, né?

Mário: É, é. Não mas isso já faz horas, né?

Pesquisadora: Aham.

Mário: Faz uns dois anos (Inaudível). Ah, o pessoal do Uruguai mesmo, nós aqui, e a Navegantes, nós demo uma goleada na seleção do Uruguai. A seleção do futebol de salão do Uruguai (Inaudível). Porque a Argentina e o Uruguai, eles não desenvolveram o futebol de salão.

Pesquisadora: Aham.

Mário: E nós, e nós aqui, e Navegantes, nós demo... Foi onze a doze. Eles vieram pra disputar em Porto Alegre uma... Era Argentina, Uruguai, Paraguai. Nós ganhemo aqui do Paraguai, Uruguai, ganhemo da Argentina, ganhemo da seleção brasileira de futebol de salão.

Pesquisadora: Aham

Mário: (Inaudível). A gente vai em muito jogo. Mas contra o Uruguai é... Não tinha colher...

Pesquisadora: Báh...

Mário: É... A Seleta aparecia (Inaudível) (Risos).

Cátia: A Seleta aparecia, não tinha mais irmandade.

Pesquisadora: Quem é a?... Ah, a Seleta é a seleção uruguaia? Ah... É, que chamam.

Mário: A Seleta...

Pesquisadora: Aí acabou a irmandade. (Risos).

Mário: Não, não... No esporte é... Rivalidade...

Pesquisadora: No esporte, é verdade... Bem, então eu gostaria muito de agradecer a sua participação na minha pesquisa. Obrigada!

Mário: Obrigado eu, quando a senhora precisa, estamos aí.

Entrevista 2

Sujeito: Ladiner

Idade: 50 anos

Profissão: músico

Pesquisadora: Então assim, eu queria ver contigo primeiro, o que que tu considera fronteira? O que que é fronteira pra ti?

Ladiner: (Pausa) Eu acho que deveria ser bem mais do que é. Não simplesmente a divisa de um país e de outro. Eu acho que, o que a gente estava comentando e eu acho que, por exemplo, a parte da, da, da irmandade, eu acho que a parte de, burocrática da fronteira isso, isso dificulta consideravelmente, quer dizer, e não é o que pregam.

Pesquisadora: Aham.

Ladiner: Né? Não é o que pregam, por exemplo. Aqui, né? Sempre se falou em irmandade entre Brasil e Uruguai, só que a parte burocrática desse, desse sistema, é... complica muito... a gente falava, por exemplo de, o negócio da carta verde, né? Quer dizer, isso aí nunca houve. Em outros tempos tinha gente que saía daqui e viajava por todo o Uruguai, e eu tenho certeza que hoje muita gente deixa de visitar o Uruguai, em função dessa carta verde.

Pesquisadora: Mas desde quando que está em funcionamento essa...?

Ladiner: A carta verde?... Deve de fazer... (pausa) uns três, quatro, cinco anos mais ou menos que foi implantado isso aí.

Pesquisadora: Aham.

Ladiner: Né? O que vem a ser um, vem a ser um seguro contra terceiros.

Pesquisadora: Hum...

Ladiner: Só que, por exemplo, o, o, no nosso caso aqui no Brasil, por exemplo, tu tem um carro, tu já paga um seguro, né?

Pesquisadora: Aham.

Ladiner: Pois é. Isso, isso pra quem vai sair, claro que, por exemplo, quem vai sair daqui pra ir pra (inaudível) e Punta del Este, de repente não, não se preocupe com, com esse valor que é, que é... quem tem condições de ir para Punta del Este, por exemplo, não, não, um valor de cem reais, por exemplo, não é nada.

Pesquisadora: Aham.

Ladiner: Né? Só que é uma coisa, por exemplo, aqui nós que moramos aqui na fronteira, por exemplo, que vamos... a maioria gosta de pescar. Né? Uma pescaria hoje tu vai numa pescaria de, de, a cem quilômetros aqui de Jaguarão, tu gasta mais de duzentos reais.

Pesquisadora: Ham...

Ladiner: Ainda tu vai ter uma carta verde pra pagar, por exemplo, um valor de, de, de sessenta reais, já fica... muita gente já nem vai.

Pesquisadora: Aham.

Ladiner: Então é, é esse esquema, eu acho que, entre esses dois países vizinhos assim, isso aí teria que ser mais facilitado.

Pesquisadora: É visto, né?

Ladiner: Até mesmo porque, se fala muito em Mercosul, né? A integração do, do, do dos países aqui da... Sul Americanos.

Pesquisadora: Aham.

Ladiner: Só que, em vez de, em vez de, facilitar as coisas, né? De, de acabarem um pouco com a burocracia, cada vez aumenta mais. Quer dizer... Então, né? Eu acho que é mais no papel...

Pesquisadora: Aham. Do que na prática...

Ladiner: Do que na prática.

Pesquisadora: Do que na prática. Aham. E, e tu como cidadão assim, como é que é viver na fronteira?

Ladiner: Ah, é, é, é, é interessante, é interessante, por essa... diversidade que tem de, de comércio, né? Teve vários anos que o, o Brasil atraía o uruguaio pra cá, pra comprar aqui.

Pesquisadora: Aham.

Ladiner: Quer dizer... Felizmente teve muita gente que, que fez, fez um bom capital, né? Claro que tem aqueles excessos que a gente sabe, na fronteira, quer dizer... que a gente que, que, que vinha comprar aqui e, era explorado... Mas é o que acontece hoje, por exemplo, com quem virou pra lá, né?

Pesquisadora: Aham.

Ladiner: Com a desvalorização do dólar, desvalorização do, do, do, do peso, né? E o negócio dos *free shop*, por exemplo, aqui... hoje vai todo mundo comprar lá.

Pesquisadora: Aham.

Ladiner: O que que eles vêm comprar aqui? Alimentos, que ainda continua caro no Uruguai. Mas eletrodomésticos, eletroeletrônicos, né? Isso ai, vai todo mundo comprar, comprar no Uruguai. Então, eu acho que, nesse, nesse lado aí, viver na fronteira é muito bom...

Pesquisadora: Aham.

Ladiner: Até mesmo em... né? Essa mistura de, de línguas, né? Eles têm um pouquinho de timbre, por exemplo, hoje, da, da... já entendem o espanhol com muito mais facilidade morando mais pra cima no Brasil mesmo... fala com um castelhano, o cara fica... parece que tá falando com um inglês. (Inaudível). Então, eu acho bastante interessante viver na fronteira assim, claro, eu nunca morei, eu nunca morei em outro, outra cidade.

Pesquisadora: Ah, tá.

Ladiner: O máximo que passei, foi um tempo quando tava no Bradesco mesmo, passei um tempo morando em Pelotas, tava fazendo estágio lá e tudo mais. Mas... nunca... sempre morei aqui. E eu acho... eu gosto!

Pesquisadora: Aham.

Ladiner: Sinceramente, eu gosto. Eu acho bastante interessante.

Pesquisadora: Aham. Essa coisa que tu falou da, da língua, tu acha que existe alguma resistência do pessoal de Jaguarão em falar o espanhol ou deixar os de Rio Branco falar o Português?

Ladiner: Não... Não... Eu acho que... Eu não sei, eu, eu, eu como trabalho com música e tenho, e tenho facilidade já... Tinha... Meus antecedentes tinham... Tinha familiares uruguaios, né? Meu bisavô é uruguaio, então, eu tenho uma certa facilidade de me comunicar com eles até, né? Até falo razoavelmente o espanhol, e com o negócio da música mesmo, adoro cantar música em espanhol.

Pesquisadora: Hum.

Ladiner: Né? E eu acho que não tem, eu acho que nem da parte deles tem essa resistência de... eu converso com, com muitos, muitos uruguaios e, e a maioria tenta se comunicar comigo, né? É... em português, né?

Pesquisadora: Aham.

Ladiner: Falando um portunhol, assim... Então, eu acho que na... Nessas coisas da língua, assim, não há essa resistência.

Pesquisadora: Aham.

Ladiner: Nem da nossa parte, e eu acho nem da parte deles. Pelo menos o pessoal que, que vive, nas fronteiras, né? Tá mais habituado a isso, né? Não sei se... Mais lá pra dentro, há essa certa resistência... Mas eu acho que qualquer tipo de aprendizado é excelente, quer dizer, se tu tiver a oportunidade de, de conversar com, com um castelhano, com um italiano, enfim, né? E tentar pegar alguma coisa da língua deles... Eu acho que...

Pesquisadora: Aham. E, em algum aspecto assim, tu acha que tem alguma resistência do pessoal de Jaguarão em relação ao pessoal de Rio Branco?

Ladiner: Não, não... é... Eu acho que o maior problema é, é esse tipo de, de, de burocracia. Por exemplo, as coisas que acontecem lá. Então, ali no Uruguai, né? Meu amigo Edevar, por

exemplo, (risos) fez uma volta no meio da quadra lá e não teve nem como argumentar, o cara multou ele. Aqui eles fazem qualquer tipo de coisa.

Pesquisadora: Que coisa isso, né?

Ladiner: Aqui em Jaguarão, eles entram contramão, e, e pode acontecer conosco lá, porque tu não é obrigado a conhecer o trânsito de lá.

Pesquisadora: Claro.

Ladiner: Né? Quer dizer então... Eu acho que, pô! Somos irmãos, como todo mundo prega, né? Somos irmãos, brasileiros e uruguaios, só que, isso é de fachada, porque que não acontece isso, né? Eu particularmente, eu não tenho queixa nenhuma, eu, por exemplo, no Uruguai tem... ainda há nas estradas, muitas pontes "engostacomo", eles dizem, que é a ponte estreita.

Pesquisadora: Ham.

Ladiner: Né? Então, dependendo da, da estrada, tu tem que dar a passagem de quem vem do outro lado.

Pesquisadora: Aham.

Ladiner: Por exemplo, aqui, se tu vai daqui de Jaguarão, do Rio Branco, pra Lagoa Mirim, por exemplo, tem uma ponte estreita. Passa dois carros, pela ponte. Só que a preferência tu tem que dar pra quem vem da lagoa pra cá.

Pesquisadora: Hum.

Ladiner: E... E, eu sei... Já aconteceu comigo, esses tempos eu ia pra Lagoa e passei junto, passei junto com um outro que vinha de lá, na ponte. E tava, a, a Polícia Rodoviária deles que é a Cabinera, e, me pararam, me pararam... E aí, o rapaz me perguntou se eu estava acostumado a ir na Lagoa. E eu disse: "Ah, venho seguidamente na Lagoa". Aí ele me perguntou se eu não sabia que tinha que dar o passo pra quem viesse no sentido contrário, e eu disse: "Não, até sabia, só que passa dois caros na ponte".

Pesquisadora: Aham.

Ladiner: Mas ele só me chamou a atenção, pra esse detalhe. Não me multou. Mas já sei de um amigo meu, né? Que gosta inclusive da minha música, que (inaudível) com a gente, o Danilo Fonseca, né? Que esses dias foi pra lá e aconteceu a mesma coisa com ele, e multaram ele. Então, quer dizer, eu acho que... Mas isso, né? Acredito que aconteça aqui também.

Pesquisadora: Aham.

Ladiner: Porque eu já sei de casos, a própria televisão mesmo já, várias vezes, já fez reportagem de, de uruguaios, argentinos, que vêm, e, a Polícia Rodoviária Federal pede até propina às vezes, pros cara, né? Pra não multar. Então...

Pesquisadora: Aham.

Ladiner: A de lá e a de cá também.

Pesquisadora: Dos dois lados...

Ladiner: É, é isso aí que eu acho que, pelo menos em termos de fronteira, deveria ser revisto.

Pesquisadora: Aham.

Ladiner: Algumas coisas deveriam ser revistas.

Pesquisadora: Aham.

Ladiner: Menos burocracia e mais liberdade. Liberdade em termos, né?

Pesquisadora: Claro. Com respeito, né? E tu tens bastante contato com os uruguaios?

S: Ah... Tenho.

Pesquisadora: Tem?!

Ladiner: Tenho bastante contato e tenho muitos amigos dentro do Uruguai. Até mesmo colegas, músicos. Bastante...

Pesquisadora: Bastante amizade... E essa, que a gente tava comentando, né? De começar mais, a... Essa questão da irmandade, tu acredita que tenha essa irmandade entre Jaguarão e Rio Branco?

Ladiner: É... É meio relativo isso aí. Não sei... Por exemplo, em determinadas, em determinadas áreas eu acho até que, que um pouquinho mais e em outras um pouquinho menos. Por exemplo, no, no meu caso mesmo de músico, há, há, há um... Um entrosamento muito bom. Eu tenho vários músicos uruguaios inclusive que trabalha no Fórum no Uruguai, lá, que adora tocar comigo. Que ele é mais musicista que vocalista, né? Então ele geralmente gosta de, de, de, de vim cantar comigo, tocar comigo quando to numa, to num evento assim mais... E nunca tive problema com isso, inclusive eu tive banda já que, que... e toquei muito dentro do Uruguai. Toquei muito dentro do Uruguai e inclusive tinha, tinha músicos já aposentados de velho, até tenho um amigo, Ilson Fontes, que tem um programa na rádio, que era o meu empresário lá. Vendia, vendia minha banda no Uruguai e sempre, graças a Deus, sempre fomos bem aceitos.

Pesquisadora: Aham.

Ladiner: Até mesmo porque eles gostam muito da música brasileira. Vários músicos que saem daqui, temporada de verão mesmo, pra ir tocar em Punta del Este.

Pesquisadora: Aham, aham.

Ladiner: Isso... amador. Profissionais vão (inaudível). Seguidamente a gente faz shows com a música brasileira. Mas, eu não sei, nessa minha área, há essa, há essa irmandade. Agora... Não sei, em outras áreas não sei. Agora tá havendo, parece, né? Uma espécie de, de, de, de pacto (ênfase) entre as polícias, por exemplo, de fronteira Brasil e Uruguai né? Parece que tão se

ajudando mais essa área também tá, tá havendo um apoio. Que eu acho que é bom para os dois países, né?

Pesquisadora: Claro.

Ladiner: Isso facilita muito.

Pesquisadora: E, aonde assim tu acha que menos teria essa irmandade?

Ladiner: Eu tenho a impressão que, por exemplo, na parte, na parte jurídica, por exemplo, de, de, de... Como é que eu vou te explicar isso aí?... Aqui já houve muito, muitos casos de, de carros apreendidos no Uruguai, né? E já a burocracia imperar o retorno desses carros pra cá.

Pesquisadora: Aham...

Ladiner: Eu tive um problema na minha família mesmo. O meu pai tinha um Volkswagen, e tinha um amigo que era muito amigo de, de... Morava em Trinta y Três, a cento e poucos quilômetros aqui de Rio Branco, e ele não tava se sentindo bem aqui, não tava se sentindo bem aqui e meu pai foi levar ele, levou ele pra Trinta y Três, pra se tratar com o médico dele e... na época, tu tirava uma licença, uma licença pra viajar que era... não sei se era trinta dias ou algo assim. E venceu essa licença de...

Pesquisadora: De trinta dias...

Ladiner: E não sei... Acho que a aduana daqui do Rio Branco denunciou pra lá, e prenderam o carro do meu pai lá.

Pesquisadora: Báh!

Ladiner: E isso passou anos, e anos, e anos, e inclusive esse amigo do meu pai, né? Ficou constrangido com essa situação, né?

Pesquisadora: Claro.

Ladiner: E colocou um advogado inclusive pra, pra, pra tentar reaver o nosso carro lá e, bom! Pra te encurtar a história, esse carro foi liberado quando não andava mais. Porque nós tivemos oportunidade de irmos a Trinta y Três depois desse fato e, e, e esse carro, eles andaram, botaram placa uruguaia no carro e andavam no carro lá.

Pesquisadora: Mas que barbaridade!

Ladiner: Então, esse carro só foi liberado pra nós quando não andava mais, tava em cima duns toco lá.

Pesquisadora: Quanto tempo depois?

Ladiner: Ah... Acho que uns dez anos depois do ocorrido isso aí.

Pesquisadora: Mas que horror!

Ladiner: E isso eu tô te dizendo, te citando um exemplo que aconteceu conosco, né? E, e, e vários, vários outros casos, né? Vários outros carros. Eu acho que, nessa parte aí, eu acho que é meio complicada a coisa... Hoje eu não sei se, se levaria todo esse tempo, né?

Pesquisadora: Báh!

Ladiner: Com esse intercâmbio que há entre as polícias e tudo mais, até pode ter melhorado, mas... Isso aí era complicado...

Pesquisadora: Que horror! E tu vê assim alguma diferença entre jaguarenses e os rio-branquenses? Por exemplo, o pessoal de Rio Branco?

Ladiner: Não... É... Por exemplo, hoje, hoje há casos de, de festas mesmo, né? Quer dizer, eles tão toda a hora aqui, né? Os uruguaios tão toda a hora aqui pra fazer festa aqui, os final de semana.

Pesquisadora: Aham.

Ladiner: E quando a festa é boa lá, vai todo mudo pra lá, pra lá, por exemplo, na lagoa, ali na Lagoa Mirim mesmo, todos os anos tem um lual, o lual do Quico, que chamam. Que o Quico é um, um rapaz que é brasileiro, é professor aqui, formado em Engenharia se eu não me engano, o Quico. E tem casa na lagoa, e ele, promoveu essa festa na lagoa e pegou.

Pesquisadora: Aham.

Ladiner: E aí se junta o Uruguai, os brasileiros tudo, todo mundo. É... já virou uma festa tradicional na lagoa.

Pesquisadora: Aham.

Ladiner: Né? Então, eu acho que... Aqui não tem esse, esse problema: relacionamento, em si o relacionamento é muito bom... Com brasileiro e uruguaio. Principalmente esse de fronteira, né?

Pesquisadora: Aham.

Ladiner: Isso aí eu acho que não tem...

Pesquisadora: Aham. E assim diferença entre os povos tu não vê assim?

Ladiner: Ah... Aqui, aqui eu não sei se pela própria cultura gaúcha, né? O, o castelhano é muito gaúcho. É muito parecida a... É muito parecida a cultura, né? Do castelhano com a cultura do gaúcho.

Pesquisadora: Aham.

Ladiner: Talvez não tenha, né? Não tenha tanta, tanta semelhança como com outros estados do país...

Pesquisadora: Sim.

Ladiner: Mas, a cultura do gaúcho, com a cultura do castelhano aqui, tem muita coisa em comum.

Pesquisadora: Aham. E o que que tu veria assim em comum?

Ladiner: Até em termos de folclore, é. A parte da lida no campo.

Pesquisadora: Aham... Claro.

Ladiner: Isso, isso, tem muita, muita coisa em comum, muita coisa. E... Essa facilidade da fronteira, por exemplo, de, que tem muita gente que tem... Que mora aqui e que tem... Uruguaios que moram aqui, brasileiros que moram lá, né? E, e parentesco acho muito, muito próximo também. Então, isso... Aqui têm, têm muitas pessoas que têm identidade aqui e identidade no Uruguai.

Pesquisadora: Dos dois lados...

Ladiner: Dos dois lados...

Pesquisadora: Como é que é, chapa doble?

Ladiner: É, é. Que eles chamam. Eu tinha, tinha, uma carteira, como é que os caras diziam... Não sei se era Modelo Dezenove, acho que era, que o pessoal poderia morar aqui e que era renovável, eu acho de cinco em cinco anos, era renovável, isso aí. Não sei te dizer ao certo, mas têm muita gente que têm e como têm muitos aqui que têm, têm identidade no Uruguai, e eles moram aqui no Brasil.

Pesquisadora: Aham.

Ladiner: Esse lado aí eu acho que é interessante.

Pesquisadora: Aham. E tu consideraria então, Jaguarão e Rio Branco, cidades irmãs?

Ladiner: Ah, não, eu acho que no geral sim!

Pesquisadora: No geral sim.

Ladiner: No geral sim! Com certeza! Eu acho que a... Essa irmandade que todo mundo prega existe mais na fronteira, né? Existe mais na fronteira. Porque os absurdos que acontecem com uruguaio que viaja pra cima do Brasil, né? Lá pra cima, pras praias, pro mar, e, e o pessoal que vem de lá de cima também que viaja pra dentro do Uruguai, esses volta e meia enfrentam, enfrentam problemas que, né? Que eu acho até que não, não, não deveriam. Agora entre, entre os povos de fronteira aqui, acredito que, que Santa Vitória e Chuí, né? Seja a mesma coisa. Aqui não, aqui realmente, na fronteira até que existe uma irmandade maior.

Pesquisadora: Aham.

Ladiner: Agora em termos de, de, de país aí eu acho que já, já não é bem assim...

Pesquisadora: Já muda...

Ladiner: É, já muda.

Pesquisadora: E o fato assim, de, de tu morar na, na fronteira, tu te considera um pouco brasileiro um pouco uruguaio?

Ladiner: Eu me considero um pouco dos dois, até mesmo porque eu tenho um pouco de sangue uruguaio, né? Na família. Mas eu acho que... E tenho parentes meus que moraram muitos anos em Montevidéu também. Primas que se casaram com, com uruguaios. Eu, quando era menor mesmo, nós íamos, nós íamos todos os anos pra praia em Montevidéu, tinha familiares lá... (pausa) Então, eu me considero meio... Meio doble chapa!

Pesquisadora: Ah, Doble chapa e Chapa doble?! Ah tá... Eu não sei da onde que vem essa, essa expressão...

Ladiner: Doble chapa, da realidade, não é bem o termo pra, pra, pro caso da, da, da pessoa, né? Doble chapa era os carros, os carros que eles compravam aqui, um tempo atrás, há uns anos atrás isso ai era mais facilitado, né? Hoje tem, tem muitos uruguaios que tem, que tem carro como brasileiro, compram carro aqui, mas que moram aqui na fronteira, lá pra cima não, já é diferente, então, às vezes tu comprava um carro aqui, né? Antigamente tu comprava o carro aqui e poderia, poderia emplacar ele lá no Uruguai também. Então esse era o carro doble chapa.

Pesquisadora: Ah...

Ladiner: Era pro carro, né? Pro carro que tinha... Chapa, no caso é a placa, né?

Pesquisadora: Ah... Tá, é isso...

Ladiner: Que tinha placa, placa brasileira e placa Uruguaia. Aqui eu cansei de ver de (inaudível), Trinta y Três, essas cidades mais próximas aqui da fronteira, cansei de ver carros com placa brasileira e placa uruguaia junto.

Pesquisadora: Ah... E ainda acontece isso?

Ladiner: Eu não sei, hoje eu acho que não.

Pesquisadora: Hoje não...

Ladiner: Hoje eu acho que não. Inclusive, por exemplo, há, há varias pessoas que moram aqui, né? Que compram, o caso da moto muito barata no Uruguai, né?

Pesquisadora: Aham.

Ladiner: Compram a moto lá, mas, sempre tem que, sempre tem que botarem no nome de um Uruguaio.

Pesquisadora: Hum...

Ladiner: E, e, já houve, já houve... Agora tá meio calmo isso aí. Mas já houve casos de, de brasileiros perderem essas moto aqui... De a Polícia Federal bater e recolher essas motos aí.

Essas motos que vinham de lá. Aí tinha que vim o cara que conseguiu... Pra botar no nome dele e tal... Pra poder recuperar a moto.

Pesquisadora: Ah... Mas essa expressão usam pra pessoas agora também, né? Por quê?

Ladiner: Ah... Até ficou, né? Ficou isso aí mas, mas a expressão doble chapa começou por causa dos carros.

Pesquisadora: Ah...

Ladiner: Os carros que tinham placa uruguaia e placa brasileira.

Pesquisadora: Aham. Já ficaram...

Ladiner: Hoje já ficou pras pessoas também...

Pesquisadora: Pois é.

Ladiner: Doble chapa...

Pesquisadora: A... (inaudível). Tá mas, tu é filho, a tua mãe é uruguaia, né?

Ladiner: É, é.

Pesquisadora: Ah, é... E por que que tu não tem documento? É só tirar. É só ir lá e tirar. No caso dela... Que a mãe é uruguaia...
(Inaudível)
Ladiner: Continua, continua problemático ainda... A do Adão, que comprou... Prenderam a moto do Adão... (Inaudível).

Pesquisadora: Porque tava no nome...

S2: É porque não pode brasileiro andar numa moto uruguaia...

Ladiner: Andar numa moto uruguaia...

S2: Tem que ter um uruguaio, com carteira uruguaia.

Ladiner: (Inaudível). Aí tu tem que trazer o cara com a habilitação uruguaia pra poder reaver a moto.

Pesquisadora: Mas e essas coisas não estão previstas no Mercosul será? Não tem nada disso?

Ladiner: Pois é... Pois isso é que eu digo, entendeste?! Quer dizer, deveriam tar previstas e eu acho que no caso de fronteira isso sim teria que ter sido liberado! Porque têm, têm, têm vários brasileiros que trabalham lá, no Uruguai, né? Que tem seu sustento lá, assim como tem vários castelhanos que trabalham aqui, do Uruguai que trabalham aqui.

Pesquisadora: Aham.

Ladiner: Então eu acho que em termos de fronteira, por exemplo, esse negócio de Mercosul tem muita coisa eu acho que precisaria ser revisto. Porque... Têm coisas que... Essa, essa parte mesmo é uma bobagem isso aí, pra quem mora na fronteira. O nosso caso, né? Do carro... (inaudível) com placa uruguaia, também é problemático. Também dá problema.

Pesquisadora: Não pode também?

Ladiner: Também dá problema...

Pesquisadora: Ah...

Ladiner: E aqui quantos brasileiros tem que, que, plantam no Uruguai, que tem campo no Uruguai, que (inaudível) no Uruguai...

Pesquisadora: Tá, e esses...

Ladiner: Esses, esses...

Pesquisadora: E eles podem?

Ladiner: Eles podem. Eles podem. Mas é... Podem... Agora me parece que tinha uma, tinha um problema que eles poderiam comprar... A maioria tem carro importado, que compram lá no Uruguai. Tem placa do Uruguai. Aí, esses tempos tinha, tinha um problema que esses carros não poderiam ficar aqui. Tudo absurdo, né? Se o cara é brasileiro, mora aqui, né? Tem documentação aqui...

Pesquisadora: Claro.

Ladiner: E tem bens no Uruguai, você pode adquirir um...

Pesquisadora: Um carro.

Ladiner: Um carro lá. Enfim, né? Por que que esse carro tem que permanecer lá, não pode vim pra cá? Morando na fronteira, quer dizer, isso tinha um problema...Até bem pouco tempo teve vários, vários problemas, aí com gente que morava aqui e que... Mora aqui em Jaguarão, que planta no Uruguai, que tem campo no Uruguai. Agora não sei como é que tá isso aí.

Pesquisadora: Tá, e eles podem dirigir carros brasileiros? Os Uruguaios? Eles podem, por exemplo, dirigir carro... Ter um carro brasileiro?

Ladiner: Eles compram, né? Tem muito uruguaio que compra carro aqui. Agora eu não sei se tem, se tem documentação brasileira, habilitação brasileira pra dirigir. Porque... Aqui no caso, do, do Pelo Duro, né? Minha vizinha aqui, que tinha loja de calçados. (Pausa). É uruguaio. O carro dele é placa brasileira. (Pausa). Sempre andou, né? O Valcir Teles que, que é músico e era meu empresário na banda. O Valcir mora aqui em Jaguarão. Perto da Brigada. É uruguaio. É uruguaio, trabalha no Uruguai, inclusive. E o carro dele é de Jaguarão. Placa de Jaguarão. Placa brasileira. Não sei como é que... Como é que ficou isso aí. Se liberaram mais ou não.

Pesquisadora: É, então realmente tem esses problemas, né? Nesses acordos, né?

Ladiner: É, na realidade a gente... Por exemplo, falam tanto em Mercosul, nessa integração dos países americanos e tal, só que tu não sabe até que ponto vai isso aí, né? O que que, o que pode, o que que não pode. Eu acho que seria interessante uma, uma divulgação maior, né? Desses, desses, desses tipos de tratado, né? Porque não é só, não é só a parte comercial que, que interessa nisso aí, né? Compra de mim que eu vou comprar de ti. Eu acho que tem uma série de detalhezinhos que deveria ser mais divulgado e até mesmo pra população saber o que que pode o que que não pode.

Pesquisadora: Aham. É. É, não, às vezes até mesmo quando a gente vai nos *free shop*, eu soube coisas pelo pessoal daqui falar: "Oh, cuida, não faz retorno, não faz não sei o quê". Porque se não for a gente faz, né?
(Vozes)

Ladiner: É, sim, com certeza.

Pesquisadora: E eu estranho um pouco o tratamento nos *free shop*, porque agora eu notei que tem bastante brasileiro atendendo. Eu acho que é um tratamento melhor, eles são mais...

S: Ah não, não... Com certeza! Quanto a isso, o atendimento em geral dos *free shops* aqui é terrível, né? É terrível. Tanto, tanto na parte de atender o cliente, de jeito pra atender o cliente, que é um despreparo total, quanto na parte, na parte de, de pedir, por exemplo: "Eu quero comprar uma TV de LCD". Tu pede uma explicação pro vendedor, ele tá completamente despreparado pra vender aquela mercadoria. Se tu perguntar qual é a diferença que tem duma TV de plasma, pra uma TV de LCD, ele não sabe te explicar. Tá completamente por fora. Sem contar com o, com o atendimento que é horroroso. Eles tratam a gente à moda bicho, quer dizer. Que não se preocupam em segurar o cliente, entendeu? Tu tem um comércio aqui, tu não quer cliente pra um dia só, né? Quer cliente pra vida toda. Ali parece pra eles, pra maioria pelo menos, que eu tenho visto ali, que eu frequento os *free shop* deles desde que abriram, tanto faz... Quer levar tu leva, se tu não quer, tchau!

Pesquisadora: É...

Ladiner: A maioria é assim. Eu tenho, tenho amigos, que trabalham em *free shop* lá, eu tenho, tenho uma amiga que ela era chefe da sessão de perfumaria e cosmético de, de, da *Neutral*, por exemplo, que é de Montevidéu. Vem pra passar sete meses aí, ficou... Veio pra passar três meses aí, ficou oito meses, né? Inclusive ela é uma pessoa especializada na área. Um dia ela veio pra cá, tinha sido contratada quando vieram, vieram abrir os *free shops* aqui, e ela hoje ela é compradora pra todas as *Neutral*. Perfumaria e cosmético. Viaja pra o país todo, pra França, Panamá, pra comprar pra todas (inaudível). E isso eu cansei de comentar com ela, quando eu tocava muito lá no Uruguai, e tinha uma turma de amigas, que trabalhavam nos *free shop* lá, que iam, no lugar que eu tocava, aí fiz amizade com uma turma boa. E eu cansei de comentar isso com eles; eu digo: mas e... os *free shops* que tem umas estruturas fantásticas, né? Quer dizer...

Pesquisadora: Claro.

Ladiner: Esse pessoal da *Neutral* mesmo, são dois irmãos, os irmãos Mesa. Esses caras têm uma visão de comércio incrível. Eles têm, têm *free shop* no Porto, em Montevidéu, tão ocupando as fronteiras todas, até em Aceguá, né? Chuí. Eu digo... Não tem uma equipe formada pra preparar esses funcionários antes de botarem ele na lida do...

Pesquisadora: Mas a, a questão do, do tratamento assim, do jeito de tratar, tu acha que é por causa de que isso? O que que tu...

Ladiner: A, a, a maioria é gente despreparada! A maioria é gente despreparada pra trabalhar em comércio, né? Não, não deu tempo... é a mesma coisa, por exemplo... O que que tu enfrenta, por exemplo, um hotel em Rio Branco. Tu não acha um hotel decente pra ficar em Rio Branco. Quer dizer... Aquilo veio muito rápido, e pegou o município completamente despreparado. Sem estrutura nenhuma pra receber esse fluxo de gente que tá vindo aí.

Pesquisadora: Sim...

Ladiner: Né? Então, eles têm problema de... Hoje já não é o... a parte de restaurante, por exemplo, eles até tem.

Pesquisadora: Tá bem.

Ladiner: Né? Até que tá razoável. Mas não tem um hotel, não tem um hotel três estrelas, quem dirá um cinco estrelas, né? Esse pessoal da *NeunFraum*, eles compraram, chegaram a comprar um terreno na beira do rio, uma área bem grande até, que eles tinham a ideia de fazer um, um hotel cassino.

Pesquisadora: Aham.

Ladiner: Né? E... Mas até hoje não... saiu nada. E a parte de estacionamento tu vê que aquilo ali final de semana é terrível, né?

Pesquisadora: Um caos...

Ladiner: É um caos total.

Pesquisadora: Uma buraqueira, uma buraqueira...

Ladiner: Agora, eu acho que até, isso aí, isso aí até é, como nós tamo na fronteira, a parte de hotelaria, né? Problema de estacionamento, isso até... Eu acho que não é o mais importante, o importante sim é o atendimento ao cliente, né? Que é lamentavelmente, é terrível. É terrível. É como tu diz, tem melhorado, em função de alguns brasileiros que conseguiram documentação uruguaia e tão conseguindo trabalhar lá.

Pesquisadora: Aham.

Ladiner: Mas, mas ainda é complicado.

Pesquisadora: Mas me parece um pouco que... Da característica do povo, né? É um povo que...

Ladiner: É... Pois é. Mas se nós analisar, formos analisar por esse lado, né? A gente vai dizer assim, não, mas então o castelhano da fronteira não tem, ele não tem educação. E eu acho que não é, é radicalizar de mais, né? Eu acho que é só despreparo. Claro que, é evidente que a educação, né? A educação se tu vem com ela de berço, saber como tratar uma pessoa, tu vai trabalhar no comércio, tu vai saber atender melhor uma pessoa, né? Agora a maioria ali eu

acho que é problema de despreparo. Eu acho que essas grandes empresas deveriam oferecer cursos.

Pesquisadora: Aham...

Ladiner: Cursos e... Pra que eles não tratem o cliente assim, né?

Pesquisadora: Totalmente despreocupados, né?

Ladiner: Tu vem de fora, no teu caso mesmo que veio de fora, vai comprar aí... Não vai vim uma vez só.

Pesquisadora: Não!

Ladiner: Né? Tu vai vim várias, várias vezes, né? Como ta ali... (inaudível). Agora, eu penso da seguinte maneira, quer dizer, se eu chego num lugar e sou mal tratado, ali eu não volto mais.

Pesquisadora: Com certeza.

Ladiner: Né? Eu não volto mais.

Pesquisadora: E eu acho que no Brasil se preza muito essa coisa do bom atendimento.

Ladiner: Ah, com certeza!

Pesquisadora: Isso a gente tem de bom.

Ladiner: Com certeza! Seria completamente diferente se os *free shop* fossem aqui desse lado. O atendimento eu acho que seria outra coisa.

Pesquisadora: Ah, eu acho também.

Ladiner: Não sei se a nossa cultura já é mais pra, né? Pra esse lado de... Báh, eu... Claro eu... Esse tipo de coisa me indigna porque eu, como eu trabalhei em banco, e banco particular, né? Eu fiz, eu fiz vários cursos, né?

Pesquisadora: Treinamento, né?

Ladiner: Treinamento de atendimento ao cliente, de técnicas de chefia, enfim... Então, são coisas que, que, bhá! Pra mim, me afetam um horror.

Pesquisadora: É, eu também...

Ladiner: Se eu chego num lugar e sou mal atendido...

Pesquisadora: Tem até a questão dos banheiros ali. Sempre tu pede pra ir num banheiro, tá quebrado, não tem, é só a *NeunFraum* que tem. O resto... Tá sempre quebrado. As lojas lindas e o banheiro tá sempre quebrado.

Ladiner: Imagina, imagina... É o mínimo que tu tem que oferecer a um cliente.

Pesquisadora: A pessoa fica três, quatro horas caminhando e...

Ladiner: Gastando...

Pesquisadora: Gastando.

Ladiner: Quer dizer, pô! Agora eu, aliás eu acho que todos deveriam ter com uma estrutura que eles têm... Parece que com esse prédio novo que o Mário construiu, a ideia inclusive era na parte de cima ter restaurantes, porque ali tu entra pra ali e tu, tu fica horas ali dentro.

Pesquisadora: Claro.

Ladiner: Então... O mínimo que tu tem que ter é banheiro, uma praça de alimentação, deveria ter, né? A *NeunFraum*, inclusive, quando abriu tinha, tinha um local ali, eu não sei se tem ainda, que podia tomar cafezinho, que tinha algumas coisas, mas hoje não tem mais, né? Quando abriu tinha.

Pesquisadora: Ah, e assim, né? Tu fica caminhando aí cansa, daí tu tem que sentar ali na rua, sentar na rua, porque não tem onde sentar.

Ladiner: Exato.

Pesquisadora: Não tem um lugar que tu possa sentar.

Ladiner: Ah, eles se preocuparam mais com isso só, vendem...

Pesquisadora: Vendem...

Ladiner: E vendem horrores. Porque essa gente... Quem conheceu Rio Branco há cinco, seis anos atrás, não sei quanto tempo faz que os *free shop* tão aí.

Pesquisadora: Acho que dois mil e três, né?

Ladiner: Era, era uma cidade fantasma, né? Era uma cidade fantasma. Não havia nada, nada, nada, nada, nada. E hoje, com, com esse movimento todo aí, báh! Bom, casinhas que valiam, valiam cinco mil dólares ali, hoje pedem cinquenta...

Pesquisadora: Cinquenta...

Ladiner: O que apareceu hoje... Tu sai, sai... Passa os *free shop* sai aqui por baixo até a coxilha mesmo lá, o que tu vê de plaquinha de "vende-se", "vende-se".

Pesquisadora: Aham.

Ladiner: Todo mundo querendo... Uma que essa, essa área aqui é uma área que, dificilmente não alaga, né? Nas épocas de chuva, né? De enchentes, né? Já deu umas quantas e quantas. Já tive a oportunidade de ver... A rua principal de Rio Branco tomada de água.

Pesquisadora: Alaga tudo, né?

Ladiner: Todo o Rio Branco. (Inaudível). Só tinha acesso ao Uruguai por cima da ponte. E aqui muitos lugares também. Eu acho que até, nesse caso aí, foi sorte. Há uns dois anos atrás eu acho que foi uma enchente aí, o pessoal começou a tirar mercadoria, né?

Pesquisadora: Foi em dois mil e nove. Final de dois mil e nove; novembro por ali. Eu tava num congresso em Brasília.

Ladiner: O pessoal começou recolher porque a água, ela tava batendo ali nos fundos da *NeunFraum* (Inaudível). É...acho que é isso.

Pesquisadora: Bem, eu gostaria muito de agradecer a tua participação na minha pesquisa. Muito Obrigada!

Ladiner: De nada! Quando precisar, é só chegar!

ANEXO I – TERMO DE AUTORIZAÇÃO

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA COLETA, ANÁLISE E USO DE DADOS

Eu, _____, autorizo a pesquisadora Alessandra Avila Martins, doutoranda em Linguística Aplicada, da Universidade Católica de Pelotas, a utilizar os dados do meu texto para conduzir sua pesquisa, elaborar textos e apresentar os resultados da análise em congressos, seminários e, eventualmente, publicar os resultados dessa análise. Entendo que os princípios de ética, confidencialidade e solidariedade humana serão respeitados na condução da pesquisa e o meu direito a não participação ao longo do processo também está garantido. Sendo assim, autorizo a utilização dos dados como mencionado.

Nome do participante: _____

Assinatura do participante:_____

Jaguarão, ….....de ….....2011.